



Mônica de Castro  
*ditado por Leonel*

**ATÉ QUE  
A VIDA OS SEPRE**

## *CAPÍTULO 1*

Tudo estava pronto para a grande cerimônia daquela noite. Após muitos anos de dedicação e sacrifício, Paulo ia, finalmente, ser reconhecido pelo seu trabalho. Seu pai, Hermínio, resolvera se aposentar e passara a presidência da empresa ao filho, e encomendara uma bonita festa para comemorar a ocasião.

Hermínio, desde cedo, se dedicara ao ramo dos transportes. Começou fazendo pequenas viagens com um caminhão alugado e, aos poucos, foi progredindo, até que pôde comprar seu próprio caminhão. Com o tempo e muita economia, foi juntando dinheiro e adquirindo outros veículos, até que conseguiu uma frota invejável, transportando cargas por todo o país. Os negócios prosperaram rapidamente, e Hermínio e a esposa, Dulce, viram sua vida mudar e logo passaram a fazer parte da alta sociedade carioca.

Quando os filhos nasceram, sua felicidade foi completa. Paulo, o mais velho, logo se interessou pelos negócios do pai e formou-se em administração de empresas, estando apto a seguir-lhe os passos. A filha, Mariana, cedo casou-se com Marcos, um dos diretores, e não tinha filhos.

Paulo estava feliz. Seu pai enriquecera por mérito próprio e pudera proporcionar-lhes todo o conforto que o dinheiro podia comprar. E tudo com honestidade, sem precisar lograr nem roubar ninguém. Há muito Paulo se preparara para ocupar o lugar do pai e hoje estava prestes a realizar seu maior sonho, tornando-se presidente da empresa.

Estava em frente ao espelho ajeitando a gravata quando viu a mulher entrar no quarto. Flávia usava um bonito vestido cor de cereja, que contrastava com sua tez morena clara e seus profundos olhos negros.

Ela olhou para o marido pelo espelho e sorriu, instintivamente apalmando a barriga. Fazia três meses que estava grávida, e aquela gravidez era-lhe motivo de grande alegria. Desde que se casara, fazia quase cinco anos, não conseguira ainda engravidar uma única vez. Por isso, sentia-se realizada com a proximidade da maternidade.

Flávia ia passando em direção ao guarda-roupas para apanhar o casaco, mas parou subitamente e deu meia-volta, indo em direção à porta do quarto.

– Aonde vai? – indagou Paulo contrariado. – Já está quase na hora. Não quero me atrasar.

Ela deu uma meia parada da soleira da porta e respondeu displicente:

– Não se preocupe, querido. Vou apenas ao banheiro. Senti uma cólica... Acho que estou com dor de barriga.

– Mas logo agora? Que azar!

Flávia não respondeu e entrou no banheiro, fechando a porta atrás de si. De repente, sentiu uma pontada no ventre e fez uma careta de dor, apertando a barriga e dobrando o corpo para a frente. No mesmo instante, sentiu que algo quente escorria por suas pernas e olhou para baixo. Sobre o ladrilho branco do banheiro, o sangue começava a se espalhar. Apavorada, Flávia soltou um grito, chamando pelo marido:

– Paulo! Socorro, Paulo, acuda!

Ouvindo os gritos desesperados da mulher, Paulo largou o que estava fazendo e correu em direção ao banheiro. Empurrou a porta e entrou, bem a tempo de segurá-la, antes que caísse no chão, pois desfalecera naquele exato instante. Rapidamente, Paulo ergueu-a no colo e levou-a para a cama, ajeitando-a sobre os travesseiros. Apanhou o telefone e ligou para o doutor Feliciano.

– O doutor Feliciano não está – respondeu uma voz do outro lado da linha.

Paulo agradeceu e desligou o telefone. Feliciano, na certa, já havia ido para a festa. Aturdido, apanhou a chave do carro e chamou a governanta, que apareceu logo em seguida, suando e esbaforida.

– Chamou, doutor Paulo?

– Olívia, pelo amor de Deus, ajude-me aqui. Dona Flávia não se sente bem...

Ao ver o estado de sua patroa, Olívia soltou um grito assustado. Ela estava deitada, pálida, o vermelho do vestido se misturando ao vermelho de seu sangue.

– Doutor! – exclamou atônita. – O que aconteceu?

– Não sei, Olívia, e não é hora de perguntas. Ajude-me a levá-la até o automóvel.

Em silêncio, Olívia ajudou o patrão a levantar a mulher e conduzi-la até o carro. Paulo entrou apressado, sem dizer nada, deu partida no motor e saiu em disparada, cantando os pneus. Estava apavorado. Ia perder a cerimônia, mas temia muito mais a perda da esposa amada.

Com os solavancos, Flávia despertou, sentindo muitas dores no ventre.

– Paulo... – balbuciou angustiada. – O que houve? O bebê...

– Não fale, querida. Não há de ser nada.

– Aonde está me levando?

– Ao hospital.

– Hospital? Não quero. Quero o meu médico.

– Feliciano não estava em casa. Não tive outro remédio senão trazê-la para o hospital – vendo o ar de apreensão da esposa, tentou tranquilizá-la: – Sossegue, meu bem. Vai dar tudo certo.

Flávia não disse nada. Esperou até que chegassem ao hospital e fosse atendida. Depois que a mulher foi levada para dentro da sala de emergência, Paulo saiu em busca de um telefone. Precisava avisar alguém. Ligou para o clube onde a solenidade se realizaria e pediu para falar com seu pai. Demorou um pouco até que ele atendesse.

– Alô? Paulo, é você? O que está acontecendo, meu filho? Onde está? Estamos todos preocupados...

– Sossegue, papai. Vou me atrasar, talvez até nem possa ir.

– Não pode vir? Por quê? Onde está?

– Estou no hospital, pai.

– Hospital? O que aconteceu? – silêncio. – Foi a Flávia? Ela perdeu o bebê?

Tentando conter as lágrimas, Paulo retrucou:

– Não sabemos ainda...

Desligou. Não podia mais continuar. Do outro lado da linha, Hermínio, preocupado, continuava falando com o aparelho mudo:

– Alô? Paulo, meu filho, responda! Em que hospital está? Alô? Alô?

Depois de colocar o fone no gancho, Paulo olhou com tristeza para a atendente no balcão, que lhe havia cedido o telefone, e balbuciou:

– Obrigado...

Desabou num banco de madeira encostado na parede do corredor, chorando copiosamente. Tantas esperanças depositadas naquele filho! A família inteira já comemorava sua chegada. Haviam comprado móveis, pintado o quarto de amarelo, preparado um enxoval lindo e rico. E para quê? Para nada.

Quando Flávia anunciou que estava grávida, depois de quase cinco anos de casamento, ninguém sequer cogitou que aquilo pudesse acontecer. Finalmente, o herdeiro que tanto esperava iria nascer. Paulo preferia um menino, para continuar seu nome e os negócios, mas uma menina também seria bem-vinda. Ainda que Flávia não pudesse ter outros filhos, menino ou menina, seriam ambos bem recebidos em sua casa e em seu coração.

Paulo estava tão absorto nesses pensamentos que nem ouviu a enfermeira se aproximar. Ela parou diante dele, tocou levemente o seu ombro e indagou:

– O senhor é o marido de dona Flávia?

Paulo ergueu os olhos para ela, como que tentando entender o que estava acontecendo. Finalmente respondeu:

– Sim, sou eu. Como ela está?

– Sua mulher passa bem, senhor. Infelizmente, porém, lamento informá-lo de que perdeu o bebê.

Ele fechou os olhos por uns segundos, remoendo toda a sua dor, até que reuniu forças para falar:

– Posso vê-la?

A enfermeira balançou a cabeça e indicou uma porta no fim do corredor, dizendo com voz compreensiva:

– Por aqui.

Paulo seguiu-a em silêncio até o quarto onde a esposa estava adormecida, pálida feito um boneco de cera. Vendo-a tão frágil, tão insegura, sentiu um aperto no coração e uma vontade louca de estreitá-la em seus braços. Amava-a profundamente, e o seu sofrimento era-lhe motivo de grande pesar. Ele sabia o quanto de expectativas Flávia havia depositado naquele filho, mas tudo havia sido em vão.

Vagarosamente, Paulo se aproximou de sua cama e ficou a olhá-la. Não queria acordá-la, achava que era melhor deixá-la dormir. Ia se afastando para não perturbá-la quando ouviu a sua voz:

– Paulo...

Ele se voltou com lágrimas nos olhos e a encarou. Flávia, no mesmo instante, pôs-se a chorar, balbuciando:

– Perdoe-me, querido... Foi minha culpa... Não devia ter feito tanto esforço, não devia!

– Chi! Acalme-se, meu amor. Não foi nada. Teremos outros filhos, você vai ver.

– Não, não! Sinto que não terei outra chance.

– Não fale assim. Você não pode saber. É jovem ainda, tem apenas vinte e três anos.

– Mas eu sei! Eu sinto!

Nesse instante, a porta se abriu e um homem todo vestido de branco entrou, e Paulo deduziu que devia ser o médico. Já era um senhor e se aproximou da cama com ar bondoso, pegando no pulso de Flávia.

– Como se sente?

– Bem... mais ou menos...

– Era seu primeiro filho?

– Sim...

– Não se deixe impressionar pelo que aconteceu. Há mulheres que perdem a primeira gravidez, mas depois engravidam e têm muitos filhos.

Flávia não disse nada. Pensou em responder, mas achou melhor ficar calada. Ele era apenas um médico de emergência e nunca mais voltaria a vê-la. O que sabia de sua vida?

– Doutor, quando poderei levá-la? – quis saber Paulo.

– Creio que amanhã pela manhã, se tudo correr bem.

– Isso é que não! – contestou Flávia. – Vou-me embora agora mesmo.

– Mas a senhora não deve... – protestou o médico. – Perdeu muito sangue. É melhor que fique em observação.

– O doutor tem razão, querida – interrompeu Paulo. – É melhor que fique e descanse.

– Mas Paulo, e a sua festa? Não quero estragar sua festa. Essa noite deveria ser sua.

– Não se preocupe com isso. Papai entenderá...

– Não! – cortou ela ríspidamente e olhou para o médico, encabulada.

Percebendo que o casal tinha assuntos íntimos a tratar, o médico pediu licença e se retirou.

– Bem, tenho alguns pacientes para ver. Se precisar de alguma coisa, aperte a campainha e uma enfermeira virá atendê-la. Boa noite.

– Boa noite – responderam em uníssono.

Depois que ele saiu e fechou a porta, Flávia apertou a mão de Paulo e, olhando-o fundo nos olhos, declarou:

– Por favor, Paulo, prometa-me que não vai contar nada ainda.

– Mas Flávia, por quê? Todos terão que ficar sabendo um dia.

– Eu sei. Mas não agora. Dê-me um tempo até eu me acostumar.

Depois, eu mesma lhes darei a notícia.

– Não sei, Flávia. Talvez seja pior.

– Por favor, Paulo, é só o que lhe peço. Não diga nada. Principalmente a minha mãe. Você sabe o quanto ela queria esse neto.

Paulo olhou-a em dúvida e considerou:

– Mas Flávia, já disse a meu pai que você estava no hospital.

– Ah! não, Paulo... Disse a ele que perdi o bebê?

– Não disse nada. Disse que não sabia ainda.

Um sorriso de esperança iluminou o seu rosto.

– Então não conte. Por favor, Paulo, eu lhe suplico. Não tenho forças para encará-los agora.

– Mas Flávia, o que lhes direi?

– Diga apenas que eu passei mal, mas que já está tudo bem.

– Para que isso, Flávia? Vão ficar sabendo, mais cedo ou mais tarde.

– Que seja mais tarde.

Embora a contragosto, Paulo fez como ela lhe pediu. A muito custo ela conseguiu convencê-lo a deixá-la no hospital durante a noite e ir para o clube, sem dizer nada. Quando Paulo chegou, já passava das dez horas, e muitos dos convidados já haviam ido embora. Hermínio tencionava passar a suas mãos uma placa simbólica, representando a transferência da presidência, mas apenas fez um breve discurso, desculpando-se com os presentes pela ausência do filho. Dissera apenas que a nora passara mal e ele tivera que levá-la a um hospital.

Quando Paulo chegou, Feliciano foi o primeiro que o viu e correu ao seu encontro, exclamando assustado:

– Paulo! Graças a Deus! Morríamos de preocupação. Como está Flávia?

– Ela está bem agora.  
– Por que não mandou me chamar?  
– Eu liguei para sua casa, mas você não estava.  
– Paulo, meu filho! – era Dulce, que chegava apressada. – O que foi que houve? Onde está Flávia?

Em breve, Paulo se viu cercado de parentes e amigos, todos querendo saber o que havia acontecido. Em poucas palavras, Paulo lhes dissera que Flávia sentira um ligeiro mal-estar e tivera que ser socorrida às pressas, mas já estava bem, em casa, descansando. O médico do hospital, apesar de liberá-la, aconselhara-a a guardar o leito, sob pena de pôr em risco a vida do bebê.

– Irei vê-la imediatamente – falou Feliciano decidido.

Paulo segurou-o pelo braço e gaguejou:

– Não... não será preciso... Ela está bem... Pediu para não ser perturbada.

– Ora essa, Paulo – indignou-se Dulce. – Onde já se viu uma coisa dessas? Feliciano é seu médico!

– Eu sei, mamãe, mas ela pediu para avisar a todos que já está bem e que gostaria de descansar. Amanhã, iremos ao seu consultório.

Feliciano deu de ombros e acrescentou:

– Vocês é que sabem.

– Mas eu irei vê-la – disse Inês, mãe de Flávia. – Onde já se viu uma filha recusar a companhia da mãe?

– Dona Inês, entenda. Flávia só está descansando. Fique sossegada que, amanhã, irei pessoalmente buscá-la em sua casa.

A muito custo conseguiu convencê-la. Paulo permaneceu no clube por mais duas horas. O jantar já havia sido servido, e ele foi com o pai assinar os papéis que o legitimavam como o novo presidente da companhia. Via Láctea Transportes S/A, era o nome da empresa. Uma sociedade anônima bem constituída, com ações em alta no mercado, sendo que sessenta por cento continuavam em poder da família Lopes Mandarino. Sua família.

No dia seguinte, Flávia saiu bem cedo do hospital, em companhia de Paulo. Iam silenciosos, remoendo sua frustração, tentando acreditar nas palavras do médico: ela era jovem, poderia ter outros filhos.

Quando chegaram à casa, era muito cedo e Olívia ainda dormia. Mais meia hora e estaria de pé. Paulo seguiu com Flávia para o quarto e acomodou-a na cama, deitando-se a seu lado e adormecendo logo em seguida. Estava exausto e não dormira a noite inteira.

Por volta das oito horas, acordou e olhou para o relógio. Já era tarde, mas não se sentia com disposição para levantar. Ficou deitado na cama, ouvindo a respiração suave da mulher, que dormia placidamente, até que escutou batidas leves na porta. Ele suspirou, levantou-se e foi atender. Era Olívia, que vinha saber de seus padrões. Quando fora se deitar, já era tarde e eles ainda não haviam voltado.

– Graças ao Pai que chegaram! – exclamou Olívia, as mãos postas em sinal de oração. – Rezei tanto a Deus por dona Flávia!

– Obrigado, Olívia.

– Como está a patroa?

– Bem. Está dormindo.

– E o bebê?

– O bebê está ótimo.

– Bendito seja! – acrescentou, erguendo as mãos para o céu. –  
Chegaram agora?

– Ontem à noite. Você estava dormindo e não quisemos acordá-la.

Olívia balançou a cabeça e indagou solícita:

– Quer que lhe traga o desjejum?

– Obrigado, Olívia. Apenas uma xícara de café.

Depois que ela saiu, Paulo apanhou o telefone na mesinha-de-cabeceira e pediu uma ligação para o consultório de Feliciano.

– Alô? Feliciano?

– Paulo? Como vai, meu amigo? E Flávia?

– Está bem. Já passou.

– Vai trazê-la aqui hoje?

– Creio que não será necessário. Ela já está melhor e não sente nada.

Como disse, foi apenas uma indisposição.

– Não acha melhor que eu a examine? Para sua segurança e do bebê.

– Agradeço a preocupação, Feliciano, mas ela não está disposta a sair.

Está um pouco cansada.

– Se quiser, posso passar em sua casa mais tarde.

Ouvindo a voz do marido, Flávia despertou, esfregou os olhos e recostou-se na cama, lançando para ele um olhar súplice.

– Está bem, Feliciano. Agradeço.

Paulo desligou o telefone e olhou para Flávia, que perguntou:

– Era Feliciano? – ele assentiu. – O que disse a ele?

– Nada. Mas quer vê-la.

– Não consentirei!

– Flávia, deixe de loucura. Logo todos ficarão sabendo. E pensa que poderá esconder isso justo de Feliciano? Seu médico?

– Por isso mesmo não quero vê-lo.

– Mas ele virá aqui mais tarde.

– Arranje um jeito de dispensá-lo.

– Não posso fazer isso. Deixe que venha, que a examine.

– Ficou louco?

– Flávia, por favor...

– Já disse que não – ela fez uma pausa e considerou: – Está bem. Vou deixar que me examine... superficialmente. Nada de exame ginecológico.

Paulo inspirou profundamente e não disse nada. Olívia chegou com a bandeja e colocou-a sobre a mesa, feliz por ver a patroa já acordada.

– E então, dona Flávia, sente-se bem?

– Muito bem, Olívia, obrigada.

– Se precisar de alguma coisa é só chamar. Estarei na cozinha.

– Obrigada, Olívia.

Mais tarde, quando Feliciano chegou, Flávia disfarçou a fraqueza e o cansaço, empoou o rosto e mostrou-se alegre e bem disposta, fazendo de tudo para que ele não percebesse que havia perdido o bebê. Deixou que ele medisse sua pressão e a temperatura, mas quando ele quis examinar-lhe o ventre, Flávia deu um salto da cama e correu para o banheiro. Trancou a porta e fez que estava vomitando. Em seguida, voltou para o quarto com a mão sobre a barriga e enxugando a boca, dizendo num gracejo:

– Coisas de mulher grávida...

Feliciano ainda tentou fazer com que ela retornasse ao exame, mas Flávia disfarçou e foi para a cozinha.

– Você se preocupa demais – disse com ironia. – Coisas de médico...

Paulo não ousava sustentar-lhe o olhar, e Feliciano deu de ombros. Seguiu Paulo até a sala, onde Olívia lhes serviu um café, conversou durante mais alguns minutos e se foi. Logo que ele saiu, Flávia correu de volta ao quarto e se atirou na cama, chorando sem parar.

Por mais que tentasse, Paulo não conseguia animá-la. Os dias foram passando e Flávia foi se sentindo cada vez mais triste. Não saía, não se alimentava direito, não falava com ninguém. Só com a mãe. Apesar de tudo, não tivera coragem de contar-lhe a verdade, e Inês não conseguia entender o porquê de todo aquele abatimento.

Até que um dia, não agüentando mais, Paulo teve uma idéia.

– Flávia, estive pensando. Acho que seria bom fazermos uma viagem.

– Viagem? Agora? Mas, e a empresa? Você acabou de assumir a presidência. Não pode se afastar.

– Já falei com papai. Há anos não tiro férias. Disse-lhe que ando muito cansado e que preciso de descanso.

– Mas... mas... e a presidência da companhia?

– Marcos pode assumir o meu lugar e tomar conta de tudo até que eu volte. Sabe o quanto confio nele.

– E ele concordou?

– Sim. É meu cunhado, pessoa de inteira confiança.

– E seu pai?

– No princípio relutou. Mas acabou concordando também.

– Uma viagem... talvez seja uma boa idéia. Afastar-me de tudo e de todos.

– Foi o que pensei. E depois, você poderá escrever, contando que perdeu o bebê na viagem. Creio que assim será menos penoso.

– Acha que me faria bem? – ele fez que sim. – E para onde iremos?

– Pensei em visitarmos a Europa.

– Europa? Não sei, não. Andam falando em guerra por lá.

– Não acredito nisso. São apenas boatos. Por favor, Flávia, vamos. Não agüento mais vê-la nessa depressão.

Flávia considerou a hipótese por alguns minutos. Embora não se sentisse com ânimo para nada, uma viagem até que serviria bem aos seus propósitos. Escreveria uma carta para a família logo que partissem, contando da perda do bebê, e não precisaria estar presente para ver a sua cara de frustração. Ao voltar, muito tempo já teria passado, e não lhe cobrariam mais nada.

– Está certo – disse por fim. – Faremos a viagem. Quanto mais tempo ficarmos fora, melhor.

– Excelente, querida! Vou agora mesmo providenciar os passaportes e as passagens. Quero visitar tudo!

– Quanto tempo ficaremos fora?

– Não sei. Dois meses, três... O tempo que julgarmos necessário.

Quinze dias depois, partiram rumo à Europa. Iniciaram sua viagem por Londres. De lá, atravessariam o canal da Mancha e iriam para a França, onde tomariam o trem e seguiriam rumo à Espanha e Portugal, retornando novamente em direção à Itália e Suíça. E, dependendo da situação, visitariam ainda a Áustria, a Alemanha e a Holanda, e então retornariam. Seria uma viagem maravilhosa. E inesquecível também.

## CAPÍTULO 2

Flávia já estava em Londres havia uma semana e ainda não se decidira a escrever à família. Por diversas vezes, segurara a caneta e ficara a olhar a alvura do papel, pensando por onde começaria. Pensava, pensava e acabava desistindo, distraída com qualquer coisa que Paulo lhe mostrasse.

Outras vezes, decidida, rabiscava as primeiras linhas, mas nunca ia além do: *como vão vocês* ou *por aqui tudo está maravilhoso...* Não tinha coragem. Por mais que se esforçasse, não tinha coragem de acabar com os sonhos de sua família. Era filha única, e a mãe sempre sonhara com um neto. Da família de Paulo, era a maior esperança. O marido de sua cunhada, Marcos, tivera caxumba quando criança, e era pouco provável que pudesse ter filhos. Mariana até então não engravidara, e todos estavam conformados com a esterilidade do rapaz.

O mesmo se repetiu em Paris, Madri, Lisboa e em todos os lugares por onde passavam. Paulo sempre lhe perguntava por que ainda não havia escrito à família, ameaçando escrever-lhes, ele mesmo, mas Flávia implorava que não o fizesse. Paulo não entendia aquela relutância. Sequer Flávia entendia. Só o que sabia, ou melhor, que sentia, era que ainda não estava pronta para destruir assim os seus sonhos.

Os meses foram se passando, e eles continuavam a viajar pela Europa, sem que Flávia se decidisse a contar. Estavam em Stuttgart, na Alemanha, e Flávia já começava a sentir saudades de casa, bem como Paulo, que ansiava por retomar os negócios frente à empresa.

Naquela época, a situação na Europa não era das mais animadoras. A Alemanha, agora sob a presidência de Adolf Hitler, fora tomada pelo Partido Nazista, que estabeleceu um governo totalitário, espalhando o terror político e controlando o exército. Instaurou-se o ódio aos judeus, ao socialismo e ao capitalismo, que os alemães culpavam pela sua rendição na Primeira Grande Guerra e pelos pesados ônus instituídos pelo Tratado de Versalhes.

Há muito já se iniciara a perseguição aos judeus e comunistas, e inúmeras pessoas iam sendo levadas para os campos de concentração e exterminadas. Em sua escalada internacional, Hitler já havia anexado a Áustria, a Tchecoslováquia e a Albânia ao Terceiro Reich, voltando-se agora para a Polônia.

Foi nesse clima de instabilidade que Paulo e Flávia chegaram à Alemanha. As ameaças de guerra cada vez ecoavam mais altas, e a perseguição aos judeus se intensificava ainda mais. Com tudo isso, Flávia não queria mais ficar.

– Paulo, meu bem – disse ela. – Não quero mais continuar essa viagem. Já faz quase seis meses que saímos do Brasil...

– Faz quase seis meses que você deveria ter contado a verdade e não o fez. Como espera chegar agora? Pelos meus cálculos, o bebê já deveria até ter nascido.

– Eu sei, querido, perdoe-me... – Flávia começou a chorar, e Paulo se acalmou.

– Não chore, Flávia. Não quero magoá-la. Mas é que me preocupo. Em todas as cartas de mamãe, ela pergunta por você e pelo bebê, e sou obrigado a dizer que estão bem.

– Oh! Paulo. O que é que vamos fazer agora?

– Vamos contar a verdade. Vou escrever para eles e dizer que você perdeu o bebê e que não teve coragem de falar. Não há outro meio.

– Não, Paulo, por favor, não faça isso!

– Não adianta, Flávia. Sinto muito, mas é para o seu próprio bem.

Apesar dos protestos da mulher, Paulo sentou-se à escrivaninha e escreveu uma longa carta ao pai, contando-lhe tudo o que sucedera desde aquele dia em que Flávia havia sido internada no hospital e ele chegara atrasado à cerimônia de posse no seu novo cargo na empresa. Contou-lhe dos temores da mulher, de sua profunda tristeza, de suas esperanças de engravidar novamente. Isso não acontecera, como era de se esperar, e agora estava na hora de voltar. Pedia que ele desse a notícia ao restante da família e implorava a compreensão de todos. Que não cobrassem nem a acusassem de nada. Flávia havia sido a maior vítima e já sofrera demais.

Terminou de escrever a carta, lacrou o envelope e guardou-o no bolso do sobretudo. Mais tarde, quando saíssem para almoçar, postaria a carta e tudo estaria terminado. Em seguida, arrumariam as malas e voltariam para o Brasil. Já haviam se demorado demais naquela viagem e era hora de retomar suas atividades.

Vendo o olhar de desgosto da mulher, Paulo sentou-se a seu lado na cama, apanhou a sua mão e falou com delicadeza:

– Não fique triste, querida. É melhor assim...

Segurou o seu queixo com a ponta dos dedos e preparou-se para beijá-la, quando um enorme alarido se ergueu, vindo do meio da rua. Paulo e Flávia se levantaram assustados e correram para a janela. Estavam num quarto no terceiro andar e, lá embaixo, a multidão corria de um lado para o outro, gritando e agitando as mãos, como que perdidos.

– O que estão dizendo? – indagou Flávia apreensiva. – Não compreendo uma palavra.

– Não sei... – tornou Paulo inseguro. – Não entendo bem.

Ele ficou prestando atenção, tentando entender o que estava se passando. Não falava direito o alemão e tinha dificuldades em compreender a pronúncia.

– E então? – tornou Flávia ansiosa.

– Não tenho certeza. Mas parece que Hitler invadiu a Polônia.

Flávia encarou-o com espanto. Estavam a primeiro de setembro, dia da invasão da Polônia pela Alemanha, data em que foi deflagrada a Segunda Guerra Mundial.

– Meu Deus! – exclamou Flávia assustada, sufocando um grito de terror. – E agora?

– Não sei. Mas o melhor que temos a fazer é irmos embora daqui o quanto antes. Vamos pegar o trem para a Suíça o mais rápido possível.

Mais que depressa, correram a arrumar as malas. Não eram alemães nem judeus, mas não sabiam o que lhes poderia acontecer. Eram estrangeiros, e o ódio de Hitler poderia se voltar contra eles também.

Chegaram à estação de trem duas horas depois e estavam parados na gare, esperando a chegada do trem que os levaria de volta à Suíça. A carta, esquecida no bolso do sobretudo de Paulo, não chegara a ser postada, e ele se esquecera dela por completo. Estava com medo, porque aquelas ações bélicas representavam uma ameaça desconhecida, e ele não tinha a menor intenção de padecer em um país estranho.

O trem já estava chegando, e centenas de pessoas se preparavam para embarcar. Flávia levantou-se do banco em que estava sentada, apanhou a frasqueira e segurou o braço do marido. Estavam esperando que o comboio parasse para subirem a bordo quando ouviram novo alarido. Olharam assustados e viram uma mulher correndo em sua direção, trazendo nos braços o que parecia ser uma trouxinha de roupa. Atrás dela, ouviam-se os apitos dos guardas, dela separados pela multidão de pessoas que se apinhavam na estação.

Eles estavam um pouco afastados da multidão, mais próximos dos últimos vagões. Ao vê-los, a mulher correu para eles e começou a falar alguma coisa em alemão, estendendo para Flávia a pequena trouxa de panos.

Paulo, sem entender o que aquela mulher queria e com medo de que ela pudesse causar-lhes algum tipo de encrenca, empurrou-a com violência, mas ela se voltou para Flávia com os olhos cheios de lágrimas, falando apressadamente e estendendo-lhe novamente a trouxinha. A mulher parecia fora de si. Chorava e falava com profunda angústia, como que a implorar alguma coisa. Seu desespero era nítido, e Flávia podia entender a súplica em seu tom de voz.

Flávia estava confusa e aturdida. Não entendia uma palavra do que ela dizia, mas ela estava visivelmente desesperada, apavorada com alguma coisa. Paulo já ia empurrá-la de novo quando ouviram um choro abafado. Instintivamente, Flávia segurou o braço do marido e afastou os panos, descobrindo a face de um recém-nascido, rosado e de olhos azuis feito duas contas.

Aquilo a assustou sobremaneira, e seu primeiro gesto foi de estender os braços para recolher a criança. Sem entender o que a mulher lhe dizia, compreendera tudo. Ela era judia e estava fugindo dos guardas, com o filho no colo, e queria dá-lo a ela. Dar-lhe o filho para salvá-lo da morte. Rapidamente, Flávia apanhou a criança e estreitou-a contra o peito, mas ouviu a voz de Paulo, que falava com um misto de rispidez e desespero:

– Ficou louca? Quer que sejamos mandados a um campo de concentração ou coisa parecida?

Com uma certa brutalidade, tentou arrancar a criança dos braços de Flávia, mas a mulher, completamente desesperada, lançou para ela um olhar de súplica tão profunda, que ela apertou ainda mais o bebê, e Paulo, com medo de machucá-lo, afrouxou as mãos e olhou por cima de seu ombro. Do outro lado da plataforma, os apitos se faziam ouvir mais estridentes, e logo os guardas apareceram, correndo feito loucos por entre a multidão. Ele encarou a mulher e soltou a criança, voltando os olhos para Flávia, que chorava de mansinho. A mulher falou alguma coisa bem baixinho, e Flávia deduziu o agradecimento. Podia perceber o alívio e a gratidão em seu olhar.

Os policiais, nesse instante, a avistaram e correram em sua direção. Paulo acompanhou todos os seus movimentos, com medo de que o interpelassem, mas eles passaram direto por eles e nem os notaram. Flávia nem tinha coragem de levantar os olhos. Apertava o bebê de encontro ao peito, cobrindo-o com o casaco e rogando a Deus que não chorasse. A criança, talvez sentindo a proteção que os seios de Flávia lhe transmitiam, silenciou e voltou a dormir, e ninguém a notou sob o casaco de Flávia.

Pouco depois, seguraram a mulher pelo braço, um de cada lado, e saíram arrastando-a pela estação. Ao passar por eles novamente, a mulher não disse nada nem os encarou, mas Flávia pôde perceber o alívio que sentia ao ver salvo o filhinho recém-nascido.

Em silêncio, Paulo e Flávia embarcaram no trem, levando consigo o pequeno presente que receberam. Sentaram-se em um banco e seguiram viagem, temendo seus destinos dali para a frente. E se o bebê chorasse? E se sentisse fome? Como alimentá-lo? Era apenas um recém-nascido e precisava de leite materno. O que fariam?

Mas a viagem não era longa, e quando alcançaram a fronteira com a Suíça, todos os passageiros tiveram que desembarcar para se apresentar na alfândega, do lado alemão. Em companhia de Flávia, que não soltava o bebê, Paulo desceu a pequena escada do trem, apreensivo. No posto alfandegário, apresentou os passaportes ao oficial

de plantão e aguardou. O homem apanhou os passaportes e conferiu seus rostos. Percebendo, porém, o neném no colo de Flávia, indagou algo com patente má vontade.

Paulo compreendia o que ele dizia com muita dificuldade, mas sabia a que ele estava se referindo. O homem apontava para o bebê e exigia que ele apresentasse os seus documentos. Flávia, internamente, orava a Deus pedindo ajuda e proteção, rogando que não os desamparasse. Se aquela criança chegara a suas mãos, do modo como chegara, certamente era porque era da vontade de Deus que permanecesse com ela. Estava assim orando, de olhos baixos, quando ouviu a voz do marido, falando alguma coisa em inglês com o oficial.

O guarda parecia haver entendido e balançou a cabeça. Voltou os olhos para os passaportes, olhou novamente para o bebê e encarou Paulo. Em que estaria pensando? Será que desconfiava de algo?

O oficial estava em dúvida. Recebera ordens para não deixar ninguém atravessar sem passaporte, ainda que fosse um bebê. Mas, atendendo às orações de Flávia, um espírito iluminado se aproximou do oficial e soprou-lhe ao ouvido, em alemão:

– Deixe-os passar. São apenas brasileiros inofensivos... Hitler não tem interesse no Brasil.

Recebendo a sugestão do espírito protetor, o oficial deu de ombros, carimbou os passaportes e entregou-os a Paulo, que os apanhou rapidamente e os colocou de volta no bolso interno do sobretudo. Ele deu um sorriso ao guarda, fez um leve aceno com a cabeça e saiu puxando Flávia, que chorava agradecida.

– O que disse a ele? – cochichou Flávia ao ouvido do marido, logo que se viram acomodados no trem.

Sem encará-la, Paulo respondeu em tom de confidência:

– Que o menino nasceu apenas há alguns dias e que não tivemos tempo de registrá-lo no consulado brasileiro. Que faríamos isso na Suíça.

Flávia balançou a cabeça, e ambos percorrerem o resto do trajeto em silêncio. Já em solo suíço, Paulo comprou algumas fraldas, roupinhas, mantas e mamadeiras para o bebê. Ao despi-lo, uma surpresa. Preso ao seu pescoço, um cordão de ouro com uma medalhinha pendurada. Flávia apertou o fecho, e a medalha se abriu em duas partes. De um lado, uma mulher loura, que ela reconheceu como sendo a mesma que lhe entregara a criança. Do outro lado, um homem claro, mas de cabelos castanho-escuros, que ela deduziu ser o pai.

Ela ergueu para Paulo os olhos úmidos. Sem dizer nada, retirou o cordãozinho do pescoço da criança e apertou-o na mão.

– O que vai fazer com isso? – indagou Paulo curioso.

– Jogar fora – respondeu decidida.

Foi até a janela do quarto, que dava para um bosque, ergueu o braço e o esticou para fora. Mas não abriu a mão. Na hora, uma estranha força a dominou, e ela não conseguiu atirar para longe aquela correntinha.

Sem que Paulo percebesse, guardou-a dentro do corpete, voltou para junto do bebê e começou a trocar-lhe a fralda. Era mesmo um menino, muito bonito e saudável, com expressivos olhinhos azuis. Flávia estava encantada. Recebera de volta o filho que o infortúnio lhe tomara. Vendo a mulher, que acabara de alimentá-lo e o embalava para dormir, Paulo sentiu um aperto no coração. Não era sua intenção ficar com aquele bebê. Nem sabia por que o fizera. Mas a felicidade de Flávia era tanta que ele não ousava destruí-la.

Depois que o menino adormeceu, Flávia fechou a porta do quarto e foi para a saleta de sua suíte no hotel, onde Paulo se encontrava sentado, ouvindo o rádio. Ela se aproximou e sentou-se a seu lado, dizendo com entusiasmo:

– Foi Deus quem nos colocou no caminho daquela pobre mulher. Não fosse por nós, o filhinho teria sido preso com ela, e sabe-se lá o que lhe teria acontecido – Paulo não disse nada, e ela continuou: – Devemos providenciar-lhe a documentação. O menino não pode viajar sem passaporte.

Não podendo mais segurar a contrariedade, Paulo argumentou:

– Ouça, Flávia, acho que fizemos bem em salvar o bebê. É um inocente, que nada sabe sobre guerras ou campos de concentração. Mas não podemos ficar com ele.

Flávia fitou-o com ar de espanto e retrucou com mágoa:

– Não podemos? Por quê?  
– Porque não é nosso filho.  
– Agora é.  
– Não é, não. É filho de outras pessoas. Provavelmente, de um casal de judeus.

– E daí, Paulo? O que tem isso demais? A criança não conhece ninguém. Não deve ter nem um mês. Quem poderá dizer que não é nosso filho?

Paulo olhou-a com angústia.

– Flávia, pense bem. Ao chegarmos ao Brasil, o que diremos à nossa família?

– Muito simples. Que estávamos viajando e a criança nasceu na Suíça. Iremos agora à embaixada brasileira, faremos o registro e ninguém irá duvidar.

– Não, Flávia, não podemos fazer isso. Esse menino é um estranho.

– É apenas uma criança que veio ao mundo há poucos dias. Como pode ser um estranho? Já o amo como filho.

– Mas ele não é nosso filho, Flávia! Pelo amor de Deus, entenda de uma vez! Vamos entregá-lo às autoridades suíças. Com certeza, acharão um lar para ele.

– Não! Mil vezes não! Ele nos foi dado por Deus. Não vê que Deus quis que ele fosse nosso? Pense bem. Por que outro motivo estaríamos ali naquela estação, justamente na época em que nosso filho deveria nascer, no exato momento em que uma mulher desconhecida aparece, fugindo com seu filho?

– Foi coincidência...

– Coincidência demais. Não acredito nisso. Minha mãe diz que o acaso não existe...

– Sua mãe é uma tola. Vive envolvida com essas bobagens de espiritismo.

– Será que são mesmo bobagens? Também pensava assim, mas hoje tenho minhas dúvidas – ela se aproximou dele e segurou-lhe as mãos, olhando fundo em seus olhos. – Paulo, seja razoável. Se eu não tivesse sofrido aquele aborto, nosso filho estaria nascendo por esses dias. Não nasceu, mas outra criança veio ao mundo na mesma época, e veio ao mundo exatamente perto de nós. Foi colocada em nossas mãos, na certa para que a criássemos. Não volte as costas para o destino, Paulo, porque pode estar voltando as costas para si mesmo.

– Deixe dessas bobagens...

– Não, Paulo, escute-me. Aceite o menino em seu coração, como eu já o aceitei no meu.

– Não posso, Flávia. Sei que não é meu filho.

– Não pense assim. Pense que esse é o filho que nós perdemos naquele dia, seis meses atrás. Se você disser que é, todos vão acreditar. Não têm por que duvidar. O tempo coincide... Por favor, Paulo, faça isso. Por mim, por nós. Não me tire a chance de ser feliz...

Ouvindo as palavras da mulher, Paulo foi se deixando convencer. Um filho era o que ela mais queria. Perdera a criança ainda em seu ventre e agora lhe aparecia ali aquele menino recém-nascido, que bem poderia mesmo ser seu filho. E depois, Flávia estava feliz. Sentia que ela seria capaz de amar aquela criança com toda a intensidade e começou a pensar se teria o direito de impedir aquele amor. Não, não tinha. Se Flávia já o amava como filho, se já o recebera em seu coração, caberia a ele fazer o mesmo. Será que conseguiria?

– Está bem – disse por fim. – Para todos os efeitos, o menino é nosso filho, nasceu aqui na Suíça. Deixe comigo. Vou providenciar-lhe os documentos.

Flávia não cabia em si de contentamento. No dia seguinte, Paulo saiu em direção à embaixada brasileira para registrar a criança como sua. Dissera que ela havia nascido em casa, no meio da noite, e que não tiveram tempo de chamar o médico.

O homem do consulado ouviu aquela história com ar cético, mas não disse nada. Novamente, o espírito de luz estava a seu lado, providenciando para que não fizesse muitas perguntas. Pouco depois, Paulo deixou o consulado levando no bolso o registro do filho: Fabrício Lopes Mandarino. Junto, a carta que não chegara a enviar. Parou em frente a uma cesta de lixo na calçada, tirou a carta do bolso, rasgou-a em vários pedacinhos e atirou-a no lixo. Seu filho não estava morto; acabara de nascer.

### CAPÍTULO 3

De volta ao Brasil, Flávia e Paulo organizaram uma festa de boas vindas para o pequeno Fabrício. Queriam apresentá-lo à família, que estava toda reunida em sua casa.

– Eu bem que desconfiava de que isso poderia acontecer – suspirou Dulce. – Onde é que já se viu, viajar por aí com a barriga crescendo? O mundo está mesmo perdido.

– Não diga isso, mamãe – censurou Paulo. – Trouxemos o seu neto, não foi?

– Mas ele deveria ter nascido aqui. Deveria ser brasileiro, como todos nós.

– Mas mãe, ele é. Foi registrado na embaixada brasileira.

– Isso não importa. O que tem importância é que nasceu em solo estrangeiro.

– Não se aborreça com isso, dona Dulce – interrompeu Flávia. – Paulo vai se informar direitinho sobre o que é preciso fazer para que não parem dúvidas sobre sua nacionalidade brasileira. Não é, Paulo?

O marido sorriu meio sem jeito. Sabia por que a mulher falava aquilo. Tinha medo de que, por um motivo ou por outro, a verdadeira mãe do menino aparecesse e quisesse levá-lo. Precisava assegurar-lhe a nacionalidade brasileira o quanto antes, a fim de que não pudesse ser levado embora do Brasil.

Embora racionalmente ela soubesse que aquilo era praticamente impossível, pois a mulher não os conhecia e nem sabia que eram brasileiros, Paulo tranquilizou a esposa, dizendo que já havia contratado um advogado para providenciar tudo. Contara-lhe que a criança havia nascido na Suíça, mas não revelara a ninguém que não era seu filho legítimo. Para todos os efeitos, essa era a criança que estava no ventre de Flávia e que ela havia perdido sem que ninguém soubesse.

Havia as pessoas do hospital, mas Flávia tencionava nunca mais aparecer por lá. Quem iria saber? Quem iria investigar? Naquela noite, ela fora apenas mais uma moça atendida na emergência, uma desconhecida de quem ninguém jamais ouvira falar.

Olhando para a esposa com ar amistoso, Paulo respondeu:

– Sim, Flávia. Nosso advogado já está cuidando disso.

– E você, Flávia? – indagou Feliciano. – Como está passando? Não quer que a examine?

– Não, não, Feliciano, não é necessário. Sem querer desmerecê-lo, há ótimos médicos na Suíça, e fui muito bem atendida.

Nesse momento, a babá entrou, trazendo no colo o pequeno Fabrício, vestido com uma roupinha toda azul, que lhe acentuava ainda mais a cor dos olhinhos.

– Que coisinha mais linda! – admirou-se Dulce, pegando-o no colo.

– É mesmo muito bonito – concordou Hermínio.

– Ora vamos, Dulce – objetou Inês –, agora é minha vez de segurar essa riqueza.

Dulce passou o menino ao colo de Inês, que o segurou embevecida.

– De quem será que puxou esses olhos? – perguntou Mariana curiosa. – Ninguém na família tem olhos azuis.

Flávia olhou para Paulo apreensiva, mas ele, calmamente, respondeu:

– Nosso avô tinha olhos azuis, Mariana. Você não se lembra porque era muito jovem quando ele morreu.

– É sim – concordou Hermínio. – Era louro e de olhos azuis.

– Mas isso não basta – interveio Feliciano. – Olhos azuis são recessivos, e é preciso que alguém na família de Flávia também tenha olhos azuis, alguém que pudesse haver-lhe transferido o gene.

– Hum... deixe ver – fez Flávia pensativa. – Deve ser do meu bisavô. Ele também tinha olhos azuis, não é verdade, mamãe? E não era meio alourado?

Inês fitou-a com espanto. Seu avô, apesar de louro, não tinha olhos claros. Nem ninguém de quem pudesse se lembrar. Naquele momento, encarando a filha, Inês percebeu que alguma coisa estranha havia acontecido naquela viagem. Algum segredo que ninguém poderia saber.

Embora não lhe agradasse mentir, percebeu a súplica no olhar de Flávia e respondeu:

– É verdade, minha filha. Seu bisavô era um homem muito bonito.

Bom, bonito ele era. Só que não tinha olhos azuis. Estava espantada, fitando a filha, quando a voz de Feliciano se fez ouvir novamente:

– Nesse caso, é possível. Raro, mas possível.

– Pois é – continuou Flávia. – Para vocês verem que coisa. Até eu me espantei.

A conversa mudou de rumo, mas Inês não se convenceu. Ficou estudando o rosto do menino durante muito tempo, mas não percebeu nada de anormal, além dos olhos. Ele era ainda muito pequeno para se parecer com alguém. No fundo, uma desconfiança começou a tomar conta de seu peito, mas ela não disse nada. Estava seriamente desconfiada de que a filha e o genro haviam ido buscar aquela criança no estrangeiro para substituir a verdadeira. Mas por quê?

Como que respondendo a sua pergunta, a lembrança da cerimônia de posse de Paulo veio à sua mente, e ela se lembrou de que a filha havia passado mal e fora levada ao hospital. Depois, quando Paulo chegou ao clube, atrasado e sozinho, ela pensou que algo de muito grave havia acontecido, mas o genro lhe dissera que Flávia havia ficado em casa repousando e que não deveria ser incomodada. No dia seguinte, quando fora visitá-la, ela lhe pareceu meio abatida, mas dissera que não havia acontecido nada. Na época, acreditou. Não tinha por que duvidar. Mas agora... não sabia. Tudo lhe parecia estranho demais. Aquela mentira não lhe saía da cabeça, e ela estava quase certa de que aquele menino lindo não era seu neto.

Pensou em falar com Flávia e pedir-lhe explicações. Mas achou melhor não dizer nada. Se a filha quisesse, ela mesma a procuraria e contar-lhe-ia tudo. Do contrário, não diria nada. Fosse o que fosse que tivesse acontecido, não era problema dela, e ela iria respeitar a vontade dos dois. Inês conhecia Flávia muito bem para saber que ela seria incapaz de fazer alguma coisa errada, como roubar a criança ou comprá-la. Na certa a adotara. Sim, só podia ser isso. Deve ter abortado seu próprio filho e assumira o filho de outra mulher, talvez alguma mocinha solteira metida em encrencas. Quem poderia saber?

De qualquer jeito, o menino estava ali e era lindo. Sentia que já o amava. Ainda que não fosse seu neto de verdade, iria amá-lo como se fosse. O que importavam os laços de sangue? O que verdadeiramente importava eram os laços do coração, o amor, a afinidade. Ela já lera e estudara o suficiente para saber que a família espiritual era uma só, e que as pessoas deveriam se amar indistintamente, possuindo ou não o mesmo sangue.

Com esses pensamentos, calou a dúvida dentro do peito e não disse nada. Segurou o netinho no colo e sentiu o quanto o amava. Seria uma criança especial, ela podia perceber.

Naquela noite, após a festa, sonhou com um homem. Ele se aproximara dela enquanto dormia e tocara gentilmente em seu corpo, despertando-a em espírito e saindo com ela. Imediatamente reconheceu seu marido, Ismael, que desencarnara quando Flávia contava apenas doze anos. Foram para um jardim imenso, florido, de onde podia admirar as incontáveis estrelas que pontilhavam o firmamento, e Ismael falou:

– Inês, receba o menino como seu neto. Ele e Flávia vão precisar muito do seu apoio.

– Quem é ele, Ismael?

– Isso não importa agora.

– Foi você quem o trouxe?

– Eu ajudei. Tive que inspirar algumas pessoas, mas era preciso.

– Não se preocupe, Ismael. Seja o que for que tenha acontecido, estarei ao lado de ambos.

Ismael sorriu e beijou-a suavemente no rosto. Em seguida, retornou com ela para o orbe e ajudou-a a voltar para o corpo, e Inês continuou a dormir tranqüilamente. No dia seguinte, ao despertar, lembrou-se de que havia sonhado com o marido e sentiu imensa saudade dele. Lembrava-se de que ele lhe havia dito algo sobre o neto, mas não sabia precisamente o quê.

Inês morava sozinha em um casarão no bairro do Engenho Velho e se recusava a mudar-se. A filha, após o casamento, mudara-se com o marido para um amplo e bonito apartamento em Copacabana, chamando-a para viver em outro dos luxuosos edifícios de apartamentos que começavam a se erguer. Mas ela não queria.

Gostava de sua casa, de suas plantas, de seu jardim. Ainda mais agora, que o neto nascera, era importante que fosse criado junto à natureza e aprendesse a saborear os frutos tirados do pé. Em seu quintal, tinha pés de banana, goiaba, abacate, laranja, limão, manga e até um coqueiro. Não entendia por que deveria abrir mão daquela vida saudável para se enfiar em um apartamento e ficar pendurada lá no alto, sem poder simplesmente abrir a porta e sair sem ter que se enfiar naqueles cubículos que eles chamavam de elevador, correndo o risco de despencar ou ficar presa. Não, decididamente, aquilo não era vida. Preferia suas frutas e suas flores àquele concreto frio e sem vida.

Além do mais, o marido a deixara muito bem. Quando morreu, havia acabado de ser investido no cargo de ministro do Supremo Tribunal Federal e lhe deixara uma pensão invejável. Era também proprietário de vários imóveis espalhados pela cidade, o que lhe garantia ainda uma boa renda complementar. Inês era feliz assim e não pretendia mudar.

O pequeno Fabrício ia se transformando num bebê lindo e louro, o que não deixou de causar um certo espanto em todos. À medida em que o tempo ia passando, seus cabelos foram escurecendo um pouco, até que alcançaram a tonalidade de um castanho bem claro, com mesclas douradas. Os olhos, de um azul límpido, continuaram como dois pedacinhos do céu, e sua pele, antes rosada, foi se revelando da alvura própria dos povos europeus.

Embora todos o achassem diferente do resto da família, ninguém suspeitou de nada. O doutor Feliciano, com suas explicações sobre genética, decretou que aquilo seria possível, já que os genes podem ser transferidos aos descendentes por

gerações e gerações, indo se manifestar, casualmente, numa descendência bem remota. Todos se satisfizeram com a explicação do atavismo, e Fabrício logo passou a ser motivo de admiração de toda a família.

Flávia estava encantada com o bebê. Sentia um amor profundo por ele, algo que não sabia explicar. Embora não fosse seu filho legítimo, sentia como se fosse e, às vezes, até esquecia que não havia sido gerado por ela. Mas nada daquilo importava. Só importava o fato de que ela conseguira de volta o seu bebê, o filho que Deus, por um motivo que ela desconhecia, lhe havia tomado um dia.

Paulo, por sua vez, lutava contra seus próprios sentimentos para poder aceitar Fabrício em seu coração e em sua vida. O fato dele não ser mesmo seu filho tornou-se um empecilho praticamente intransponível para o amor. Olhava para o menino e via nele um estranho, alguém em quem jamais poderia confiar. O que sentia era um misto de ciúme e repulsa, e ele chegava a se culpar por aqueles sentimentos.

Não dizia nada, porém. Amava Flávia profundamente e não queria magoá-la. Se ela estava feliz com aquele filho, ele também iria se esforçar para conseguir conviver com ele da melhor forma possível.

As coisas corriam aparentemente bem. Flávia, satisfeita com seu filhinho, já não pensava mais em engravidar. Julgava-se estéril e não se importava mais com isso. Tinha tudo o que desejava na pessoa de Fabrício. Paulo, embora silenciasse, nutria ainda esperança de ser pai de um filho seu e vivia ansioso, à espera de que Flávia lhe anunciasse a chegada de seu herdeiro legítimo.

Até que um dia, quando Fabrício já estava com quase um ano, o inesperado aconteceu. Era ainda bem cedinho, e Flávia estava dormindo. Paulo, a seu lado, começou a se remexer na cama, despertando para um novo dia de trabalho. Já ia se levantar quando ouviu a mulher gemer.

– Flávia? – indagou preocupado. – Está tudo bem? Por que está gemendo?

– Não sei – respondeu ela com voz indecisa. – Sinto-me estranha, um enjôo esquisito. Parece que vou vomitar...

Saiu correndo para o banheiro, e Paulo foi atrás dela, entre preocupado e esperançoso.

– Flávia, meu amor – disse ele, abaixando-se a seu lado para auxiliá-la. – O que foi que houve? Foi algo que comeu?

Antes mesmo dele perguntar, ela já sabia a resposta e retrucou com uma indizível sensação de pesar:

– Paulo... acho que estou grávida.

Paulo ficou olhando-a com um sorriso nos lábios e a abraçou, acrescentando com entusiasmo:

– Querida! Isso é maravilhoso!

– Será mesmo? Não se lembra da última vez?

– Nem pense nisso. Algo me diz que, dessa vez, tudo dará certo. Você vai ver. Vamos, tente se levantar. Vou levá-la agora mesmo ao Feliciano.

Feliciano examinou-a cuidadosamente. Ao final, deu o diagnóstico, que ambos já conheciam:

– Flávia, meu parabéns! Você vai ter outro filho!

Sem nem entender por quê, Flávia começou a chorar. Em seu íntimo, não queria aceitar. Não que não quisesse o filho. Mas sentia como se aquela criança fosse lhes levar algum tipo de infelicidade e teve medo. O que seria de Fabrício?

Vendo o seu estado, Feliciano retrucou surpreso:

– O que há, Flávia, não está feliz?

– Não é isso – respondeu ela ao final de alguns segundos. – Foi apenas a surpresa, só isso. Não esperava engravidar de novo. Pensei que nem pudesse mais...

– Ora, e por que não? Você é uma mulher jovem, saudável, que já teve um filho. Posso saber por que motivo não poderia ter outro?

Flávia olhou para ele em silêncio. Ninguém sabia que nunca tivera um filho. Para todos os efeitos, Fabrício era fruto de seu ventre, e não havia por que duvidar da possibilidade de uma nova gestação.

A família toda se alegrou com a notícia. Paulo então, parecia que seria seu primeiro filho. Nem se lembrava mais de que possuía outro.

– Paulo, querido – alertava Flávia. – Não acha que ainda é cedo para tanta felicidade? E se eu perder esse bebê também?

– Você não vai perdê-lo, Flávia. Sinto isso.

– E quanto a Fabrício?

– O que tem ele?

– Parece que você não se importa mais com ele. Lembre-se de que é seu filho também. Tanto quanto este que está para nascer.

Ouvindo as palavras de Flávia, Paulo ficou pensativo. Ela tinha razão. Se antes já era difícil aceitar Fabrício como parte da família, o que diria agora, que seu herdeiro legítimo estava chegando? Seria muito mais difícil ainda. Ah! se pudesse retroceder no tempo... Jamais teria permitido que Flávia o convencesse a tomar parte naquela loucura. Se soubesse que seu filho viria ao mundo em data tão próxima, teria arrancado dos braços de Flávia aquele intruso que viera para lhe roubar o lugar de seu verdadeiro filho.

Mas agora, era tarde demais. Flávia se afeiçoara ao menino. E ele? Não poderia atirá-lo na rua nem devolvê-lo à própria mãe. Nada sabia sobre ela. Não sabia seu nome, onde morava, nem se estava viva ou morta. Provavelmente, já não viveria mais. Tinha aquela medalhinha, mas Flávia a havia atirado para longe e, além do mais, nada revelava sobre os pais do menino. De qualquer sorte, não poderia mandá-lo para a morte. Podia não o amar ou querer, mas jamais se perdoaria se ele acabasse morto em algum campo de concentração.

Tentando dissimular a repulsa que a idéia de comparar Fabrício a seu filho legítimo lhe causava, Paulo considerou:

– Pense nisso você também, Flávia. De agora em diante, teremos dois filhos. Dois.

À exceção de Inês, ninguém suspeitou de nada. Mas Inês também era mãe, e algo em seu coração lhe dizia que a filha estava sofrendo. Ela estava tendo uma gravidez bastante difícil, com freqüentes enjoos e desmaios, e parecia a Inês que Flávia rejeitava o filho ainda no ventre, desmaiando para fugir à realidade.

Estavam ambas sentadas num banco do jardim da casa de Inês, daqueles que balançam, quando ela perguntou:

– Minha filha, será impressão minha, ou você não está feliz com essa gravidez?

Flávia assustou-se e colocou a mão na barriga, já bem avolumada em seus quase seis meses de gestação.

– Por que diz isso, mamãe?

– Não sei explicar. Não acompanhei a gravidez de Fabrício, porque você passou o tempo todo viajando. Mas não noto nenhum entusiasmo seu por essa criança que vai nascer. Estou errada?

Flávia não sabia o que dizer. A mãe a conhecia muito bem e sabia que algo estava acontecendo. Mas o que seria? Nem ela sabia. O novo bebê seria irmão

ou irmã de Fabrício, e não havia nenhum problema nisso. Seriam criados juntos, da mesma forma, com o mesmo amor. Racionalmente, Flávia sabia que não havia motivos para se preocupar. Mas, em seu íntimo, sentia-se inquieta, preocupada, temerosa.

Ela considerou as palavras da mãe por alguns minutos e acabou por confessar:

– Sabe, mãe, não sei dizer o que realmente sinto. Mas a verdade é que esse filho é diferente de Fabrício.

– Diferente? Como assim?

– Não sei explicar. Mas não sinto por ele o mesmo que sinto por Fabrício.

– Como não, minha filha? Não o ama também?

– Amo... creio que amo. Mas é um afeto confuso, amedrontado, não sei definir.

– Mas por quê?

– Não sei, mãe, e é isso o que me angustia.

Inês fincou o pé no chão, parando o balanço, virou-se para Flávia e, encarando-a bem fundo nos olhos, considerou:

– Flávia, sou sua mãe e a amo, e você sabe disso. É minha única filha, e não há nada no mundo que você tenha feito, absolutamente nada, que eu não possa compreender.

Flávia fitou-a emocionada. Contudo, desviou os olhos e perguntou, a voz trêmula acusando o receio que sentia:

– O que quer dizer, mamãe? O que posso ter feito de errado?

– De errado, acredito que nada. Mas secreto, escondido.

– Mãe! No que está pensando?

– Quer que seja sincera?

Ela hesitou. Sabia que sua mãe falaria o que estava pensando. Inês sempre fora uma mulher discreta, nunca se intrometera na vida de ninguém nem dera opinião quando não solicitada. Mas se alguém lhe perguntava algo, dizia o que achava com a maior sinceridade. Naquele momento, porém, Flávia sentia que não podia mais recuar. A mãe, provavelmente, desconfiava da verdade. Por que outro motivo teria mentido sobre a cor dos olhos de seu bisavô?

Sem encará-la, Flávia respondeu:

– Quero, mãe. Quero que fale francamente.

– Pois bem. Foi você quem pediu. Posso estar enganada, minha filha, mas meu coração me diz que Fabrício não é seu filho de verdade.

Vendo que Flávia começava a chorar, Inês a abraçou e alisou seus cabelos, deixando que ela desse livre curso às lágrimas e desabafasse toda a sua angústia. Ao final de alguns minutos, Flávia se recompôs, enxugou os olhos e disse com emoção:

– Se eu lhe contar a verdade, promete não falar nada a ninguém?

– Você sabe que pode confiar em mim.

– Eu sei, mamãe. Por isso, quero lhe contar tudo. Mas por favor, não me julgue ou condene. Se fiz o que fiz, foi por piedade e, sobretudo, amor.

Detalhadamente, Flávia contou à mãe tudo o que acontecera, desde o dia em que perdera o bebê até o encontro casual com a alemã na estação de trem, quando ela lhe entregara uma trouxinha com o filho dentro. Inês escutou tudo em silêncio, permitindo que as lágrimas escorressem de seus olhos em abundância. Quando a filha terminou, Inês apanhou a sua mão, acariciou-a com ternura e ponderou:

– Flávia, minha filha, vocês foram muito corajosos. E, creia-me, nada acontece por acaso. Se Fabrício veio parar em suas mãos dessa maneira, era porque assim tinha que ser. Estava no caminho de vocês, talvez até de todos nós, como forma de aprendizado e crescimento.

– Mas por quê, mãe? Por que dessa forma? Eu estava enganada ao pensar que não poderia engravidar. Tanto que estou grávida agora. Por que as coisas tiveram que acontecer desse jeito?

– Não sei, minha filha. Mas confio em Deus o suficiente para saber que nada acontece se não for para o nosso bem. Por mais difícil que seja a situação, há sempre um motivo, e esse motivo é sempre o nosso crescimento.

– Mas como vou crescer com isso, mãe? Estou sofrendo. Paulo não gosta muito de Fabrício, e eu temo não poder amar meu filho legítimo tanto quanto o amo. Como pode ser isso?

– O amor não escolhe laços nem parentescos. Simplesmente acontece. Mas se você, Paulo, Fabrício e essa nova criança foram reunidos em uma mesma família, com certeza é para que desenvolvam mesmo esse amor. O amor, minha filha, existe dentro de todos nós, embora algumas vezes não esteja visível ou aparente. Basta que lhe demos chance para se desenvolver, e ele florescerá em sua plenitude. Acredite em mim. Todos vocês têm muitas chances de se harmonizar. Só o que têm a fazer é se permitir.

– Mas como? Permitir o quê?

– Permitir viver as emoções, em primeiro lugar. Não neguem nada, não finjam que não existe. Se você sente raiva, sinta a raiva. Se está frustrada, assuma a frustração. Se tem medo, reconheça o medo. O primeiro passo para lidarmos bem com as emoções é o reconhecimento; em seguida, a aceitação. Por último, a transformação, caso a emoção nos incomode. Assim, se você não ama ainda esse filho, não tente mentir para si mesma que o ama. Reconheça que o sentimento, ao invés de amor camuflado, é de medo, frustração, raiva, seja lá o que for. Depois, reflita no que poderá fazer para modificar esse sentimento e faça.

– Como se fosse fácil...

– Sei que não é. Por isso é que precisamos estar dispostos a mudar. É preciso que você entenda que não vai passar a amar seu filho só porque acha que deve, por obrigação ou culpa. Isso poderá torná-la extremamente infeliz, porque você vai acabar caindo na depressão ou na passividade. Você vai acabar deixando seu filho fazer o que quiser, enchendo-o de presentes só para compensar a sua falta de amor. E não se iluda, Flávia, porque ele perceberá. Pode até ser que não perceba conscientemente. Mas algo dentro dele fará com que sinta a sua falta de amor, a sua mentira. E aí, dependendo da índole dele, poderá se transformar numa pessoa amarga, fútil, agressiva... Como poderá também não se transformar em nada disso e ainda ajudá-la, caso já tenha alcançado alguma compreensão.

Flávia chorava baixinho e retrucou angustiada.

– Mamãe, ajude-me. Não sei o que fazer.

– Não faça nada. Apenas reze e peça a Deus que a ilumine. Você tem uma grande vantagem a seu favor: a maternidade. Quando seu filho nascer, terá uma grande chance de amá-lo só pelo fato de ser sua mãe. Você não sabe disso ainda porque Fabrício não nasceu de você. Não estou dizendo que o amor seja diferente. Não. Sei que você ama Fabrício como seu verdadeiro filho. Mas você não sofreu ainda as dores do parto e não sabe como é maravilhoso ver surgir diante de você um pequeno ser que é fruto do seu amor e do seu corpo também. Tenho certeza de que, quando vir essa

criança, seu coração saberá reconhecer todo o esforço mútuo que tiveram que fazer para superar as diferenças e se aceitar. E aí você o aceitará.

– Por que diz esforço mútuo?

– Porque, assim como é difícil para você, pode ser que também o seja para ele. Talvez esse espírito tenha escolhido nascer nessas circunstâncias para que ambos possam se entender e se perdoar, alcançando assim o verdadeiro amor.

– Acredita mesmo nisso, mãe? Acredita que meu filho escolheu nascer em nossa família?

– É claro que acredito. Ninguém vem em uma família por acaso. Pode ser por afinidade ou para vencer dificuldades e ressentimentos.

– Você quer dizer com isso que todos nós já nos conhecíamos anteriormente? Que só nascemos na mesma família porque estamos ligados de alguma forma, seja pelo amor, seja pelo ódio?

– Não necessariamente, embora isso seja o mais comum. Mas há casos em que o espírito que vai reencarnar não teve nenhuma outra relação com seus novos familiares. Isso acontece por vários motivos. Pode ser porque aquele espírito precise passar por determinadas experiências sozinho, longe dos seus. Pode ser porque não haja mais ninguém disposto ou disponível para recebê-lo como filho, e ele aproveita a oportunidade de nascer em outra família. Pode até ser por mero oportunismo mesmo: o espírito quer nascer de qualquer jeito e aceita as únicas pessoas que estão dispostas a recebê-lo. Mas tudo isso é feito com muito respeito ao livre-arbítrio. Não se impõe nada a ninguém. Os espíritos, tanto dos pais quanto dos filhos, devem estar de comum acordo. Do contrário, nada lhes será imposto. Receber um espírito estranho, muitas vezes, pode ser bem difícil, porque os laços de sentimentos estarão se iniciando naquele momento. Mas pode também ser muito fácil, porque a ausência de *pendências* anteriores, aliada a uma afinidade de pensamentos e propósitos, pode tornar a convivência muito harmoniosa e prazerosa. Seria mais ou menos como fazer uma nova amizade.

– Acha que esse filho é um estranho, mamãe?

– Absolutamente não. Sinto que sua ligação com ele é das mais fortes. Por isso, não desperdice a oportunidade de harmonizar-se com ele. É para isso que nascemos. Para vivermos em paz e sermos felizes.

Flávia saiu da casa da mãe mais tranqüila. Embora não estivesse propriamente feliz com o nascimento do filho, passou a aceitá-lo com mais naturalidade, como algo que seria bom para ela e para todos. Os enjôos passaram e ela deixou de desmaiar, sentindo, em seu coração, que já não o rejeitava mais.

## CAPÍTULO 4

Quando Adriano veio ao mundo, foi uma alegria geral. Era o segundo filho de Paulo e Flávia, forte e robusto, muito parecido com os demais membros da família. A tez morena e os olhos castanhos escuros demonstravam bem que era um típico Lopes Mandarino. Mas, ao mesmo tempo em que Paulo exultava com a vinda de seu herdeiro legítimo, Flávia sentia o coração apertado, com medo do que poderia acontecer a Fabrício.

Mas as palavras de Inês haviam se concretizado. Depois de um parto mais ou menos longo, Adriano foi colocado nos braços da mãe, ainda sujo, todo retorcido e inchado, e ela sentiu uma forte emoção. Segurando suas mãozinhas delicadas, suas perninhas macias, seu rostinho gorducho, seu coração imediatamente se enterneceu, e ela sentiu o poder da maternidade com toda sua intensidade. Não que achasse que fosse amar mais um do que o outro. Não. Em sentimento, sabia que ambos eram iguais. Mas havia algo em Adriano que mexia com ela; a certeza de que era responsável, não apenas pelo crescimento de um novo ser, mas pela sua própria existência. Biologicamente, Fabrício não dependera dela para nascer. Adriano, ao contrário, era fruto de seus genes, alimentara-se de seu sangue, abrigara-se em seu útero. Sim, pensou, seria muito fácil amá-lo também. Ele era parte dela, assim como Fabrício, com a única diferença de que o laço que os unia não era apenas afetivo, mas físico também. E ser-lhe-ia impossível ignorar ou menosprezar um ser que trazia dentro de si metade do que ela era.

Flávia entrou em casa carregando Adriano no colo, e Fabrício correu ao seu encontro. Esperava ansioso pela chegada do irmãozinho ou da irmãzinha, como costumavam lhe dizer. Embora fosse ainda muito pequeno e pouco entendesse do que lhe diziam, tinha consciência do novo habitante da casa, e seu espírito, de forma inconsciente, sentiu medo, e ele estendeu as mãos para Flávia e balbuciou:

– *Mamã... mamã...*

Hermínio, que vinha logo atrás, deu um sorriso maroto e acrescentou com jovialidade:

– Ora vejam só. O pequeno Fabrício já está com ciúmes do irmãozinho.

Flávia olhou para o menino, que lhe puxava a barra da saia, estendeu-lhe a mão e foi conduzindo-o para o sofá, onde se sentou com Adriano ainda ao colo e pediu à babá que auxiliasse Fabrício a subir e se sentar a seu lado. A babá colocou Fabrício bem juntinho da mãe, que o abraçou e beijou repetidas vezes, falando com doçura:

– Meu filhinho querido, este é o seu irmãozinho. A mamãe vai cuidar e amar os dois igualzinho. Está bem?

Embora não entendesse bem as palavras da mãe, Fabrício compreendia seus gestos de carinho e sentiu-se seguro ao lado dela. Abraçou-a bem apertado e olhou com ar de dúvida para o irmão, que dormia placidamente.

Inês, adivinhando-lhe os temores, dizia-lhe para não se preocupar. Os meninos cresceriam fortes e saudáveis, e nada aconteceria que já não estivesse escrito no livro da vida. Fosse o que fosse que tivesse que acontecer, seria para o bem e para o crescimento de todos, e não havia com o que se preocupar.

Enquanto a família admirava o recém-chegado, Flávia entregou Fabrício à babá e saiu puxando a mãe discretamente pela mão. Levou-a para seu quarto e trancou a porta. Preocupada, Inês indagou:

– O que é, minha filha? O que foi que houve?

Flávia abriu a última gaveta da cômoda e enfiou a mão lá no fundo, puxando uma caixinha de papelão. Sentou-se ao lado da mãe e falou baixinho, com medo de que alguém a escutasse:

– Mãe, quero que guarde isso para mim.

Ela abriu a caixinha e retirou a corrente de ouro com a medalhinha e estendeu-a para a mãe. Inês apanhou o cordãozinho, virou-o de um lado para outro em sua mão e, notando o fecho na medalha, puxou-o, e as fotografias apareceram.

– Isso estava preso ao pescocinho de Fabrício – continuou Flávia. – Gostaria que o guardasse para mim. Paulo pensa que o joguei fora, mas não tive coragem.

– Por quê? – indagou Inês emocionada.

– Não sei dizer. Só o que sei é que uma estranha força me impediu de abrir a mão e atirá-la longe.

Inês fechou a mão com a correntinha dentro e prometeu:

– Pode deixar, minha filha. Estará bem guardada comigo.

Daquele dia em diante, nunca mais tocaram naquela correntinha. Era o único elo que ligava Fabrício a seus verdadeiros pais. E era, por isso mesmo, um grande segredo.

Os dois meninos foram criados juntos, iguais em cuidados e atenção. Tinham os mesmos brinquedos, dormiam em quartos semelhantes, faziam os mesmos passeios. Não havia nada que um possuísse que não fosse dado ao outro. Apenas os carinhos eram diferentes. Enquanto Flávia os amava sem distinção, Paulo nitidamente demonstrava sua preferência por Adriano, o que deixava Flávia deveras amargurada.

O tempo foi passando, e os meninos, crescendo com ele. Fabrício adorava a casa da avó, seu pomar, suas flores, seu ar de mistério. O casarão em que vivia já estava ficando velho, mas guardava ainda muito da dignidade de outros tempos. Por mais que sua mãe insistisse, Inês não se mudava, e Fabrício ficava muito feliz com isso. Se ela se mudasse, onde poderia buscar refúgio e paz em meio à cidade que crescia sem parar?

Naquele dia, Fabrício saiu da escola e tomou o lotação, rumo à casa da avó. Já estava com quatorze anos e se orgulhava de poder sair sozinho. O pai colocara um motorista à sua disposição, mas ele gostava da liberdade de poder andar sozinho, sem ninguém para tomar conta dele.

Seu irmão, Adriano, não era como ele. Por mais que gostasse da avó, tinha horror a mato, como chamava o seu jardim, e não gostava do cheiro de mofo de casas velhas. Por isso, ficava feliz quando a avó ia visitá-lo, mas, sempre que podia, esquivava-se de ir a sua casa.

Fabrício fez sinal para o lotação e entrou. Estava vazio, e ele se sentou atrás, em um banco perto da porta. Como havia vários lugares vagos, pousou os cadernos a seu lado e abriu um livro de histórias. A viagem era relativamente longa, e teria ainda uma meia hora para ler.

Passados alguns minutos, o lotação parou no ponto e um casal entrou, seguido de uma moça muito loura, olhos azuis, cabelos ondulados e curtos. Fabrício não lhes deu importância e voltou a atenção para o livro. Logo a moça estava a seu lado e disse, com um forte sotaque que lhe pareceu alemão:

– Com licença, lourinho. Tem alguém sentado aqui?

Fabrício encarou-a surpreso e olhou em volta. Havia muitos lugares vagos lá na frente, bancos inteiros sem ninguém sentado. Por que é que aquela mulher

resolvera sentar-se justo ao seu lado? Educadamente, porém, Fabrício recolheu os livros e respondeu:

– Não, senhora, pode sentar.

A moça sentou-se ao lado dele, mas Fabrício, pouco depois, apanhou livros e cadernos e, pedindo licença, passou para o banco de trás, colocando novamente o material a seu lado. A moça também se levantou e foi para o mesmo banco, falando com doçura:

– Posso sentar-me aqui, lourinho?

Ele a fitou espantado. Será que era maluca? Novamente, recolheu seu material e passou para outro banco. Será que ela não compreendia que ele queria sentar-se sozinho para não ter que ficar segurando o material no colo? Já havia se acomodado e voltara a abrir o livro quando a mulher apareceu novamente.

Dessa vez, Fabrício não lhe deu chance de falar. Levantou-se apressado, passou a mão nos livros e, fuzilando-a com os olhos, indagou cheio de indignação:

– O que há com você, moça? Por acaso é maluca ou o quê?

A moça não respondeu, e ele, sob o olhar assustado do trocador e dos demais passageiros, passou pela roleta e foi sentar-se lá na frente, num banco ao lado do motorista.

– O que foi que houve, rapaz? – perguntou o condutor, olhando-o de soslaio, procurando não desviar a atenção do trânsito.

De mau humor, Fabrício respondeu:

– Agora veja só, moço. Aquela mulher lá atrás cismou comigo.

Parado num sinal, o motorista virou o corpo, procurando com os olhos a tal mulher. Não vendo ninguém, além do casal e de um senhor que dormia com a cabeça encostada na janela, tornou a indagar:

– Que mulher?

– Aquela lá atrás... loura, olhos azuis, muito branca.

– Mas que mulher, meu filho? Não há ninguém ali.

Fabrício voltou-se confuso. Olhou em todas as direções, mas não via mais a mulher. Assustado, levantou-se e correu para a parte de trás do ônibus, procurando-a, mas não havia ninguém mais ali. Aturdido, olhou para o homem que dormia e para o casal, que o fitava com ar de zombaria. Ele se aproximou do casal e questionou:

– Vocês não viram aquela mulher que falou comigo?

– Que mulher? – retrucou o rapaz.

– Aquela loura, que entrou com vocês.

– Não entrou ninguém conosco – continuou ele.

– Mas não é possível. Eu a vi entrar. Loura, olhos azuis. Falou comigo, pediu para sentar do meu lado.

– Tem certeza de que não bebeu, rapaz? – interrompeu o trocador. – Não entrou ninguém além do casal. Acha que eu não a teria visto passar pela minha roleta?

Fabrício sentiu o rosto arder. Aquele homem pensava que estava bêbado! Era um disparate. No entanto, tinha que concordar que era estranho. Vira a mulher, falara com ela, mas ela desaparecera. Como seria possível?

– Só se foi um espírito – sugeriu a moça ao lado do rapaz, e ambos começaram a rir.

O trocador os acompanhou nas risadas, e o senhor com a cabeça encostada na janela acordou e olhou para eles com cara de quem acabara de chegar. Vendo que ele despertara, Fabrício dirigiu-se a ele:

– Senhor, desculpe-me, sei que estava dormindo. Mas por acaso não viu uma moça loura entrar no loteação atrás desse casal aqui?

O homem o olhou como se ele fosse louco e respondeu:

– Meu filho, se tivesse visto uma mulher assim, garanto a você que não teria adormecido.

Todos riram novamente, e Fabrício, cada vez mais confuso, voltou ao seu lugar e não disse mais nada. Será que estava ficando louco? Mas não. Ele sabia o que tinha visto e ouvira distintamente a mulher falar com ele. Ela dissera até alguma coisa que ele não entendera. Parecia que falava alemão. Mas como pudera aparecer e desaparecer sem que ninguém a visse? Será que vira mesmo um fantasma?

Quando chegou à casa da avó, Fabrício estava pálido e acobalhado, e ela não pôde deixar de perguntar:

– O que foi que houve, Fabrício? Está estranho hoje. Por acaso viu algum fantasma, foi?

Ele encarou a avó e deu um sorriso amarelo, respondendo sem muita convicção:

– Para falar a verdade, vovó, acho que vi sim.

Inês assustou-se com as suas palavras e fê-lo sentar-se no sofá, pedindo à Bibiana, sua criada de muitos anos, que lhe trouxesse um copo d'água. Esperou até que ele bebesse tudo e continuou:

– Que história é essa, menino? Está querendo brincar comigo, é?

– Não, vó. Eu juro. Estava vindo para cá quando uma moça entrou no loteação e falou comigo. Só que ninguém a viu; apenas eu.

– Conte-me essa história direito. Não estou entendendo nada.

Em minúcias, Fabrício narrou-lhe o que havia sucedido. À medida em que ele falava, o coração de Inês ia disparando. Aquela história tinha tudo a ver com o que acontecera no passado. Uma mulher loura, falando alemão... era muito significativo. Inês sabia que a verdadeira mãe de Fabrício, provavelmente, havia morrido em algum campo de concentração, para onde deveria ter sido levada quando capturada. Será que agora resolvera voltar em busca do filho? Mas por quê? Com que finalidade?

Quando ele terminou de falar, apertou a mão da avó e perguntou confuso:

– O que acha que aconteceu, vovó? Acha que foi mesmo algum espírito?

Inês não sabia o que dizer. Não poderia simplesmente revelar-lhe a verdade. Nem sabia se fora mesmo a sua mãe que vira. Ela só sabia de uma coisa: Fabrício era médium e, provavelmente, tivera contato com um espírito. Só o que ela não sabia era quem e por quê.

Percebendo o seu nervosismo, ela beijou a sua mão e considerou:

– Fabrício, meu filho, você tem ouvido algumas de nossas conversas, não tem? Minha e de sua mãe?

– Tenho sim, vovó. Por quê?

– Bem, você já nos escutou falar de mediunidade, não escutou?

– Acha que sou médium?

– Estou quase certa. Penso que você, realmente, viu o espírito dessa mulher e falou com ele.

– Mas por quê, vó? O que ela queria comigo?

– Não sei, meu filho.

– E se ela aparecer de novo?

– Tente conversar com ela. Explique-lhe que já não faz mais parte deste mundo.

– Eu? Deus me livre! Agora que sei que é um espírito, morrerei de medo.

– Os espíritos não fazem mal a ninguém, meu filho. Você deve temer os vivos, não os mortos.

– Falar é fácil, vovó, porque não foi você quem viu.

– Pode ser – ela ficou um tempo pensativa e retrucou: – Quer ir comigo ao centro espírita?

– Não sei. Sabe que papai não gosta dessas coisas.

– Sua mãe às vezes vai.

– Eu bem que desconfiava. Mas não sei se quero ir.

– Está bem, meu filho, você é quem sabe. Não quero forçá-lo a nada.

Mas não fale sobre isso com ninguém. Nem com sua mãe. Deixe que eu mesma contarei a ela.

Quando ele se foi, Inês ficou pensativa. Estava quase certa de que era mesmo a mãe de Fabrício que ele vira. Mas por quê? Precisava descobrir. Por outro lado, a mediunidade de Fabrício poderia representar um perigo. E se ele também descobrisse a verdade? Se ela mesma lhe contasse? Teriam coragem de desmentir o espírito e fazer com que Fabrício se julgasse louco?

Em silêncio, Inês foi para seu quarto e orou, pedindo a Deus clareza e discernimento para que ela e Flávia fizessem o que tivesse que ser feito, agissem conforme o melhor para cada um.

## CAPÍTULO 5

Era noite de quarta-feira, dia de sessão no centro espírita que Inês freqüentava, e Flávia estava com ela. Na porta do centro, segurou a mão da mãe e disse hesitante:

– Mãe, estou com medo.  
– Não tenha medo, minha filha. Tenho certeza de que vai acontecer o melhor.

– E se ela não vier?  
– Se não vier, é porque não é chegada ainda a hora de se comunicar conosco. De qualquer forma, poderemos rezar por ela.

Entraram. A sessão ainda não havia começado, e Flávia sentou-se numa cadeira na primeira fila da assistência, enquanto sua mãe se dirigia para a mesa e tomava seu lugar, de frente para ela. Fazia parte do corpo mediúnicamente já há bastante tempo.

Cumprimentou a todos, e logo a sessão teve início. Feitas as palestras e as orações, o dirigente passou aos trabalhos de desobsessão e doutrina, invocando os espíritos necessitados que quisessem se apresentar. Dois espíritos se manifestaram. O primeiro, um homem, vinha angustiado, assustado, sem saber o que havia acontecido e por que se encontrava em completa escuridão.

Depois, uma mulher se apresentou. A princípio, ficou calada, só falando após escutar as palavras de conforto que o dirigente, seu Antônio, lhe endereçava.

– Não sei o que estou fazendo aqui – disse ela de má vontade. – Não pedi para vir.

– Veio porque, em seu íntimo, sabe que será bom para você – respondeu Antônio com bondade.

– O melhor para mim é que aquela mulher morra!  
– Minha irmã, não fale assim. Desejando o mal para o próximo, ele acabará se voltando contra você, porque seu coração vai se envenenando com seus próprios pensamentos de ódio.

– Não me interessa! Ela tomou o que é meu!  
– Ninguém toma nada de ninguém. Só temos aquilo que merecemos.

De sua cadeira, Flávia não perdia uma palavra sequer daquela conversa. Seria mesmo a mãe de Fabrício? Será que voltara para lhe cobrar o filho que ela mesma lhe dera?

– Não acredito nisso. Quero que ela me devolva o que é meu.  
– Minha irmã, nada levamos dessa vida além dos bons e maus pensamentos que cultivamos. Por que se prende ainda a coisas que deixou no mundo? Elas não servem mais para você.

– Não interessa. Quero o que é meu. Ela não pode me tomar tudo.  
– Se ela tomou, foi porque você permitiu.  
– Não tive escolha...

Flávia pensou que ia desmaiar. Estava quase certa de que era mesmo a mãe de Fabrício. Só podia ser. Mas por que tanto ódio? Será que não tivera mesmo escolha em fazer o que fizera? Não, claro que não. Ia ser presa, morta. Quis salvar o filho, fez o que achou certo.

A voz de Antônio continuava a se fazer ouvir:

– Todos temos escolhas na vida, minha irmã. Nosso livre-arbítrio é que nos leva para essa ou aquela direção.

- Não quando se morre! Que escolha tive ao morrer?
- Teve a própria escolha da morte que, como vê, não existe de verdade.

Se seu corpo de carne deixou o mundo, foi porque o seu espírito resolveu que já era chegada a hora e desistiu de viver neste mundo.

A mulher começou a rir e retrucou com desdém:

- Isso o que diz não faz sentido algum. Não pedi para ter câncer...

Flávia quase caiu da cadeira. Câncer? Mas do que ela estava falando? Discretamente, olhou para a mãe, que permanecia de olhos fechados, em oração.

– Se teve câncer, foi porque alguma coisa em seu comportamento, em seu coração, lhe trouxe conflitos internos que você não soube resolver – continuou Antônio. – Não estou certo?

O espírito se calou por alguns instantes e, de repente, começou a chorar, como se começasse a compreender o que lhe acontecera. Ainda chorando, retrucou:

– Não sei... Foi tão difícil... Ela me tomou o homem amado... Fiquei com raiva...

Decididamente, aquela não era a mulher que Flávia esperava, e ela riu de si mesma, de sua tolice. A voz de Antônio continuava a conversar com o espírito:

- E o que fez com a sua raiva?
- O que fiz? Nada. O que poderia fazer? Minha irmã se casou com o único homem a quem amei em toda a minha vida, e eu passei a viver só. Tive vontade de tomar-lhe satisfações, mas fui covarde e me calei. Vivi a vida inteira com esse ódio a me corroer.

– De fato, o ódio a corroeu. Diga-me, minha irmã, de que foi o seu câncer? De fígado?

- Sim... – balbuciou ela aturdida. – Como é que sabe?
- O fígado é um órgão que absorve toda a raiva mal trabalhada em nós.

Você viveu muitos anos com sua raiva, sem expressá-la, e isso lhe causou imenso conflito interno.

- O que queria que fizesse? Que a matasse? Que brigasse com ela?
- Matá-la? Não. Brigar com ela? Talvez. É através do atrito que aprendemos a nos burilar. Quando nos confrontamos com nossos semelhantes, expondo nossas mágoas, raivas, ressentimentos, exteriorizamos os sentimentos que nos incomodam e, assim, eles saem para o mundo e não nos consomem. Ao contrário, se os guardamos dentro de nós, eles vão somatizando e se transformando nos inúmeros problemas de saúde que surgem por aí.

– Tem razão... – ela soltou um suspiro sentido. – Deveria ter falado com ela. Deveria ter-lhe dito que ficara magoada, que o amava. E ela chegou a me perguntar... eu disse que não, fui orgulhosa, porque percebi que ele também se apaixonara. Eles se casaram e eu fiquei com raiva. Depois, quando desencarnei, minha raiva aumentou porque, como não tinha mais pais e nunca tivera filhos, tive que deixar para ela todos os meus bens. Bens que conquistara com o suor do meu trabalho. Mas não queria. Dei-lhe o homem que amava. Por que teria que lhe dar também o meu patrimônio?

– Ninguém precisa de bens materiais no mundo espiritual, e os espíritos plasmam tudo aquilo de que necessitam.

- Sim, tem razão. De nada me valeriam aqui...

A mulher voltou a chorar, deixando Flávia penalizada, e Antônio, de forma amorosa, prosseguiu:

– Muito bem, minha irmã. Creio que chegou a hora de prosseguir na sua viagem. Vê esses bondosos amigos a seu lado? Vieram aqui para ajudá-la a se

libertar dessas amarras que a prendem ainda ao mundo carnal. Solte-se e siga com eles, minha irmã, e eles a levarão a um lugar de repouso e serenidade, onde você poderá encontrar a paz há tanto perdida.

– Obrigada.

A médium que recebera o espírito inspirou profundamente e abriu os olhos.

– Tudo bem? – indagou Antônio.

Ela fez que sim com a cabeça, um outro senhor fez uma prece de agradecimento e os trabalhos foram encerrados.

No caminho para casa, Flávia ia dizendo à mãe:

– Pensei que aquela mulher fosse a mãe de Fabrício. Que susto, hein?

– Por que foi um susto?

– Porque ela estava com muita raiva. Não quero um obsessor desses atrás de mim.

– Não diga isso, minha filha. O que comumente se chama de obsessores são, em geral, espíritos confusos ou ignorantes, muitas vezes atraídos pelas próprias vibrações de ódio, vingança e tantas outras que os encarnados a eles endereçam.

– Desculpe-me, mãe, não quis ser rude nem desrespeitosa.

– Você não foi. Mas é que esses espíritos, muitas vezes, sabem que são assim chamados e não ficam satisfeitos. Ao invés de ouvirem as preces que fazemos por eles, ainda ficam com mais raiva, porque se sentem discriminados e estigmatizados, como se obsessor fosse sinônimo do próprio diabo.

– Mamãe, que horror!

– É verdade, minha filha. Ninguém gosta de ser discriminado, nem os espíritos. Eles se ressentem com as idéias e os nomes que lhes damos.

– Tem razão. Não havia pensado nisso – Flávia fez uma pausa enquanto caminhavam e depois falou: – Por que será que ela não veio?

Inês deu de ombros e retrucou:

– Não sei. Talvez não seja ainda chegada a hora.

– Confesso que fiquei decepcionada.

– Pois não devia. No começo, estava até com medo.

– Eu sei. Mas fiquei ansiosa por saber...

– No tempo certo, saberá. Nem antes, nem depois.

– Você fala as coisas de um jeito, mãe! O que lhe dá essa segurança?

– A vida. Conheço a vida.

– Aquela mulher não está mais viva.

– Está sim. Estou falando de vida, não no sentido corpóreo ou carnal.

Mas no sentido de existir. Ela existe tanto quanto nós, e ninguém desaparece simplesmente. Esteja onde estiver, deve pensar em você, em Paulo e, principalmente, em Fabrício.

– Será que ela está tão revoltada quanto aquele espírito que apareceu na mesa?

– Não creio. Sabe, Flávia, aquele espírito me fez pensar. Nós passamos todos esses anos sem nem falar sobre ela, como se ela nunca tivesse existido. Mas ela existe, ainda que só em espírito, e deve estar querendo alguma coisa.

– O quê?

– Não sei. Mas, provavelmente, não é o Fabrício.

– Como pode saber?

– Eu sinto. Ela lhe deu Fabrício para salvar-lhe a vida. Escolheu você, não por acaso. Você o salvou, fez a vontade dela. Por que agora se voltaria contra você, contra a mulher que lhe salvou o filho? Não faz sentido.

– Mas por que voltou justo agora? Por que não antes, logo que desencarnou?

– Também não posso responder a essa pergunta. Muitas vezes, nós nem nos damos conta de que algum espírito pode estar sofrendo em algum lugar. Nós simplesmente o apagamos de nossa mente e nem pensamos mais nele, mas ele pode muito bem continuar a pensar em nós, sem que com isso queira nos prejudicar. Muitas vezes, só o que quer é um pouco de amor...

Flávia ficou pensativa. A mãe estava certa.

– E o que acha que devemos fazer?

– Por enquanto, nada. Vamos esperar até que ela apareça novamente.

– Mas, e se ela contar alguma coisa a Fabrício?

– Teremos que correr esse risco. Fabrício é médium, e não há como impedirmos o desenvolvimento de sua mediunidade. Só o que podemos fazer é rezar para que tudo aconteça da melhor forma para todos.

– Mamãe, não quero que Fabrício descubra. Ele é meu filho. Meu filho, não dela!

– Cuidado para não cair no apego, Flávia. Entendo seu sentimento. Você tem sido a mãe dele durante todos esses anos e vai continuar sendo por muitos outros mais. Contudo, o fato dele descobrir a verdade não vai diminuir o amor que sente por ele nem o que ele sente por você.

– Não sei. E se ele se revoltar?

– Se ele se revoltar, é porque tem ainda muito que aprender.

– Não posso concordar com isso, mãe. Se Fabrício me rejeitar, creio que não poderei suportar.

Haviam alcançado o portão da casa de Inês e pararam antes de entrar. Inês apanhou as mãos da filha e, acariciando-as, falou com doçura:

– Vamos rezar e confiar. Deus sempre faz o que é melhor para nós.

Entraram em casa, e Flávia mandou chamar o motorista, que estava conversando com Bibiana na cozinha. Enquanto o automóvel rodava pelas ruas da cidade, Flávia ia pensando. A mãe estava certa em tudo o que lhe dissera. Mas ela faria de tudo para evitar que Fabrício descobrisse a verdade. Tinha medo de perdê-lo, de perder o seu coração.

Todas as quartas-feiras, Flávia ia em companhia da mãe ao centro de seu Antônio. No entanto, por mais que ansiasse, o espírito da mãe de Fabrício nunca se manifestou. Tampouco o filho vira novamente aquela mulher, e Flávia pensou que ela houvesse desistido.

Até que um dia, quando menos esperava, aconteceu com ela. Flávia estava recostada no sofá, lendo uma revista, quando sentiu uma forte sonolência, que não pôde dominar. Olhos pesados, cerrou as pálpebras, e a revista escorregou de suas mãos, indo pousar levemente em seu colo. Pouco depois, estava sonhando.

Em seu sonho, o pai estava parado junto a ela, tendo a seu lado a mulher que ela imaginou fosse a mãe de Fabrício.

– Papai! – exclamou surpresa. – Que faz aqui? E quem é essa aí com você? O que ela quer de mim?

– Não se assuste, minha filha – tranquilizou o bom homem. – Helga não está aqui para lhe cobrar nada.

– Helga?

– Sim, a mãe de Fabrício.  
Flávia recuou aterrada.

– A mãe de Fabrício sou eu!  
Seu pai já ia responder, mas Helga se adiantou e falou com forte sotaque alemão:

– Deixe, Ismael. Creio que eu devo uma explicação a Flávia.

– Pois deve mesmo! – retrucou Flávia de má vontade. – Andou assustando meu filho. Ele pensa que viu um fantasma.

– E viu. Afinal, estou morta, não estou?

– Você sabe tão bem quanto eu que não está morta. Apenas trocou de dimensão.

– Não pretendia assustá-lo...

– Não? E o que você queria? Depois de tantos anos, por que resolveu aparecer? Quer confundir a cabeça do menino?

Nesse momento, Ismael resolveu intervir:

– Minha filha, desarme-se. Helga veio aqui em paz.  
Flávia olhou-a desconfiada.

– Por quê? O que quer? Veio tomar-me Fabrício de volta?

– Se pensar um pouquinho – respondeu Helga paciente –, verá que isso é impossível. Estamos em planos diferentes, e não é minha intenção fazer com que ele desencarne. Tampouco pretendo contar-lhe a verdade, se é o que está pensando.

Flávia respirou mais aliviada.

– Para que veio então?

– Primeiro, para vê-lo. Você o tem criado com muito amor, mas lembre-se de que fui eu que o gerei e só me separei dele para que fosse salvo. Depois, porque pretendo protegê-lo.

– Protegê-lo? De quê?

– Dos perigos da vida.

– Mas que perigos? – Flávia encarou o pai e tornou com voz súplice: – Por favor, pai, diga-me: vai acontecer alguma coisa com meu filho?

Ismael sorriu e respondeu:

– Não, minha filha, nada acontecerá a ele. O que Helga quer dizer é que pretende acompanhar o seu crescimento, inspirando-lhe bons conselhos no decorrer de sua vida. Não é isso, Helga?

Helga balançou a cabeça e acrescentou com voz suave:

– Não me tome por inimiga, Flávia. Ao contrário, estou do seu lado. Quando lhe dei o meu filho, fruto de meu amor, foi porque sabia que poderia cuidar dele para mim. E você o tem feito de forma amorosa e consciente. Sou-lhe muito grata por isso. Não tenho intenção de lhe revelar nada da verdade...

– Então, por que se mostrou para ele? Por que falou com ele?

– Fabrício é médium e, naquele momento, manipulei os seus fluidos e me tornei visível aos seus olhos.

– Por quê?

– Porque estava com saudades. Desde que desencarnei e me reequilibrei, venho acompanhando o seu crescimento de forma invisível. Naquele dia, porém, não resisti e me aproximei. Materializei-me, utilizando sua própria energia.

– Para quê? Você o assustou.

– Já disse que não foi essa a minha intenção – tornou Helga com uma pontada de tristeza. – Sei que não deveria ter feito aquilo, que já estou desencarnada e

não deveria me aproximar mais de Fabrício. Mas entenda; o fato de haver desencarnado não apaga os sentimentos de ninguém, e eu continuo amando Fabrício como no dia em que ele nasceu.

– Ainda assim, não deveria ter feito aquilo. Ele não a conhece, não sabe quem é você.

– Tem razão, perdoe-me. Não gostaria que me visse como inimiga. Prometo que nunca mais me apresentarei a Fabrício dessa forma. Permanecerei invisível a seu lado, ajudando-o e protegendo-o naquilo que for possível.

Flávia estava com medo e não escondia isso.

– Não se zangue, Flávia – intercedeu Ismael. – Helga jamais faria nada que pudesse prejudicar Fabrício. Ela agiu movida por um impulso do coração. Não teve intenção de preocupar nem assustar ninguém. Ela ama o menino tanto quanto você. Por que outro motivo o teria dado a você?

Confusa, ela não sabia o que dizer ou pensar. Contudo, suas palavras e as do pai faziam sentido. Ela estava desencarnada, mas seus sentimentos não haviam morrido com o corpo. Como pretender que ela deixasse de amar o filho pelo só fato de não possuir mais um corpo material?

Depois de breves minutos, Flávia inspirou fundo e, com olhos úmidos, retrucou:

– Está bem. Confiarei em você. Mas prometa-me que nunca vai contar nada a ele.

– Prometo, Flávia.

Efetivamente, desse dia em diante, Helga nunca mais falou com Fabrício, embora não deixasse de acompanhar o seu desenvolvimento. Aquele episódio passou a ser um fato isolado e nunca mais se repetiu. Espírito já bastante esclarecido, Helga jamais se deixou levar pelo ciúme ou despeito, sentindo-se verdadeiramente grata a Flávia pela oportunidade que lhe dera.

Alguns dias depois, vendo Fabrício e Adriano se aprontando para ir à escola, Flávia entrou no quarto de Fabrício e perguntou:

– E então, meu filho? Tudo bem?

– Tudo, mãe, por quê?

Ela fingiu ajeitar os livros na estante e retrucou em tom casual:

– Teve de novo aquela visão?

– Que visão?

– Aquela, do ônibus. Viu aquela mulher novamente?

– Não, nunca mais. Por quê?

– Curiosidade.

Fabrício ia perguntar mais alguma coisa, mas a entrada súbita de Adriano fez com que mudasse de idéia. O irmão era muito cético e, na certa, cairia na pele dele se descobrisse que ele andava vendo fantasmas.

– Oi, mãe – disse Adriano, abraçando Flávia e dando-lhe um beijo na testa.

– Olá, meu filho. Não o vi chegar ontem. A que horas voltou?

Adriano abaixou os olhos e apertou os lábios, olhando discretamente para o irmão, que não disse nada. Tentando aparentar naturalidade, respondeu:

– Não sei ao certo, mãe. Estava sem relógio, e ficamos até tarde estudando. Nem vimos a hora passar.

– Você ainda é muito jovem para ficar na rua até altas horas.

– Prometo que não faço mais – encerrou Adriano, estalando-lhe um beijo na testa.

Flávia suspirou e não respondeu. Apenas olhou para ele que, parado na porta, falou para o irmão:

– E então, seu tonto, vem ou não vem? O motorista já está esperando.

Fabrício fitou-o pelo espelho e respondeu com indiferença:

– Pode ir, Adriano. Prefiro ir de ônibus.

Adriano deu de ombros e revidou com desdém:

– Você é quem sabe.

Saiu. No quarto, Flávia encarava o filho, tentando adivinhar por que eles não se davam bem. Criara-os igualmente, dava-lhes atenção, carinho. Por que é que não se entendiam? Fabrício até que não se metia com o irmão. Mas Adriano, sempre que podia, arrumava um jeito de diminuí-lo ou ofendê-lo. Parecia sentir prazer em humilhar e agredir o irmão. Por quê?

Várias vezes, levava o problema ao marido. Paulo, porém, nunca lhe dera razão. Dizia que ela mimava demais os filhos e que, por isso, Adriano era um pouco voluntarioso, ao passo que Fabrício era um tolo. Era nítida a sua preferência por Adriano, e todos na família já haviam notado isso. Até Hermínio, que não costumava reparar nessas coisas, percebeu. Paulo, porém, dizia sempre que era impressão, mas admitia que Adriano possuía um gênio mais parecido com o seu.

Fabrício sentia essa diferença, e Adriano também. Por isso, Adriano sempre se escudava na proteção do pai, que nunca o repreendeu severamente por suas besteiras. Ao contrário, protegia-o quando podia, muitas vezes colocando toda a culpa em Fabrício por qualquer arte ou brincadeira mais perigosa. Ele era o mais velho e cabia-lhe tomar conta do irmão. Não o incentivar a fazer o errado. Fabrício não dizia nada, mas guardava aquela mágoa dentro do peito, ao passo que Adriano, cada vez mais, tornava-se arrogante e provocador.

Flávia não fazia nenhuma diferença entre os dois. Sentia, em seu coração, que os amava igualmente, mas tudo fazia para proteger Fabrício. Enquanto Paulo o acusava de tudo, ela sempre arranjava uma justificativa, não para inocentá-lo, mas para que cada um dos filhos fosse penalizado na medida de suas responsabilidades. Flávia não aprovava os castigos de Paulo, embora às vezes reconhecesse que eram necessários. Mas não podia permitir que apenas Fabrício fosse castigado, perdendo passeios, indo para o quarto, muitas vezes sem jantar, sendo obrigado a estudar além do necessário.

Quando Adriano fazia alguma coisa que era descoberta e não podia colocar a culpa em Fabrício, Paulo é que o justificava e, quando não via saída, dava-lhe castigos leves, como ficar apenas uma hora no quarto, não tomar sorvete por um dia e coisas do gênero. Mas nunca o castigara severamente como fazia com Fabrício.

E assim foi durante o passar dos anos, até que o destino houve por bem colocá-los frente a frente com as articulações da vida.

## CAPÍTULO 6

Adriano terminou de ajeitar a gravata, passou a mão pelos cabelos e sorriu satisfeito. Estava muito elegante para sua festa de formatura. Seguindo os passos do pai, concluíra o curso de administração de empresas e estava apto a se transformar em seu sucessor. Mais alguns anos e ocuparia a cadeira que hoje ele ocupava e que antes fora ocupada por seu avô.

Toda a boa sociedade carioca fora convidada, e ninguém queria perder a oportunidade de comparecer à festa de formatura de um dos melhores partidos da cidade. Ele e o irmão eram comentadíssimos nas rodas sociais, sendo apontados como os favoritos no coração das jovens casadouras do Rio de Janeiro.

Fabrizio formara-se advogado, mas não aceitara trabalhar nas empresas do pai. Queria ter seu próprio escritório e passou a dedicar-se às causas de família. Sentia-se atraído pelos problemas familiares, em especial pela situação das crianças, muitas vezes atiradas de um lado para outro, servindo de joguete para os interesses dos pais.

Adriano fechou a porta do quarto e desceu para a sala, onde os pais e o irmão já o aguardavam.

– Meu filho! – exclamou Flávia, ajeitando-lhe a gravata. – Pensei que não viesse mais.

– Estou bem? – indagou ele à mãe, dando uma volta para mostrar seu terno novo.

– Está muito elegante. Vai ser um sucesso.

– E você, Fabrício, o que acha?

– Você está muito bem, Adriano, como sempre.

Adriano sorriu com satisfação, e o pai, acariciando sua nuca, acrescentou:

– Muito bem, meu filho. Não quer chegar atrasado à cerimônia, quer?

Os quatro saíram animados e tomaram o automóvel que os conduziria até a sede do clube onde se realizaria a festa de formatura. Quando chegaram, já havia uma enorme quantidade de jovens andando de um lado para outro, todos imponentes em suas becas de formatura.

Ficaram parados na porta, olhando o movimento e procurando ver se já havia chegado algum conhecido.

– Vejam – falou Paulo, apontando para um lugar na terceira fila. – Lá estão mamãe e papai. Vamos até lá.

Seguiram em direção a eles e se sentaram a seu lado, e Flávia indagou:

– Não viram minha mãe por aí?

– Vimos sim – respondeu Dulce. – Foi até o toalete, mas já volta. Estamos guardando o lugar dela.

– Olá! Como vai o nosso formando? – era o doutor Feliciano, que acabara de chegar.

– Muito bem, doutor – respondeu Adriano, com um sorriso.

– Posso sentar-me aqui?

– Estamos guardando esse lugar para Inês – desculpou-se Dulce.

– Não faz mal. Sento-me aqui atrás.

Uma forte microfonia se fez ouvir no salão, e muitos levaram as mãos aos ouvidos para não escutar aquele ruído ensurdecador. Olharam em direção ao palanque, que fora instalado para a realização da cerimônia, e viram que um homem

tentava ajustar o microfone, enquanto várias autoridades tomavam assento à enorme mesa que fora cuidadosamente arrumada logo atrás.

– Acho que já vai começar – falou Fabrício.

– Tem razão – concordou Adriano. – Melhor que tome meu lugar.

Adriano foi em direção ao local reservado aos formandos, e todos os convidados se acomodaram em seus lugares. O mestre-de-cerimônias já ia iniciar a solenidade quando Inês chegou esbaforida.

– Nossa, Inês – disse Dulce apressada. – Já estava ficando preocupada.

Demorou tanto!

– É que encontrei Mariana e Marcos lá atrás e parei para conversar.

– Eles estão aí? Onde?

Inês apontou para os dois, que estavam sentados do outro lado. Dulce sorriu e acenou para eles, que acenaram de volta. Ao sentar-se, Inês sentiu que alguém a cutucava no ombro e olhou para trás.

– Feliciano! Não o havia visto aí.

Ele chegou o corpo para a frente e sussurrou bem humorado:

– Estou precisando aparecer mais, não é?

– É sim. Você sumiu do centro.

– É o trabalho... O consultório e o hospital andam tomando todo o meu tempo. Mas não se preocupe. Quando tiver um tempinho, aparecerei, com certeza.

Ela sorriu e virou para a frente. A orquestra começava a tocar o hino nacional, e todos se puseram de pé. Em seguida, alguém fez um discurso inflamado, foram apresentados patrono, paraninfo e homenageados, seguindo-se a entrega dos diplomas. A solenidade não foi demorada, e Adriano foi dos primeiros a receber o *canudo*.

Terminada a solenidade e encerrados os cumprimentos, as pessoas foram se retirando. Os alunos não quiseram dar nenhum baile, e cada um organizou sua própria festa. Com Adriano, não foi diferente. Saindo dali, alguns convidados foram encaminhando para a casa de seus avós paternos, uma bonita mansão no bairro de Ipanema, onde fora preparada uma festa requintada e luxuosa.

Adriano dançava com Clarinha, sua namorada desde o primeiro ano da faculdade. Era uma moça muito bonita e inteligente, apesar de um tanto quanto geniosa. A família aprovava aquele namoro, pois o pai de Clarinha era um poderoso industrial carioca, membro de uma das mais respeitáveis e tradicionais famílias do Rio de Janeiro. Quando a música terminou, Clarinha puxou Adriano pela mão e perguntou:

– Você viu Selena?

Selena era prima de Clarinha, filha de uma irmã de sua mãe, e estava tendo problemas com o casamento. A família do marido de Selena não possuía recursos, e ela agora fazia parte do que se denominava *o ramo pobre da família*. Ainda assim, um desquite jamais seria aceito. Casara-se porque quisera, ninguém a obrigara. Ao contrário, não faltaram conselhos para que não o fizesse. Mas Selena não quis ouvir. Estava apaixonada e enfrentou a família toda para se casar com Cassiano.

– Deve estar por aí – respondeu Adriano sem interesse. – Deixe-a, que logo aparece.

– Não, Adriano. Prometi apresentá-la a seu irmão. Você sabe que ela está tendo problemas com o marido e quer se desquitar.

– Desquitar... Onde já se viu? Uma mulher querer se separar do marido. Vai é ficar falada, isso sim. Você não devia andar com ela.

– Deixe de ser preconceituoso. Selena não fez nada de errado. O marido é que não presta. Bate nela e não lhe dá dinheiro para nada.

– Ainda assim...  
– Não posso acreditar que você pense que isso é certo. Acha que o homem tem direito de bater na mulher?

Adriano hesitou. Ela tinha razão, mas ele era radicalmente contra o desquite. Considerava-o uma vergonha e, para ele, as mulheres desquitadas não passavam de ordinárias em busca de vida fácil.

– Bom... – balbuciou – ... certo, não é. Mas há outros meios de se resolver isso.

– Ah! é? E que meios, posso saber?

– Não sei. Eles podiam procurar ajuda...

– De quem? De algum conselheiro sentimental? De um padre?

Antes que Adriano pudesse responder, Selena veio se aproximando.

– Onde esteve, Selena? – indagou Adriano de má vontade. – Clarinha já estava quase tendo um chique por sua causa.

Selena ergueu as sobrancelhas em sinal de espanto e retrucou:

– Fui até o toalete.

Adriano, pouco à vontade com a sua presença, pediu licença e se afastou, indo conversar com alguns parentes.

– Venha – chamou Clarinha, depois que ele se foi. – Vamos procurar Fabrício.

Fabrício conversava com dois amigos quando elas se aproximaram, e Clarinha foi logo falando:

– Com licença, Fabrício. Será que poderia falar com você um minuto?

– É claro – respondeu ele educadamente.

Foram sentar-se num sofá, e Clarinha fez as devidas apresentações:

– Fabrício, creio que ainda não conhece minha prima Selena.

Ele estendeu a mão para ela, passando por cima do colo de Clarinha, e retrucou com polidez:

– Muito prazer, Selena.

– O prazer é todo meu – respondeu ela com um sorriso que o encantou.

Virando o rosto, desconcertado, ele acrescentou:

– Bem, o que posso fazer pelas senhoritas?

– Selena não é senhorita, é senhora... – Fabrício sentiu um leve desapontamento, mas não deixou transparecer nada, e Clarinha continuou a falar: – O marido dela, Cassiano, de uns tempos para cá, deu para beber, e sabe como é, às vezes perde a cabeça e...

Não terminou. Fabrício podia sentir o constrangimento de Selena ao ouvir as palavras da prima, expondo sua vida de forma tão despojada para um estranho.

– Bem, Fabrício – retomou Clarinha –, sei que você é advogado e que atua na área de família, e pensei se não poderia ajudar. Selena quer se separar, mas a família toda é contra, menos eu, é claro, e ela não possui dinheiro para pagar um bom advogado.

Fabrício olhou-a com interesse. Era uma moça extremamente jovem, não devia ter mais do que vinte e cinco anos.

– Tem certeza de que quer mesmo se separar? – tornou ele, dirigindo-se a Selena.

– Tenho sim. Cassiano mudou muito desde que nos casamos.

– E quando foi isso?

– Há quatro anos. Eu tinha dezoito anos.

– Dezoito? Quer dizer que tem apenas vinte e dois anos?

Ela balançou a cabeça e acrescentou:

- E tenho dois filhos.
- Isso não é tudo – prosseguiu Clarinha.
- Como assim?
- Bem, Fabrício, Cassiano tem provas que podem, digamos, incriminar

Selena, e ela pode vir a perder a guarda dos filhos.

- Que provas? O que ela fez?

Selena respirou fundo, encheu-se de coragem e, fazendo um gesto para Clarinha, atalhou:

- Cassiano tem fotos minhas na cama com seu irmão, Aníbal.

Fabrício abriu a boca, estupefacto.

- Mas isso não é o pior – prosseguiu Clarinha.
- As fotos foram tiradas em nossa cama, tendo ao lado o berço de meu filho mais novo, de apenas seis meses.

Aquilo era uma bomba. Fabrício sabia que, se Cassiano revelasse aquelas fotos, qualquer juiz lhe daria a guarda das crianças, por entender que Selena era uma mulher sem moral nenhuma que, além de trair o marido, fazia-o com seu próprio irmão e, o que era pior, em sua cama, ao lado do filhinho adormecido.

- Mas Carlinhos não estava no berço.
- Não?
- Não. Estranhamente, Cassiano levava as crianças para a casa de sua mãe naquele dia...

Fabrício, cada vez mais interessado, queria saber mais a respeito daquela história, mas a chegada de Adriano fez com que Selena se calasse, e ele não perguntou mais nada.

- Ah! vocês estão aí.

Clarinha estendeu a mão para Adriano, que se abaixou ao seu lado e deu-lhe um discreto beijo na face. Em seguida, sentou-se a seu lado no sofá e começou a puxar conversa, falando sobre a festa, a formatura, os convidados... Fabrício olhou discretamente para Selena, que olhava atentamente para o irmão. Após alguns minutos, o pai apareceu e o chamou e, antes de se afastar, chegou o rosto perto de seu ouvido e sussurrou:

- Espero-a amanhã em meu escritório às dez horas da manhã. Não falte.

No dia seguinte, quando Clarinha e Selena chegaram ao escritório de Fabrício, foram introduzidas em seu gabinete pela secretária, uma simpática senhora de seus cinquenta anos, que ele empregara logo após o desquite.

- Obrigado, dona Ofélia – disse ele com delicadeza. – Pode ir.

As moças entraram e ele as acomodou em duas poltronas de veludo, em frente à sua mesa.

- Muito bem – prosseguiu. – Agora que estamos mais à vontade, gostaria de conhecer o resto de sua história, Selena.

Com olhos úmidos, Selena tomou a palavra e continuou a narrativa que fora obrigada a interromper na noite anterior:

- Bem Fabrício, como estava lhe contando, na noite em que Cassiano nos flagrou na cama, ele havia levado as crianças para a casa de sua mãe. Eu achei estranho, porque ele nunca fez isso, mas não disse nada. Pensei que, porque as coisas entre nós já não iam bem, ele quisesse ficar um pouco a sós com os filhos, sem a minha presença. Fui muito ingênua. Hoje sei que ele armou tudo aquilo.

– Armou o quê?  
– Naquela noite, depois que ele saiu, eu estava na cozinha, lavando a louça do jantar, quando a campainha tocou. Fui atender, e era Aníbal, meu cunhado, que entrou perguntando por Cassiano. Disse-lhe que ele não estava, que havia ido à casa de sua mãe. Ele pediu para falar-me. Disse que há muito vinha observando o comportamento de Cassiano e que não aprovava nada do que ele fazia. Sabia que ele me batia e achava que eu devia deixá-lo. Comecei a chorar. Eu estava desolada, desiludida, sem apoio. Ninguém da minha família queria ou quer aceitar o desquite, e Aníbal parecia ser a única pessoa a me compreender.

– Na época – interveio Clarinha – eu não sabia o que estava acontecendo. Talvez, por ser solteira, ninguém me disse nada. E olhe que até sou mais velha!

Selena sorriu agradecida para Clarinha e continuou:

– Aníbal falava com tanta doçura que eu me emocionei e me deixei envolver. Não conseguia parar de chorar, e ele me abraçou, e começou a me acariciar. Estava carente, sentindo-me abandonada, e logo estávamos nos beijando. Sem que percebesse, ele me levou para o quarto. Como disse, Carlinhos dorme conosco, e o berço estava lá, bem ao lado da cama. Na hora, não pensei em nada. Só o que queria era me sentir amada, viva, e me deixei envolver cada vez mais...

Nesse ponto, ela parou e começou a chorar baixinho, e Clarinha segurou a sua mão, tentando transmitir-lhe forças. Fabrício, comovido, apertou um botão e chamou a secretária.

– Dona Ofélia, por favor, traga um copo d'água para dona Selena.  
– Sim, senhor.

Selena bebeu sofregamente e pousou o copo na bandeja, agradecida. Ofélia devolveu-lhe o sorriso e deu meia-volta, fechando a porta em silêncio.

– Sente-se bem para continuar? – quis saber Fabrício. – Se quiser, podemos deixar para outro dia.

Ela sacudiu a cabeça com veemência e objetou:

– Absolutamente, não. Vim aqui porque quero me desquitar, e é o que farei.

– Isso, Selena – encorajou Clarinha. – Você é uma mulher forte e corajosa. Vai conseguir.

Selena respirou fundo e continuou:

– Quero que saiba que não é nada fácil para mim narrar-lhe esses acontecimentos.

– Entendo – falou Fabrício compreensivo. – Mas, se quer que a defenda, tenho que conhecer toda a verdade. Se não quiser continuar hoje, entenderei. Volto a dizer que podemos marcar outro dia.

– Não, não. Quero acertar tudo hoje. Já estou melhor. – Fabrício ficou esperando, e ela continuou, a face já se cobrindo de rubor: – Nós estávamos... estávamos... – calou-se novamente, tentando ganhar coragem – ... estávamos, bem, nos amando... você entende...

Fabrício entendia e podia imaginar, e tranqüilizou-a:

– Não precisa ter medo ou vergonha de mim, Selena. Antes de tudo, sou um profissional e não estou aqui para julgar ninguém. Minha função é ajudá-la, não recriminá-la ou criticá-la.

Mais confortada, Selena continuou:

– A verdade, Fabrício, é que estávamos... no auge da relação. Eu estava tão envolvida com Aníbal que nem ouvi quando a porta se abriu. Mas o fato é

que Cassiano entrou com uma máquina fotográfica na mão, e só percebi a sua presença quando as luzes do *flash* estouraram em meu rosto. Abri os olhos, confusa, tentando entender o que estava acontecendo. Aníbal estava em cima de mim, mas parecia nem ligar e continuava a se movimentar... – nova pausa, novo choro. – Tentei desesperadamente empurrá-lo, mas ele não saía. Prendendo minhas mãos acima de minha cabeça, continuava a investir contra mim, enquanto os *flashes* continuavam espocando. Oh! céus, foi horrível!

Selena chorava descontrolada, e Clarinha levantou-se para abraçar a prima.

– Chi! Acalme-se, Selena, está tudo bem.

Aos poucos, Selena foi se acalmando. Nunca passara por uma situação tão difícil e constrangedora em toda sua vida. Depois que os soluços cessaram, continuou:

– Quando tudo terminou, Aníbal saiu de cima de mim e olhou para Cassiano, que nos fitava com ódio. “Cassiano”, ele disse, “o que está fazendo aqui?” “Seus cachorros!”, berrou Cassiano. “Deveria matá-los!” Eu estava apavorada. Aníbal, mais que depressa, apanhou suas roupas e fugiu pela porta aberta.

– E o que Cassiano fez depois disso? – inquiriu Fabrício, já percebendo o que acontecera.

– Começou a me xingar e me acusar de ordinária, prostituta e coisas do gênero. Eu queria morrer!

– As crianças estavam com ele?

– Não. Haviam ficado em casa de sua mãe.

– Por quê?

– Não sei. Ou melhor, desconfio. Ele disse que, se eu o deixasse, ele cuidaria direitinho para que o juiz lhe desse a guarda das crianças, e eu sairia daquele desquite escarnecida e humilhada.

– Por que ele não quer se desquitar?

Selena olhou para Clarinha, e agora foi a vez desta falar:

– Porque não quer perder a herança.

– Herança?

– Sim – concordou Selena. – Ele sabe que meus pais têm muito dinheiro e que eu só tenho uma irmã. Cassiano espera colocar a mão em minha herança quando eles morrerem.

– E está disposto a esperar a sua morte?

– Está. Meus pais já são meio idosos. Quase não nos ajudam, mas eu ainda sou herdeira. Ele consultou um advogado e sabe que meu pai não pode me deserdar só porque me casei com alguém que ele não aprovava. Isso é verdade?

– É sim. Os casos de deserdação são muito poucos e estão todos descritos na lei.

– Por isso não quer se separar. Tem medo de que não receba nada. E usa as fotos para me amedrontar. Disse que, se eu o largar, vai mostrar tudo ao juiz, e eu perderei meus filhos. Oh! Fabrício, não posso abrir mão de meus filhos!

– Acham que foi tudo armação?

– Estou certa que sim. Aníbal estava mancomunado com ele e com a mãe. Eles armaram tudo isso direitinho para me apanhar, e eu caí feito um patinho. E agora, vejo-me de pés e mãos atados.

– Há quanto tempo isso aconteceu?

– Há um mês.

– E de lá para cá, como é que seu marido a tem tratado?

– Muito mal. Quase não nos falamos mais. Ele está sempre de mau humor e grita por qualquer coisa. Bate em mim às vezes, e Selma, minha filha mais velha, morre de medo dele. E só tem três aninhos!

– E seus pais? Contou a eles?

– De jeito nenhum. Meus pais são muito rígidos e jamais me apoiariam numa situação dessas. Fariam de tudo para continuar mantendo as aparências.

– Mesmo sabendo que eles armaram tudo?

– Mesmo assim. E ainda que me apoiassem, iriam querer me dominar, e eu seria obrigada a fazer o que eles quisessem.

Fabrizio ficou pensativo por alguns minutos. A situação não era nada boa, mas ele não podia deixar de ajudar aquela pobre moça. Ela era tão jovem, tão inexperiente. Como é que fora cair naquela armadilha?

– Será que pode ajudá-la, Fabrício? – perguntou Clarinha. – Selena está sem um tostão. E o que tenho não é muito.

Encarando-a com olhar significativo, Fabrício considerou:

– É isso o que quer? – ela assentiu. – Então, está acertado. Defenderei sua causa e não lhe cobrarei nada. Mais tarde, se puder pagar, pague. Se não puder, não faz mal.

– Ah! Fabrício, obrigada. Nem sei como lhe agradecer.

– Mas quero que saiba que não será fácil. Cassiano tem provas robustas contra você, e será muito difícil retirar-lhes a credibilidade. Além disso, Aníbal irá testemunhar a favor dele.

– Não faz mal. Estou pronta para o que der e vier. Entrei nessa briga porque preciso recuperar a minha dignidade e auto-estima, sem abrir mão de meu maior tesouro, que são os meus filhos.

Já passava do meio-dia quando a entrevista se encerrou. Pensou em convidá-las para almoçar, mas mudou de idéia. Selena precisava pensar. Era um grande passo que estava dando, e ele não queria que ela pensasse que ele a estava ajudando porque tinha algum interesse nela.

## CAPÍTULO 7

Adriano tocou a campainha da casa de Clarinha e esperou até que a criada viesse atender. Ela morava num apartamento muito bonito, na Avenida Atlântica, de frente para o mar. A criada o introduziu na sala e mandou que aguardasse, e Adriano foi para a janela olhar a praia. Era sábado, e a praia já estava cheia àquela hora da manhã.

– Bom dia, meu querido – cumprimentou Clarinha, abraçando-o por trás.

Ele se virou e abraçou-a também, pousando-lhe um beijo carinhoso nos lábios.

– Olá, meu bem. Então? Tudo pronto? Podemos ir?

– Podemos sim.

A mãe dela apareceu na porta da sala e cumprimentou Adriano com um aceno de cabeça, indagando à filha:

– Vai sair?

– Vou à praia, mamãe. Até logo.

– Até logo, dona Elizete – repetiu Adriano.

Elizete respondeu com um sorriso e foi sentar-se no sofá, tocando a sineta e chamando a criada. Já no corredor do prédio, Clarinha desabafou:

– Minha mãe não muda mesmo...

– Como assim?

– Só quer saber de ir às compras, ao cabeleireiro, fuxicar sobre a vida dos outros...

– Ora, Clarinha, deixe-a. É de outra geração.

Alcançaram a calçada e atravessaram a rua, descendo para a areia. Escolheram um lugar perto da água e Adriano montou a barraca, enquanto Clarinha estendia as toalhas no chão. Depois que se acomodaram, ele comentou:

– E sua prima, como vai?

– Selena? Vai bem.

– Soube que meu irmão aceitou o caso.

– Ele foi muito compreensivo.

– Fabrício é um tolo sentimental.

– Como pode falar uma coisa dessas de seu irmão, Adriano? Ele é um excelente rapaz, muito digno e respeitador.

– Está se interessando por ele, é?

– Eu? – fez Clarinha surpresa. – Imagine, era só o que me faltava.

– Hum... não sei não. Do jeito que o defende.

– Pare com isso, Adriano. Está me ofendendo. Quem pensa que sou?

Arrependido, Adriano deu-lhe um beijo na testa e desculpou-se:

– Tem razão, querida, perdoe-me. Mas é que fiquei com ciúmes.

– Pois não precisa. Gosto de você, e você sabe disso. Seu irmão é um bom moço, reconheço, mas não tenho nenhum outro interesse nele que não seja uma pura amizade.

Embora enciumado, Adriano tentou disfarçar e falou em tom de confidência:

– Clarinha, será que posso lhe confidenciar uma coisa?

Ela o olhou preocupada e respondeu:

coisa.

- É claro que pode. Sabe que pode confiar em mim para qualquer

- O que vou lhe dizer, jamais tive coragem de contar a mais ninguém.

- O que é?

- É sobre Fabrício.

- O que tem ele?

- Não sei explicar, mas não consigo gostar dele.

Clarinha balançou a cabeça e respondeu compreensiva:

- Não precisa se culpar, Adriano. Isso acontece em muitas famílias. Não vou dizer que é natural, mas também não é nenhum bicho-de-sete-cabeças.

- Não, Clarinha, você não está entendendo. Sei que há muitos irmãos que não se dão, mas não é esse o caso. Sinto algo estranho com relação a Fabrício. Como se ele não fosse meu irmão e tivesse vindo para me tomar alguma coisa. Não sei definir.

- Deve ser impressão, porque não gosta muito dele.

- Não, não é. Não consigo nem explicar direito o que sinto, mas a vida inteira, senti em Fabrício uma ameaça.

- Como assim?

- Não sei definir. É uma sensação estranha, angustiante. Não é apenas uma antipatia. É algo que vem de dentro, uma quase inimizade.

- É tão sério assim?

- É. Ainda mais porque sinto que minha mãe o prefere a mim.

- Adriano...

- É verdade. Mamãe sempre tentou disfarçar. Não é que não goste de mim. Sei que me ama, mas Fabrício parece ser especial.

- Aí está. É ciúme.

- Não! Não é ciúme. É algo mais. Não sei dizer, e isso me atormenta. Por outro lado, papai sempre torceu tudo a meu favor. Desde crianças, papai sempre ralhava com ele por qualquer bobagem, ao passo que vivia justificando tudo o que eu fazia.

- Adriano, acho que você está fazendo tempestade num copo d'água. Sua mãe tem preferência por Fabrício, e seu pai, por você. Pode não ser a família perfeita, mas considero isso extremamente natural. E depois, o que importa é que, ainda assim, vocês se dão bem, não é?

- Mais ou menos. Nós não brigamos, é verdade, mas nunca fomos ligados. Sinto-o um estranho.

Clarinha encerrou o assunto com um beijo, e Adriano não insistiu. Ela não entendia. Nem mesmo ele entendia, e talvez fosse melhor mesmo não se preocupar com aquilo.

Dois dias depois, quando Adriano viu Fabrício em companhia de Selena, tomando um refrigerante num café no centro da cidade, sentiu que uma raiva incontrolável tomava conta dele. Será que aqueles dois estavam tendo um caso?

No café, Fabrício e Selena acertavam alguns detalhes para a separação. Era preciso juntar documentos, arranjar testemunhas, estudar bem o caso. Não queria que o juiz entendesse que Selena era uma mulher sem moral, que não tinha condição de criar os filhos. Reconhecia que as fotos seriam comprometedoras, ainda mais mostrando o berço do neném bem ao lado da cama onde o casal tivera relações. E se o juiz pensasse que, além de tudo, o bebê estava dormindo ali? Seria o fim.

- Teremos que pensar bem antes de agir – disse Fabrício preocupado. – Não quero dar nenhum passo em falso.

– Muito menos eu. Meus filhos são a coisa mais importante no mundo para mim. Se os perder, acho até que seria capaz de me matar.

– Deus me livre! Nem me diga uma coisa dessas.

– É verdade. Abro mão de tudo para ficar com meus filhos. Se tivesse dinheiro agora, daria tudo a Cassiano, desde que ele me entregasse aquelas fotos e sumisse.

– Não é assim que se resolvem as coisas, Selena.

– Com Cassiano, é sim. Ele só entende a linguagem do dinheiro. Não está nem aí para as crianças. Só o que quer é usá-las para enriquecer. Temo só de pensar no que ele poderia fazer se ficasse com elas.

– Onde estão nesse momento?

– Com a babá. Tenho uma mocinha que cuida deles para mim enquanto estou fora.

A conversa mudou de rumo e, como era natural, acabou se voltando para o lado pessoal. Selena fazia perguntas sobre as preferências literárias e musicais de Fabrício, seu time de futebol, sua religião...

– Sou espírita, Selena. Vou sempre a um centro com minha mãe e minha avó.

– Vai?!

– Por que o espanto? Não acredita?

– Não é isso... acredito...

– Acredita? Mesmo?

Selena já ia responder quando a chegada súbita de Adriano os interrompeu. Percebendo o olhar de Fabrício, a moça achou que não deveria comentar mais nada e se calou.

– Bom dia, irmãozinho – cumprimentou Adriano, com um certo tom de ironia na voz. – Já de prosa tão cedo numa segunda-feira?

Fabrício encarou-o com ar recriminador e redargüiu:

– Não cumprimenta Selena, Adriano?

– Ah! sim, minha boa educação... Como está, Selena?

– Muito bem, obrigada.

– Não vai trabalhar, Adriano?

– Vou. Estava de passagem e resolvi parar para cumprimentá-los. Você saiu tão cedo hoje de manhã que nem tive tempo de lhe dar bom dia.

Fabrício sorriu para ele, chamou o garçom e pediu a conta.

– Tudo bem, Adriano, mas já estávamos de saída.

Pagou a conta, apanhou os documentos que estavam sobre a mesa, puxou a cadeira de Selena e, segurando-lhe o braço, saiu com ela do café.

– Até logo, Adriano – atalhou Fabrício.

– Adeus.

Vendo-os se afastar, Adriano sentiu a raiva crescer dentro dele. O pai não iria gostar nada de saber que o irmão estava se envolvendo com uma mulher casada. Entrou no prédio em que funcionava a companhia de seu pai, tomou o elevador e foi direto até sua sala. Entrou sem nem bater, e Paulo, que ditava uma carta para a secretária, levou um tremendo susto quando o viu.

– Meu filho! O que houve?

– Papai, precisamos conversar.

– Agora?

– Agora.

Paulo pediu licença à secretária e, depois que ela saiu, olhou Adriano nos olhos e disse:

– Muito bem. Fale. O que aconteceu?  
– É o Fabrício, pai. Creio que está se envolvendo com aquela mulher. Onde já se viu? Uma mulher que é casada, que quer se desquitando do marido... Como pode? Será que Fabrício perdeu a vergonha? Podia ao menos tentar disfarçar.

– Ei, ei, vá com calma – pediu Paulo. – Do que é que está falando?  
Adriano desabou na cadeira e respirou fundo, tentando manter a calma.  
– Pai, estou lhe dizendo que acho que Fabrício está tendo um caso com Selena, prima de Clarinha.

O pai ficou encarando-o com ar de dúvida, até que considerou:  
– Por que diz isso?  
– Encontrei-os agora mesmo num café. Em plena rua do Ouvidor!  
– Meu filho – tornou Paulo em tom moderado –, seu irmão está cuidando do desquite dela, mas isso não significa que eles estejam tendo um caso.  
– Mas pai, você não vê? Isso ainda pode acabar prejudicando minha relação com Clarinha.

– Você está exagerando, Adriano.  
– Será que estou? Pense bem. É o seu nome que ele quer desmoralizar.

Paulo parou para refletir no que o filho lhe dissera. Embora achasse aquela preocupação um exagero, o fato é que também não simpatizara com a moça. Havia algo nela que não o agradava, e saber que ela e o filho poderiam se relacionar causou-lhe uma estranha sensação de mal-estar, um desconforto, um quase ciúme.

Sentindo que um estranho ódio começava a crescer dentro dele, Paulo acabou por concordar:

– Não se preocupe, Adriano. Se vai ficar mais tranquilo, falarei com Fabrício.

Adriano saiu do gabinete do pai satisfeito, e Paulo ficou pensativo. Conheceu Selena na festa de formatura do filho e não tivera nenhum contato com ela. Por que então não gostava dela? Sem saber explicar, atribuiu aquela antipatia ao fato de que ela estava se desquitando, o que ele considerava uma vergonha. Mas seria isso mesmo? Nem ele poderia dizer.

Enquanto tomava seu café, Fabrício lia calmamente o jornal da manhã e nem se mexeu quando Adriano entrou e passou por ele.

– Bom dia, Fabrício – falou Adriano, com mal disfarçada ironia.  
– Bom dia, Adriano – respondeu o irmão, sem desviar os olhos do jornal.

Sentou-se em frente a ele, ajeitou o guardanapo no colo e, enquanto se servia de café, perguntou:

– Vai encontrar Selena hoje?  
– Não sei, talvez.  
– Não acha que está exagerando, Fabrício?  
Ele soltou o jornal e encarou o irmão com ar grave.  
– Exagerando em quê?  
– Em seu interesse por esse caso.

Calmamente, Fabrício pousou o jornal sobre a mesa, sorveu um último gole do café, limpou os lábios com o guardanapo e se levantou para sair. Ao passar

pelo irmão, deu-lhe um tapinha no ombro, aproximou a cabeça de seu ouvido e respondeu baixinho:

– Você não tem nada com isso.

Adriano soltou a xícara, furioso, e deu um salto da cadeira.

– Você é muito atrevido!

– Atrevido é você, que vem me interpelar sobre coisas que não lhe dizem respeito.

Fuzilando de ódio, Adriano disparou:

– Escute aqui, Fabrício, se quer defender aquela ordinária, é problema seu. Embora não concorde, entendo que é a sua profissão. Mas envolver-se com ela, não! É uma vergonha!

– Não se meta com a minha vida, Adriano, não lhe dou esse direito.

Virou-lhe as costas e saiu, sem nem se dar ao trabalho de desmentir o que ele dissera sobre ter um envolvimento com Selena. Adriano não tinha nada com a sua vida, e ele não lhe devia nenhuma satisfação.

## CAPÍTULO 8

Naquela noite, em casa, Selena tinha mais uma de suas violentas discussões com o marido.

- Quem é o sujeito? – gritava Cassiano, o rosto transfigurado pelo ódio.
- Não sei de que sujeito está falando.
- Sabe sim! – berrava. – O Aníbal viu!
- Aníbal... Desde quando voltou a confiar em seu irmão?
- Não se faça de sonsa comigo, Selena, ou acabo com você!

Cassiano deu um murro na parede, e ambos ouviram um choro de criança.

- Fale mais baixo – falou Selena angustiada. – Vai acordar as crianças.
- Que se danem! Detesto choro de criança!

Os choros aumentaram, e Selena correu a seu quarto, segurando Carlinhos no colo e tentando acalmá-lo:

- Chi! Está tudo bem, amorzinho, mamãe está aqui.

Escutou um barulho na porta e viu a filha parada, chorando também. Selena estendeu o braço livre para ela e sentou-se na cama, ajeitando Selma a seu lado e envolvendo-a num abraço amigo e protetor.

- Papai tá bravo – falou ela com sua vozinha infantil.
- Não se preocupe, meu bem, já vai passar.

Ficou ninando Carlinhos, tentando fazer com que dormisse novamente, e deitou a cabecinha de Selma em seu colo. As crianças já haviam pegado no sono quando Cassiano apareceu.

– Não tente se esconder atrás das crianças, Selena. Solte-os e volte para a sala. Ainda não terminamos a nossa conversa.

- Psiu! Não vê que consegui fazê-los dormir novamente?
- Eu mandei soltá-los!

Cassiano arrancou Carlinhos do colo de Selena, e o menino pôs-se a berrar, enquanto Selma, apavorada, deu um pulo da cama e se abraçou à mãe, que tentava retirar o filho do colo do marido. Mais que depressa, Cassiano colocou o menino no berço e segurou Selma pelo braço, empurrando-a para cima da cama.

– Solte-os, seu animal! – berrava Selena, dando-lhe tapas na mão para proteger a filha.

Fora de si, Cassiano desferiu-lhe violenta bofetada no rosto, e Selena tombou sobre a cama, ao lado de Selma, que chorava apavorada, com medo da fúria do pai.

- Sua cadela! Ordinária!

Apanhou a mulher pelos cabelos, que lutava desesperadamente para se soltar, e saiu arrastando-a porta à fora. Selma e Carlinhos gritavam apavorados, mas Cassiano fechou a porta e ordenou:

- Fique aí, Selma. Se sair, vai apanhar também. E cale essa boca!

A menina engoliu o choro e ficou ouvindo o pai arrastar a mãe pelo corredor. Chegou perto do berço do irmão e, pelas grades, acariciou as suas perninhas, tentando fazer com que se calasse também.

Do lado de fora, Selena pedia a ele que a soltasse, mas Cassiano nem escutava. Cheirava a álcool e ódio. Com brutalidade, jogou a mulher sobre o sofá e desferiu-lhe diversos murros, e Selena sentiu o sangue escorrendo de sua boca. Já ia espancá-la novamente quando ouviu fortes batidas na porta:

– Abra! É a polícia!

Alguém ouvira a gritaria e chamara a patrulha. Aturdido, Cassiano olhou para Selena, como que a ameaçando. Fechou a mão e foi abrir.

– Sim? – perguntou com a porta entreaberta, impedindo que os policiais vissem o interior do apartamento.

– Alguém nos telefonou informando de uma briga.

– Briga? Aqui? Deve haver algum engano.

Sentada no sofá, Selena não ousava se mexer. Tinha vontade de correr e contar aos guardas que Cassiano era um monstro, que a espancava e aterrorizava os filhos. Contudo, tinha medo de sua reação. Ele seria preso, mas logo estaria solto de novo. E o que lhes aconteceria então?

– Está sozinho?

O policial tentava, a todo custo, olhar por cima do ombro de Cassiano, mas este não lhe dava chance, movendo o corpo para tapar-lhe a visão.

– Sozinho? – repetiu Cassiano. – Não. Minha mulher e meus filhos estão em casa.

Sabia que não adiantava mentir. Se o fizesse, eles poderiam tentar invadir a casa, e aí seria muito pior.

– Gostaríamos de falar com sua senhora, se não se importa.

Cassiano chegou para o lado, dando passagem para os policiais, que entraram na sala e avistaram Selena, agora mais recomposta, sentada no sofá com o rosto inchado e ainda sangrando. Um dos guardas olhou para ela e encarou Cassiano, indagando com rispidez:

– O que aconteceu aqui?

– Nada. Minha mulher caiu e bateu com o rosto na quina da mesa. Não foi, Selena?

Sempre a mesma desculpa. Um tombo da escada, a quina de um móvel, um buraco no caminho. Os policiais encararam Selena seriamente e continuaram:

– Isso é verdade, senhora?

Selena teve que se controlar para não se atirar nos braços daquele homem que lhe fazia perguntas com tanto interesse, mas conteve-se. Pelo bem dos filhos, era melhor que não reagisse. Sem coragem para encará-los, ela simplesmente balançou a cabeça em sinal afirmativo.

– E seus filhos, onde estão? – prosseguiu o policial.

– Dormindo – apressou-se Cassiano a responder.

– Sei.

O policial acercou-se de Selena, examinou o seu rosto e falou com um misto de autoridade e compreensão:

– Minha senhora, recebemos uma denúncia de que estava havendo agressões nesta casa. Contudo, nada vimos e não podemos dar nenhum flagrante. Somente com a sua palavra é que poderemos tomar alguma atitude. Por isso, respondanos, com sinceridade e sem medo: seu marido a espancou?

Selena chorava baixinho, apertando as mãos nervosamente. Sabia que os olhos de Cassiano estavam cravados nela e nem ousava encará-lo. Ainda sem levantar a cabeça, respondeu com voz sumida:

– Não. Deve ter havido algum engano. Como meu marido disse, eu caí...

O policial suspirou e balançou a cabeça, resignado. Já vira aquilo muitas vezes, e não havia nada que pudesse fazer. As mulheres sentiam medo de denunciar os

maridos, e isso só servia para aumentar ainda mais a violência deles. Sem ter mais o que fazer, virou-se para o companheiro e chamou:

– Vamos embora, Souza, não há nada que possamos fazer. Obrigado, senhor, e desculpe – e, virando-se para Selena, finalizou: – Pense bem no que está fazendo. Um dia, pode ser tarde demais para se defender...

Sob o olhar furioso de Cassiano, os policiais saíram. Ele se aproximou novamente de Selena, sentou-se a seu lado e, dando-lhe tapinhas no joelho, elogiou:

– Muito bem, Selena. Portou-se como uma verdadeira esposa... E agora, vamos ao que interessa. Quem era aquele sujeito?

Ela não respondeu e ele levantou a mão novamente, fazendo com que ela se encolhesse toda no sofá. No entanto, a visita dos policiais o intimidara, e ele fechou a mão, apertando os dedos.

– Não quero bater em você, Selena, mas você me obriga. Por que não me diz logo quem é o sujeito e acaba com essa agonia?

Ela o fitou com desgosto. Sabia que ele estava falando de Fabrício. Na certa, Aníbal os vira no café no dia anterior e contara tudo a Cassiano. Mas ela não podia contar-lhe nada. Se lhe revelasse a verdade, ele era bem capaz de matá-la.

– Já disse que não havia sujeito algum – insistiu. – Aníbal se enganou. Não era eu.

Ele balançou a cabeça, ajoelhou-se ao seu lado e, segurando-lhe o queixo com violência, ameaçou:

– Vou lhe dar um conselho, Selena. Seja quem for esse sujeito, afaste-se dele. Caso contrário, das duas uma: ou eu acabo com você, ou sumo com nossos filhos.

Apavorada, Selena se levantou e correu para o quarto, trancando a porta. Carlinhos, cansado de tanto chorar, acabara por adormecer novamente, e Selma, deitada no chão ao lado do berço, também pegara no sono. Vendo os filhos ali jogados, sufocou um grito de angústia e correu para eles. Ergueu a menina no colo e levou-a para a cama, ajeitando-a entre os lençóis. Alisou seus cabelos, molhando-os com suas lágrimas, deu-lhe um beijo amoroso e foi ver Carlinhos. Apalpou seu bumbum, sentindo a fraldinha cheia, trocou-o cuidadosamente, estreitou-o contra o peito e deitou-o novamente no berço. E orou. Deus havia de os ajudar.

Quando Ofélia lhe passou a ligação, Fabrício mal podia crer no que estava ouvindo.

– É verdade, Fabrício – dizia Selena. – Não vou mais continuar. Agradeço o seu empenho em me ajudar, mas não será mais necessário.

– Mas Selena, nós mal começamos. Por que desistiu assim tão depressa?

– É que não quero me separar.

– Mas... mas... como pode continuar casada com um homem feito Cassiano?

– O amor tem dessas coisas...

– Amor? Não acredito. O que foi que houve? Conte-me, vamos. O que foi que ele lhe fez? Ele a ameaçou?

Selena emudeceu do outro lado da linha, e pareceu a Fabrício que ela estava chorando.

– Ele... não fez nada... – balbuciou entre disfarçados soluços. – Obrigada, Fabrício.

Desligou. O que estaria acontecendo? Fabrício pensou em ligar de volta, mas tinha medo de que o marido dela atendesse e batesse nela. Preocupado, retirou o fone do gancho novamente e ligou para Clarinha. Ela estava no trabalho, e ele não sabia o telefone da empresa onde trabalhava.

Chamou Ofélia a seu escritório, e ela, vendo o seu abatimento, indagou preocupada:

- O que houve?
- A senhora nem imagina o que aconteceu, dona Ofélia.
- O que foi?
- Selena dispensou os meus serviços.
- O quê? Mas por quê?
- É o que gostaria de saber. Ela veio com uma história de que amava o marido e que havia desistido da separação.
- Não será verdade?
- Não creio. Ela estava decidida a deixá-lo. Alguma coisa deve ter acontecido para ela mudar de idéia.
- Será que o marido a ameaçou?
- É possível...
- E agora? O que pretende fazer?
- Não sei. Queria falar com a prima dela, Clarinha, mas ela está no trabalho, e eu não sei o número de lá.
- Por que não liga para sua casa à noite?
- Ela é noiva de meu irmão, e tenho medo de que ele esteja com ela e perceba que sou eu ao telefone. Isso poderia lhe causar algum tipo de problema, já que Adriano não gosta nem um pouquinho de Selena.
- Posso ligar para ela mais tarde, se o senhor quiser.
- A senhora? É, talvez seja uma saída. Assim, Adriano não vai desconfiar de nada.

Mais tarde, naquele mesmo dia, Ofélia ligou para a casa de Clarinha. Quando ela atendeu, a secretária falou:

- Alô, dona Clarinha? Como vai? Aqui quem fala é Ofélia, secretária do doutor Fabrício... Bem... o doutor Adriano está aí com a senhora?... Não?... Sei... Escute, o doutor Fabrício está aqui e precisa falar-lhe... É, é sobre dona Selena sim... Pode encontrá-lo?... Hoje?... A que horas?... Sei... Sei onde fica... Até logo.
- E então? – perguntou Fabrício ansioso.
- Ela vai encontrá-lo num bar lá no Leblon.

Fabrício tomou o automóvel e se dirigiu para o local indicado. Clarinha já havia chegado e estava sentada a uma mesa, tomando uma coca-cola. Cumprimentou-o, e ele se sentou em frente a ela. Pediu um suco de laranja, esperou até que o garçom o servisse, e foi só então que Clarinha indagou:

- Muito bem. O que aconteceu?
- É o que gostaria de saber.
- Como assim?
- Sabe o que aconteceu com Selena?
- Não, o quê?
- Não sei. Estou tentando descobrir. Ela me telefonou hoje cedo dispensando os meus serviços.
- O quê? Ela fez isso?
- Fez sim. E sem dar maiores explicações.

Fabrcio contou tudo o que acontecera, e Clarinha ficou alarmada. Conhecia Cassiano o suficiente para saber que ele deveria ter aprontado alguma. Era preciso tomar alguma atitude, e ela trataria de ajudar.

– N3o se preocupe. Amanh3a mesmo falarei com ela. Ela n3o me disse nada, mas tenho certeza de que n3o mentir3a para mim.

Combinaram tudo e foram embora. Clarinha ainda tentou ligar para Selena quando chegou 3a casa, mas Cassiano atendera e dissera que ela j3a estava dormindo. Desligou preocupada. Teria mesmo que esperar at3e o dia seguinte.

Sentada diante da prima, Selena n3o dizia nada. O marido tirara f3erias no serviço e passava quase todos os dias em casa, tomando conta de todos os seus passos.

– Aceita mais uma x3cara de caf3e? – perguntou Selena polidamente.

– N3o, obrigada. J3a tomei o bastante.

Cassiano estava sentado em frente 3a televis3o, fingindo prestar at3enç3o no seriado *O Gordo e o Magro*, rindo de suas tolices e bebendo seu d3cimo copo de cerveja. Carlinhos, sentado no cercadinho, levava seus mordedores 3a boca, enquanto Selma brincava com uma boneca que Clarinha acabara de trazer.

– Por que n3o me ligou mais? – sondou Clarinha, tentando parecer casual.

Selena olhou discretamente para Cassiano, que n3o tirava os olhos do aparelho de TV. Embora n3o parecesse, ela sabia que ele estava prestando at3enç3o a tudo o que ela dizia.

– Bem, Clarinha, 3e que estou sem tempo. Tenho que olhar as crianç3as, e Cassiano est3a de f3erias.

– O que houve com seu rosto? – indagou de estalo, n3o conseguindo mais conter a curiosidade e a revolta diante da mancha roxa que se estendia desde o olho esquerdo at3e a maç3a do rosto, al3m dos l3bios inchados e feridos.

Selena levou um susto e se ajeitou na cadeira. Olhou novamente para Cassiano, que ria abertamente, dando tapinhas no peito para n3o sufocar de tanto riso.

– Eu ca3i... – respondeu insegura.

– Caiu? Onde?

– Na quina da mesa – atalhou Cassiano, mais que depressa.

– Que mesa?

– A mesa da sala.

Clarinha olhou e balançou a cabeç3a, tornando com estudada displic3ncia:

– Sabe, Selena, vim aqui convid3-la para dar um passeio. Voc3e e as crianç3as.

– Selena n3o pode sair – repreendeu Cassiano de onde estava. – Ainda n3o terminou o serviço de casa.

– Ora, mas ela pode terminar depois.

– N3o pode n3o. Tem que arrumar a casa, dar banho nas crianç3as, preparar o jantar...

– Desculpe-me, Cassiano, mas quer me parecer que voc3e quer manter sua mulher prisioneira aqui. Ser3a que 3e isso mesmo?

Cassiano lançou um olhar de tanto 3dio para Clarinha que ela estremeceu. No entanto, n3o podia perder a compostura com ela, ou ela seria bem capaz de dar parte dele na pol3cia. Se aqueles guardas batessem ali novamente, seria dif3cil convenc3-los de que n3o havia nada.

– 3 claro que n3o, Clarinha – respondeu com um sorriso sem graç3a. – Mas que id3ia!

– Então, não vejo por que não possa ir.  
– Nem eu. Ela pode ir, se quiser. Mas falo isso porque sei que ela não quer. Não é, Selena?

Antes que ela pudesse responder, Clarinha se adiantou:

– Quer sim. Está um dia bonito e podemos dar uma volta. Ir à praia, quem sabe? Além do mais, as crianças precisam de sol.

Ouvindo a referência feita a elas, Selma se animou e começou a bater palminhas, pedindo com inocência:

– Quero ir! Quero ir! Quero ir com tia Clarinha... Vamos, mamãe?

O olhar que Cassiano lhe lançou já dizia tudo. Selena queria ir mas, ao mesmo tempo, achava que devia recusar.

– Obrigada, Clarinha, mas não posso mesmo...

– Ah! mamãe, por quê?

Selena olhava da filha para o marido, tentando não olhar para a prima, que não se deu por vencida.

– Pois eu digo que pode. E não aceito um não como resposta. Vamos, Selena, levante-se daí e vá se aprontar. Eu a ajudarei com as crianças. Precisamos preparar a bolsa de Carlinhos, levar algumas roupinhas para Selma também.

– Mas... mas...

– Nada de mas. Mais tarde eu a trarei de volta. E depois, não vejo por que ficar aqui. Cassiano está tão entretido com seus programas na TV que nem vai dar pela sua falta.

Ele espumava de ódio, mas não disse nada e teve que concordar. Selena se levantou, apanhou Carlinhos e chamou Selma para irem se arrumar. No quarto das crianças, Clarinha colocou tudo o que pôde dentro da bolsinha do bebê: fraldas e roupas para os dois.

– Não, Clarinha – objetou Selena –, não precisamos levar tantas roupas para Selma. Ela já não se suja tanto assim. Mas tenho que levar mamadeiras, chupetas, o talquinho, a pomada...

Clarinha fez um gesto com a mão para que ela deixasse aquelas coisas ali e fizesse como ela estava lhe ordenando. Embora sem entender, Selena obedeceu. Depois, foram para seu quarto, e Clarinha preparou-lhe a bolsa de praia. Mandou que ela apanhasse roupas de baixo e mais um vestido, que ela enfiou na bolsa de qualquer jeito. Selena já começava a compreender o que estava acontecendo e quis retroceder. Não podia fugir. Não daquela maneira.

– Não tenha medo – falou Clarinha, com tanta convicção, que ela retrocedeu. – Nada irá lhes acontecer.

Aprontaram tudo, pegaram as crianças e saíram. Selena deu um *até logo* para Cassiano, já da porta da rua, que ele mal respondeu. Apenas quando ela já estava fechando a porta foi que ele falou:

– Olhe lá o que vai fazer, hein? Não quero encrencas.

Mais que depressa, Clarinha conduziu-os para seu automóvel. Acomodou Selma no banco de trás e Selena na frente, com Carlinhos no colo. Tomou a direção e deu partida no motor.

– Clarinha, para onde é que vamos?

– Não se preocupe, Selena, vai dar tudo certo. Estou levando-a embora. Isso não pode continuar assim.

– Mas Cassiano...

– Cassiano não vai fazer nada contra você. Nem saberá onde está. Ficarão em segurança, você e as crianças.

Selena olhou pela janela do carro, sentindo um alívio no peito. Sabia que podia confiar em Clarinha. Sem saber por quê, sabia que podia confiar em seu destino. Uma voz íntima lhe dizia que atravessaria uma tempestade, mas que o sol brilharia com muito mais intensidade depois.

O carro estacionou na garagem da casa de Inês, e Selena saltou, ajudada por Clarinha, trazendo nos braços Carlinhos, adormecido, e Selma, que olhava tudo maravilhada. Lá de dentro, Inês e Fabrício vieram correndo e se espantaram com os ferimentos no rosto de Selena. Ela estava muito machucada, cheia de hematomas e arranhões, mas ninguém fez nenhum comentário.

Fabrício foi o primeiro a falar:

- E aí, Clarinha, deu tudo certo?
- Deu. Cassiano ficou meio contrariado, mas não teve como impedir.
- Só quero ver a cara dele quando Selena e as crianças não voltarem à

noite.

- É verdade.

Vendo o olhar de espanto de Selena, Fabrício se adiantou:

– Selena, deixe que lhe apresente. Essa é minha avó Inês, e é aqui, na casa dela, que você e as crianças vão ficar.

– Muito prazer, Selena – falou Inês, estendendo-lhe a mão, que ela pegou meio sem jeito.

- Prazer...

– Deixe-me ajudá-la com o bebê – Inês pegou Carlinhos no colo, descobriu o seu rostinho e falou embevecida: – Oh! mas que coisinha linda!

Sem que percebesse, o espírito de Helga se aproximara, e Inês, captando-lhe a emoção de muitos anos atrás, teve uma sensação estranha, uma espécie de *déjà vu* que a emocionou sobremaneira. Imediatamente, lágrimas lhe vieram aos olhos, e ela encarou Fabrício, que nada percebera, imaginando uma cena semelhante, há mais de vinte anos, quando sua filha, atônita, retirava dos braços da desconhecida o inocente bebezinho.

Inês sentiu que lhe puxavam a barra da saia e olhou para baixo, dando de cara com o rostinho ingênuo de Selma, que lhe endereçou um sorriso meigo e cativante.

- Oi, vovó, sou a Selma...

– Menina! – censurou a mãe. – Que intimidades são essas com dona Inês?

– Ora, deixe, Selena – contemporizou Inês. – Gostaria mesmo de ser a vovó dessas lindas crianças. E agora, vamos entrando. Vovó Inês vai preparar um lanche bem gostoso para você – finalizou, dando-lhe um leve beliscão na bochecha.

Enquanto ela se afastava com Carlinhos no colo e Selma a seu lado, os jovens se dirigiram para a sala de estar e, depois de acomodados, Selena, que até então não havia entendido nada, argumentou:

– Será que vocês agora podiam me explicar o que é que está acontecendo? Clarinha me disse que estava nos levando embora. Mas como?

– Selena – tranquilizou Fabrício –, não se preocupe. Está entre amigos. Cassiano jamais pensará em procurá-la aqui.

- Mas você sabe que não posso fugir.

- Você já fugiu – corrigiu Clarinha.

- Não! Vocês não podem me obrigar! Não sabem o que passei.

– Selena, ouça – revidou Clarinha. – Não estamos querendo obrigá-la a nada. Você é tão livre para partir quanto o foi para vir. Mas pense bem. Seu marido a

espancou na frente de seus filhos, não foi? – ela aquiesceu, sufocando um soluço. – Então? O que está esperando? Que ele comece a espancá-los também?

– Não, isso não!

– Pois então, o que você tem a fazer é afastar seus filhos dele. Não vamos obrigá-la a ficar e, se quiser partir, eu mesma a levarei de volta. Mas pense que poderá não ter essa chance novamente.

– Mas nem trouxe roupas suficientes.

– Isso não é problema – acrescentou Fabrício. – Clarinha lhes arranjará algumas roupas, para você e as crianças.

– Ouçam... entendo o que estão querendo fazer por mim. Mas não vai dar certo. Ainda que Cassiano não me encontre, não posso viver fugida pelo resto da vida. Não posso me esconder, esconder meus filhos. Eles precisam sair, ser livres, ir à escola, passear...

– Se nós os trouxemos para cá – rebateu Fabrício –, foi exatamente para lhes assegurar essa liberdade. A vocês três. Amanhã mesmo entraremos com a ação de desquite.

– Não, Fabrício, não posso. Se bem me lembro, disse-lhe ao telefone que não queria mais me desquitar.

– Disse. Mas não acredito. Duvido muito que você ainda ame Cassiano. Ainda mais depois do que ele lhe fez – concluiu, apontando para as faces da moça, que desatou a chorar.

– Oh! que vergonha! – lamentou, ocultando o rosto entre as mãos.

– Vergonha é um homem bater na esposa – retrucou Clarinha revoltada.

– Onde já se viu? E ele ainda teve o desplante de me dizer que ela caiu e bateu com o rosto na quina do móvel. Que desfaçatez!

– Canalha! – exclamou Fabrício, mal contendo a raiva. – Vai ter o que merece.

– Não, por favor! – implorava Selena. – Vocês não sabem do que ele é capaz.

– Bem se vê do que é capaz. É capaz de espancar mulheres e aterrorizar criancinhas. Mas quero ver o que fará diante de um homem de verdade.

– Fabrício tem razão. Homens assim são extremamente covardes e só enfrentam os mais fracos. Mas, diante de um igual, tratam logo de dar o fora.

– E agora? – indagou Selena. – O que vai fazer?

– Bom, eu não esperava encontrá-la nesse estado mas, já que você foi espancada, podemos tirar proveito disso.

– Como?

– Você vai comigo agora mesmo à delegacia registrar a ocorrência.

Selena levou a mão à boca, sussurrando aterrorizada:

– Não posso...

– Pode sim. Antes, porém, vai nos contar tudinho exatamente como aconteceu.

Selena hesitou. Sentia vergonha de ter apanhado do marido, ainda mais sem reagir.

– E as fotos? – tornou ela, tentando arranjar uma desculpa para não enfrentar o problema.

– Deixe isso comigo – declarou Fabrício.

– Vamos, Selena, conte-nos o que aconteceu – estimulou Clarinha. – Só o que queremos é ajudá-la.

Inês entrou na sala sozinha, e Selena deu um salto, perguntando alarmada:

– Onde estão as crianças?

– Não se preocupe, estão bem. Carlinhos dormiu e eu o coloquei em minha cama, cercado por milhões de travesseiros e almofadas. E Selma está com a Bibiana lá no quarto que foi de Flávia, vendo suas antigas bonecas.

– Fique tranqüila – asseverou Fabrício. – Bibiana é empregada de vovó há séculos, não é vovó?

– É sim. Está comigo desde antes da guerra.

– Muito bem, Selena – insistiu Clarinha. – Por que não nos conta agora o que realmente aconteceu?

Selena olhou cada um daqueles rostos que a fitava com um misto de piedade e revolta, mordeu os lábios, respirou fundo e começou a narrar o que havia lhe acontecido. Disse-lhes que Aníbal a havia surpreendido no café, em companhia de Fabrício, e que contara a Cassiano, que ficara furioso. Como negara tudo, dizendo que Aníbal se enganara, Cassiano bateu-lhe com uma violência fora do comum, trancando as crianças dentro do quarto. Contou-lhes da chegada da polícia e de seu medo de falar a verdade, terminando com as ameaças do marido de lhe tomar os filhos.

– Ah! Fabrício – finalizou em lágrimas. – Sinto muito se sou covarde, mas não posso ficar sem meus filhos, não posso! Ainda mais porque tenho medo do que Cassiano é capaz de fazer a eles.

Fabrício balançou a cabeça, compreensivo. Ninguém se atrevia a dizer nada. Estavam todos emocionados com o drama daquela jovem mãe, que lutava desesperadamente para manter os filhos a seu lado. Inês sabia o quanto devia ser difícil a dor da separação, ainda mais naquelas circunstâncias, em que nada a justificava.

Pensou no quanto a mãe de Fabrício deveria ter sofrido ao entregá-lo nas mãos de sua filha. No entanto, fizera-o por uma causa nobre. Abrira mão daquele a quem mais amava para salvar-lhe a vida.

– Selena – começou ela a dizer –, sou a mais velha aqui e posso dizer com certeza que sou a mais experiente também. Já vi e ouvi muitas coisas, algumas das quais me cortaram o coração, como isso que se passou com você. Contudo, em todos esses anos, aprendi uma coisa muito importante: aprendi a confiar. Deus existe e nos ama a todos, e está em toda parte, zelando pelo nosso bem-estar. Por isso, confie. Confie em que a justiça está do seu lado e não se preocupe com o que seu marido tem contra você nem com as suas ameaças. Ele não vai lhe tirar os filhos. Tenha certeza.

– Como pode saber, dona Inês?

– Acredite no que ela diz – aconselhou Fabrício. – Minha avó é espírita e médium, e se fala com tanta certeza, é porque algum amigo de planos mais elevados a está inspirando. Você mesma me disse que acreditava em espiritismo. Por que duvidar?

Selena abaixou a cabeça e começou a chorar. Estava morrendo de medo de perder os filhos mas, por outro lado, sentia que precisava fazer alguma coisa, ou Cassiano seria bem capaz de maltratá-los também. Mas Fabrício estava certo, e ela retrucou:

– Acredito que exista uma força que nos guia a todos e creio também na presença dos espíritos em nossas vidas. Está bem. Vou confiar em vocês e farei o que for preciso para salvar meus filhos das mãos daquele monstro.

– Confie primeiro em você – corrigiu Inês. – Confie em sua capacidade, em sua coragem, em sua determinação. Sinta-se merecedora da felicidade, não tenha medo de desejar ser feliz.

– Não sei se mereço ser feliz...

– Você merece, todos merecemos. Nosso Pai colocou a felicidade no mundo para que a alcançássemos, sem medos ou culpas. Não é errado querer ser feliz. Errado é aceitar a tristeza como parte da vida, porque a vida começa num momento de alegria, que é o que toda mãe sente ao ver seu filho nascer. Você, que já é mãe, pense nisso. Lembre-se da felicidade que sentiu ao ver seus filhos pela primeira vez e busque reencontrá-la e trazê-la para dentro de você. Então, poderá irradiá-la para eles também.

– Não posso fazer isso, dona Inês. Sinto que, nesse momento, nada tenho a lhes oferecer além do meu amor.

– E quem precisa de mais do que o amor?

Selena calou-se pensativa. Aquela mulher lhe dizia palavras muito sábias e encorajadoras, e ela, de repente, passou a se sentir forte, capaz de enfrentar a tudo e a todos para salvar, não apenas os filhos, mas a si mesma. Estranhamente, sua insegurança começou a ceder lugar a uma sensação de confiança, uma certeza de que estava entre pessoas que tudo fariam para ajudá-la. Calmamente, enxugou as lágrimas, assoou o nariz e, encarando Fabrício bem fundo nos olhos, afirmou:

– Têm razão. Vou lutar pela nossa felicidade. Minha e de meus filhos. Cassiano não tem o direito de me tratar como se eu fosse propriedade sua – levantou-se decidida e, ainda olhando para Fabrício, chamou: – Vamos? Quero ir agora mesmo contar tudo ao delegado.

O nome de Fabrício já era bastante conhecido no meio jurídico, até mesmo nas delegacias, talvez até por influência de seu pai e de seu avô. Além disso, era um advogado honesto, dedicado, profundo conhecedor das leis e da jurisprudência e, o que era mais importante, sabia se impor pela dignidade e o respeito.

Assim, não teve problemas na delegacia. O delegado prontamente chamou o escrivão, que tomou nota do depoimento de Selena e, em seguida, encaminhou-a para o exame de corpo de delito. O médico perito examinou Selena com atenção e constatou diversos hematomas, escoriações e equimoses. Mesmo com seus muitos anos de prática e experiência, ficou impressionado com a violência dos golpes, imaginando que obra do destino havia impedido que o homem a matasse.

Selena se submeteu a tudo com enorme constrangimento, mas a presença de Fabrício a seu lado transmitia-lhe segurança e a certeza de que estava fazendo o que era certo. A todo instante, pensava nos filhos e em como seria bom poder conviver com eles sem medo, assegurando-lhes um futuro decente e livre do terror e da tortura mental que o pai lhes infligia.

De posse do boletim de ocorrência, onde constavam as declarações de Selena, do laudo pericial e do relatório dos policiais que haviam ido à casa de Selena, Fabrício ajuizou a ação de desquite judicial, narrando detalhadamente as humilhações e maus tratos a que ela fora submetida. Despachada a petição inicial, Fabrício orou e pediu a Deus que fosse distribuída a um juiz justo e livre de preconceitos, que pesasse bem as provas e os argumentos contra Cassiano, e que não se deixasse levar pela impressão que aquelas fotografias nefastas iriam causar.

## CAPÍTULO 9

Cassiano ficou louco. Desde o dia em que ela se fora e não reaparecera, quase desesperou. Pensou em procurar a polícia, mas mudou de idéia, lembrando-se da visita que os policiais lhe haviam feito no outro dia. Na certa, lembrar-se-iam dele e entenderiam por que Selena havia fugido com os filhos.

Pedi ajuda ao irmão.

- Foi aquela cadela! – vociferou Cassiano, já alterado pelo álcool.
- Quem? – indagou Aníbal com curiosidade.
- Aquela prima dela, a Clarinha, lembra-se dela?
- Clarinha? Lembro sim. Estava no seu casamento, não estava?

Aquela gostosa, de cinturinha fina.

- Essa mesma. Tenho certeza de que foi ela.
- Por quê?
- Porque foi ela quem levou Selena e as crianças.

Rapidamente, Cassiano narrou ao irmão a visita de Clarinha e como havia saído com a mulher e seus filhos, embora contra a sua vontade.

- E agora? O que é que vamos fazer?
- Não sei. Mas preciso reaver as crianças.
- Tem alguma idéia de onde ela possa estar?
- Nem imagino.
- Podemos *apertar* a tal de Clarinha, se você quiser.
- Ficou louco? Quer parar na cadeia, é? Não, nada disso. Não

podemos fazer nada contra a lei.

Aníbal soltou uma gargalhada e tornou zombeteiro:

- Desde quando você respeita a lei?
- Desde que me interessei por uma certa herança.
- Ah! agora sim. E o que pretende fazer?
- Posso procurar Clarinha e fazer um escândalo. Estou no meu direito.

Ela sumiu com meus filhos e tem que me dar conta deles.

- É assim que quer ficar dentro da lei?
  - O que é que tem? Não vou bater em ninguém. Só vou exigir
- satisfações.
- Sabe onde ela mora?
  - Sei.
  - Então, vamos até lá.

No dia seguinte, bem cedo, saíram rumo à casa de Clarinha. Como o edifício era muito elegante, o porteiro não os deixou entrar, o que só serviu para aumentar ainda mais a sua raiva. Ocultaram-se atrás de uma árvore e ficaram à espreita. Cerca de meia hora depois, Clarinha apareceu. Desceu as escadas da portaria e foi caminhando em direção à rua. Como era costume, Fabrício passava por ali todas as manhãs e lhe dava uma carona até o trabalho, que ficava perto do seu.

Quando ela se aproximou da árvore em que estavam escondidos, os dois saltaram à sua frente:

- Olá, Clarinha, como vai? – perguntou Cassiano com ar debochado.
- Está bêbado a essa hora da manhã, Cassiano? – observou ela com

desdém.

- Isso não é da sua conta. Assim como minha família também não é.

Ela sentiu um leve tremor e olhou para a portaria, mas o porteiro, sentado à sua mesa, conferia a correspondência e nem a vira passar.

– O que quer de mim, Cassiano?

– Escute aqui, gostosa – interveio Aníbal com ar ameaçador –, só o que queremos é saber onde eles estão. Por que não pára de dar uma de difícil e entrega logo o jogo?

Clarinha sustentou o olhar de Aníbal e respondeu com desdém:

– Anda acompanhado de capangas agora, Cassiano?

Aníbal cerrou os punhos, mas Cassiano o conteve. Tomando a dianteira, esclareceu:

– Aníbal é meu irmão. Devia lembrar-se dele.

– Não, não lembro. E nem faço questão. E agora, se me dão licença, preciso ir trabalhar, se é que sabem o que é isso.

– Escute aqui, sua ordinária! – esbravejou Aníbal. – Não pense que só porque é riquinha pode fazer o que bem entende. Trate logo de devolver Selena e as crianças. Cassiano é o pai, tem o direito de saber onde estão.

– Não sei do que está falando.

– Não se faça de cínica, Clarinha – objetou Cassiano. – Você os levou de casa e não os trouxe de volta.

– Quer dizer que eles sumiram?

– Vai dizer que não sabe?

– Não, não sei. Deixei Selena com as crianças na porta do prédio às seis horas. Se ela resolveu fugir depois, não é problema meu. Aliás, é bem-feito para você.

Nesse momento, Adriano parou o carro junto ao meio-fio, e Clarinha suspirou aliviada.

– Clarinha – chamou ele. – O que está acontecendo aí?

– Até logo – disse Clarinha para os dois, dando a volta no carro e entrando no lugar do carona, branca feito uma cera. – Vamos embora.

Enquanto Adriano colocava o automóvel em movimento, ainda ouviram a voz de Cassiano que, furioso, gritava e gesticulava as mãos:

– Clarinha, diga onde está Selena! Isso não vai ficar assim. Quero...

Com a distância, não puderam ouvir as últimas palavras de Cassiano. Clarinha tremia feito um bambu, e Adriano passou o braço ao redor de seus ombros, puxando-a para perto de si e perguntando assustado:

– Clarinha, o que foi aquilo? Quem eram aqueles homens? – ela quis disfarçar, mas ele se adiantou: – Por que estavam perguntando por Selena?

Vendo que não tinha como mentir, viu-se obrigada a contar-lhe a verdade. Ao menos parte dela.

– É Cassiano, marido de Selena, e o outro é seu irmão. Vieram em busca de minha prima.

– Por quê? Ela está hospedada em sua casa?

– Não. Pelo que pude compreender, ela sumiu.

– Sumiu? Por quê?

Clarinha sentiu-se tentada a contar-lhe a verdade. Afinal, Cassiano quase matara a mulher, estava aterrorizando e traumatizando os filhos, e ela acreditava que agora ele deveria dar-lhe razão. Contudo, a voz de Adriano se fez ouvir novamente:

– Bom, seja o que for que tenha acontecido, não é problema seu. E depois, se ela sumiu mesmo, ele está coberto de razão em querer saber onde ela está.

– Adriano! Ele deve ter feito alguma coisa muito grave para que isso acontecesse. Conheço Selena e sei que ela não tomaria uma atitude dessas se não fosse por um motivo muito forte.

– Que motivo? O que pode justificar uma mulher que abandona o marido e o lar?

– Não sei. Ele pode ter batido nela, por exemplo. Vai me dizer que acha isso certo?

Adriano considerou. É claro que aquilo não era certo, mas muito menos certo era uma mulher querer se desquitar.

– Bem, Clarinha, certo não é. Claro que não. Homem que bate em mulher é covarde. Contudo, volto a dizer que não creio que isso seja motivo para separação.

– Como pode dizer uma coisa dessas, Adriano? O que espera que ela faça? Que se deixe matar?

– Não... claro que não... – ele estava confuso e começava a ceder. – Tudo bem, você tem razão...

– Até que enfim!

– Mas isso é mais um motivo para você se afastar dela.

– Como é que é?

– É isso mesmo, Clarinha. Cassiano maltrata Selena? Que ela então se desquite, tudo bem. Mas que arque com as conseqüências de seu ato depois.

– Como assim?

– Sabe que as mulheres desquitadas são mal vistas, assim como vai ficar mal vista quem andar com elas. Por isso, não quero que você se aproxime mais de Selena.

– Pare com isso, Adriano! Não vou permitir! Selena é minha prima e minha amiga, e não vou abandoná-la num momento difícil só por causa do seu preconceito.

– Mas Clarinha, você viu aqueles dois. Eram dois marginais. Quer se envolver com gente desse tipo?

– Selena não tem nada a ver com eles. É uma moça honesta e direita. Não tem culpa se o marido bebe e bate nela.

– Mesmo assim, não quero você envolvida com ela. É para o seu próprio bem.

– Absolutamente não, Adriano! Não vou permitir que mande em mim e decida o que é ou não para o meu bem. Gosto de Selena, ela é minha amiga e não pretendo deixar de falar com ela, quer você goste, quer não.

– Prefere ela a mim?

– Não se trata disso. Você é meu noivo e eu o amo. Mas gosto também de Selena e pretendo fazer tudo o que estiver ao meu alcance para ajudá-la.

– Mesmo que isso me aborreja?

– Mesmo assim. Não estou fazendo nada para aborrecê-lo. Pelo contrário. Gosto de você e quero que vivamos bem. Mas se quer se aborrecer, o problema é seu, não meu.

– Vai brigar comigo por causa dela?

– Não estou brigando com você. Você é que parece querer brigar comigo. Pare de implicar com Selena e tudo ficará bem.

– Não estou implicando com ela. Mas é que acho que não fica bem.

– Ora, Adriano, por que tem que ser tão preconceituoso? Por que não é como seu irmão?

– Ah! eu devia imaginar! Quer dizer agora que Fabrício é que é legal, e eu sou um idiota, não é mesmo? Se é assim, por que não termina tudo comigo e fica logo com ele?

– Pare com isso, Adriano! Não ponha palavras na minha boca!

– Pelo visto, Fabrício conquistou sua admiração, não é? – ela não respondeu. – Não é?

– Se quer mesmo saber, eu o admiro sim! Ao menos não é preconceituoso e mesquinho feito você!

Adriano silenciou. Estava com tanto ódio que seria capaz de uma loucura se continuasse. Onde já se viu, Clarinha agora querer se passar para o lado do irmão? Será que se enganara sobre ele e Selena, e aqueles dois é que andavam de namorico? Não, não podia ser. Ele e o irmão podiam não se dar muito bem, mas Fabrício não se atreveria. Ou será que se atreveria?

Clarinha também se calou. Estava furiosa com Adriano, decepcionada com o seu preconceito. Como é que podia amá-lo mesmo assim? Tinha esperanças de que ele mudasse, de que abrisse os olhos para o mundo e passasse a enxergar um pouco além de seus problemas cotidianos. Mas ele parecia resistir. Preferia se manter apegado àqueles conceitos distorcidos e distanciados dos verdadeiros valores do espírito.

Ela o amava muito e pretendia se casar com ele. Por isso, não gostava quando brigavam. Mas também não podia abandonar Selena. A prima contava com ela, com o seu apoio. Contudo, se Adriano descobrisse onde ela estava, era bem capaz de entregá-la a Cassiano. Precisava tomar cuidado. Em hipótese alguma, ele devia sequer desconfiar do lugar onde ela estava escondida.

Ainda bem que não visitava muito a avó. Aliás, fazia quase um ano que não aparecia, desde a festa de seu último aniversário. Não seria agora que iria resolver aparecer.

O domingo amanheceu com chuva, e Adriano, que havia programado ir à praia com Clarinha, apanhou o telefone e discou o número de sua casa:

– Alô? A Clarinha está, por favor?... Não?... Sabe aonde foi?... É, sou eu mesmo, Adriano... Não, não precisa, obrigado... Até logo.

Colocou o fone no gancho e foi para a janela, preocupado. Clarinha andava muito esquisita. Há uma semana que não falava direito com ele e quase não parava em casa. Tentou saber o que estava acontecendo, mas ela respondia sempre com uma evasiva. E agora, esquecia por completo o compromisso que tinha com ele.

Foi juntar-se aos pais na copa, para o desjejum.

– Onde está Fabrício? – perguntou.

– Saiu cedo – respondeu Flávia, servindo o filho de uma xícara de café.

– Quer uma torrada?

Adriano sentiu uma pontada de ciúmes. Será que saíra com Clarinha?

– Sabe aonde foi?

– Não tenho certeza – respondeu Paulo –, mas acho que foi visitar sua avó. Ouvi-o falando alguma coisa ela ao telefone.

– Vovó Dulce?

– Não, sua avó Inês.

Flávia olhou-os discretamente. Nem tivera tempo de intervir. Desde que Fabrício escondera aquela moça em casa da mãe, pedira-lhe segredo, e ela jurara não falar nada a ninguém. Paulo não aprovaria e, na certa, Adriano também não. Mas agora o marido, sem saber de nada, acabara de colocar a moça em risco, e ela estremeceu.

– Acho que vou dar um pulo lá – falou Adriano.

Não estava com a menor vontade de visitar a avó. Contudo, precisava saber se Fabrício estava mesmo lá. E, se estivesse, iria fazer-lhe companhia até que fosse embora. Só assim não lhe daria chance de ir se encontrar com ela pelas suas costas.

– Por quê? – indagou Flávia surpresa. – Você quase não visita sua avó.

– É que Clarinha saiu, e está chovendo. Não vai dar praia mesmo, então, pensei em fazer-lhe uma visita.

– Não! Não deve ir.

Paulo olhou-a surpreso e retrucou:

– Por que não, Flávia? O que tem demais Adriano ir visitar a avó?

– Nada... isto é... mamãe não está bem... acho que é gripe...

– E daí? Fabrício não foi? Por que não posso ir também? Por acaso não sou seu neto também? Ou só Fabrício pode ir visitá-la?

– Não é nada disso, meu filho. Sabe o quanto sua avó gosta de você.

– Então, não sei qual é o problema. Assim o tempo passa mais depressa.

Adriano terminou de tomar o café e foi trocar de roupa, voltando logo em seguida com as chaves do carro na mão. Beijou a mãe e o pai e saiu.

Flávia ficou apreensiva. Esperou até que Paulo terminasse também e dirigiu-se para seu quarto. Apanhou o telefone e discou o número da casa da mãe. Precisava avisar que Adriano ia para lá.

Em casa de Inês, foi um alvoroço. Selena, sem saber o que fazer, queria se trancar no quarto e ficar bem quietinha, mas seria difícil conter as crianças, que logo delatariam sua presença ali. Fabrício ficou preocupado e pensou em ir embora. Talvez assim ele mudasse de idéia e fosse embora também. Clarinha, por sua vez, estava bastante preocupada:

– Se Adriano souber que estou aqui, vai querer me matar.

– Não exagere, Clarinha – objetou Fabrício. – O que tem demais?

– Ficamos de ir à praia hoje.

– Mas está chovendo!

– Mesmo assim. Na certa, ele ligou para minha casa e não me encontrou. Deve ter ficado chateado. Afinal, eu deveria ter avisado que faltaria ao nosso compromisso.

– Ele é que deveria ter suposto que você não iria à praia com chuva – tornou Fabrício indignado. – Não é nada difícil de adivinhar.

– Não. Eu é que não deveria ter vindo. Mas tinha que saber como estavam as coisas. Devia ter telefonado...

– Agora não adianta se lamentar – ponderou Inês. – O melhor que temos a fazer é sair.

– Todos nós?

– Não. Apenas Clarinha, Selena e as crianças.

– Mas, dona Inês – objetou Selena –, para onde é que vamos? Está chovendo, não podemos ficar andando por aí com duas crianças.

– Vamos dar uma volta de carro até que ele vá embora.

– Como saberemos que ele já se foi?

– Deixarei a luz da varanda acesa enquanto ele ainda estiver aqui sugeriu Inês. – Depois que ele se for, apagarei a luz, e Clarinha poderá voltar sem problemas. Enquanto isso, ficam rodando por aí. Sei que não é nada agradável, mas não temos escolha.

- Está certo. Vamos, Selena, apanhe as crianças.

Rapidamente, colocaram as crianças no carro, abriram o enorme portão de ferro e saíram para a rua. Cerca de dez minutos depois, o automóvel de Adriano dobrava a esquina, parando em frente ao casarão da avó. Ele buzinou, e Fabrício, fingindo surpresa, veio abrir, para alívio de Adriano. Escancarou o portão para que o irmão passasse com o carro e fechou-o novamente, deixando de trancar o cadeado, certo de que o irmão logo iria embora.

- Adriano, que surpresa! – exclamou ele, logo que o irmão estacionou atrás, na garagem – O que faz aqui?

- Estava em casa entediado. Vim papear um pouquinho.

- Coisa rara, hein? Você vir aqui...

Fabrício passou na frente, enxugou os pés no carpete e entrou, com Adriano logo atrás. Ao passar pela porta, porém, notando a luz da varanda acesa e, julgando que a avó havia se esquecido de apagá-la pela manhã, deslizou a mão pela parede ao lado da porta e, encontrando o interruptor, desligou-o rapidamente, num gesto tão mecânico que, nem ele se deu conta, nem ninguém percebeu o que fizera.

O tempo foi passando, e nada de Adriano ir embora. Fora até ali para vigiar Fabrício e era o que faria. Sentou-se na sala comodamente, pediu um refresco e pôs-se a conversar sobre o sucesso dos Beatles, os filmes de Alfred Hitchcock, o último romance de Jorge Amado. Ninguém agüentava mais aquela conversa. Todos estavam preocupados com Clarinha, obrigada a dirigir por aquelas ruas molhadas. Só o que os consolava era a luz acesa na varanda, sinal de que ainda não podia voltar. E estavam tão certos de que ela estaria acesa que nem sequer pensaram em ir se certificar.

Depois de duas horas de papo, Adriano pediu à avó para telefonar. A chuva tinha aumentado, e ele precisava saber se Clarinha já havia voltado. Apanhou o telefone e ligou para sua casa, mas ela não estava.

- Que coisa! – disse ele aborrecido.

- Algum problema, meu filho? – quis saber Inês.

- Não, vó, está tudo bem. É que Clarinha resolveu desaparecer.

Fabrício e Inês se entreolharam, e a avó procurou confortá-lo:

- Tenho certeza de que nada de mau lhe aconteceu.

Do lado de fora, Clarinha vinha chegando. Haviam ido tomar um sorvete e vinham de volta para ver se Adriano já se fora. Chovia forte, e ela passou devagarzinho pela porta do casarão de Inês e olhou.

- A luz está apagada! – gritou Selena.

- Ufa! Graças a Deus! Ele já foi. Podemos entrar agora.

Clarinha parou o automóvel em frente ao portão e desceu. Não estava trancado, e ela puxou a corrente, escancarando-o. Voltou para o carro correndo, já toda molhada, engatou a marcha e entrou. Foi guiando devagar, até que parou em frente à porta de entrada.

- Vou ajudá-la com as crianças. Depois coloco o carro lá atrás e volto para fechar o portão.

Saltou novamente e abriu a porta do carona, dando passagem para Selena, que correu para a varanda com Carlinhos no colo, todo enrolado na manta para não se molhar. Depois, abriu a porta de trás e ergueu Selma, correndo com ela escada acima. Rapidamente, meteu a mão na maçaneta e escancarou a porta, entrando esbaforida com a menina, seguida por Selena.

Estacaram abismadas. Fabrício e Inês, surpresos, ficaram sem reação, e Adriano, erguendo-se do sofá, olhava-as com estupor.

- Mas o que significa isso? – perguntou Adriano apalermado.

Mais que depressa, Fabrício recuperou-se do susto, colocou-se entre o irmão e Clarinha e tratou logo de ir justificando:

– Adriano, Clarinha não tem culpa de nada. Foi tudo culpa minha...

Adriano não lhe deu ouvidos. Furioso, passou por Clarinha feito uma bala, correndo em direção ao carro. A moça, ainda atônita, colocou Selma no chão e saiu atrás dele, seguida por Fabrício e por Inês, que implorava:

– Adriano! Escute-me, Adriano. Venha cá, meu filho, não vá embora assim!

– Vocês são todos uns fingidos, traindo-me pelas costas! – rosnou, enquanto se sentava ao volante.

Clarinha chegou logo depois e colocou a mão no vidro, tentando falar com ele:

– Não faça isso, Adriano, vamos conversar.

Vendo Clarinha parada ao lado de Fabrício, seu coração disparou. De repente, tudo se esclareceu. O irmão aceitara ajudar aquela vadia da Selena só por causa de Clarinha. Por isso ela não lhe contara onde a prima estava escondida, mentindo para ele, fingindo que de nada sabia. Como não pensara nisso antes? Na certa, o estavam traindo. E sua avó era a alcoviteira! Se não, não se prestaria ao papel de acobertar aquela pouca vergonha!

Não conseguindo conter o ódio, entreabriu o vidro do carro e vociferou:

– Vocês devem ter se divertido muito às minhas custas, não é mesmo?

– Como assim? – indagou Clarinha atônita.

– Pensa que não sei que são amantes?

Ligou o carro e saiu em disparada, passando rente ao carro da noiva, ainda parado em frente à varanda. Clarinha, magoada, fitou Fabrício com os olhos cheios de lágrimas. Como Adriano podia pensar uma coisa daquelas? Não sabia que o amava?

Sem dizer nada, Fabrício correu para seu carro e entrou, seguido por Clarinha, que entrou do outro lado. Mais que depressa, virou a chave, engatou a primeira e arrancou, derrapando pela chuva.

– Meu Deus! – gritou Inês. – Tenham cuidado!

Chovia torrencialmente. Adriano, fora de si, tomou o caminho que conduzia ao Alto da Boa Vista. Não pensava em nada. Não podia ir para casa, só o que queria era fugir. Mais atrás, Fabrício o seguia de perto. O irmão estava equivocado, fazendo uma idéia errada a seu respeito, e ele não podia deixar que as coisas ficassem assim. E depois, estava transtornado. Não devia sair dirigindo daquele jeito. Precisava fazê-lo parar para conversarem. Depois de tudo esclarecido, Clarinha podia voltar dirigindo seu carro, até que ele se acalmasse.

– Oh! Fabrício! – choramingou Clarinha – Como ele pôde pensar uma coisa dessas?

– O ciúme é mau conselheiro, Clarinha. Mas não se preocupe, vamos esclarecer tudo.

Começavam agora a subir. À toda velocidade, Adriano ia fazendo as curvas sinuosas, sem diminuir ou reduzir, e Fabrício começou a se alarmar.

– Seria melhor que fosse com calma. A estrada aqui é perigosa. Ainda mais com um tempo desses.

Clarinha nem ousava respirar. Com cautela, Fabrício tentava segui-lo de perto, mas era obrigado a diminuir nas curvas para não derrapar. O carro de Adriano foi seguindo em disparada, até que alcançou o cume da montanha e passou pela pracinha do Alto, começando então a descer.

– Aonde é que ele vai? – indagou Fabrício, cada vez mais preocupado.

Pensaram que ele iria parar na pracinha, mas não. Adriano nem diminuía. Descia a montanha feito um louco, tirando finos de árvores e do meio-fio. Ladeando a estrada, a Floresta da Tijuca se estendia imponente, semi-oculta pela neblina que começava a descer.

Adriano nem se dava conta do que fazia. Continuava correndo, acelerando cada vez mais, sem se importar com as derrapagens que quase matavam Fabrício e Clarinha de susto. Descia alucinado, dando guinadas com o volante para não sair da estrada sinuosa. Até que, depois de uma curva mais fechada, o chão molhado, aliado ao óleo derramado pelos demais veículos, funcionou como um sabão, e o carro derrapou e rodou duas vezes, deslizando para a pista do outro lado.

Adriano, apavorado, ainda pisou no freio. Mas não adiantava. O carro não obedecia mais ao seu comando, e o volante pareceu travado em suas mãos. Rapidamente, foi vendo o fim da pista se aproximar, até que o carro deu um solavanco e subiu o meio-fio, indo despencar, de frente, no precipício e para a morte.

Mais atrás, Fabrício e Clarinha assistiam a tudo aterrados. Sem nada poder fazer para impedir a tragédia, o rapaz parou o carro logo após a curva, e ambos ficaram olhando, como que vidrados, sem poder tirar os olhos daquela cena que mais parecia saída de um filme de terror. Ouviram o barulho da batida, quando o carro arrastou o fundo no meio-fio, e ficaram impotentes, cobertos de horror, vendo o automóvel sumir por entre o capim que encobria a beira do precipício, até que escutaram um ruído seco, depois outro e, por fim, apenas o barulho da chuva.

## ***CAPÍTULO 10***

Nada mais havia que pudesse ser feito. Adriano perdera a vida naquele acidente trágico, e toda a família chorava sua dor. Flávia teve que ser hospitalizada, vítima de uma crise de nervos que nem a permitiu comparecer ao enterro. Embora acreditasse na sobrevivência do espírito, perder o filho ainda tão jovem fora para ela um golpe duro demais.

O choque foi imenso para todos, e poucos dias depois do funeral, a família parecia haver se desestruturado. Paulo, intimamente, acusava Fabrício pelo acidente. Quando soube o que realmente havia acontecido, passou a culpar o filho pela tragédia, julgando-o o único responsável pelo desatino de Adriano.

Quando, finalmente voltou ao trabalho, estava cabisbaixo, triste, endurecido. Suas feições, marcadas pela dor, ocultavam uma revolta que já não conseguia mais esconder de si mesmo. Tudo fora culpa de Fabrício. Maldita hora em que o adotara!

Sentado só em seu escritório, olhando pelo vidro da janela os carros pequeninhos na rua lá embaixo, escutou batidas na porta e disse sem interesse:

– Entre.

Era Marcos, o cunhado, que vinha com alguns papéis na mão. Ele puxou a poltrona defronte a ele, acomodou-se, pousou os documentos sobre a mesa e, encarando-o com compreensão, falou:

– Paulo, se já estiver se sentindo melhor, preciso discutir algumas cláusulas contratuais com você.

Marcos era diretor financeiro da empresa, um homem muito dedicado e competente, e Paulo estava satisfeito com o seu trabalho. Naquele momento, contudo, olhou-o como se não o conhecesse e respondeu sem muito interesse:

– Está bem. Vamos lá.

Fazia as coisas maquinalmente. Perdera o filho a quem amava, e aquela perda era irrecuperável. Entretanto, precisava continuar seus negócios e fez o possível para que ninguém percebesse a mágoa e o ressentimento que lhe iam na alma.

Em casa, mais refeita, Flávia tentava entender o que havia acontecido. O apoio de Fabrício e da mãe fora fundamental em sua recuperação, e ela começou a se sentir mais confortada, certa de que aquela perda não fora casual, mas programada por Adriano por uma razão que ela desconhecia.

Ela estava sentada na sala, conversando com a mãe, quando Olívia veio avisar que Clarinha estava ali para vê-la.

– Faça-a entrar.

Clarinha entrou meio sem jeito, cumprimentou a ambas, pediu licença e se sentou, olhos pregados no chão, sem coragem para dizer o que há tanto havia programado.

– Dona Flávia... – começou após alguns minutos de constrangedor silêncio. – Vim aqui para lhe prestar o meu apoio... e para que me perdoe...

– Não precisa se desculpar, minha filha – cortou Flávia em tom compreensivo. – Sei que não foi culpada de nada. As coisas aconteceram da forma como tinham que acontecer.

– Mesmo assim. Se não tivesse ido à casa de dona Inês naquele dia...

Desatou a chorar. Quando saíra de casa, jurara a si mesma que não iria chorar. Mas não agüentara. Também estava sofrendo muito e não conseguia esconder.

– Tenha calma, menina – falou Inês bondosamente. – Se você não tivesse ido à minha casa naquele dia, outro motivo levaria Adriano àquele acidente. Nada acontece por acaso.

– Pensa mesmo assim?

– Tenho certeza.

Ela olhou discretamente para Flávia, abatida, jogada sobre o sofá, e sentiu um aperto no coração. Dirigindo-se a ela, prosseguiu:

– Dona Flávia, quero que saiba que eu amava muito seu filho... – ela parou de falar, embargada pelo pranto. – Não sei de onde ele tirou a idéia de que Fabrício e eu... – nova pausa, novos soluços – ... de que Fabrício e eu somos amantes... Isso não é verdade, não é!

– Eu sei, minha querida. E ninguém está pensando isso. Adriano sempre teve uma certa rivalidade com o irmão. E era ciumento.

– Mas eu não fiz nada...

– O ciúme não precisa de motivos. Basta a insegurança, o medo, o apego. Quando se tem certeza do verdadeiro amor, não há motivos para ser ciumento.

– Sou uma moça direita, dona Flávia.

– Ninguém está dizendo o contrário. Você está se justificando à toa.

– É isso mesmo – concordou Inês. – Não precisa ficar se desculpando.

Não estamos zangadas nem magoadas com você. Entendemos perfeitamente os seus sentimentos por Adriano.

– Eu só queria ajudar... Queria ajudar minha prima. Ela está numa situação difícil.

– Sabemos disso também. Tanto que ela continua em minha casa até hoje. Se eu não estivesse certa das suas intenções, ou das dela, jamais teria permitido que ficasse comigo.

– Obrigada... – murmurou Clarinha, a voz embargada pela emoção.

– Esteja certa de que entendemos o seu sofrimento – tornou Flávia. – E você será sempre bem vinda em nossa casa.

– Obrigada novamente, dona Flávia. Mas não quero que as pessoas pensem que venho aqui por causa de Fabrício.

– As pessoas não têm que pensar nada – rebateu Inês. – Não é problema delas. E se pensam, não se importe. O que vale é a sua consciência.

Clarinha saiu da casa de Flávia mais tranqüila e se sentindo menos culpada. Embora soubesse que não desejara nem causara o acidente, sentia remorsos por não haver colocado Adriano a par do que estava acontecendo. Se tivesse lhe contado a verdade, talvez nada daquilo tivesse acontecido. Mas ele era contra, radicalmente contra sua aproximação com Selena. Até que concordava com o desquite, já que o marido lhe batia. Mas achava que Selena não era companhia para ela e deveria assumir sozinha sua condição de desquitada, isolando-se da sociedade, como se de repente, de uma hora para outra, fosse se desquitar também de seus valores e princípios.

Inês lhe dissera que o acidente teria ocorrido de qualquer maneira. Que já estava programado. Mas como? Quem é que programaria uma coisa daquelas? E por quê? Aqueles mistérios eram por demais confusos para ela. Fabrício acreditava em vida após a morte, em reencarnação, em livre-arbítrio do espírito. Seria aquilo verdade? Estaríamos nós predestinados à nossa sorte ou tínhamos a liberdade de escolher, construir e modificar nossos destinos? Ela não sabia e estava confusa.

Chegando à casa, resolveu telefonar para Selena. Sabia que ela estava se envolvendo com o espiritismo e pensou se não seria bom trocarem umas idéias. Discou o número da casa de Inês, mas a linha estava ocupada, e ela recolocou o fone no gancho,

para aguardar mais alguns minutos, até que a porta da frente se abriu e a mãe entrou. Vinha carregada de embrulhos, tropeçando nos saltos dos sapatos, que a atrapalhavam ao caminhar com tantos pacotes.

– Clarinha! – exclamou esbaforida. – Por que não vem me ajudar?

A moça soltou um suspiro e se levantou vagarosamente, mas a criada já vinha chegando lá de dentro, toda solícita, e apanhou os embrulhos, caixas e sacolas que ela carregava.

– Leve tudo para o meu quarto e deixe em cima da cama – ordenou. – Depois irei arrumar.

– Sim, senhora – respondeu a criada.

Depois que ela saiu, Clarinha falou em tom de censura:

– Mamãe, por que não pode ser mais gentil? Custa pedir por favor e dizer obrigada?

Elizete fez um muxoxo e acrescentou com desdém:

– Ora, minha filha, deixe de bobagens. Eles já estão acostumados.

Clarinha não respondeu e apanhou o telefone, discando novamente o número da casa de Inês.

– Para quem está ligando? – perguntou a mãe com curiosidade.

A linha continuava ocupada, e Clarinha pressionou o gancho, esperando novo sinal, e respondeu de má vontade:

– Para uma amiga.

– Que amiga?

– Mamãe, não tem nada para fazer não? Ir ao cabeleireiro, à manicure?

– Deixe de ser implicante, Clarinha. Perguntei só por perguntar – ela fez uma pausa estudada e continuou: – E Fabrício, como vai?

Com o fone no ouvido e discando, Clarinha encarou-a com surpresa e retrucou:

– Não sei. Acho que vai bem. Por que pergunta?

– Bem, minha filha, eu estive pensando. Adriano era um excelente partido mas, infelizmente, se foi. No entanto, o irmão...

Clarinha bateu com o fone no gancho, com raiva, levantou-se e, dedo em riste, esbravejou:

– Pare com isso, mãe! Nem se atreva a dizer o que está pensando! Eu amava Adriano, e Fabrício é meu amigo. Não faça insinuações descabidas!

Friamente, Elizete se levantou e, encarando a filha com ar de malícia, retrucou irônica:

– Eu não estou insinuando nada. Foi Adriano mesmo quem insinuou. Apenas pensei que já era hora de você parar de brincar de mulher de negócios e se dedicar ao seu verdadeiro papel de esposa e de mãe.

– O quê? O que está dizendo, mãe? Ficou louca, é?

– Não, não fiquei. Mas andei conversando com seu pai. Você quis fazer faculdade, tudo bem, nós deixamos. Quis trabalhar, nós também permitimos. Mas tudo porque você estava noiva de Adriano e ia se casar. Mas agora que ele morreu, achamos que você deve começar a pensar em um outro noivo e se casar realmente. Chega de brincar de trabalhar.

– Brincar de trabalhar? Mas isso é um disparate!

– Ora, vamos, minha filha, seja razoável. Você pensa que nós concordamos em lhe dar estudo e permitimos que trabalhasse para que se tornasse uma solteirona? Claro que não. Fizemos a sua vontade. Mas agora chega. Já estudou, já trabalhou. Não acha que agora está na hora de levar a vida realmente a sério?

Clarinha mal podia crer no que estava ouvindo. O pai e a mãe pensavam que ela trabalhava por mero capricho, por distração, por brincadeira. Era uma humilhação.

– Mamãe... – balbuciou, tentando controlar a raiva – se pensa que trabalho por distração, está enganada. Trabalho porque gosto do que faço e porque quero ser independente. Gosto de ter o meu próprio dinheiro.

– Você não precisa disso. Seu pai pode lhe dar tudo. E seu marido continuará lhe dando o que quiser. Para que se inferiorizar num empreguinho qualquer?

– Empreguinho? Mãe! Trabalho numa grande empresa exportadora. Sou assessora do diretor executivo. Como pode chamar de empreguinho?

– É apenas uma secretária de luxo, nada mais. Não fosse por seu pai, seria esse o nome que dariam ao seu cargo, e não o de assessora.

– O quê? Como assim?

– Ora, vai dizer que não sabe? – ela balançou a cabeça. – Como pensa que conseguiu esse emprego?

– Deixei o meu currículo no departamento pessoal...

– E por que acha que a chamaram? Por sua competência? Ora, vamos, Clarinha, caia na realidade. Ninguém a conhecia. Você era uma moça recém-formada, inexperiente. Não achou estranho ocupar um cargo tão alto?

Clarinha estava confusa e atordoada. O que a mãe lhe dizia era uma barbaridade. Mas seria verdade? Ela bem que estranhara ter sido chamada tão rapidamente. Contudo, movida pelo entusiasmo, nem questionara nada. Pensava que a tivessem escolhido por haver freqüentado uma boa faculdade, o que era indício de uma boa base.

Subitamente, porém, a verdade caiu sobre ela como um raio. Enquanto ia digerindo aquela revelação, a mãe não parava de falar:

– Pois foi seu pai quem lhe arrumou esse emprego. Quando soube que você havia colocado seu currículo lá, telefonou para o doutor Aureliano, que é seu amigo, e conseguiu a colocação para você. Mas agora chega. Chega de brincar de mulher de negócios...

Nem terminou a frase. Clarinha saiu correndo da sala e foi apanhar a bolsa, ganhando a rua em desespero. Tirara a tarde de folga para poder ir à casa de Flávia e pensou em voltar à empresa para tirar satisfações. Mas, de que adiantaria? Se aquilo era verdade, seu chefe a trataria com frieza e telefonaria a seu pai, explicando o ocorrido. Não. Precisava pensar numa maneira de sair daquilo com dignidade. Pediria demissão.

Mais tarde, naquele mesmo dia, foi bater à porta da casa de Inês. Quando ela viu a moça entrar, admirou-se com seu ar abatido, mas pensou ainda ser consequência da entrevista que haviam tido mais cedo.

– Clarinha! – surpreendeu-se Selena. – O que foi que houve?

Ela desabou na poltrona e contou tudo à prima e à Inês, confessando-se decepcionada e sem esperanças. De uma só vez, perdera o noivo amado, o emprego e a confiança na família.

– Não se atormente – consolou Inês. – Na vida, não se perde nada. Trocam-se experiências. Quando alguma coisa se vai, é porque não precisamos mais dela, e uma outra melhor irá aparecer.

– Queria mesmo acreditar nisso – respondeu Clarinha desanimada. – Hoje cedo, depois que conversamos, tentei ligar para Selena. Sei que também se tornou

espírita e pensei em esclarecer algumas coisas. Mas o telefone só dava ocupado, e eu desisti. E depois, não acredito mesmo.

– Não acredita? Pois devia.

– Como? Perdi Adriano, e não se pode dizer que não precisava mais dele. Precisava e muito.

– Será mesmo? Será que vocês já não haviam terminado o tempo que haviam programado juntos?

– Não estou entendendo. Não programei nada.

– Hoje, não. Mas ontem, quando no mundo espiritual, vocês devem ter traçado as primeiras linhas de suas encarnações. E aqui, somente aconteceu o que vocês determinaram.

– Mas como pode dizer que não precisava mais dele? Preciso dele até hoje.

– Depende de como encare as coisas. Você pode pensar que precisa, porque ainda está apegada a Adriano. Contudo, para o seu crescimento, o desenvolvimento de seu espírito e do dele, esse envolvimento não é mais necessário. O que vocês precisam agora é de outras experiências. Ele, no mundo espiritual. Você, aqui na terra, seja com outro namorado, seja enfrentando a vida sozinha, seja batalhando pelo seu trabalho.

– Não é tão simples assim como diz.

– Pode não ser. Eu também sofri, porque Adriano era meu neto e eu o amava. No entanto, tenho consciência de que ele cumpriu mais uma etapa em sua jornada evolutiva e vou rezar para que possa se desincumbir da próxima. E isso, sem deixar de amá-lo ou sentir saudade dele.

– Não acha que há um contra-senso no que diz? Como pode aceitar a sua partida e sentir saudades dele ao mesmo tempo?

– Se você tivesse um filho que fosse estudar na Europa, por exemplo, o que você faria? Não deixaria que fosse, sabendo que era o melhor para ele naquele momento?

– É claro que sim. Mas isso é diferente.

– Não é não. Você aceitaria a sua partida com naturalidade, embora sentisse saudades dele. Mas não ficaria desesperada nem angustiada, porque teria a certeza de que ele estaria estudando para o seu progresso, não é mesmo?

– Continuo achando que é diferente. Nesse caso, ele estaria vivo.

– E quem disse que Adriano não está? Vive apenas em outro plano, mas continua tão vivo como nós, e chegará o dia em que tornaremos a nos reencontrar.

Clarinha balançou a cabeça, incrédula. Queria muito acreditar naquilo, mas não conseguia. Parecia-lhe fantástico demais.

– Dona Inês, o que me diz parece impossível. Concordo que seria extremamente confortante saber que nossos entes queridos continuam vivos em algum lugar. Mas não acredito que seja essa a realidade.

– Não? E o que pensa então? Que morreu, acabou?

– Não... não sei o que dizer. Acho que caímos numa espécie de sono, voltamos para Deus, não sei.

– Os espíritos prosseguem como eram quando encarnados e até se comunicam conosco.

– Não sei se acredito nesse intercâmbio. Para mim, os mortos não se comunicam.

– Os mortos não se comunicam mesmo. Mas quem desencarna não morre. O corpo se vai, a alma fica. Por isso a comunicação é possível. Os espíritos são

seres inteligentes como nós e conservam todas as características que possuíam enquanto encarnados. Por isso é que os podemos reconhecer.

– Também acredita nisso? – tornou Clarinha, dirigindo-se a Selena.  
– Você sabe que sim. Desde que aqui cheguei, dona Inês e eu temos mantido agradáveis conversas sobre espiritismo. Já fui até ao seu centro!

– E onde é? Aqui perto?  
– Hum, hum. Fica dois quarteirões abaixo. Não gostaria de ir?  
– Não sei...  
– Fabrício vai.  
– Quando é? Hoje?  
– Não, foi ontem. Costumamos nos reunir todas as quartas-feiras. Na semana que vem, se desejar, poderá ir conosco.

Quando Fabrício chegou, naquela noite, ficou extremamente penalizado com a situação de Clarinha.

– O que pretende fazer? – indagou interessado.  
– Amanhã mesmo vou pedir demissão.  
– Eu não faria isso se fosse você.  
– Não? Por quê? Acha que posso me sujeitar a um emprego de favor?  
– Ao menos por enquanto, não faria nada. Você, bem ou mal, está trabalhando. Se eles fizeram um favor a seu pai, é problema deles. Mas você vai lá, cumpre a sua parte, dá o melhor de você. E eles lhe pagam por isso. Garanto que, se você não fosse competente, eles já teriam arranjado um jeito de não lhe dar nada de importante para fazer.

Ela considerou por alguns segundos e retrucou:

– Bom, isso é verdade. Só recebo elogios ao meu trabalho. E sinto que, a cada dia, vou assumindo novas responsabilidades.

– Pois então? Seu pai lhe arranjou o emprego. Mas você só se mantém no trabalho porque tem méritos próprios. Veja bem a diferença entre emprego e trabalho. O emprego, foi seu pai quem conseguiu. Mas o trabalho que você executa é algo pessoal, que só depende da sua capacidade.

– É mesmo, Clarinha – concordou Selena. – Se você não fosse competente, estaria mesmo ocupando o lugar de secretária, datilografando cartas, atendendo ao telefone, recepcionando os clientes. Mas não é isso o que você faz, é?

– Não. Faço projetos e traço diretrizes para a empresa, que são muito bem aceitos. Todos gostam das minhas idéias.

– Viu? Você se mantém no trabalho porque é capaz.

– Mas o meu pai vai ficar jogando na minha cara que só estou no emprego por causa dele.

– Deixe-o pensar assim – intercedeu Inês. – O que importa é que você sabe que não é.

– Mas não posso mais continuar naquela casa!

– Não discuta com seus pais, Clarinha. Nem tome nenhuma atitude impensada. Trate de se firmar no emprego e faça o seu nome, de forma a que consiga boas referências se tiver que pedir demissão. Depois disso, alugue ou compre um apartamento e se mude. Você é maior, pode muito bem morar sozinha.

– Se quiser, poderá ir morar comigo – acrescentou Selena. – Logo que o desquite sair, tratarei de me arranjar. Isso é, se você não se importar de ir morar com uma mulher descasada e com dois filhos.

– Eu? Imagine, Selena. Sabe que não ligo para isso. E depois, gosto de você e das crianças.

- Então? O que me diz?
- Clarinha ficou alguns instantes pensativa, até que retrucou:
- Não vai voltar a viver com seus pais, Selena?
- Não. Duvido que eles me queiram de volta.
- Talvez esteja enganada. Você tem dois filhos maravilhosos, e isso muda a cabeça de muita gente. Quais os avós que não gostariam de estar perto dos netos?
- Talvez você tenha razão, e meus pais me aceitem só por causa das crianças. Mas não quero. A minha vida inteira, fui dependente de alguém. Primeiro, de meu pai. Depois, de meu marido. E agora, de meu pai de novo? Meu pai vai querer mandar em mim, dirigir a minha vida. Não quero. Pretendo é arrumar um emprego e me sustentar, a mim e a meus filhos.
- Ele não vai lhe dar pensão?
- Quem? Cassiano? Duvido muito. É até capaz de abandonar o emprego só para não ter que me dar nada.
- Isso é algo que veremos depois – falou Fabrício. – Primeiro vamos tratar do desquite e pedir a pensão. Mas se ele vai dar ou não, quais os artifícios que usará para se esquivar de suas responsabilidades, isso é outra história.
- Como vai o processo? – quis saber Clarinha.
- A primeira audiência será daqui a uma semana. O juiz tentará reconciliar os dois.
- Impossível! – exaltou-se Selena.
- Mas a lei obriga. Faz de tudo para manter a família unida. Se não der, não deu, mas o juiz é obrigado a tentar uma reconciliação.
- E as provas? Ele vai se utilizar das fotos?
- Provavelmente, sim. Se a reconciliação for impossível, Cassiano será citado para se defender, e aí, poderá apresentar as provas que quiser.
- Mas eu também tenho provas contra ele. Tenho provas de que fui maltratada, meus filhos foram aterrorizados!
- Acalme-se, Selena, isso é apenas o processo legal. É claro que você tem provas contra ele, e das mais sólidas. Mas não se esqueça de que ele também tem provas contra você, e isso pode ser um problema. Tudo vai depender da cabeça do juiz, de como ele vai entender a culpa de cada um.
- Por que não nos reunimos e pedimos proteção a Deus? – sugeriu Inês.
- Todos nós estamos passando por momentos difíceis, e tenho certeza de que a sua ajuda será o melhor remédio para nossos problemas.

Naquela noite, quando Fabrício chegou à casa, já era tarde, e pensou que os pais já estavam dormindo. Abriu a porta da frente com cuidado e foi para o seu quarto. Ao passar pela sala, notou a luz de um abajur acesa e foi espiar. O pai estava lá, sentado de pijamas, fitando o vazio.

- Pai! – exclamou Fabrício. – O que faz aí sozinho? Não vai dormir?

Paulo encarou-o com raiva e não respondeu. Levantou-se bruscamente, apagou a luz do abajur e saiu para o corredor em direção a seu quarto. E foi naquele momento, ao ver os olhos do pai sobre ele, que Fabrício percebeu o quanto o odiava. Não era uma raiva pela perda de Adriano, mas um ódio que ele guardava há muito tempo e que agora encontrava motivo para sair.

## CAPÍTULO 11

Quando Adriano despertou, cerca de um mês depois de seu desenlace, estava confuso e transtornado. Lembrava-se vagamente do acidente, mas não se recordava de suas conseqüências. Olhou atentamente para o lugar em que se encontrava, que lhe pareceu um quarto de hospital. Não havia quase móveis, apenas a cama onde ele estava deitado e um jarro d'água sobre uma mesinha.

Tentou se levantar, mas não conseguiu. Sentiu uma forte dor no tórax e tornou a se recostar nas almofadas, respirando com dificuldade e apalpando as faixas que enrolavam o seu corpo. Pouco depois, a porta se abriu e uma enfermeira entrou. Veio sorrindo, ajudou-o a se acomodar, colocou as mãos suavemente sobre seu tórax, fechou os olhos e pareceu a Adriano que ela estava rezando. Em seguida, perguntou:

– Dói?

Ele suspirou aliviado e respondeu confuso:

– Não. Estranho. Há pouco, senti uma dor terrível. Mas agora, a dor passou sem mais nem menos. Como isso é possível? O que você fez?

Ainda sorrindo, a enfermeira cobriu-o com o lençol e respondeu:

– Você ainda está muito fraco para se levantar. Quebrou as costelas e está em tratamento.

Ela colocou um pouco d'água no copo e estendeu para ele, que o apanhou e começou a beber maquinalmente.

– Que hospital é esse? – perguntou, estudando o ambiente.

– Você está no Lar da Luz Divina.

– Lar da Luz Divina? Nunca ouvi falar. Fica no Rio de Janeiro mesmo?

Ela sorriu novamente, acariciou o seu rosto e finalizou:

– Descanse. Depois falaremos.

Adriano pensou em protestar, mas foi acometido de um enorme cansaço. Pousou a cabeça nos travesseiros e imediatamente adormeceu. Quando tornou a despertar, parecia que se haviam passado dias. Tornou a apalpar o tórax, mas não sentiu aquela dor horrorosa e tentou se levantar. Dessa vez, conseguiu.

Caminhando lentamente, foi em direção à janela e parou estupefacto. O dia estava nascendo, mas parecia que o sol tingia a terra de vermelho, amarelo e laranja, tamanha era a intensidade de seus raios. Adriano não pôde deixar de admirar aquela beleza e ficou embevecido, deslumbrado com tanta majestade.

Até que ouviu a porta se abrir e se virou, dando de cara com a mesma enfermeira que o atendera da primeira vez. Ela entrou sorridente, trazendo nas mãos uma bandeja com uma espécie de tina.

– Vejo que está bem melhor – falou ela com entusiasmo.

– Estou sim, obrigado.

– Quer comer alguma coisa?

– Não sei. Estou com fome, mas detesto comida de hospital.

– Pois essa é diferente. Garanto que vai gostar.

Adriano recostou-se na cama, e ela pousou a bandeja sobre seu colo. Ele apanhou a colher e experimentou o caldo. Estava uma delícia, e ele tomou tudo.

– Viu? Não falei? – perguntou ela animada.

– Tem razão... Como é o seu nome?

– Cecília. Mas pode me chamar de Cissa.

– Muito prazer, Cissa. Meu nome é Adriano.

- Eu sei.
- Você é enfermeira, não é?
- Fui encarregada de cuidar de você.
- E onde está o médico? E minha família?

A porta se abriu novamente, e um homem já meio idoso entrou, cumprimentando-o com um afetuoso abraço. Adriano, confuso, ficou parado, sem saber se retribuía ou não aquele gesto tão espontâneo, mas sentiu vergonha e ficou quieto.

- Bom dia – falou o homem.
- Bom dia. O senhor é o médico?

O homem sorriu e respondeu, balançando a cabeça.

- Não. Meu nome é Ismael. Vim ver como está passando.

– Olhe, estou me sentindo bem agora. Mas gostaria de falar com o médico e, se possível, com a minha família. Desde que aqui cheguei, não vi ninguém.

- Você esteve dormindo por um longo tempo – esclareceu Cissa.

- Mas agora que acordei, poderia chamá-los para mim, por favor?

Aposto como também devem estar preocupados – fez uma pausa e prosseguiu: – Por acaso estive em coma?

Ismael e Cissa se entreolharam e sorriram complacentes. Era sempre assim. Os recém-chegados, em sua maioria, nem desconfiavam de que haviam desencarnado e queriam falar com o médico, os familiares, voltar para casa. Com Adriano, não estava sendo diferente.

– Fique calmo, Adriano – disse Cissa. – Vou chamar o médico para você.

Ela saiu e voltou cerca de cinco minutos depois, em companhia de um homem alto e forte, meio calvo, mas com olhar extremamente bondoso.

- Ora, ora – falou –, o nosso paciente parece bem melhor hoje.

– Pois é. Não sinto mais nada. Será que já estou bom para partir? O senhor pode me dar alta e ligar para a minha família? Gostaria que viessem me buscar.

– Por que não espera mais um pouco? Até que esteja inteiramente restabelecido?

Adriano olhou-o desanimado. Esperava que já pudesse sair e retrucou:

– Podia ao menos ligar para meus pais? Preciso falar com eles, dizer que acordei – vendo que ninguém se mexia, Adriano começou a se irritar. – O que é que está acontecendo aqui? Por acaso estou incomunicável, é? Por que não chamam meus pais?

- Descanse, Adriano. Amanhã resolveremos isso.

Tomado pelo cansaço, Adriano adormeceu novamente, só despertando no dia seguinte, quando Cissa entrou com a bandeja.

- Bom dia. Dormiu bem?

– Dormi – esperou até que ela ajeitasse a bandeja sobre seu colo e continuou: – Cissa, por que ainda estou aqui? Não estou bom?

- Quase.

– Mas não pode ser. O médico esteve aqui ontem e nem me examinou. Aliás, não me lembro de nenhum procedimento médico. Além dessa sopa que você me traz, não tomei nada, nenhum remédio, injeção, nada. O que está acontecendo?

– Você já está bem melhor dos ferimentos, Adriano, mas ainda precisa se fortalecer. Se não, corre o risco de ter uma recaída.

– Mas por que não chamam minha família? Quero falar com meu pai. Todos devem estar morrendo de preocupação. Preciso avisá-los de que acordei do coma.

– Tenha calma, Adriano. Tudo a seu tempo.

Novamente a porta se abriu, e Ismael entrou em companhia do médico.

– Doutor! O que é que está acontecendo? Por que não posso ver minha família? Por acaso estou sendo mantido prisioneiro aqui? – ele se calou e levou a mão à cabeça, retrucando horrorizado: – Meu Deus! Fui seqüestrado! É isso. Vocês me seqüestraram e me mantêm dopado aqui enquanto tratam das negociações com meu pai!

Ele jogou a bandeja no chão e se levantou bruscamente, tentando correr para a porta. Nesse momento, alguns homens apareceram e gentilmente o seguraram, conduzindo-o de volta à cama.

– Larguem-me! Tirem essas mãos de cima de mim! Vocês vão ver! Quando meu pai descobrir, vai prender vocês para sempre!

– Adriano, acalme-se – tornou Ismael, com doçura. – Não quer saber o que aconteceu depois do acidente?

– Acidente? – revidou confuso.

– Sim, o acidente. Não se lembra? Você derrapou com o carro no Alto da Boa Vista e caiu no precipício...

– Lembro-me do acidente, claro que me lembro. Não com riqueza de detalhes, mas sei que foi por causa de um acidente que vim parar aqui. E daí? O que tem? Já estou bom, não estou? Não sinto mais nada. E agora, querem se aproveitar da situação e me aprisionar para pedir resgate. Pois não vão conseguir, ouviram? Não vão.

– Ninguém o seqüestrado, Adriano. Nós o resgatamos e cuidamos de você. Mas não o mantemos prisioneiro aqui. Se quiser partir, é livre para ir.

– Ir para onde? Nem sei onde estou!

Ismael apanhou a sua mão e, olhando fundo em seus olhos, respondeu com firmeza:

– Você está no Lar da Luz Divina, uma instituição de socorro às vítimas de acidente situada numa colônia espiritual no plano bem acima da cidade do Rio de Janeiro.

– O quê? Colônia espiritual? Mas que brincadeira é essa?

– Não é brincadeira...

– Só pode ser. Como pode haver uma colônia espiritual acima da cidade do Rio? Por acaso estamos flutuando? É alguma nave espacial? Fui seqüestrado por seres de outro planeta? Ora, francamente. O que pensa que sou? Algum tolo? Vá contar essa história para as crianças, não para mim.

– Mas é verdade, Adriano. Nossa colônia está acima da cidade, mas num outro plano, numa outra dimensão, invisível aos olhos humanos dos encarnados.

– Encarnados? Como assim? Não estamos encarnados aqui? – vendo o olhar revelador de Ismael, Adriano considerou: – Quer dizer que estamos desencarnados aqui? Sem carne? Mortos?

– Sim.

– Impossível. Quer me fazer de idiota? Não acredito nessas bobagens de espírito. Se estou aqui falando com você, é porque estou vivo.

– É claro que está vivo. Mas, como disse, habita agora outro plano. Seu corpo material padecia naquele acidente, mas seu espírito ganhou liberdade e retornou à pátria espiritual.

– Não acredito. Vocês estão tentando me enganar. Quero sair daqui! Exijo que me levem de volta à minha família. Agora!

– Fique calmo, Adriano. Vamos voltar, mas não agora.

– Quando?

- Quando estiver mais preparado.
- Sem essa! Quero sair daqui agora! Levem-me imediatamente à minha casa! Quero ir para casa! Mãe! Pai! Onde estão?

Sentindo a angústia silenciosa do filho, Flávia pensou nele com saudade, e Paulo, na mesma hora, sentiu a revolta dominar-lhe o coração, imaginando como seria bom se o filho estivesse ali ao seu lado. Imediatamente, os pensamentos de ambos se conectaram às súplicas de Adriano, e estabeleceu-se uma comunicação telepática, sem palavras, mas de intenção. Na mesma hora, Adriano sentiu o chamado dos pais e pensou neles com tanta força, com tanta vontade, que logo se viu transportado de volta a seu quarto, em sua cama, e abriu os olhos assustado.

Reconhecendo a sua casa, pensou que tivesse tido um pesadelo, tornou a fechar os olhos, virou-se para o lado e dormiu.

Adriano ouviu um barulho estranho no quarto e abriu os olhos. A empregada, alheia à sua presença, passava o aspirador de pó no tapete, despertando-o com aquele ruído infernal. Atônito, ergueu-se na cama, espreguiçou-se e, olhando para a moça, falou com zanga:

- O que há com você, Maria? Não respeita mais ninguém não, é? Não vê que ainda estava dormindo?

Sem nem se dar conta de suas palavras, Maria continuava a aspirar o tapete e nem percebeu quando Adriano sentou-se na cama e pousou os pés no chão, tentando encontrar os chinelos.

- Ei! Cuidado! – gritou ele embasbacado. – Não viu meu pé?

Maria acabara de passar o aspirador sobre seus pés, deixando-o furioso. Adriano levantou-se, aproximou-se dela e postou-se bem à sua frente, pronto para lhe passar um sabão. Ela, porém, continuou avançando com o aspirador, que chegou a atravessar os seus pés. Mas Adriano, confuso, não se dera conta de que o aspirador o atravessara, pensando que apenas houvesse esbarrado nele. Parado em frente a Maria, já pronto a lhe dar uma bronca, viu quando a moça partiu para cima dele, aspirador em punho, disposta a atropelá-lo, e pulou para o lado, cada vez mais abismado.

- Você está maluca, Maria? Está cega, é? – como Maria não respondesse, ele começou a se enfurecer e a gritar com ela: – Maria, pare já com essa bobeira e fale comigo! Estou mandando! Deixe de fingir que eu não existo e fale comigo! – nada, Maria sequer se abalava. – Ah! não vai falar não, é? Pois vai ver só! Vou agora mesmo contar a mamãe o que está acontecendo. Você está ficando muito abusada. Onde já se viu?

Virou as costas para sair e quase esbarrou em Olívia, a governanta, que metera a cabeça na porta e dissera:

- Maria, não se esqueça de limpar lá no alto das prateleiras. Da outra vez, dona Flávia reclamou comigo que os livros estavam cheios de poeira. Sabe como ela é. Ainda mais com o quarto do filho...

Discretas lágrimas afloraram aos olhos de Olívia, e Adriano perguntou:

- O que houve, Olívia? Por que está chorando?

Ao invés de responder, Olívia, mais sensível, inconscientemente percebeu a presença de Adriano e disse bem baixinho:

- Pobre Adriano...

Soluços a interromperam e ela saiu correndo, nem dando a Adriano tempo de lhe perguntar o que estava acontecendo. E o mais estranho era que ela parecia não havê-lo visto também. O que estaria acontecendo? Será que estavam todos loucos ou ele estava sonhando?

Aturdido, saiu para o corredor e foi para a copa, onde a família tomava o café da manhã. Ali estavam o pai, a mãe e o irmão, mas Olívia se esquecera de colocar uma xícara para ele. Indignado, sentou-se em seu lugar, em frente a Fabrício, e chamou Olívia, pedindo que lhe trouxesse a xícara. Mas nada. Olívia não atendera ao seu chamado, e todos ali pareciam ignorá-lo.

Ele encarou a mãe, o pai, o irmão... Estavam todos com ar triste. Será que fizera alguma coisa? Mas o quê? Não se lembrava. Durante alguns minutos, permaneceu fitando os familiares, à espera de que alguém dissesse alguma coisa. Depois de um tempo, Paulo falou para Flávia:

– Passe-me a manteiga, por favor.

Flávia estendeu para ele a manteigueira, que ele apanhou sem dizer nada. Apenas balançou a cabeça em sinal de agradecimento e pôs-se a passar manteiga na torrada. Adriano estava cada vez mais perplexo. Era óbvio que não queriam falar com ele. Estavam lhe dando um gelo. Não queriam nem a sua companhia para o café.

Depois de quase dez minutos, não suportando mais aquele silêncio, deu um tapa na mesa e falou zangado:

– Muito bem! Chega de brincadeira. Alguém pode me dizer o que é que está acontecendo? – nada, ninguém se movia. – Mamãe, o que foi que eu fiz? – silêncio. – Papai, por favor, o que foi que houve? Por que não me respondem? Fabrício, diga você. O que está acontecendo aqui? Por que não falam comigo? Falem comigo, pelo amor de Deus! Vamos, falem comigo! Falem! Falem!

Ninguém dizia nada. Apenas Fabrício, dada a sua forte mediunidade, sentiu uma presença ali junto a eles. Seria Adriano? Captando-lhe os pensamentos que, na sua confusão, julgava palavras, Adriano respondeu:

– Até que enfim alguém me escuta. O que foi que houve, Fabrício?

Adriano havia se levantado de seu lugar e se aproximado do irmão que, percebendo-lhe cada vez mais a presença, elevou uma breve oração a Deus, pedindo proteção para ele. Adriano não percebia que o que escutava eram os seus pensamentos e indagou atônito:

– Por que está rezando por mim? Estou aqui do seu lado. Fabrício, pare com essa besteira e fale comigo. Essa brincadeira já está ficando sem graça.

Fabrício, compenetrado, não ouvia as suas palavras, e Adriano começou a se enfurecer. Pensou em esbofeteá-lo, mas o pai chamaria sua atenção. Fosse o que fosse que estivesse acontecendo, ele estava conivente. Aproximou-se da mãe e pediu sua ajuda:

– Mamãe, por favor, não estou gostando nada disso. Diga-me: o que é que está acontecendo?

Flávia, olhar perdido, falou de repente:

– Sinto saudades de Adriano...

Calou-se, a voz embargada, enquanto o filho respondia:

– Saudades? Por quê, mãe? Eu estou bem aqui do seu lado!

Paulo pousou a torrada no prato, limpou os lábios no guardanapo e, olhando a mulher com compreensão, respondeu:

– Eu sei, querida. Também sinto.

– Por que isso tinha que acontecer, por quê?

– Acontecer o quê, mãe? – tornou Adriano, cada vez mais confuso.

– Pergunte a seu filho – retrucou Paulo de má vontade, apontando com o queixo para Fabrício.

O rapaz, sentindo a insinuação do pai, respondeu calmamente:

– Pai, sei que está sofrendo... todos estamos. Mas não tive culpa de nada. Adriano estava correndo...

– Estava correndo? – revidou Paulo. – E por quê? Porque você o estava perseguindo!

– Eu não o estava perseguindo! Fui atrás dele para tentar detê-lo. Ele estava transtornado, pensando um monte de bobagens.

Adriano assistia a tudo, cada vez mais confuso.

– Ah! estava transtornado? E por quê? Porque você resolveu ajudar aquela mulherzinha à toa!

– Não fale assim de Selena, papai, ela não tem nada com isso! Adriano criou uma fantasia na sua cabeça. Ou será que o senhor também pensa que Clarinha e eu...

– Não penso nada! – cortou rispidamente. – Mas Clarinha não devia ter contrariado seu irmão. Ele não a queria envolvida com aquela mulher! Nem você! Estava preocupado, veio me pedir ajuda.

– Ajuda? – indagou Flávia curiosa. – Para quê?

– Caso não saiba, Adriano veio me pedir para falar com Fabrício sobre seu envolvimento com Selena...

– Envolvimento? Mas que envolvimento, meu Deus? Selena é minha cliente.

– Adriano não pensava assim. Achava que havia algo mais entre vocês.

– Adriano fantasiava demais. Nunca houve nada entre mim e Selena nem entre mim e Clarinha. A primeira é minha cliente, a segunda, apenas uma amiga.

Adriano sentiu vontade de perguntar por que todos se referiam a ele no pretérito, mas não teve tempo. Paulo continuava suas acusações contra o irmão:

– Você foi muito errado, Fabrício. Não devia ter se metido com essa gente. E ainda foi convencer sua avó, uma senhora de idade, a acobertar essa loucura. Devia ter vergonha!

– Vergonha de quê? De tentar ajudar uma pessoa?

– Não. De atrapalhar a vida de seu irmão.

– Não atrapalhei a vida de ninguém. Ao contrário, só tentei ajudar. Adriano, inclusive. Mas ele não quis me ouvir. Deixou-se dominar pelo ciúme e saiu em disparada, subindo e descendo o Alto da Boa Vista feito um louco, derrapando na chuva... Não tive culpa...

Fabrício sentiu que ia começar a chorar e calou-se, afundando o rosto entre as mãos. Adriano não sabia o que dizer. Subitamente, lembrou-se do acidente que, na sua confusão mental, havia apagado de seus pensamentos, e olhou para a mãe, que chorava de mansinho.

O acidente... agora começava a se lembrar. Alguém o recolhera e cuidara dele. Agora estava bom. Só que o haviam prendido, ele nem sabia onde. Um seqüestro! Fora isso. Haviam-no seqüestrado. Mas ele conseguira fugir. Não sabia como, mas fugira. Saíra daquele lugar... que lugar? Era um lugar até que agradável, muito bonito. Mas não sabia onde era nem como conseguira sair de lá. E voltara. Voltara para sua casa, para sua família. Eles não precisavam mais discutir daquele jeito.

– Mãe! – exclamou Adriano, tentando abraçá-la. – Estou aqui. Eu voltei. Por que não fala comigo? Mãe!

Ainda soluçando, Flávia ergueu a mão e disse transtornada:

– Oh! meu Deus! Por que não param com isso? Já não basta ter perdido um filho? Preciso agora que minha família se desintegre?

Vendo que a mulher chorava descontrolada, Paulo levantou-se da cadeira e correu para ela, abraçando-a com ternura.

– Sinto muito, querida...

Fabrécio também, olhos pregados no chão, balbuciou com pesar:

– Perdoe-nos, mãe. Não queríamos brigar.

– Mãe! – tornou Adriano perplexo. – Por que diz que perdeu um filho? Eu estou aqui. Não está me vendo? Fabrécio! Você me ouviu. Tenho certeza de que ouviu. Diga a ela, vamos! Diga!

– Não posso suportar ver vocês brigando! – tornou Flávia chorosa. – Vocês são tudo o que me resta!

– E eu, mãe? – continuava Adriano. – Esqueceu-se de mim? Pelo amor de Deus, o que está acontecendo? Alguém me conte: o que foi que houve? Por que continuam falando de mim como se eu não existisse?

– Adriano morreu – prosseguiu Flávia. – Não posso mudar isso. Eu o perdi. Mas preciso de vocês para me ajudarem a continuar a viver.

Adriano afastou-se estarelecido.

– Morri!? Mas que história é essa? Ficou louca, mãe? Olhe eu aqui! Não morri, não. Estou aqui!

– Você sabe que a morte não existe, mãe – acrescentou Fabrécio –, e o espírito de Adriano prossegue vivo em algum lugar...

– Besteiras! – rosnou Paulo. – Para que ficar iludindo sua mãe com essas tolices? Adriano se foi e não vai mais voltar. Não está em lugar nenhum. Está embaixo da terra. Embaixo da terra, ouviu?

– Embaixo da terra, eu?! – espantou-se Adriano. – Como pode? Estou aqui. Não estou morto, estou vivo!

– Não, Paulo, não. Seu corpo morreu, mas sua alma vive e pode até nos ouvir...

– Pare com isso, Flávia! Sei que é um conforto acreditar na sobrevivência da alma, mas não vai lhe fazer bem ficar aí alimentando uma fantasia. Adriano morreu, acabou. Está morto! Morto!

Adriano tapou os ouvidos para não ouvir, mas aquela palavra continuou ecoando dentro de sua cabeça: morto, morto, morto... No mesmo instante, viu-se dentro de um carro, descendo o Alto da Boa Vista à toda velocidade. Em dado momento, sentiu que o automóvel derrapava na pista molhada e começava a rodar, até que alguns solavancos o sacudiram, e ele atravessou uma espécie de matagal, despencando pelo precipício e indo se chocar contra as pedras, lá embaixo. Aterrado, viu quando o carro ficou em pé e depois virou, não chegando a capotar, imprensado que fora pelas árvores no final do precipício. Sentiu uma dor horrível no tórax e ouviu o ruído de vidros e ossos se quebrando, e sentiu-se bruscamente arrancado dali. Desmaiou.

Sentiu que um líquido quente e viscoso lhe escorria pela testa e percebeu, horrorizado, que ela estava coberta de sangue. O peito quase que explodia, tamanha era a dor da pontada que sentiu, e ele dobrou o corpo sobre si mesmo, curvando-se até quase tocar o chão.

Chorando convulsivamente, ajoelhado ao lado da mãe e do pai, viu uma claridade vinda da direção da porta e olhou. Dois espíritos estavam ali parados, e ele os reconheceu imediatamente. Vira-os no hospital em que fora tratado. Eram Cissa e Ismael. Agora entendia tudo com clareza. O acidente... perdera a vida naquele acidente.

Cissa se aproximou dele e estendeu-lhe a mão, dizendo com doçura:

- Venha, Adriano. Não precisa mais ficar aqui.
- Ele a fitou com desgosto e retrucou:
- Estou morto, não estou? Vocês estavam falando a verdade.
  - Você não está morto. Vive agora uma outra vida, livre da matéria.
  - Por quê?
  - No tempo certo, saberá.
  - Mas eu era jovem. Tinha tanto para viver. Minha profissão,

Clarinha...

- Terá outras coisas para viver agora. Coisas que também o ajudarão a crescer.

Adriano chorava desconsolado. Não queria morrer. Deus fora injusto com ele. Por que o levava tão jovem?

– Venha conosco, Adriano – convidou Ismael. – Nós o ajudaremos a superar e a entender o que lhe aconteceu.

Adriano olhava para eles com profunda tristeza. Sabia que deveria partir. Estava morto, não pertencia mais àquele mundo. No entanto, quantas coisas deixara para trás! Não podia simplesmente abandonar tudo e seguir para outro lugar, como se nada tivesse acontecido em sua vida. E depois, havia Clarinha. Não poderia deixar Clarinha livre para Fabrício.

– Por favor, Adriano – suplicou Cissa –, não pense mais nessas coisas. Aceite a ajuda que estamos lhe oferecendo. Venha.

Ele estava tentado a aceitar. Contudo, a lembrança de Clarinha era ainda muito viva dentro dele, e Adriano sentiu um ódio incontornável ao pensar que Fabrício pudesse tê-la agora em seus braços. Ele deixara o caminho livre, e era bem capaz de o irmão a cortejar. Mas ele não iria permitir. Jamais permitiria!

Adriano respirou fundo, enxugou os olhos e levantou-se do chão. Fitou os espíritos com raiva, voltou-lhes as costas e, sem dizer nada, sumiu no interior da casa. Cissa fez menção de ir atrás dele, mas Ismael, segurando-a pelo braço, finalizou com uma certa tristeza na voz:

- Deixe, Cissa. Aprenderá por si mesmo.

Em silêncio, deram-se as mãos, elevaram o pensamento ao Criador e partiram.

## CAPÍTULO 12

Finalmente, o dia da primeira audiência havia chegado. Fabrício havia marcado com Selena de se encontrarem na porta do fórum e estava parado, esperando-a, quando viu Cassiano chegar em companhia de seu advogado. Quando o viu, o doutor Aderbal cochichou algo no ouvido de seu cliente, e ambos se dirigiram para lá.

– Bom dia, doutor Fabrício – cumprimentou Aderbal, com fingida simpatia.

– Bom dia. Como estão?

– O que acha? – respondeu Cassiano entre dentes.

Fabrício já ia lhe dar uma resposta à altura, mas Aderbal, cutucando Cassiano, adiantou-se e indagou:

– Dona Selena ainda não chegou?

– Não deve demorar.

Com efeito, assim que terminou de falar, viu Selena atravessando a rua. Ao dar de cara com o marido ao lado de Fabrício, começou a diminuir o passo, com medo até de se aproximar. Mas o olhar confiante de Fabrício transmitiu-lhe coragem, e ela, apertando as mãos nervosamente, caminhou para eles a passos firmes.

Ela chegou junto deles e cumprimentou-os laconicamente, não disfarçando o mal-estar.

– Podemos entrar? – perguntou ela, pouco à vontade.

– É claro, Selena. Vamos indo.

Assim que começaram a subir as escadas do fórum, mais alguém notou a sua presença. Em pé, um pouco mais além, Paulo conversava com um conhecido. Tivera uma reunião no escritório de um cliente ali perto e, por acaso, encontrara um antigo companheiro da época de faculdade.

Ao vê-los, Paulo parou abismado. Reconheceu imediatamente o filho e Selena. Um pouco mais atrás, um homem de terno, carregando uma pasta, que ele deduziu ser o advogado do marido dela. A seu lado, um sujeito forte e mal encarado fitava as costas da moça com olhar de desdém. Só podia ser o marido. Como é que se chamava mesmo? Não se lembrava direito. Era Cassi... qualquer coisa. Cassiano... era esse o nome que ouvira Fabrício falar. Então fora por causa daquelas pessoas que o filho perdera a vida. Porque Fabrício resolvera se envolver com gente da pior espécie.

Pensou em interpelá-los, mas o que poderia dizer? Fabrício, afinal de contas, era advogado e estava ali a trabalho. Não ficava bem para sua imagem envolver-se nos negócios profissionais do filho. Daria a impressão de que era um pai autoritário e retrógrado, o que poderia comprometer a imagem de modernidade que procurava imprimir à sua empresa.

Curioso, Paulo pediu desculpas ao homem, alegando compromissos urgentes, despediu-se e foi embora. Subiu as escadas do fórum apressadamente, procurando por Fabrício. Em meio aos corredores tumultuados, conseguiu ainda vê-lo entrando em uma sala do primeiro andar. Correu em sua direção e viu quando ele e o outro advogado foram consultar uma lista pendurada perto de uma porta. Provavelmente, a pauta das audiências.

Enquanto os dois conversavam, Paulo reparou melhor nos dois. A moça, apesar de bonita, tinha algo de vulgar que o irritou. E o homem era o que se podia chamar de marginal. Sem o conhecer, Paulo sabia que ele não prestava. Podia ler em seus olhos, em seus gestos, que ele não era flor que se cheirasse. Mas não disse nada. Sufocou a raiva dentro do peito, virou as costas e saiu.

Na audiência de conciliação, Selena foi peremptória. Não queria mais continuar casada com Cassiano. Ele a maltratava e aos filhos, e a convivência entre ambos tornara-se insuportável. O marido, orientado pelo advogado, armara um teatro particular. Chorou, pediu perdão, disse que a amava e aos filhos, prometeu mudar. Mas Selena não queria. O amor havia acabado no meio de tantas surras, e só o que lhe interessava agora era o bem-estar dos filhos.

O juiz Otávio deu por encerrada a audiência, e as partes foram dispensadas, sendo concedido a Cassiano prazo para apresentar defesa. Enquanto saíam da sala de audiências, Cassiano chegou perto de Selena e, fuzilando de ódio, disparou:

– Vai se arrepender, Selena. Vou acabar com você!

– O que foi que disse, seu Cassiano? – perguntou Fabrício, chegando-se mais para perto deles.

– Nada, doutorzinho... Não disse nada.

Saiu em companhia de seu advogado. O juiz não lhe ouvira as palavras, mas percebera o seu olhar de ódio e deduziu a ameaça. Tinha muitos anos de fórum para conhecer aquele comportamento. Quantos homens já não vira que se fingiam de bonzinhos, de arrependidos, só para terem as mulheres de volta e continuarem a maltratá-las? Quantas ameaças veladas já não presenciara, ameaças que se impunham, na maioria das vezes, só pelo olhar? Seus longos anos de experiência lhe diziam que estava diante de um caso difícil, e aquele Cassiano lhe parecia um mau caráter, disposto a tudo para não perder a sua vidinha de prazeres e conforto.

Mas enfim, era um juiz imparcial e estava ali para julgar de acordo com as provas dos autos. Não podia se deixar levar por antipatias ou suposições. Era um homem muito intuitivo, embora não agisse apenas baseado na intuição. Analisava os casos com atenção e decidia baseado em provas concretas. E raramente falhava. Era um homem justo e honesto, e nunca se enganara com um caso. E aquele, estava certo, dar-lhe-ia muito trabalho.

Encerrado o expediente, apanhou as suas coisas e foi para casa. Estava cansado, louco por um banho e uma cama. Mas sabia que, ao chegar, teria que dar atenção a Aninha, sua única filha. Ana Lúcia estava com sete anos. Era uma menina meiga e inteligente, e era tudo o que tinha no mundo.

Otávio casara-se tarde, e sua mulher, aos trinta e cinco anos, resolvera engravidar. Teve uma gravidez difícil e complicada e, quando a filha nasceu, não resistiu ao ataque de eclampsia e faleceu logo após o parto, deixando-o só e com uma filhinha para criar. Otávio tinha então trinta e sete anos e hoje, aos quarenta e quatro, guardava ainda no rosto os traços da juventude. Era um homem atraente, alto, moreno, cabelos e olhos castanhos.

Era um homem vivido e aberto às novas idéias, e logo se interessou pela literatura espiritualista. Não seguia nenhuma religião. Nunca havia freqüentado um centro espírita em toda sua vida nem conversara com ninguém a respeito. Mas estudara o suficiente para compreender que a alma sobrevivia ao corpo e que os acasos da vida nada tinham de casual.

Era uma quarta-feira, dia de sessão no centro espírita de Inês, e ela, pronta para sair, conversava com Selena, enquanto aguardava a chegada de Fabrício e de Flávia.

– Será que Clarinha também vem? – perguntou Selena, pregando um botãozinho na blusa de Selma.

– Acho que sim. Da última vez que estive aqui, pareceu muito interessada.

– Tomara que ela goste. Vai se sentir mais confortada.  
– É verdade.  
– Pena que não poderei ir.  
– Pois é. A irmã da Bibiana tinha que passar mal justo hoje? Mas enfim, o que podemos fazer, não é mesmo?

Ouviram uma buzina do lado de fora, e Selena, soltando a costura, exclamou animada:

– Chegaram! Deixe que vou abrir.

Apanhou a chave do portão e correu para abri-lo. O carro passou, com Fabrício ao volante, tendo ao lado a mãe e, no banco de trás, Clarinha. Ao lado dela, sem que ninguém visse, o espírito de Adriano, carrancudo e mal humorado.

Inês ficou muito feliz ao ver que Clarinha os havia acompanhado, embora a moça se mostrasse um pouco inquieta.

– Que bom que veio, Clarinha – falou Inês.

– Foi um custo trazê-la – disse Fabrício. – Na hora de sair, ela quase mudou de idéia.

– Lógico – rosnou Adriano entre dentes. – Eu estava lá e tentei impedir...

– Pois é – cortou Clarinha, sem nem se aperceber da presença e das palavras de Adriano. – Não sei o que me deu. É que, de uns dias para cá, tenho sentido um cansaço, um esmorecimento...

– Mais um motivo para ir – alertou Inês. – Quando estamos mal é que devemos procurar a ajuda dos amigos espirituais, e não ceder ao apelo daqueles que lutam para nos afastar da espiritualidade.

– Como assim, vó?

– Bem, é que os espíritos menos esclarecidos, muitas vezes, não querem que nos modifiquemos, pois só assim podem continuar a nos influenciar. Por isso, quando pensamos em ir ao centro espírita, eles reagem ferozmente, tirando a nossa vontade, fazendo-nos passar mal, sentir sono e, às vezes, nos incutindo a idéia de que tudo não passa de uma grande bobagem, que não adianta nada ir ao centro nem a lugar nenhum.

Adriano olhou-a admirado. Sem saber, ela relatara exatamente o que ele havia sugerido a Clarinha. Será que, como dissera, ele era um espírito menos esclarecido? Não, não era isso. Ele não era nenhum ignorante. A avó, na certa, se referia aos espíritos do tipo *alma penada*, o que não era o seu caso.

– São os obsessores, não é, dona Inês? – tornou Selena.

– Não gosto de chamá-los assim. A obsessão dá uma idéia ruim, de perseguição, e os espíritos ditos obsessores são apenas irmãozinhos ignorantes, por vezes até presos aos sentimentos que nós, encarnados, nutrimos por eles. Contudo, se os tratamos com amor e compreensão, logo tomam consciência de seus atos e vão embora. E então, vemos que eles são espíritos movidos pelos mesmos sentimentos que nós, encarnados, alimentamos por nós e pelo nosso próximo. Não são demônios, nem maus, nem perversos, nem cruéis. São apenas ignorantes e imaturos.

– É isso aí – aquiesceu Adriano, do astral. – Não sou nenhum obsessor não, estão ouvindo? Nem ignorante. Estou aqui para ajudar. Só o que quero é estar junto de Clarinha e impedir que Fabrício a iluda.

– Bem, então, vamos? – convidou Flávia. – Já está na hora.

Inês apanhou a bolsa e o casaco, e foram saindo. Vendo que Selena não os acompanhava, Fabrício indagou surpreso:

– E você, Selena? Não vem?

– Não posso. Tenho que tomar conta das crianças.  
– É que Bibiana teve que ir cuidar da irmã, que está doente. – esclareceu Inês.

– Que pena! – lamentou Clarinha. – Justo hoje que resolvi vir!  
– Ora, não tem importância. Não faltarão oportunidades de acompanhá-la. Agora vão. Não querem se atrasar, querem?

Já iam se retirando, mas Fabrício, indeciso, ficou parado no meio da escada, olhando para Selena. Quando os outros chegaram lá embaixo, Flávia se virou para ele e chamou:

– Como é que é, Fabrício? Vem ou não vem?

Não queria ir. Gostava muito do centro, mas se acostumara à companhia de Selena e só agora compreendia que estava apaixonado por ela. Quantas vezes quisera negar para si mesmo? Mas agora não podia. Entre ir ao centro e ficar com ela, seu coração pendia para o lado da moça, e ele indagou, sem tirar os olhos dela.

– Posso fazer-lhe companhia, Selena?

Seu coração disparou. Amava-o também em silêncio, com medo até de pensar naquele sentimento. Tentando não demonstrar o que sentia, respondeu timidamente:

– Se você quiser...

Sorrindo satisfeito, Fabrício voltou-se para o grupo e anunciou:

– Vão vocês. Vou ficar e ajudar Selena com as crianças. Ela pode precisar de alguma coisa.

Inês, Flávia e Clarinha se entreolharam significativamente, mas não disseram nada. Até torciam para que Selena e Fabrício se entendessem. Apesar de quase desquitada, ela era uma boa moça, excelente mãe, muito ajuizada e correta. Não era certo que, por se separar do marido, tivesse que ser condenada à solidão.

Depois que elas se foram, Adriano ficou parado, confuso, sem saber o que pensar. Pensara que Clarinha concordara em ir ao centro espírita só por causa de Fabrício, mas estava enganado. O irmão não tinha interesse nela; parecia mesmo interessar-se por Selena, como pensara a princípio. E Clarinha não parecera desgostosa. Ao contrário, parecia até que ficara satisfeita. Não entendia.

Em dúvida sobre o que fazer, resolveu entrar atrás do irmão para se certificar. Fabrício e Selena subiram até o quarto, para ver as crianças, e voltaram logo em seguida, sorrindo satisfeitos.

– Eles são lindos – elogiou Fabrício.

– São sim. E são tudo o que tenho.

– E seus pais, Selena? Como estão reagindo a tudo isso?

Ela deu um sorriso amarelo e respondeu:

– Conforme era previsto, ofereceram-se para ajudar... desde que eu concordasse em viver com eles e permitisse que assumissem pessoalmente a educação das crianças. Querem me controlar para poder ficar com meus filhos.

– Não é bem assim. Eles querem ajudar você também.

– É, mas só por causa das crianças. Querem me dar casa e comida para me comprar, para que eu me submeta e não as tire de perto deles.

– E você? Vai aceitar?

– Já recusei. Sou adulta, posso cuidar de mim mesma.

– O que pretende fazer?

– Não sei ainda. Arranjar um emprego, não sei de quê. Meus pais nunca me prepararam para nada. Criaram-me como se eu fosse um bibelô, não me deram muita instrução. Concluí o curso secundário por insistência, mas eles nunca

deram importância ao estudo. Não para mulheres. E eu, por minha vez, logo me casei e perdi mesmo o interesse. Não sou como Clarinha, que bateu pé e fez faculdade.

- Não se lamente. Você fez o que julgou melhor.
- Mas hoje poderia ter uma profissão, ser alguém na vida. Não estaria nessa situação.

- Em compensação, não teria dois filhos maravilhosos.
- Isso é! Meus filhos compensam qualquer sacrifício.

Fabrizio fez uma pausa, tentando encontrar as palavras certas para dizer o que ia em seu coração, e Selena, nervosa, levantou-se e indagou:

- Por que não vamos fazer um lanche? Bibiana fez um bolo de fubá delicioso!

Foram juntos para a cozinha, e Adriano atrás, já enjoado daquela conversa. Sentaram-se à mesa e Selena apanhou o bolo, cortou duas fatias e foi buscar uma jarra de refresco na geladeira. Enquanto enchia o copo de Fabrizio, notou os olhos dele pousados sobre ela e sentiu o rubor cobrindo-lhe a face. Instintivamente, ele tocou de leve a sua mão, e ela, nervosa, puxou-a rapidamente, entornando sobre ele o refresco.

- Ah! meu Deus, como sou desastrada! – exclamou envergonhada, correndo para apanhar um pano na pia.

Fabrizio se levantou e, sem nem dar importância às calças sujas de refresco, aproximou-se dela por trás, virou-a para ele e, segurando-lhe o queixo, declarou:

- Selena... não posso mais esconder. Estou apaixonado...

Pousou-lhe um beijo suave nos lábios, mas ela, assustada, afastou-se dele e pôs-se a chorar baixinho, balbuciando:

- Não... não, Fabrizio... nós não podemos. Sou uma mulher casada.
- Por pouco tempo. Em breve, estará desquitada.
- Mesmo assim. Sabe o que todo mundo pensa das mulheres desquitadas.

– Não sou todo mundo. Amo você e não me importo com o que os outros pensam.

Ela o fitou emocionada e retrucou:

- Você me quer?
- Mais do que tudo no mundo.
- Por quê?
- Já disse. Porque a amo.
- Tem certeza? Não é porque sou uma mulher... experiente?
- Como pode pensar uma coisa dessas, Selena? Logo de mim? Será que não percebe a sinceridade dos meus sentimentos?

Confusa, Selena virou-lhe as costas e prosseguiu:

- Tenho medo, Fabrizio. Tenho medo de alimentar uma ilusão.
- Que ilusão? Do amor? Você não me ama? Diga-me, Selena, preciso

saber.

Ela se voltou para ele e, com os olhos que as lágrimas a brilhavam, sussurrou:

- Amo...

Ele se aproximou dela outra vez, tentando segurar-lhe as mãos, mas ela se esquivou novamente.

- Selena, por que foge de mim? Não disse que me ama também?
- Disse. Contudo, sou uma mulher direita. Por mais que o ame, não posso me esquecer de que ainda sou casada com Cassiano. E não quero traí-lo

novamente. Cassiano é desprezível, mas ainda é meu marido, e não quero incorrer no mesmo erro duas vezes.

– Tem razão – concordou Fabrício, só então se dando conta da situação que viviam. – E eu sou seu advogado, devia respeitá-la. Desculpe-me, Selena, mas é que a amo.

– Se me ama de verdade, então poderá esperar.

– Você está certa. E depois, um envolvimento entre nós, nesse momento, poderá complicar o seu processo de desquite. Posso esperar. Quando você estiver desquitada, estaremos livres para assumir o nosso amor, sem medos nem culpas.

Não se beijaram novamente, mas se abraçaram com ternura e afeto. Ao lado deles, Adriano, indignado, não entendia o que acontecia. Tinha certeza de que Fabrício estava interessado em Clarinha. Como pudera se enganar? Mas, e ela? Pensara que ela também estivesse interessada nele, mas não era o que parecia. Onde estaria? Precisava encontrá-la.

Quando Adriano, finalmente, encontrou o centro espírita, a sessão já havia começado há algum tempo. Clarinha, sentada na assistência, ao lado do doutor Feliciano, permanecia de olhos bem abertos, atenta a tudo o que se passava. Seu Antônio, o dirigente, falava sobre a importância da família e dos laços de afeto.

Vendo Clarinha sentada, aproximou-se. À medida em que ia caminhando, notou que havia, entre os encarnados, vários espíritos que para ali haviam sido conduzidos para tratamento, ao lado de outros, que pareciam seus mentores. Ele chegou perto de Clarinha e sentou-se a seu lado, e qual não foi o seu espanto ao olhar para a mesa e ver Ismael parado atrás de sua avó. Não entendeu nada.

Procurou ver se havia mais algum conhecido e encontrou Cissa, que sorriu para ele, ao lado de uma moça muito branca e loura, olhos azuis, tipo estrangeiro. Cissa acenou para ele, e ele respondeu. Estava confuso. Quisera fugir deles, mas acabara os encontrando ali, onde menos esperava. Bom, até que não era tão estranho assim. Afinal, ali era um centro espírita, não era?

Terminada a sessão, Ismael se aproximou.

– Ora, ora, se não é o nosso querido Adriano quem está aqui! Que bom que veio.

Adriano encarou-o desconfiado e retrucou:

– O que é que você faz aqui?

– Eu? Trabalho aqui. Bem como Cissa e os demais.

– Aqui? Mas por quê? Que coincidência!

– Acha mesmo que é coincidência? Isso é porque você nunca se interessou pelos álbuns de fotografias de sua avó.

– Álbuns de fotografias? Que conversa é essa? Quem é você? De onde é que conhece minha avó?

Ismael chegou o rosto bem perto do dele e, com ar bondoso e jovial, declarou:

– Fui casado com ela.

Adriano deu um salto para trás, tapando a boca com a mão.

– Como é que é? O que foi que disse?

– Disse que fui casado com ela. Portanto, sou seu avô.

– Mas como?...

– Desencarnei faz tempo, meu filho.

– Eu sei... Só que jamais esperava encontrá-lo aqui.

– Por quê?

– Porque você... você... morreu...  
– Assim como você. E você também está aqui, não está? Logo, não estamos mortos. Nem eu, nem você. Ou será que ainda não aprendeu nada?

Adriano não sabia o que dizer. É claro que fazia sentido. O avô desencarnara muitos anos antes e voltara para ajudar a esposa. Assim como ele voltara para ajudar Clarinha. Não, não queria propriamente ajudar. Também não queria prejudicar. Queria apenas tomar conta dela.

Olhando ao redor, Adriano notou que as pessoas começavam a se retirar e disse para Ismael:

– Olhe, gostei muito de encontrar você. De verdade. É muito bom saber que não estou sozinho aqui.

– Sou seu avô e me interesso por você. Por que não aproveita e me acompanha de volta à colônia?

– Acompanhá-lo? Não posso. Sinto muito, mas não posso. Não quero.

Vendo que Clarinha já se fora, Adriano deu as costas ao avô e partiu atrás dela. Demorara-se muito tempo com Ismael e as perdera de vista, mas não tinha importância. Sabia para onde haviam ido e seguiu direto para a casa da avó.

– Ele vai descobrir? – indagou Cissa, assim que Adriano saiu do centro.

– Vai. Não tem jeito, Cissa. É assim que as coisas têm que acontecer.

Ao entrar na casa da avó, Adriano parou estarrecido. Ao lado de Fabrício, o espírito daquela moça loura o abraçava, falando com um forte sotaque alemão:

– Amo-o muito, meu filho. Fique com Deus.

Ela beijou-o suavemente na testa, e Fabrício sentiu um leve arrepio. Acostumara-se à presença de Helga e tinha-a como um espírito protetor.

Depois de o beijar, Helga levantou o rosto e viu Adriano, que a fitava aturdido. Quem era aquela mulher? O que queria com Fabrício? Por que o chamara de meu filho? Teria sido só jeito de falar?

Helga se aproximou dele e sorriu, estendendo a mão para ele. Assustado, Adriano escondeu a mão atrás do corpo e perguntou desconfiado:

– Quem é você? O que quer com meu irmão?

– Não sabe? – tornou ela com doçura.

– Não.

– Sou sua mãe.

– Sua mãe? O que quer dizer? Sua mãe é aquela ali – apontou para Flávia –, a mesma que a minha. Você foi sua mãe em outra vida?

– Querido, está confuso, não está? Por que não vem comigo? Posso explicar-lhe tudo.

– Explique-me aqui mesmo.

Helga voltou-se na direção de Fabrício, que conversava animadamente com a avó, e finalizou:

– Aqui não. Mas, quando quiser, venha me procurar. Quero-lhe muito bem e ficarei muito feliz em ajudá-lo.

– A mim? Por quê? Eu nem a conheço...

Ela sorriu meigamente, afagou-lhe o rosto e finalizou:

– Sabe onde me encontrar.

Desapareceu. Adriano ficou atônito. Não estava entendendo nada. Quem era aquela mulher estranha? Aproximou-se da mãe. Sentia que ela sabia de algo e precisava descobrir. Abraçou a mãe e começou a soprar em seu ouvido:

– Mãe, quem é aquela mulher loura que se diz mãe de Fabrício? Quem é?

Na mesma hora, Flávia sintonizou com o filho e captou-lhe a imagem de Helga, em quem ele pensava. E seus pensamentos começaram a divagar. Olhando para Fabrício, lembrou-se daquele dia, há muitos anos. Estavam no começo de setembro, e Hitler acabara de invadir a Polônia, detonando a Segunda Guerra Mundial. Lembrou-se de quando a vira correndo em sua direção, estendendo-lhe o filhinho, que ela tomara com espanto. Ainda revia o seu rostinho rechonchudo e rosado, os seus olhinhos azuis, a sua boquinha carmin.

E ninguém nunca desconfiara. Durante todos aqueles anos, ninguém suspeitara da verdade. Apenas Inês a conhecia. Somente a mãe sabia que Fabrício não era seu verdadeiro filho, mas daquela mulher loura, que vira uma única vez na Alemanha e cujo nome desconhecia. Mas isso não importava. Ela o amara desde o primeiro dia, até mesmo quando Adriano nasceu. Depois do nascimento de Adriano, Paulo se modificara, e era nítida a sua preferência por ele. Mas ela, não. Amava os dois igualmente, embora tivesse que reconhecer que possuía mais afinidade com Fabrício...

Adriano soltou a mãe, aterrado. Não podia acreditar que aquilo fosse verdade. Então Fabrício não era seu irmão? Não era um Lopes Mandarino? Era um João-ninguém, ilegítimo, enjeitado? Por quê? Por que Deus fora tão injusto com ele? Por que deixara o outro, que nem era seu irmão, para tomar o que lhe pertencia? Por que não o levava em seu lugar? Era ele, o filho legítimo, quem tinha direito a prosseguir com o nome de seu pai. Não um adotado, que nem tinha o seu sangue.

Quis agredir Fabrício, humilhá-lo, matá-lo. Mas não podia. Não tinha mais corpo. Mas podia destruí-lo. Podia acabar com ele, tirar-lhe tudo, fazendo com que voltasse para o gueto de onde havia saído.

Com o coração repleto de ódio, decidiu que não lhe daria trégua. Faria com que lhe devolvesse tudo o que lhe havia tirado. A família, o nome, a vida. Era ele, Adriano, quem merecia estar ali, não Fabrício. Além do mais, estava apaixonado por aquela vadia da Selena. Uma mulher desquitada! E ainda ia enxovalhar o nome da **su**a família.

Mas ele não. Ia se casar com Clarinha, uma moça direita, pura, sem manchas em seu passado. Daria netos bonitos e decentes a seus pais. Não assumiria os filhos de outro homem nem geraria uma filiação espúria. Com que direito Fabrício continuava vivo, para desfrutar de bens que seriam seus por direito?

– Adriano.

Escutou uma voz atrás de si e se voltou. Lá estava Ismael novamente.

– Por que não me deixa em paz? – tornou agressivo. – Por que está sempre me perseguindo? Virou meu obsessivo, é?

– Não o estou perseguindo nem sou seu obsessivo. Sou seu avô e me preocupo com você.

– Por quê? Nós nem nos conhecemos.

Ismael suspirou e quase que suplicou:

– Venha comigo, Adriano. Para o seu bem, acompanhe-me.

– Já disse que não vou. Ainda mais agora. Não adianta insistir.

– Por quê? Já não viu que Clarinha e Fabrício não estão interessados um no outro?

– Não é por isso que quero ficar, e você sabe.

– Adriano, não deixe que o ódio lhe tolde a visão e o faça ver coisas que não são como parecem.

– O quê? O que não é como parece? Que Fabrício não é meu irmão? Pois é, parecia que era. Mas não é. E Flávia não é sua mãe. É minha, só minha. E Paulo não é seu pai, é meu. E minha casa não é dele, é minha. E minha vida? A vida que ele me roubou.

– Ninguém rouba a vida de ninguém, Adriano. Fabrício tem a dele, assim como você teve a sua.

– Não! Não é justo. Eu não queria morrer!

– Você desistiu da vida, Adriano.

– Desisti? Como pode dizer um absurdo desses? Eu não desisti da vida. Ao contrário, queria viver.

– Só se morre quando se desiste de viver. É por isso que as pessoas adoecem, sofrem acidentes, são assassinadas...

– Besteira! Ninguém pede para ser assassinado nem para sofrer um acidente.

– Conscientemente, não pede mesmo. Mas a sua alma, o seu íntimo, sabe o que é melhor e sabe por quê. É por isso que as criaturas morrem nas mais diversificadas circunstâncias. Não dizem por aí que morreu porque chegou a hora? Então? Quem escolhe a hora de morrer é o próprio espírito.

– Está enganado, velho! Eu não pedi para morrer. Nem consciente, nem inconscientemente.

– Adriano, tente se acalmar. Revolta não vai levá-lo a nada. O que acontece é que você ainda não conseguiu se libertar da matéria. Livre-se dessas amarras e conseguirá compreender. Conseguirá entender as suas escolhas, ainda que difíceis, e verá que nada acontece por acaso. Você desencarnou porque escolheu, porque desistiu da vida aos vinte e quatro anos, foi a sua opção.

– Jamais faria uma opção dessas.

– Aí é que você se engana. Antes de reencarnar, você fez esse projeto de vida, traçou seu desenlace, escolheu o seu caminho de aprendizado. Só que não consegue se lembrar, porque ainda não aceitou a perda da matéria. Mas sua alma sabe, seu coração reconhece isso. Dê-lhe uma chance e ele lhe mostrará a verdade.

– Até parece...

– Mas é verdade. Você poderia até ter alterado o seu destino, se quisesse.

– Poderia? Ora, essa é boa. Se eu tivesse tido escolha, teria escolhido viver.

– Mas você não quis. Escolhas, nós sempre temos. A vida sempre nos dá diversas oportunidades, e nós optamos por aquela que entendemos ser a melhor. Com você, não foi diferente. Se sua alma entendesse que seria melhor, não para o seu prazer ou a sua satisfação material, mas para a sua evolução espiritual, teria mudado o seu destino e o acidente teria sido evitado. Mas acontece que não quis. Sua alma, embora você não pudesse e não possa aceitar isso, quis partir. Quis porque não encontrou outra solução. Não encontrou outro meio de evoluir, de aprender.

– Cale essa boca! Cale a boca! Não quero ouvir mais nada! Vá embora daqui, Ismael, e não me procure mais! Não quero a sua ajuda e não preciso de você.

Ismael inspirou profundamente e, penalizado, acrescentou:

– Adriano, todos temos nosso livre-arbítrio, e você não é diferente. Por isso, se não quiser mais me ver, respeitarei sua escolha...

– Ótimo. Agora vá embora. Já estou cheio de você.

– Está bem, irei. Se é o que quer...

– É o que quero.

– No entanto, se precisar de mim, se quiser ajuda, basta me chamar e eu virei em seu auxílio.

– Obrigado, mas não preciso de você para nada.

Ismael partiu entristecido. Não adiantava nada tentar ajudar a quem não queria ajuda. Só o que poderia fazer agora era esperar que Adriano despertasse, compreendesse e aceitasse o caminho que o levaria ao amadurecimento.

## CAPÍTULO 13

Fabrécio abriu a porta de seu apartamento depois de mais um dia exaustivo de trabalho. Graças a Deus, possuía muitos clientes, mas as sucessivas audiências, além das petições iniciais, contestações e demais peças que precisava preparar para os processos lhe absorviam muito tempo, e ele quase não se distraía mais.

Naquela noite, ao chegar à casa, já passava das nove horas, e os pais, há muito, já haviam terminado o jantar e estavam na sala assistindo a um filme na TV. Assim que ele entrou, cumprimentou-os com ar cansado:

- Oi! Puxa, até que enfim que chego à casa!
- Onde esteve? – indagou Paulo de má vontade.

Fabrécio estranhou a pergunta e olhou para a mãe, que ficara tão surpresa quanto ele. Era a primeira vez que Paulo perguntava ao filho onde estivera. Além de já ser adulto, Paulo nunca se interessara muito pelos seus assuntos, limitando suas perguntas ao mecânico e costureiro *tudo bem?*

Acontece que, naquele dia, Paulo não estava sozinho. Adriano, colado a ele, transmitia ao seu coração uma nuvem cinza de ódio, que Paulo absorvia com extrema facilidade. Encontrando na alma do pai a revolta silenciosa pela sua morte, Adriano pôde trocar com ele todo o seu despeito, a sua inveja, o seu ódio.

Assim como Adriano, Paulo também se ressentia. Em seu íntimo, culpava Fabrécio pela morte de Adriano e se perguntava por que Deus fora tão injusto, ceifando a vida de seu filho legítimo, tão jovem, tão inteligente, tão promissor, e deixando em seu lugar aquele bastardo.

Fabrécio, porém, desconhecia esses sentimentos. Não que não sentisse a rejeição de Paulo. No fundo, no fundo, sabia que o pai o culpava e que preferia que tivesse sido ele a vítima do acidente, ao invés do irmão, mas nem de longe imaginava que Paulo passara a alimentar por ele um ódio indizível e cada vez mais crescente.

Procurando não dar muita importância à pergunta do pai, Fabrécio respondeu educada e rapidamente:

- Estava trabalhando.
- Até a essa hora?

Fabrécio surpreendeu-se ainda mais. Contudo, fez que não estava ligando e continuou:

– É. Tinha muito trabalho. E agora, se me dão licença, vou tomar um banho, jantar e cair na cama. Estou exausto.

– Deve estar mesmo – retrucou Paulo com ironia. – A vida dissoluta sempre foi desgastante.

Fabrécio levou um choque, e Flávia, indignada, levantou-se de um salto e exclamou:

- Paulo! O que deu em você? Isso é jeito de falar com seu filho?

Paulo teve vontade de gritar: *ele não é meu filho!* Mas se conteve e falou com rancor:

– Pensa que pode nos enganar, Fabrécio? Pensa que não sei com quem anda se encontrando?

Parado no umbral da porta, Fabrécio revidou com perplexidade:

– Pai, não sei a que está se referindo e, embora não lhe deva satisfações, posso lhe afirmar que estava apenas trabalhando.

- Duvido. Para mim, você estava com aquela mulherzinha.

– Não conheço nenhuma *mulherzinha*. Minhas clientes são todas pessoas honestas e dignas.

– Até parece! Então não sei com que tipo de gente anda se metendo?

– Pai, por favor, pare com isso. Não sei por que está me provocando, mas não quero brigar com você.

– Brigar? Não, você não vai brigar. Vai me respeitar!

– Eu o respeito muito. Mas não vou tolerar essas insinuações. E acho que você também me deve respeito.

– Paulo – interveio Flávia. – Não estou entendendo o porquê dessas insinuações. Fabrício sempre foi um rapaz honesto e trabalhador. Não devia falar com ele assim.

– Não digo o contrário. Mas sei que anda se metendo com gente da pior espécie.

Fabrício já estava começando a perder a paciência. Por que o pai não colocava logo para fora o que estava realmente pensando?

– Ouça, pai, já disse que não quero brigar com você. Mas não vou admitir que me desrespeite. Fala em respeito, mas parece haver-se esquecido do que é isso. Sou um homem adulto e responsável, e não preciso que ninguém faça observações maldosas sobre as pessoas com quem me relaciono.

Virou as costas e já ia saindo, mas ouviu novamente a voz do pai, que exprimia com raiva:

– Quer enxovalhar o nome de nossa família envolvendo-se com mulheres casadas?

Ele estacou no meio do corredor, virou-se para Paulo e respondeu com aparente calma:

– Não estou envolvido com mulher alguma e, mesmo que estivesse, não seria problema seu.

– Aí é que você se engana! – esbravejou Paulo, indo ao seu encontro. – Sou seu pai e você me deve satisfações.

– Não lhe devo nada. Sou adulto, já disse...

– Deve-me tudo o que tem! Um bom nome, uma boa casa, uma profissão. Acha que teria conseguido isso sem mim?

– Pai, não quero parecer ingrato, mas se nasci seu filho, foi porque você escolheu ou aceitou me receber e cuidar de mim. A responsabilidade era sua, como é a de todo pai. Você fez o que todo bom pai deve fazer por seus filhos, mas isso não lhe dá o direito de se julgar dono da minha vida.

Temendo o rumo que a conversa estava tomando, Flávia chegou para perto deles, pôs a mão no braço de Paulo e falou súplice:

– Paulo, por favor, chega dessa discussão. Isso não vai levar a nada.

– Chega? – tornou Paulo, já quase fora de si. – Isso é que não. Esse menino está ficando muito atrevido e precisa ouvir algumas verdades!

– Que verdades? – retrucou Flávia, atônita.

– É, pai, que verdades? Que você me deu tudo? Que me cobriu de brinquedos caros, roupas bonitas, me deu instrução? É verdade, reconheço. E agradeço. Mas não me sinto devedor de nada. Você não fez mais do que deveria, assim como eu também farei por meu filho, sem lhe cobrar nada depois.

– Você é um ingrato, Fabrício! Pensa que isso foi tudo o que lhe dei?

– Paulo, pelo amor de Deus! – Flávia estava apavorada, tentando encerrar aquela discussão.

– Deixe, mãe, deixe que exponha suas mágoas. Sei que nunca fui seu filho preferido, que preferia que eu tivesse morrido em lugar de Adriano. Lamento, pai, mas a vida não quis assim. E não pense que eu me sinto culpado por causa disso. Amava Adriano tanto quanto vocês e senti muito a sua perda. Mas não pense que vou me sentir culpado porque ele morreu e eu estou vivo, porque cada um tem aquilo que merece.

– Cachorro! – vociferou Adriano, invisível aos olhos dos demais.  
– Você não sabe o que está dizendo – prosseguiu Paulo. – Adriano era meu filho!

– E era meu irmão...  
– Irmão?!  
– Paulo, cale-se! – cortou Flávia em desespero. – Chega, Paulo, por Deus! Encerre essa discussão antes que se arrependa do que possa dizer!

Paulo encarou o filho com raiva. Não fosse pela mulher, ter-lhe-ia contado tudo ali mesmo e acabado com aquela sua pose arrogante. Mas sabia que, se falasse, Flávia sofreria muito e acabaria se voltando contra ele.

Foi nesse momento que a sintonia com Adriano foi rompida. O amor falou mais alto do que a revolta, e o coração de Paulo foi sendo dominado pela ternura que sentia pela mulher, o que fez com que o ódio do filho fosse perdendo terreno no íntimo do pai. Ele fitou a esposa com amor e acrescentou:

– Não se preocupe, Flávia. Não pretendo dizer nada de que possa me arrepender depois.

Ela suspirou aliviada, mas não se deu por vencida e começou a chorar:

– Oh! Deus, por que vocês não param com isso? São tudo o que tenho. Será que não podem ao menos respeitar a minha dor? Será que não entendem que eu perdi um filho e que não quero perder o restante da família? Por que é que meu marido e meu filho, meu único filho, não podem mais se entender? Ou será que não percebe, Paulo, que Fabrício passou agora a ser o nosso único filho?

Paulo abaixou os olhos, envergonhado, e não respondeu. Foi Fabrício quem tomou a iniciativa de dizer alguma coisa:

– Não chore, mãe. Sei que papai também deve estar sofrendo muito e, por isso, não vou levar em consideração as suas palavras. Tenho certeza de que ele não queria dizer nada do que disse, não é pai?

Olhando-o meio sem jeito, Paulo respondeu:

– Não, claro que não.  
– Então, dê cá um abraço.

Paulo hesitou. O filho estava ali, parado diante dele, braços estendidos, esperando que ele fosse ao seu encontro. Mas ele não queria. Não sentia nenhuma vontade de abraçar aquele rapaz, que criara como filho, mas que agora lhe parecia pior do que um estranho. Contudo, Flávia esperava que eles se reconciassem. Pelo bem da mulher, tinha que vencer a repulsa e abraçá-lo.

Pouco à vontade, Paulo deu um passo em direção a Fabrício e o abraçou, dando-lhe um tapinha de leve nas costas. Aquele abraço causou-lhe imenso mal-estar, e ele teve que fechar os olhos para conseguir suportá-lo.

Fabrício, por sua vez, sensível como era, captou-lhe a contrariedade. Podia sentir, de uma maneira quase que palpável, a rejeição do pai. Sabia que ele só o estava abraçando por causa da mãe, mas ele também levaria adiante aquela farsa. Ao menos por enquanto. Também amava muito a mãe e não queria fazê-la sofrer mais do que já estava sofrendo. Engoliu a vontade de sair correndo dali e recebeu o pai em seu abraço.

Em seguida, Paulo se retirou. Sem dizer mais nada, tomou o rumo do quarto e fechou a porta, enquanto Flávia olhava para o filho com profundo desgosto.

– Ele não gosta de mim, não é mãe? – perguntou Fabrício, quase sem perceber o que dizia.

Refreando as lágrimas, Flávia respondeu:

– Dê-lhe tempo, meu filho. Ele está sentido. Mas vai passar.

– Sei que ele sempre gostou mais de Adriano, mamãe, e não o culpo por isso. Ninguém pode ir contra os seus sentimentos, e você sabe disso tão bem quanto eu. Adriano e papai sempre se afinizaram mais, assim como eu tenho mais afinidade com você.

– Meu filho, não é bem assim.

– É assim, sim, mãe. Mas isso não me entristece. Respeito os sentimentos dele. Mas isso não lhe dá o direito de me tratar como se eu fosse um intruso. Sou tão seu filho quanto Adriano.

– Intruso? Mas o que é isso, meu filho?

– É isso mesmo, mãe. Papai sempre me tratou como se eu fosse um estranho, um intruso. Nunca me deu intimidade, nunca conversou comigo, sempre me excluindo de tudo. Por quê?

Flávia engoliu em seco. Ele estava bem próximo da verdade, mas ela não podia permitir que descobrisse nada. Era seu filho e o amava.

– Você está imaginando coisas, Fabrício. Seu pai sempre teve um jeito meio esquisito. E depois, você mesmo disse que ele tinha mais afinidade com Adriano. O que não significa que não goste de você. À sua maneira, ele o ama, e muito.

Fabrício silenciou. Não adiantava discutir com a mãe. Ela era mãe e jamais iria admitir que o pai o rejeitara a vida inteira e que agora parecia até que passara a odiá-lo.

– Deixe isso para lá – finalizou. – Já passou. E agora, se não se importa, vou para meu quarto. Estou cansado e quero dormir.

Fabrício beijou a mãe e foi para o quarto. Tudo o que queria era um bom banho e cair na cama. Nem queria mais jantar. Aquela discussão lhe tirara a fome. Apanhou o roupão, entrou no banheiro e ligou o chuveiro. Enquanto se despia, sentiu que alguém o observava e olhou espantado para a porta. Não havia ninguém. Ou fora impressão, ou o espírito de Adriano se aproximara. Ele podia sentir.

Adriano, coração carregado de ódio, aproximou seu rosto do irmão e rosnou:

– Não acabou ainda, Fabrício. Eu vou voltar.

Flávia apagou a luz do quarto e deitou-se na cama, ao lado do marido, que fingia dormir.

– Paulo...

– Hum? O quê?

– Está dormindo?

Ele fez alguns segundos de silêncio e respondeu:

– Não.

– Por que fez aquilo, Paulo?

– Por que fiz o quê?

– Você sabe, aquela discussão com Fabrício.

Ele se recostou na cama e acendeu a luz do abajur.

– Ele está de caso com aquela Selena.

– Não é verdade. Selena é apenas sua cliente.

– Vai querer enganar a mim, Flávia? Sou um homem vivido, sei das coisas.

– Mas está enganado, Paulo. Não há nada entre Fabrício e Selena, posso lhe assegurar. E depois, ela é uma boa moça...

– Mas é casada.

– Está se desquitando.

– Pior ainda. Mulher desquitada não presta. Se prestasse, não largaria o marido para ficar por aí, levando vida fácil.

– Isso é uma injustiça, Paulo. Selena é uma moça direita. Não tem culpa se o marido a maltrata.

– Não vamos começar com essa história de novo. E depois, se quer mesmo saber, acho que ela está exagerando, só para dar uma de coitadinha e conseguir o desquite.

– As coisas não são como pensa, Paulo. E se quer mesmo saber, acho que você usou Selena para poder justificar o seu ódio. A moça veio bem a calhar, não foi? Sua entrada na vida de Fabrício foi providencial e serviu bem aos seus propósitos. Você sempre poderá agredi-lo sem assumir o seu próprio ódio, colocando Selena na frente como desculpa.

Paulo engoliu em seco e abaixou os olhos, envergonhado.

– Olhe, Flávia, não sei o que me deu. Mas você sabe como sempre me senti em relação ao Fabrício.

– Sei. Ainda assim, isso jamais havia acontecido. Você quase fala mais do que devia.

– Eu não ia falar nada.

– Não sei, tenho minhas dúvidas – Flávia pousou a cabeça em seu ombro e, com lágrimas nos olhos, implorou: – Por favor, querido, prometa-me que, aconteça o que acontecer, nunca dirá nada a Fabrício.

– Você sabe que não falarei nada, Flávia.

– Então prometa.

– Para que isso? Não acredita em mim?

– Custa prometer?

– Está bem. Se é tão importante assim para você, eu prometo. Prometo que jamais falarei nada a Fabrício sobre a sua verdadeira origem.

Agradecida, Flávia pousou-lhe amoroso beijo nos lábios, aconchegou-se em seu colo e acabou adormecendo, deixando Paulo entregue a seus próprios pensamentos. Fizera-lhe uma promessa porque a amava, mas, em seu íntimo, tinha medo de que não pudesse manter a sua palavra. Não que pretendesse revelar a verdade. Mas ele sabia que, num momento de raiva, acabaria por contar tudo. E aí, além de haver perdido o filho amado num acidente, perderia também a mulher, que o deixaria para seguir aquele a quem ela considerava seu filho.

## ***CAPÍTULO 14***

O dia da próxima audiência de Selena e Cassiano chegou, e ambos estavam nervosos. Iriam prestar depoimento pessoal, e Cassiano, mais do que Selena, tinha muitos motivos para se preocupar. Iria mentir o tempo todo, e a mentira era algo difícil de se sustentar.

Selena foi a primeira a ser interrogada. Cassiano foi convidado a esperar do lado de fora. Não podia ouvir o seu depoimento. Depois que ele saiu, o juiz Otávio tomou a palavra e começou a dizer:

– Muito bem, dona Selena. A senhora moveu a ação de desquite litigioso porque seu marido a maltrata. Isso é verdade?

– Sim, senhor.

– O que ele faz, exatamente?

– Ele costuma me bater – calou-se, emocionada.

– E a senhora já foi à polícia?

– Apenas uma vez, orientada pelo meu advogado.

Selena começou a chorar. Estava muito nervosa, e Otávio se condoeu. Esperou até que ela se acalmasse e perguntou tudo sobre aquele dia em que, segundo ela afirmava, Cassiano a espancara. Depois disso, quis saber das fotos.

– Foi tudo armação de meu marido – desabafou.

Otávio ergueu uma sobrancelha e voltou a indagar:

– Como assim?

Ela lhe contou sobre suas suspeitas, e o juiz ficou estarelecido. Em seus muitos anos de prática, jamais havia visto algo semelhante. No entanto, tudo era possível, e ela também podia estar inventando aquela história só para se justificar. Cabia a ele descobrir a verdade.

Depois que ela terminou, o juiz pediu que se retirasse e fez com que Cassiano entrasse. Ele veio com ar debochado e riu quando a mulher passou por ele. Sentou-se em seu lugar e esperou até que o juiz começasse a lhe fazer as perguntas.

– Senhor Cassiano – começou Otávio –, sua mulher diz que o senhor bateu nela. O senhor confirma essa história?

– Absolutamente. Jamais lhe encostei um dedo.

– Mas ela afirma que várias pessoas a viram com hematomas. Inclusive na delegacia.

– É verdade. Mas ninguém pôde provar nada.

– O senhor está respondendo a um processo criminal?

– Processo? Estou, creio que sim.

– Perdão, excelência – interrompeu Aderbal. – Meu cliente é leigo e não entende de procedimentos legais. Mas, se me permitir, gostaria de esclarecer.

– Pois não, doutor.

– O senhor Cassiano não foi acusado de nada. A polícia abriu inquérito e ainda está investigando o fato.

– Entendo. Obrigado pelo esclarecimento, doutor. E agora, senhor Cassiano, continuemos. O senhor afirma que nunca bateu em sua mulher. No entanto, os ferimentos foram comprovados por médico perito oficial. Não foi o senhor quem os provocou?

Cassiano deu de ombros e respondeu:

– De jeito nenhum. E não faço a menor idéia de quem possa ter sido. Eu nunca encostei um dedo em minha esposa. Se alguém bateu nela, não fui eu. Quem sabe, o seu amante?

Fabrcício fuzilou-o com o olhar. Queria matá-lo, mas procurou se conter. Se perdesse a calma, poderia comprometer todo o processo, e Selena acabaria prejudicada.

– Obrigado pela sugestão, seu Cassiano, mas opiniões pessoais são desnecessárias aqui. Limite-se a responder o que lhe pergunto.

– Sim, senhor – respondeu Cassiano, rubro de ódio.

– E quanto a seus filhos? Sua mulher o acusa de aterrorizá-los.

– Selena está delirando. Jamais maltratei meus filhos.

– Sei... E agora, senhor Cassiano, vamos falar sobre a noite do suposto adultério.

– Suposto? As fotos comprovam tudo e dispensam maiores comentários.

– Quem resolve isso aqui sou eu. Vi as fotos, mas quero saber do senhor – novamente rubro, Cassiano sentiu ganas de xingar aquele sujeito, mas não disse nada. – Quero que me diga, senhor Cassiano. O que o levou a desconfiar de sua mulher?

– Seu comportamento e o de meu irmão.

– Que comportamento?

– Ela andava estranha, fria. E meu irmão vivia a rondá-la, lançando-lhe olhares significativos. Fiquei desconfiado.

– E como sabia que sua mulher estava, naquele exato momento, mantendo relações com seu irmão?

– Fingi que ia sair, mas fiquei à espreita, escondido no final do corredor, esperando que ele aparecesse.

– E como foi que teve a idéia de fotografá-los?

– Vi isso num filme e resolvi imitar.

– Entendo... Quando entrou, o que, exatamente, sua mulher estava fazendo?

Cassiano, novamente, abaixou os olhos, fingindo-se envergonhado, e respondeu bem baixinho:

– Preferia não dizer.

– Pois eu estou mandando que diga.

– Bem, doutor, não quero que pense que estou lhe faltando com o respeito.

– Não penso nada. Faltará com o respeito à Justiça recusando-se a responder.

Após profundo suspiro, ele desabafou:

– Ela estava nua, deitada sob o corpo também nu de meu irmão.

– E qual foi a sua reação quando os viu?

– Fiquei chocado. Pensei que ia morrer.

– E, ainda assim, teve forças para fotografá-los.

– É verdade. Só Deus sabe o que um homem ferido e humilhado é capaz de fazer.

– Sei... E quanto a seu irmão? Cortou relações com ele?

– Não. Aníbal se mostrou muito arrependido. Disse que Selena vivia a seduzi-lo, até que ele não agüentou mais. Um dia, acabou perdendo a cabeça.

– Quer dizer então, que seu irmão confirmou que era amante de sua esposa?

- Sim.
- Há quanto tempo?
- Há bastante tempo.

Fabrício estava enojado. Aquele Cassiano era um descarado. Quando ele terminou o seu depoimento, o juiz perguntou às partes se gostariam de interrogá-lo também, mas ninguém se habilitou. O juiz era muito experiente e não deixava escapar nada.

Tudo terminado, Selena foi novamente introduzida no recinto para o encerramento da audiência, e uma outra foi marcada, para dali a quinze dias.

Já na rua, Selena virou-se para Fabrício e perguntou ansiosa:

- Então? Como me saí?
- Muito bem. Tenho certeza de que o juiz está pendendo para o nosso

lado.

- E as fotos? Qual foi a reação dele diante daquelas fotos?
- Ele ficou em dúvida e fez perguntas. Cassiano é um homem arrogante e atrevido, e o juiz chegou a se irritar com ele em alguns momentos.

Selena sorriu. De braços dados com Fabrício, foi andando pela rua, sentindo em seu peito que podia ter esperanças. A causa era difícil, mas ela foi acometida por uma confiança, uma certeza de que iria vencer, e relaxou. Estavam no caminho certo, ela sabia. Deus existia e, na certa, não deixaria que Cassiano levasse a melhor.

O telefone no escritório de Fabrício tocou insistentemente, e Ofélia veio correndo atender. Acabara de chegar do almoço, e Fabrício também ainda não voltara.

- Alô?
- Alô – repetiu uma voz do outro lado da linha. – Por favor, o doutor Fabrício está?

- Ainda não voltou do almoço. Gostaria de deixar recado?
- Diga a ele que é o doutor Aderbal, advogado do senhor Cassiano Flores. Poderia pedir a ele que me telefonasse?

- Pois não. Um momentinho que vou anotar o número.

Enquanto Ofélia procurava a caneta no meio da papelada, a porta se abriu e Fabrício entrou em companhia de um cliente antigo.

– Ah! doutor Fabrício – falou ela, tapando o fone com a mão. – É o doutor Aderbal quem está ao telefone, advogado do senhor Cassiano. Vai atendê-lo?

Fabrício fez um ar surpreso e respondeu apressadamente:

- Sim. Passe para o meu escritório.

Pediu ao cliente que aguardasse na sala de espera e foi atender em sua sala. Fechou a porta, sentou-se à sua mesa e retirou o fone do gancho.

- Pode passar, dona Ofélia.

Poucos segundos depois, a voz do outro advogado se fez ouvir:

- Alô? É o doutor Fabrício quem fala?
- Ele mesmo. Em que posso lhe ser útil?
- Bem, doutor, estou ligando em nome de meu cliente, o senhor Cassiano Flores, e gostaria de saber se podemos marcar um encontro.
- Um encontro? Para quê?
- Meu cliente está disposto a tentar um acordo.

Aquilo o surpreendeu sobremaneira. Jamais poderia esperar que Cassiano fosse lhe oferecer um acordo. Embora desconfiado, aquiesceu:

– Estou à sua disposição. Onde gostaria que nos encontrássemos?

No exato instante em que perguntou, uma voz interior lhe dizia que o melhor lugar seria em seu próprio escritório, pois Cassiano poderia estar aprontando alguma.

– Estive pensando. Há um restaurante aqui na Lapa...

Seguindo a voz da intuição, ou melhor de Helga, que sempre o alertava dos perigos, Fabrício cortou a palavra de Aderbal e decretou:

– No meu escritório. Segunda-feira, às dez horas em ponto. Não faltem.

Nem deu ao outro tempo de contestar. Desligou o telefone e ficou pensando. Aquele Cassiano devia estar aprontando alguma. Mas o que poderia ser? Será que pensava em fazer-lhe algum mal? Não acreditava. Não que ele não fosse capaz. Não tinha era coragem. Contudo, algo lhe dizia que devia tomar alguma providência. Fosse o que fosse, o melhor que tinha a fazer era se resguardar.

Foi quando uma idéia lhe ocorreu. E se Cassiano fosse ali para lhe fazer algum tipo de ameaça? Aquilo, com certeza, seria uma ótima prova contra ele. Contudo, como faria para provar? Dona Ofélia poderia ouvir e servir de testemunha, mas o doutor Aderbal trataria logo de arranjar-lhe uma contradita, e seu depoimento seria ouvido, no máximo, como de mero informante. Precisava de uma prova mais robusta. Mas o quê? Uma gravação. A melhor coisa seria uma gravação. Isso mesmo. Daria um jeito de gravar toda a conversa, e se Cassiano fosse ali para lhe fazer alguma ameaça, estaria colocando a corda em seu próprio pescoço.

Estavam na quinta-feira. Teria ainda bastante tempo para arranjar tudo. Precisava comprar um gravador, instalá-lo em local seguro, fazer um teste. Tudo tinha que estar funcionando perfeitamente, para que não houvesse nenhuma surpresa na hora.

Atendeu o cliente que chegara com ele e foi para o fórum. Tinha duas audiências às quais não poderia faltar. Depois que terminou, apanhou o carro e tomou a direção da casa da avó. Quando chegou, foi recebido com o entusiasmo e a alegria de sempre. Sentou-se no sofá, brincou com as crianças e contou tudo o que tinha acontecido, deixando Selena de veras preocupada. E se Cassiano estivesse aprontando alguma armadilha?

– Não tenha medo, Selena. Ele não poderá fazer nada contra mim em meu escritório.

– Terei que estar presente?

– Não será necessário. Eu mesmo cuidarei de tudo.

– E o que pretende fazer se ele o ameaçar? – perguntou Inês interessada. – Ir à polícia?

– Aí é que está. Pensei em gravar toda a conversa. Só assim poderemos provar sua ameaça.

– Boa idéia! – elogiou Selena.

– Quero deixar tudo pronto com antecedência. Amanhã mesmo comprarei o gravador e arranjarei um lugar para instalá-lo. Na segunda-feira, tratarei de chegar bem cedinho. Quero chegar ao escritório a tempo de testar tudo. Não quero surpresas na hora da entrevista.

Depois de tudo acertado, Fabrício voltou para casa mais confiante. Achava que Cassiano iria tentar alguma coisa, e aquela gravação seria de suma importância para o processo.

No dia seguinte, logo pela manhã, foi comprar o gravador. Escolheu um modelo moderno, dos mais caros e de maior alcance, mas pequeno o suficiente para ser escondido. Comprou as fitas, fios, tomadas, e foi para o escritório. Queria montar tudo pessoalmente.

Ofélia, como sempre, já estava sentada à sua mesa e o cumprimentou com a usual cordialidade:

- Bom dia, doutor Fabrício. Atrasou-se um pouco hoje.
- Bom dia, dona Ofélia. É que tive que resolver alguns assuntos.

Como está a minha agenda hoje?

- Hum... deixe ver – respondeu ela, consultando a agenda sobre a mesa.
- O senhor teria uma audiência às duas horas, mas foi desmarcada. Ligaram do escritório do advogado da outra parte, avisando que o cliente dele foi hospitalizado.
- Coitado. Algo grave?
- Não. Parece que passou mal e teve que fazer uns exames.
- Ainda bem. E é só isso?
- Não. Tem hora marcada com dois clientes novos, um às dez, e outro às onze.

Consultou o relógio. Faltavam apenas dez minutos para as dez. Atenderia os clientes primeiro e depois teria todo o tempo livre para preparar tudo.

Quando, finalmente, o último cliente se foi, já passava do meio-dia, e Fabrício saiu com Ofélia para almoçar. No restaurante, contou-lhe o que pretendia fazer, e ela deixou escapar um sorriso maroto.

- Nossa! Parece até coisa de filme de detetive.
- Quase isso, dona Ofélia.

Terminaram a refeição e voltaram para o escritório, e Ofélia foi ajudá-lo a aprontar tudo.

– Onde é que vamos colocá-lo? Tem que ser em um lugar que não dê na vista e que não seja distante, ou não conseguirá gravar direito.

- Hum... deixe ver... que tal embaixo de sua mesa?
- Embaixo da mesa? Eles podem ver.
- É claro que não vão ver. A mesa é fechada desse lado.

Ofélia apontou para o outro lado da mesa, onde uma grossa placa de madeira cobria o fundo, e Fabrício sorriu satisfeito.

- Isso mesmo! O som não vai ficar abafado, e ninguém vai ver nada.

Depositou o gravador no chão, encostando-o bem no fundo da mesa, longe de seus pés, apanhou o fio e fez uma extensão. Seria preciso passar o fio por debaixo do tapete até a tomada, para que não ficasse visível. Tudo terminado, olharam para a sala. Havia ficado muito bom, e ninguém perceberia nada.

– Agora vamos ver se funciona. Sente-se aqui, dona Ofélia – ela obedeceu, e Fabrício ligou o gravador. – Agora, diga alguma coisa.

- Está certo. Meu nome é Ofélia, e o seu?

– O meu? É Fabrício. Estamos testando você, gravador. Veja lá se não vai nos deixar na mão.

– Não vou, não – respondeu Ofélia, entrando na brincadeira. – Juntos, vamos apanhar aquele Cassiano. Ele vai ver. Vai se dar mal.

- É o que espero. Conto com você, gravador, com a sua eficiência.
- Não se preocupe, doutor Fabrício. Não vou decepcioná-lo.

Riram alto, e Fabrício desligou o gravador. Em seguida, voltou a fita e colocou-a para tocar. A voz de Ofélia se elevou clara e nitidamente:

- *Está certo. Meu nome é Ofélia...*

Ouviram toda a gravação, e Fabrício desligou o aparelho, satisfeito.

– Dona Ofélia, vai dar tudo certo. Se aquele Cassiano estiver aprontando alguma, está perdido. Ficaré em nossas mãos.

No fim da tarde, depois de preparar algumas petições, Fabrício saiu do escritório e se dirigiu à casa da avó. Sentia muitas saudades de Selena. Sabia que estava apaixonado e que ela o correspondia e, apesar de não poderem ainda assumir o seu amor, não podia deixar de pensar nela.

Como ainda era cedo, pensou em fazer-lhe uma surpresa. Foi caminhando pelas ruas do centro da cidade, olhando as lojas, e resolveu fazer umas compras. Comprou uma boneca para Selma, um chocalho de ursinho para Carlinhos e um vestido para Selena, além de algumas flores para sua avó. Tencionava levar Selena para jantar e queria que ela estivesse linda.

Na casa da avó, a alegria de Selma ao ver a boneca nova foi contagiante. Até mesmo Carlinhos, que começara a andar fazia alguns dias, ficou todo contente com seu chocalho novo. Vendo a alegria dos filhos, Selena falou emocionada:

– Nem sei como lhe agradecer, Fabrício. Fazia tempo que não ganhavam nenhum brinquedo. Nossa situação é difícil, você sabe.

– Não precisa agradecer, Selena. Sinto prazer em fazê-la feliz. E depois, gosto dos seus filhos.

Inês veio lá de dentro. Tinha ido colocar as flores na água e voltou seguida por Bibiana, que trazia uma bandeja cheia de copos de refresco. Todos se serviram, e Fabrício, em seguida, meio acanhado, estendeu para Selena o último embrulho que trouxera. Ela o apanhou sem jeito, desatou o laço que o prendia e expôs o vestido.

– Fabrício! – exclamou embasbacada. – Que riqueza!

Era um vestido de noite, azul-escuro, de um tecido brilhante e com debruns pretos cintilantes.

– Gostaria de convidá-la para jantar comigo hoje.

– Jantar? Não sei se posso.

– É claro que você pode, meu bem – incentivou Inês. – Pode e deve.

– Mas as crianças...

– Pode deixar que Bibiana e eu tomamos conta delas. E agora suba.

Vá se vestir.

Selena apanhou o vestido e, com os olhos úmidos, beijou a face de Inês, correndo para o quarto. Voltou cerca de meia hora depois. O vestido parecia feito para ela, e Fabrício ficou admirado.

– Mamãe tá bonita. – falou Selma, que nunca havia visto a mãe vestida daquele jeito.

– Está mesmo uma beleza, não está? – concordou Inês. – Mas pode ficar melhor.

Saiu e voltou pouco depois, com uma caixa de sapatos na mão. Dentro, um sapato de salto, de verniz preto, novinho em folha.

– Que lindo, dona Inês.

– Comprei-o para a formatura de Adriano – deixou escapar um suspiro e continuou: – Mas agora é seu.

– Não posso aceitar.

– Deixe de bobagem, Selena. Então ainda não aprendeu que merecemos tudo aquilo que recebemos? Se eu estou lhe dando o meu sapato, primeiro é porque posso e quero. Segundo, porque você merece.

– Mas dona Inês, é novinho!

– E daí? Deixe de orgulho e aceite. Saber receber é tão importante quanto saber dar.

Sem ter como recusar, Selena apanhou o sapato e experimentou. Era um número maior do que o seu, mas Inês deu um jeito, colocando uma palmilha.

– Ficou uma beleza! – tornou Fabrício, cada vez mais apaixonado.

– Sim, uma beleza – aquiesceu Inês. – E agora vão. Já está ficando tarde.

Selena apanhou os filhos no colo, beijou-os carinhosamente, fez-lhe milhões de afagos e falou com doçura:

– Mamãe vai sair, mas não demora. Vocês vão ficar com vovó Inês só um pouquinho, está bem?

Selma e Carlinhos fizeram carinha de choro quando ela saiu, e Selena quase desistiu de ir, mas Inês a tranquilizou:

– Vá, minha filha, não se preocupe. Criança pequena é assim mesmo; não quer desgrudar da mãe. Mas eu vou distraí-las. Pode ir tranqüila.

Parada na porta da frente, Selena esperou até que as crianças voltassem sua atenção para as brincadeiras que Inês começou a fazer e só então saiu.

– Sua avó é maravilhosa – falou para Fabrício.

– É sim. Gosto muito dela.

Apanharam o carro e partiram. Enquanto ia dirigindo, Fabrício a olhava pelo canto do olho. Ela era linda e meiga, e ele estava certo de que estava cada vez mais apaixonado.

Fabrício levou-a para jantar num restaurante fino, freqüentado pela mais alta sociedade carioca.

– Há muito tempo não venho aqui – comentou Selena.

– Conhece esse lugar?

– Sim. Vim aqui algumas vezes antes de casar. Mas depois, minha vida mudou, e tudo ficou difícil.

– Entendo. Mas não pense nisso agora. Pense apenas em se divertir.

Passaram uma noite agradável. Jantaram, conversaram, riram. Em momento algum, Fabrício tentou nada com ela. Nenhum beijo ou abraço, nem palavras de amor. Não queria que ela se sentisse constrangida ou pressionada. Apenas se deixaram envolver pela suavidade do momento e da presença um do outro. E foi maravilhoso. Para os dois.

## CAPÍTULO 15

No sábado pela manhã, Clarinha acordou indisposta. Dormira mal, sonhara com Adriano a noite inteira. No sonho, ele lhe cobrava algo que ela não sabia o que era. Dizia que fora roubado, algo assim, mas ela não se lembrava direito.

Levantou-se da cama, vestiu o biquíni e foi tomar café. Um banho de mar seria excelente para recobrar suas energias. A mãe e o pai já estavam à mesa e a cumprimentaram quando ela chegou:

– Bom dia, Clarinha. Sente-se e venha tomar café.

Clarinha sentou-se, mas não conseguiu engolir nada.

– O que há com você? – indagou a mãe.

– Não sei, não me sinto bem. Estou enjoada.

A mãe e o pai trocaram olhares significativos.

– Enjoada? – repetiu o pai. – Por quê? Comeu alguma coisa que lhe fez mal?

– Não sei. Mas não passei bem à noite. Tive pesadelos e meu estômago revirou.

O pai olhou para ela com desconfiança e disparou:

– Veja lá o que andou fazendo, hein menina? Com essa sua mania de independência, não vá nos envergonhar.

Clarinha levantou-se da mesa abismada.

– O que estão pensando? O que quis dizer, papai?

– Nada – respondeu a mãe, tentando disfarçar. – Seu pai não quis dizer nada.

– Pois não foi o que pareceu. Está insinuando alguma coisa?

– Não estou insinuando nada. Apenas espero que você saiba se cuidar.

– Sei cuidar de mim muito bem.

– Melhor assim. Você pode andar com essa mania de mulher independente, mas ainda é uma moça e deve se preservar. Cuidado para não cair na lábia de qualquer um.

– Pai, não estou entendendo aonde quer chegar. Por acaso pensa que estou grávida, é?

A mãe engasgou com o café e tossiu, e o pai, envergonhado, considerou:

– E está?

– Não, não estou.

– Espero que continue assim.

– Bernardo! – censurou Elizete. – Clarinha não é desse tipo.

– Que tipo, mãe?

– Ora, você sabe o que quis dizer.

– Espero que não seja mesmo – interrompeu o pai. – Se não, vai se arrepender.

– Papai, pare de me ameaçar por uma coisa que eu nem fiz! Vocês sempre confiaram em mim. Posso saber por que desconfiam agora?

Bernardo pigarreou, pousou a torrada no prato e respondeu:

– Você anda se encontrando muito com Selena. E ela não é boa influência.

– Eu sabia! Tinham que envolver a Selena nisso. O que será que ela fez de tão errado assim, hein, pai?

– Você sabe.

– Não, não sei. Ao contrário, acho que ela não fez nada de errado.

– Ela foi vista ontem num restaurante, em companhia de Fabrício.

– É? E daí?

– E daí que eles devem estar... estar...

– Estar o quê, pai?

– Não me diga que você o deixou para sua prima! – objetou a mãe.

– Deixei quem, mãe?

– Fabrício.

– Não a quero envolvida com Fabrício também. Ele pode ser homem, mas devia se preocupar mais com o nome da família. Aposto como o pai dele não está nada satisfeito com esse caso.

– Que caso?

– Ora, minha filha, duvido que ele e Selena não sejam amantes.

– Papai, como pode dizer uma coisa dessas? Selena é uma moça direita.

– Bem se vê. Enfim, não temos nada com isso. Mas você é minha filha, e não fica bem ser vista em companhia deles.

– Mas Bernardo – ponderou Elizete –, Fabrício é um ótimo partido. Pensava que Clarinha e ele pudessem se entender.

– Mamãe, quantas vezes preciso lhe falar que não estou interessada em Fabrício? Eu amava Adriano.

– Adriano morreu. E você tem que pensar em seu futuro.

– Sua mãe está certa. Contudo, não creio que Fabrício seja o rapaz mais indicado para você.

– Por que não, Bernardo? É rico, tem um futuro brilhante.

– Porque está envolvido com sua sobrinha, por isso!

– Ora, mas Selena deve ser apenas um casinho. Sabe como é, os rapazes adoram certas facilidades. E depois, com a nossa Clarinha, ele não vai conseguir nada disso...

– Vocês querem parar com isso, os dois? – cortou Clarinha, indignada.

– Discutem sobre a minha vida como se ela fosse de vocês. E você, mãe? Não se envergonha de falar de sua sobrinha assim desse jeito?

Elizete deu de ombros e retrucou:

– Não a considero mais minha sobrinha. Desde que se casou com aquele Cassiano, a família toda lhe voltou as costas.

– Mas eu não! Selena é minha prima e minha amiga, e pretendo ajudá-la no que for preciso.

– Chega, Clarinha! – esbravejou o pai. – Não quero você metida com Selena.

– Você não tem o direito.

– Tenho sim. Você é minha filha e me deve obediência.

– Não lhe devo, não. Sou maior e vacinada, e você não manda mais em mim.

– Estou lhe avisando!

– Por que tanto preconceito, pai? O que foi que Selena lhes fez?

– Não nos fez nada. Fez a toda sociedade. É muito feio uma mulher largada do marido.

– Feio é o preconceito. As pessoas são todas iguais, papai, independente de suas escolhas.

– Chega, Clarinha, eu a proíbo!

– Você não me proíbe de nada! E quer saber? Já estou cheia dessa conversa idiota.

Ela se levantou bruscamente, atirou o guardanapo sobre a mesa com força e saiu batendo pé.

– Aonde vai? – quis saber a mãe.

– Não interessa.

Furiosa, rodou nos calcanhares, apanhou a bolsa e saiu batendo a porta, ainda a tempo de ouvir as últimas palavras do pai:

– Essa menina não nos respeita mais...

Entrou no elevador desanimada. Por que é que as pessoas eram tão preconceituosas? Ela sabia que Fabrício encontrava o mesmo problema com o pai. Mas, se até os pais da própria Selena a discriminavam, o que dizer dos outros? Aquela era a sociedade em que viviam. Uma sociedade hipócrita, mesquinha, cruel. Todo mundo fazia de tudo, mas ninguém tinha coragem de assumir nada, e logo apontavam o dedo para o primeiro que fugia a suas regras, como se pudessem descontar nos outros todos os seus erros e frustrações.

Parada na beira da calçada, Clarinha esperava para atravessar. O dia estava muito ensolarado e quente, mesmo àquela hora da manhã, e ela começou a sentir-se mal. O estômago voltou a doer, e ela sentiu uma forte tonteira. Levou a mão à testa, sentindo o suor escorrer, e pensou que iria desmaiar.

Recobrando ânimo, sacudiu a cabeça e pôs o primeiro pé na rua, em seguida o outro, e começou a atravessar lentamente. Já estava no meio da rua quando a tonteira aumentou, e ela, de repente, viu tudo rodar à sua volta e sentiu uma fraqueza incontrolável. Suas pernas começaram a se dobrar e o corpo amoleceu. Em segundos, estava no chão e nem escutou o ruído de pneus atritando no asfalto, e um carro que vinha à toda, freando bruscamente, quase a atropelou.

Foi uma correria danada. Clarinha, desmaiada no chão quente, parecia morta, pálida feito cera. O porteiro, vendo a confusão, se aproximou e, reconhecendo Clarinha, correu a chamar seus pais, que vieram esbaforidos. O pai a ergueu no colo e correu com ela para o carro, deitando-a no banco de trás. Elizete sentou-se a seu lado, e ele deu partida, rumo ao hospital.

Enquanto isso, parado no meio da rua, alheio aos carros que passavam, Adriano olhava perplexo. Não entendia o que havia acontecido. Chegara perto de Clarinha, tentara conversar com ela enquanto dormia. Mas, quando ela acordara, sentira-se frustrado ao perceber que ela havia esquecido praticamente tudo. Por quê? Aquilo o deixara furioso.

Depois, quando ela começou a defender Selena e Fabrício, quase enlouqueceu. Aproximou-se dela novamente para lhe pedir que parasse, mas ela não o ouvia. Colara-se a ela, seguindo-a até a rua.

Tão intensa era a sua proximidade, que ele lhe sugava as energias sem saber, e Clarinha, não conseguindo assimilar a sua presença, sentiu-se invadida por uma força estranha, e seu estômago logo reagiu, revirando e causando-lhe dores e enjôos. E foi então que desmaiou. A tontura que as investidas de Adriano lhe causavam fez com que ela perdesse grande parte de suas energias, e ela, não podendo suportar, como que brevemente fugiu da realidade e desmaiou.

Aquilo assustou Adriano sobremaneira. Será que ela estava doente? Em sua ignorância espiritual, sequer desconfiava de que era ele a causa do mal-estar da moça, julgando que ela estivesse com alguma doença até então desconhecida.

Clarinha estava sendo atendida na emergência.

– O que é, doutor? – perguntou Bernardo.

– Ainda não sabemos. Vamos fazer alguns exames.  
Colheram sangue e deram-lhe remédio, e Clarinha começou a melhorar.  
Vendo a mãe parada a seu lado, perguntou o que havia acontecido e ficou surpresa ao saber que havia desmaiado. Fora a primeira vez em toda a sua vida.

– Sente-se melhor? – perguntou o médico.  
– Sim.  
– Ótimo. Descanse mais alguns minutos e poderá ir.  
O médico saiu com Bernardo atrás.

– Doutor, espere! O que ela tem?  
– A princípio, nada.  
– Nada?  
– Pois é. Não constatei nada de anormal. Entretanto, qualquer diagnóstico definitivo, nesse momento, me parece precipitado. Só poderei falar depois de ver o resultado do exame de sangue. Contudo, aconselho-o a levá-la a um bom clínico geral.

– Será que ela pode estar grávida?  
– Grávida? Não, não está, se é isso o que o preocupa.  
Bernardo suspirou aliviado, apertou a mão do médico e finalizou:  
– Graças a Deus, doutor. Fico mais tranquilo.

O médico se foi e Bernardo voltou para junto da esposa e da filha mais animado. Ao menos, ela não estava grávida, o que seria uma vergonha. Entrou no pequeno box da enfermaria da emergência, recebeu e assinou alguns papéis que a enfermeira lhe estendia e foi embora com Clarinha e Elizete.

## CAPÍTULO 16

Quando Fabrício entrou em casa naquela noite, Paulo ainda estava acordado, esperando por ele. Assim que fechou a porta, assustou-se com o pai, sentado na sala, à meia-luz, vestido com um robe azul marinho, que se confundia com o tecido escuro do sofá. Fabrício teve um sobressalto e exclamou:

– Pai! Que susto me deu. O que faz aí, sentado no escuro?

Paulo levantou-se e acendeu a luz, encarando o filho com ar de reprovação.

– Onde esteve? – perguntou mal humorado.

Fabrício aproximou-se dele, já sentindo a raiva do pai pela entonação de sua voz.

– Estive por aí – respondeu secamente.

– Com quem?

Tentando controlar a contrariedade, Fabrício virou-lhe as costas e foi seguindo em direção ao corredor, ao mesmo tempo em que dizia:

– Já sou grandinho, papai. Não lhe devo satisfações.

Vendo-o se afastar, Paulo correu para ele e puxou-o pelo ombro, virando-o bruscamente.

– Ah! deve sim. Enquanto viver nesta casa, deve-me todas as satisfações que eu lhe pedir.

– Se o caso é esse, posso mudar-me amanhã mesmo.

Ele soltou-o bruscamente e arrematou com azedume:

– Tudo por causa daquela mulherzinha, não é mesmo?

– Que mulherzinha? Já disse que não conheço nenhuma mulherzinha.

Ouvindo as vozes do marido e do filho, Flávia despertou e abriu a porta do quarto. Paulo e Fabrício estavam parados no corredor, discutindo.

– Mas o que é que está acontecendo aqui? Discutindo de novo?

– Nada, mãe.

– Está tudo bem, querida – tranqüilizou Paulo. – Volte a dormir.

Fabrício, aproveitando a presença da mãe, deu boa noite e entrou em seu quarto, trancando a porta em seguida.

– Venha dormir, Paulo – chamou a mulher.

– Não estou com sono.

– Mas venha para o quarto. Não tem por que ficar parado aí.

– Vou ver televisão.

– Mas que televisão? Já são duas horas da manhã, e a TV está fora do ar. Venha dormir, vamos.

Sem saída, Paulo entrou em seu quarto, completamente contrariado, tirou o robe e deitou-se na cama. Flávia deitou-se a seu lado e, rosto virado para ele, tentou argumentar:

– Paulo, querido, o que está acontecendo conosco? Por que não podemos mais ser uma família feliz?

Ele encarou-a com profundo pesar e contestou com mágoa:

– Como posso ser feliz se perdi meu único filho?

– Isso não é verdade. Nós temos o Fabrício.

– Fabrício não é...

– Chi! – fez ela, tapando a boca do marido com os dedos. – Não diga isso. Pelo amor de Deus, nunca mais pense em dizer uma coisa dessas. Você prometeu.

Envergonhado, Paulo retrucou:

– Eu sinto muito, Flávia. Sei que prometi nunca dizer nada. Mas não posso evitar. Você sabe que Fabrício e eu nunca nos demos muito bem.

– Você sempre o discriminou.

– Não é verdade...

– É sim. Desde pequenos, sua preferência por Adriano sempre foi muito clara.

– Mas é que Adriano era nosso filho.

– Assim como Fabrício também é.

– Não quero magoá-la, querida, mas sabe que os dois eram muito diferentes.

– Não vejo diferença alguma além dos traços físicos.

– Por favor, Flávia, tente entender. Durante todos esses anos, venho me esforçando para gostar de Fabrício tanto quanto gostava de Adriano. Mas não consegui. Ele sempre me pareceu um estranho. E agora que meu menino morreu, vejo-o como um usurpador.

– Paulo, que horror! Como pode dizer uma coisa dessas? Fabrício sequer desconfia de sua origem. Pensa que é nosso filho legítimo. Jamais será um usurpador.

– Ainda assim. Sabe, Flávia, há coisas que não podemos explicar. Sentimento é uma delas. Por que às vezes nos sentimos atraídos por determinadas pessoas e antipatizamos com outras? Não acha isso estranho?

– É, é estranho, mas sei que acontece. Contudo, quando o alvo são os nossos próprios filhos, devemos fazer de tudo para nos modificarmos.

– Modificar já é difícil. Modificar sentimentos, então, é praticamente impossível.

– Mas Paulo, você tem que tentar.

Paulo acariciou os cabelos da esposa e deitou sua cabeça sobre seu colo, falando com ternura:

– Flávia, sinto muito. Amo você e não quero magoá-la. No entanto, não consigo amar Fabrício. Não consigo! Pensa que isso também não é difícil para mim? Pensa que não gostaria de amá-lo? Se o amasse, talvez agora não sentisse tanto a falta de Adriano. Mas o que acontece, e sei que o que vou dizer é horrível, é que preferia que fosse Fabrício que tivesse morrido naquele acidente, não Adriano.

Calou-se, a voz embargada. Só Deus sabia o quanto de esforço estava fazendo para poder assumir aquele sentimento. Até para si mesmo. Durante muitos anos tentara se justificar, dando sempre a desculpa da afinidade. Adriano era mais parecido com ele. Não só fisicamente, mas em temperamento. Por isso sua preferência. Contudo, no fundo, no fundo, sabia que essa não era bem a verdade. Amava Adriano e não gostava de Fabrício. E nem era porque um era legítimo e o outro, adotado. Simplesmente era porque não conseguia amar Fabrício. Só isso.

Mas Flávia não entendia. Amara os dois filhos em igual intensidade, embora se afinizasse mais com Fabrício, e retrucou chocada:

– Paulo! Não devia dizer uma coisa dessas. Adriano morreu porque chegou a vez dele. É duro, eu sei, e muito mais para mim do que para você. Sou mãe, fui eu que o criei, que lhe dei amor, que lhe dei o seio para se alimentar. Você não sabe o que é isso.

– Compreendo, Flávia. Sei que você deve estar sofrendo muito também. Mas tem o Fabrício...

– Você também tem. Ele é tão seu filho quanto meu.

– Não, Flávia. Ele é seu filho. Você o recebeu nos braços, você quis adotá-lo. Eu simplesmente me resignei à sua vontade.

– Quer me culpar por ter adotado o menino?

– Não é isso. Eu também concordei. Mas é que achava que não poderíamos ter outros filhos. E depois, você ficou tão feliz...

– Pois então? Por que você também não consegue ser feliz? Por que não tenta? Por que não olha para Fabrício como seu filho? O problema é que você nunca conseguiu vê-lo como filho; sempre como um estranho.

– Ele não tem o meu sangue.

– E daí? Desde quando os laços de amor estão presos aos laços de sangue? Você sabe que isso é bobagem.

– Não sei, Flávia. O fato de que Adriano era meu filho legítimo criou um elo muito mais profundo com ele. Elo esse que não consigo ter com Fabrício.

– Pois se não fosse Fabrício, agora não teríamos mais nenhum filho para amar.

– Se não fosse Fabrício, Adriano não teria saído correndo naquela chuva, subindo o Alto da Boa Vista feito um louco.

– Não diga isso, Paulo, não é justo. Você quer culpar Fabrício pela morte de Adriano. Mas ele não é culpado. Ninguém é. Adriano morreu porque escolheu assim. Era chegada a hora dele.

Paulo inspirou profundamente e tornou:

– Acredita mesmo nisso?

– Acredito.

– Acredita que o espírito de Adriano esteja vivo em algum lugar?

– Tenho certeza.

– E ele já se comunicou com você?

– Ainda não.

– Por quê?

– Não sei. Talvez porque ainda não tenha chegado a hora.

– Ouça, Flávia, sei que deve ser um conforto para você acreditar nisso, mas não consigo. Se Adriano estivesse vivo em espírito, é claro que já teria tentado entrar em contato conosco. Mas nunca o fez. Por quê? Porque espíritos não existem.

– Tudo bem, Paulo, é seu direito pensar assim. Mas por que não vai comigo um dia ao centro de mamãe? Talvez se surpreenda.

– Por quê? Vou me comunicar com meu filho? Se for, irei amanhã mesmo.

– Não posso lhe garantir isso. Eu mesma espero uma comunicação há tempos mas, até agora, não obtive resultado.

– Tá vendo? Isso tudo é bobagem, Flávia. Sua mãe fica influenciando sua cabeça com essas tolices.

– Não vou discutir com você, Paulo, porque sei que não adianta. Mas pense bem no que lhe falei.

– Não, Flávia, não posso me iludir e viver me preocupando com ilusões. Preocupa-me o aqui e agora. Preocupa-me o fato de, a cada dia, gostar menos de Fabrício. E, para completar, ele foi se envolver com aquela Selena. Aposto que esteve com ela até agora.

– Não comece a colocar Selena, novamente, como justificativa para sua revolta.

– Não é nada disso. E não adianta brigar. Você já conhece a minha opinião.

– Sim. E lamento muito por ela.

– Por favor, Flávia, não vamos mais discutir.

– Não estou discutindo. Mas é que também me preocupo. Quero que você e Fabrício se entendam. Quer você queira, quer não, são pai e filho.

– Ele quer sair de casa.

– Quer? – repetiu ela, espantada.

– Sim.

– Por quê? O que você lhe disse?

– Que, enquanto viver sob o meu teto, deve-me explicações.

– Por favor, Paulo, não diga mais isso. Deixe-o.

– Talvez seja melhor mesmo que se vá.

– Não desse jeito. Seria melhor se ele tivesse essa vontade para construir a sua própria vida de forma independente. Mas não é esse o motivo. Ele quer sair porque você o está atormentando.

– Você não quer que ele parta, não é mesmo?

– Não é isso. Fabrício já é um homem e deve cuidar de sua própria vida. Mas quero que ele saia porque é o seu desejo, não para fugir de nós.

Paulo não disse mais nada. Estreitou a mulher de encontro ao peito e deitou-se colado a ela. Apagou a luz, beijou sua cabeça e murmurou:

– Está bem, Flávia, não direi mais nada. Agora durma. Amanhã é segunda-feira, e preciso levantar cedo para trabalhar.

Encerrado o assunto, ele permaneceu abraçado à esposa. No entanto, embora ambos fingissem dormir, não conseguiram pregar olho e permaneceram calados o resto da noite, até que a exaustão viesse dominá-los, já quase ao amanhecer.

## CAPÍTULO 17

Faltavam cinco minutos para as dez quando Cassiano e o doutor Aderbal entraram na sala de espera do escritório de Fabrício. Ofélia recebeu-os com simpatia, ofereceu-lhes um cafezinho e pediu que aguardassem:

– O doutor Fabrício está ao telefone com um cliente, mas já vai atendê-los.

Fabrício deixou que esperassem por cerca de quinze minutos, ligou o aparelho gravador e só então mandou que entrassem. Cassiano passou primeiro. Olhar arrogante, postura de desafio, queixo proeminente em sinal de imposição. Aderbal, mais profissional, veio atrás, sustentando no rosto um sorriso de estudada cortesia.

– Bom dia, doutor Fabrício – cumprimentou Aderbal, estendendo-lhe a mão, que o outro tomou e respondeu:

– Bom dia, doutor Aderbal, seu Cassiano...

Apontou-lhes as poltronas em frente a sua mesa, e os dois se sentaram. Cassiano continuava a encará-lo com olhar desafiador, mas Fabrício não se deixou intimidar.

– Gostariam de um cafezinho? Uma água?

– Não, obrigado, doutor. Sua secretária já nos serviu.

– Muito bem. Em que posso ser-lhes útil?

Aderbal pigarreou, cruzou as mãos sobre a mesa e, prosseguindo com seus gestos estudados, começou fazendo rodeios:

– Bem, doutor Fabrício, sabe que o meu cliente está muito abalado com essa separação... – parou de falar e esperou para ver se Fabrício esboçava alguma reação, mas este se manteve impassível, apenas olhando-o com firmeza. – Seu Cassiano ama muito a esposa e não gostaria de se separar.

– Hum, hum... – fez Fabrício, sem demonstrar muito interesse.

– E depois, tem a questão dos filhos... Ser-lhe-á muito doloroso separar-se deles também.

– Sei...

O outro fez uma pausa, sem saber como prosseguir. Esperava que Fabrício dissesse alguma coisa, que se adiantasse na conversa, mas ele não dizia nada. Olhou discretamente para Cassiano, que continuava com aquele olhar de desafio, e continuou:

– Por isso viemos procurá-lo. Gostaríamos de oferecer-lhe um acordo... – calou-se, remexendo-se na cadeira, pouco à vontade.

Fabrício, mãos cruzadas sobre a boca, olhava-o com ar enigmático. Estava louco para falar, mas procurava se conter. Precisava ir com calma, fazer com que o outro pensasse que não tinha muito interesse e falasse mais.

Durante alguns minutos, um silêncio constrangedor se instalou entre eles. Fabrício endireitou o corpo na poltrona, respirou fundo e, olhos nos olhos, indagou:

– Que espécie de acordo, doutor Aderbal?

Aderbal pigarreou novamente, olhou de soslaio para Cassiano, que fez um gesto imperceptível, e rebateu:

– Bom, doutor Fabrício, é muito doloroso para meu cliente separar-se dos filhos. Contudo, está disposto a abrir mão deles em troca de uma pequena... compensação.

– Que compensação?

Aderbal olhou novamente para Cassiano, que não tirava os olhos de Fabrício, e continuou:

– O senhor sabe, doutor Fabrício, como é difícil para um pai separar-se de seus filhos. Selma e Carlinhos são a razão da existência de Cassiano... Não é mesmo, seu Cassiano?

Cassiano deu um sorriso irônico e, num gesto teatral, respondeu com voz melíflua:

– São tudo o que tenho, doutor Fabrício.

– Pois é – retomou Aderbal. – Por isso é que lhe é tão difícil separar-se deles. Ele vai sofrer mas, se for para o bem de todos...

– Entendo.

– É claro que ninguém faz uma coisa dessas de forma impensada. Não, claro que não. Meu cliente está apenas pensando no bem-estar das crianças. Só por causa delas é que aceitou fazer esse acordo.

Já impaciente, Fabrício cortou-o e falou com rispidez:

– Por favor, doutor Aderbal, vá direto ao ponto, sim? O que, exatamente, está tentando me dizer?

Aderbal pigarreou de novo, olhou para Cassiano mais uma vez e, tentando aparentar naturalidade, declarou:

– Bem, doutor Fabrício, trata-se de um acordo...

– Isso eu já sei, doutor Aderbal, o senhor já me disse. Mas que tipo de acordo?

Pigarreou de novo, e Fabrício notou que seu rosto ia ficando vermelho. Não devia estar muito acostumado àquelas situações e esclareceu, como que a se desculpar:

– Doutor Fabrício, não estaria aqui se não fosse para o bem de meu cliente. Ele vai concordar em perder os filhos, mas não pode sair assim sem nada...

– Sei, sei...

– Por isso, tem uma proposta a lhe fazer.

Silêncio. O advogado não conseguia falar, e Fabrício já começava a se inquietar. O tempo ia passando, a fita ia rodando e logo se esgotaria, sem que ele conseguisse gravar o que era importante. Pensou em encerrar aquela entrevista e mandá-los embora. Depois pensaria em outra coisa. Mas, subitamente, Cassiano, também impaciente, ergueu a voz e expôs, ele mesmo, a proposta que o levava até ali:

– Bem, doutor Fabrício, vamos deixar de lengalenga. O doutor Aderbal aqui não se sente muito à vontade para fazer-lhe a proposta. Mas não faz mal. Eu mesmo lhe direi a que vim – Fabrício ergueu as sobrancelhas, interessado, e o outro prosseguiu: – Nós todos sabemos o quanto Selena é rica, não é mesmo?

– E daí?

– E daí que não é justo que eu saia desse casamento com uma mão na frente e outra atrás. Afinal, foram anos de convívio.

Fabrício mordeu os lábios, já sentindo a raiva tomar conta dele, mas procurou se conter e estimulou:

– Continue, seu Cassiano, estou ouvindo.

– Bem, como o doutor Aderbal aqui falou, será muito duro separar-me de meus filhos, mas estou disposto a abrir mão deles, desde que Selena me dê algo em troca.

– O quê?

– Como disse, ela é muito rica. Pois bem. Minha proposta é a seguinte: dou-lhe o desquite amigavelmente e a guarda das crianças. Em troca, ela me dá uma gratificação... em dinheiro.

Apesar de surpreso, Fabrício manteve-se impassível. Pelo rumo da conversa, não percebia nenhuma ameaça no ar, mas uma proposta realmente indecorosa, o que seria ótimo para Selena.

– Seu Cassiano, deve estar havendo algum engano – esclareceu. – Selena não tem dinheiro algum. Quem tem são seus pais, e eles, ao que me consta, não aprovaram o casamento. O que o faz pensar que eles a ajudariam?

– As crianças. Sei que gostariam de criá-las.

– Há, no seu raciocínio, um grande equívoco, seu Cassiano. Selena não está disposta a entregar os filhos para os pais criarem.

– Ainda assim, eles a ajudariam. Tudo para que pudessem ver os netos. Ainda que não os criassem, gostariam de poder visitá-los, passear com eles, acompanhar o seu crescimento. Não estou certo?

– E acha que eles lhe dariam dinheiro?

Cassiano olhou para Aderbal, que tomou a palavra:

– Estivemos pensando, doutor Fabrício, num adiantamento de legítima.

– O quê?

– Bem, como Selena e a irmã são as únicas herdeiras, a parte que lhes cabe na herança, que é a legítima, não pode ser transferida para mais ninguém. Tem que ser delas, de qualquer jeito. E Selena, como herdeira necessária, vai receber o seu quinhão, com certeza.

– Não precisa me ensinar o Direito, doutor, porque o conheço muito bem. Só estou achando um absurdo essa proposta.

– Absurdo por quê? Com o adiantamento da legítima, Selena pode entrar na posse de seus bens e fazer o que bem entender. E aí, a metade teria que ser de Cassiano. Eles são casados em comunhão de bens, o senhor sabe.

Refreando a vontade de esganá-los, Fabrício continuou a incentivá-los. Aquela conversa estava tomando um rumo melhor do que o esperado.

– O que o faz pensar que os pais de Selena aceitariam essa proposta? Seria o mesmo que fazer uma doação direta a Cassiano. E com isso, eles jamais concordariam.

– Tenho meios de convencê-los – intercedeu Cassiano com ar de triunfo.

– Que meios?

Ele fez sinal para Aderbal, que abriu a pasta e retirou um envelope pardo, estendendo-o para Fabrício.

– O que tem aí não é nenhuma novidade...

Antes mesmo de pegar o envelope, Fabrício já sabia do que se tratava. Abriu-o calmamente e retirou as fotos de Selena e de Aníbal, contendo-se para não esmurrar aquele ordinário.

– Não gostaria de fazer uso dessas fotografias publicamente – disse Cassiano –, mas não vejo outra saída. Selena foi muito leviana. Trair-me com meu próprio irmão! E justo ao lado do bercinho de meu filho, que dormia placidamente. É uma indignidade, não acha?

– Com essas fotos, o juiz dará a guarda das crianças a meu cliente. Sabe disso, não é, doutor Fabrício? O adultério está provado. Note essa primeira foto. Ambos foram flagrados em pleno ato sexual. Não há dúvidas.

– Não sei se o juiz pensa assim. Ele não me pareceu inteiramente convencido.

– Como não? O adultério está mais do que provado. Em pleno ato sexual. Do jeito como manda a lei.

– E depois, Aníbal está disposto a testemunhar, dizendo que ela o seduziu. Selena é uma mulher bonita, seria difícil para um homem resistir a ela.

– Você não presta, Cassiano – desabafou Fabrício, com raiva. – Devia ir preso.

– Eu não presto? Quem não presta é Selena. Ao menos, nunca a traí.

– Nem ela. Isso foi uma armação. Ela me contou tudo.

Cassiano deu de ombros, fez um muxoxo e retrucou:

– E daí? Quem é que pode provar?

Era agora! O coração de Fabrício disparou. Armara aquilo tudo esperando gravar uma ameaça. Ao invés disso, Cassiano estava entregando todo o jogo, revelando sua própria torpeza. Mais um pouco e ele confessaria tudo, e o resultado seria muito melhor do que o esperado.

– Por que fez isso, seu Cassiano? – tornou Fabrício, fingindo-se derrotado. – Por que humilha assim a sua mulher?

Ele torceu os lábios e prosseguiu:

– É a lei da selva, doutor. Selena já não me queria mais. Vivia pedindo o desquite. O que queria que eu fizesse? Que abrisse mão de tudo pelo que venho lutando há anos?

– E por isso resolveu armar essa arapuca?

– Não foi uma arapuca. Selena caiu porque quis.

– Ela estava carente, e o senhor sabia disso. Por isso mandou seu irmão lá naquela noite, não foi?

– Foi uma idéia genial, não foi? – ele deu uma gargalhada e continuou: – Selena é muito burra. Sabia que ia cair feito um patinho. Foi só apanhar as crianças, levá-las para a casa da minha mãe, e pronto. Vendo-se sozinha, foi muito fácil para Aníbal seduzi-la.

– Isso foi uma covardia, seu Cassiano.

– Que covardia, que nada! Aposto que ela até gostou – risos. – Aníbal disse que foi bom. E as fotos mostram isso, não é?

– Será mesmo? Parece-me que Selena estava sendo forçada...

– Forçada? Não, meu caro, não se iluda. Ela se entregou a ele porque quis. Ninguém mandou ser trouxa. Quando viu a câmera, ficou apavorada e quis fugir. Mas Aníbal a segurou, e eu pude fotografá-los bastante. Essa aqui do bercinho está ótima, não está? Chega a ser comvente.

– Selena estava carente, amedrontada.

– E daí? Ninguém mandou ser trouxa. Ela bobou, eu aproveitei. Sabia que ela estava sentindo falta daquilo – novos risos. – É muito fácil conquistar uma mulher sozinha e desiludida. Não sabia, doutor?

Ignorando sua insinuação maldosa, Fabrício continuou, como quem não tinha mais o que fazer.

– Não devia se aproveitar assim das fraquezas das pessoas.

– O senhor é muito bonzinho, doutor Fabrício. Talvez porque não precise de nada. É um homem rico, bem apessoado. O que sabe sobre a miséria?

– Eu? Nada. Nem o senhor. Que eu saiba, o senhor não é nenhum miserável. Pode não ser rico, mas não lhe falta nada.

– Mas eu quero muito mais. Quero ter um apartamento bacana, carro do ano, roupas caras. Quero viajar, me divertir com as mulheres, aproveitar a vida. Pensei que, casando-me com Selena, fosse conseguir tudo isso. Mas os pais dela não aprovaram o casamento e retiraram todo o apoio. Selena e eu ficamos sem nada. Acha isso justo?

– Casou-se com ela porque quis, Cassiano. Devia amá-la.

– Gostava dela. É bonitinha, tem um corpo bem-feito. Mas é fria qual uma pedra. Na cama, deixa muito a desejar – concluiu com um riso debochado.

Nesse ponto, Fabrício quase se levantou e o espancou. Já estava ficando difícil tolerar a conversa daquele homem grosseiro e ordinário.

– Seu Cassiano, por favor, contenha-se – censurou Aderbal. – Pode comprometer-se.

– Como? O que ele pode contra mim? Nada. Não pode provar o que eu disse. Será a palavra dele contra a minha. E depois, não agüento mais. Estou entalado com ele até o pescoço.

Fabrício riu intimamente. Aquele homem era um tonto. Já era hora de dar a entrevista por encerrada. Eles já estavam ali fazia quase uma hora e, em breve, a fita terminaria.

– Bem, doutor Aderbal, se essa é a sua proposta, apanhe suas fotos e seu cliente e saia daqui. Não negocio com marginais.

Cassiano deu um salto da cadeira, debruçou-se sobre a mesa e, fitando-o com olhar ameaçador, disparou:

– Vou acabar com vocês, doutorzinho. Quer recusar o meu acordo? Pois bem. Recuse. Mas depois, quando Selena perder as crianças, não diga que não avisei.

– O senhor é livre para fazer o que bem entender, seu Cassiano. Mas eu sou um homem digno, um advogado honesto. O que me oferece não é um acordo, mas uma chantagem. E não me curvo a chantagistas baratos.

Naquele momento, Fabrício pensou que Cassiano fosse dar-lhe um murro, mas Aderbal interveio, segurando-o pelo ombro.

– Sente-se, seu Cassiano, por favor. Se perder a calma, perderá também a razão – Cassiano tornou a se sentar, e o advogado prosseguiu: – Reflita bem sobre nossa proposta, doutor Fabrício. Será para o bem de todos. Mostre as fotos aos pais de dona Selena. Quem sabe assim, eles não concordam com o adiantamento de legítima? Afinal, é o nome deles que também está em jogo.

– Lamento, doutor Aderbal. Mas já disse que não negocio com marginais. E agora, façam o favor de se retirar. Não temos mais nada a conversar.

– Cachorro!

Cassiano deu a volta na mesa e correu para Fabrício, tentando acertar-lhe um soco, mas Aderbal correu atrás e segurou-o a tempo.

– Contenha-se, seu Cassiano! – exclamou ele. – Quer estragar tudo?

Fabrício continuava sentado, impassível, fitando-o com desdém. Sabia que ele estava em suas mãos e não tinha medo de suas ameaças.

– Vai me pagar! – berrava Cassiano. – Está dormindo com minha mulher, está?

Fabrício levantou-se com calma, segurou o outro pelo colarinho e, aproximando bem o rosto do seu, disparou em tom intimidador:

– Não tenho medo de você, Cassiano. E agora, saia daqui, antes que chame a polícia.

Ouvindo falar em polícia, Cassiano retrocedeu. Até Ofélia, ouvindo a gritaria, apareceu na porta, preocupada com a segurança do patrão. Estava mesmo pronta para ligar para a polícia.

Cassiano puxou as mãos de Fabrício de seu colarinho, ajeitou o terno e, com olhar fuzilando, ameaçou:

– Isso não vai ficar assim, doutor Fabrício. Tenha certeza.

Rodou nos calcanhais e saiu, seguido por Aderbal, que suava frio. Passou por Ofélia feito uma bala, esbarrando nela ao sair, e bateu a porta com furor. Depois que eles se foram, ela olhou para Fabrício com ar interrogador e ele, com um sorriso maroto, exultou:

– Conseguimos, dona Ofélia! Conseguimos!

Correu para o armário e apanhou uma garrafa de champanhe e duas taças. Precisavam comemorar. Venceria a ação e conquistaria Selena. Estalaram as taças e, ao levá-las aos lábios, ouviram um breve clique. A fita no gravador chegara ao fim, e sua vitória estava apenas começando.

Sentados do lado de fora da sala de audiências, Fabrício, Selena, Clarinha e dois policiais esperavam a vez de ser chamados. Era dia de depoimento, e Clarinha e os policiais serviriam de testemunha. A todo instante, olhavam para a porta, esperando que Cassiano e Aderbal aparecessem, mas nada. Os minutos foram se passando, e os casais das audiências anteriores iam entrando e saindo, mas nada de Cassiano chegar.

– O que foi que houve? – indagou Selena. – Será que não vêm?

– Ainda não está na hora. Nós é que chegamos cedo.

– É verdade, Selena. Até o irmão de Cassiano já chegou.

Clarinha apontou para um canto, onde Aníbal aguardava, acabrunhado, a chegada do irmão. Pouco depois, seus nomes foram apregoados, e Selena e Fabrício se levantaram.

– Acho que não vêm – observou Clarinha.

– Engana-se. Lá estão eles.

Fabrício apontou para a porta com o queixo, e ambas viram Cassiano e Aderbal entrarem esbaforidos. Foram direto para a sala de audiência, e Fabrício pediu a Clarinha e os guardas que aguardassem até que fossem chamados. Todos tomaram assento, e o juiz Otávio, examinando os autos, começou a dizer:

– Muito bem. Trouxeram as testemunhas?

– Sim, excelência – respondeu Fabrício.

Otávio olhou para Aderbal e continuou:

– O senhor indicou apenas uma testemunha, doutor. Não compareceu?

– Sim, excelência. Está lá fora.

– Muito bem – virando-se para o oficial, ordenou: – Mandar entrar a testemunha da parte autora.

O oficial saiu e voltou logo em seguida com Clarinha, que tomou assento no local indicado. Ao olhar para ela, Otávio sentiu uma estranha emoção. De onde é que conhecia aquela moça? Provavelmente, de lugar nenhum. Ela era muito jovem e, na certa, não freqüentaria os mesmos lugares que ele. Contudo, algo nela o atraía. Não era apenas a sua beleza. Era algo mais, algo que não sabia definir e que mexia com ele.

Clarinha virou-se para o juiz e sentiu que seu coração também disparava. Era estranho, mas aquele homem maduro e tão bonito despertara algo dentro dela. Contudo, ele era o juiz, a autoridade máxima ali dentro, e ela não podia deixar que percebesse a sua admiração.

– Muito bem, dona Ana Clara, a senhora é prima da autora, não é mesmo?

– Sim, senhor.

– É sua amiga pessoal?

– Bem... sim.

– Sei que esses casos são difíceis, mas gostaria de alertá-la de seu compromisso com a verdade. Normalmente, pessoas muito ligadas às partes não podem depor como testemunhas. No entanto, dadas as peculiaridades dos processos de família, as pessoas que mais conhecem os fatos são, justamente, aquelas mais próximas. Ainda assim, temos todos o dever de colaborar com a justiça. Por isso, apesar de a senhora não ter prestado compromisso, gostaria que me respondesse com a maior sinceridade possível. Compreendeu?

– Sim, senhor.

A voz de Clarinha era tão firme, tão segura, que Otávio se admirou. Esperava que ela, a exemplo de todos os que se sentavam ali, se sentisse intimidada e com medo. Mas não. Ela parecia bem segura e senhora de si.

– Bem, dona Ana Clara, há quanto tempo conhece a autora?

– A vida inteira. Somos primas.

– Sim, claro. E o senhor Cassiano? Conhece-o também?

– Conheço-o desde que começou a namorar Selena.

– Entendo. E o que sabe sobre seu relacionamento?

– Bem, no princípio, davam-se bem. Mas depois, ele começou a beber e a agredi-la.

Ele balançou a cabeça e, folheando os autos, ia lendo as alegações da petição inicial e da defesa, buscando elementos onde pautar a inquirição.

– A senhora, pessoalmente, viu alguma dessas agressões? Viu-o batendo nela?

– Ver, não vi.

– E como sabe que ele a agredia?

– Ela me contava e me mostrava os hematomas.

O juiz Otávio continuou inquirindo Clarinha, até que chegou ao ponto desejado. O suposto flagrante de adultério.

– A senhora tem conhecimento de que sua prima estivesse mantendo um relacionamento extraconjugal?

– Não, senhor. Conheço Selena muito bem e sei que ela jamais seria capaz de uma indignidade dessas.

A inquirição continuou por mais cerca de dez minutos, findos os quais, o juiz se deu por satisfeito.

– Alguma pergunta, doutores? – perguntou ele aos advogados.

Ambos menearam a cabeça, e Clarinha foi dispensada. Saíra-se muito bem, e não era preciso reinquiri-la em nada. Enquanto o escrivão encerrava o termo de depoimento, Clarinha ficou prestando atenção na austera sala de audiências, e seus olhos e os de Otávio se cruzaram de repente. Ela enrubesceu e abaixou a cabeça, envergonhada. Ele, por sua vez, tentando disfarçar o embaraço, evitou ao máximo olhar de novo para ela e mandou que fosse conduzida a uma outra sala, onde teria que aguardar o final dos depoimentos.

Depois de acomodar Clarinha na sala ao lado, o oficial saiu e voltou com um dos policiais que atenderam ao chamado de uma vizinha, no dia em que Cassiano, furioso, trancara as crianças no quarto e espancara a mulher. O policial sentou-se e

prestou compromisso, olhando seriamente para o juiz. Não era amigo nem inimigo de nenhuma das partes, e seu depoimento estava isento de qualquer suspeita.

– Senhor Durval Pereira, o senhor foi chamado, na noite de 25 de abril de 1965, para atender uma ocorrência na Rua Barão de São Borja, nº 48, apartamento 203?

– Sim, senhor.

– E quem o chamou?

– Uma senhora, dona Lucinda de Carvalho.

– E por que foi o chamado?

– Bem, a dona Lucinda disse que o vizinho, seu Cassiano, estava batendo na mulher e nos filhos.

– Sei. E o senhor lá chegou a que horas, o senhor se recorda?

– Hum... deixe ver... por volta das nove horas.

– Quem veio atendê-lo?

– O senhor Cassiano.

– Ele estava sozinho?

– Não. A mulher e os filhos estavam com ele.

– O senhor os viu?

– Somente a mulher. Ele disse que os filhos estavam dormindo.

– E como estava dona Selena?

– Bastante machucada. Tinha sangue no rosto.

– E o que ela lhe disse?

– Disse que tinha caído e batido o rosto na quina da mesa.

A velha história de sempre. Os maridos espancavam as esposas, e elas, por medo ou paixão, não diziam nada. O policial terminou de prestar depoimento e saiu, e o outro, que atendera ao chamado junto com ele, entrou, sentou-se e disse exatamente a mesma coisa.

Em seguida, foi a vez das testemunhas do réu. A única testemunha que Cassiano tinha para apresentar era seu irmão. Aníbal chegou com ar debochado, deu um sorriso para Selena, que abaixou os olhos, e tomou seu lugar.

– Então, senhor Aníbal, o que foi que houve, exatamente, naquela noite em que o senhor foi à casa de seu irmão?

– Noite? Que noite? Refere-se àquela em que... em que Selena e eu...

Enxugou discretas lágrimas dos olhos, e Otávio olhou-o de má vontade. Sua longa experiência lhe dizia que estava diante de um farsante. O homem à sua frente ia mentir. Aquela encenação toda era bem típica dos mentirosos, e ele sabia disso. No entanto, não podia prejudicar e continuou:

– Sim, senhor Aníbal, refiro-me à noite em que seu irmão afirma que o senhor e dona Selena mantiveram relações.

– Ouça, doutor, quero que saiba que estou muito arrependido do que fiz. Não queria magoar meu irmão. Mas o senhor sabe, sou homem, e foi difícil me controlar. Selena me abordou e... – calou-se novamente.

– Sei, sei – concordou o juiz. – Mas o que aconteceu?

Ele fez uma pausa teatral, respirou fundo e, fingindo constrangimento, começou a contar:

– Bem, eu fui à casa de meu irmão. Precisava falar-lhe. Quando cheguei, Selena veio atender, fez-me entrar e sentar. Disse que Cassiano não estava e que as crianças estavam dormindo.

– E depois?

– Levantei-me para ir embora, mas ela me impediu. Segurou a minha mão e... bem... começou a acariciar-me, o senhor entende...

O juiz olhou discretamente para Selena, que corou e fez um gesto de contrariedade, mas foi contida por Fabrício. Ele sussurrou algo em seu ouvido, e ela se acalmou, e Otávio prosseguiu:

– O que houve então?

– Eu tentei resistir. Sabe como é, Cassiano é meu irmão, e eu não queria magoá-lo. Mas ela foi insistente, provocou-me de todas as formas, até que não pude mais resistir. Tomei-a nos braços e deixei que ela me conduzisse até o seu quarto.

– Mantiveram relações sexuais?

– Sim...

Aníbal abaixou os olhos, fingindo-se envergonhado, e o juiz continuou:

– E as crianças, senhor Aníbal? Onde estavam?

– Dormindo.

– No mesmo quarto?

– Não. Só Carlinhos. Selma estava no quarto dela.

– Quer dizer que o bebê dormia no quarto, enquanto o senhor e dona Selena mantinham relações?

– Isso mesmo.

– E não acordou?

– Não.

– Quantas vezes o senhor e dona Selena mantiveram relações?

– Apenas essa vez.

– Tem certeza?

– Sim.

– O senhor Cassiano disse que o senhor lhe confessou que já eram amantes há bastante tempo. Mas como, se essa foi a primeira vez que tiveram relações?

Aníbal, desconcertado, olhou para Cassiano e para Aderbal, que não diziam nada. Pensou depressa e respondeu:

– Bem, eu estava confuso e arrependido. Posso ter dito qualquer coisa.

– O senhor falou ou não ao seu irmão que já era amante de dona Selena há mais tempo?

– Não me lembro...

– Não se lembra de haver faltado com a verdade antes, ou está faltando com ela agora?

Aníbal sentiu o rosto arder e teve certeza de que o rubor lhe cobria as faces. Olhos pregados no chão, não sabia o que dizer. O juiz Otávio deu por encerrada a audiência, abrindo prazo para que as partes informassem se possuíam outras provas a produzir. Depois que eles saíram, ficou a pensar. Não gostava de prejudicar ninguém, mas aquele Cassiano não o enganava. Era um homem mesquinho e violento, e ele duvidava muito se aquele flagrante não teria sido uma farsa. Estava convicto de que fora.

## CAPÍTULO 18

Em casa, Clarinha não conseguia parar de pensar no juiz Otávio. Aquele homem mexera com ela de uma maneira que nunca antes havia experimentado. Terminou de pentear os cabelos, olhou-se no espelho e sorriu satisfeita. Achava-se atraente e tinha certeza de que Otávio ficara impressionado. Mas o que estava dizendo? Otávio? O homem era um juiz que ela, provavelmente, nunca mais tornaria a ver. Seu relacionamento com ele resumira-se àquela audiência em que fora prestar depoimento. Nada mais. E depois, ele nem devia se lembrar mais de que ela existia. Mas, ainda assim, não conseguia parar de pensar nele e no jeito como a olhara.

Ela foi para a janela e ficou olhando o mar, sentindo no rosto a brisa fresca da noite. De repente, ouviu chamar o seu nome:

– Clarinha.

Olhou assustada, mas não viu ninguém. Podia jurar que aquela era a voz de Adriano, mas não podia ser. Ou podia? Ela já aprendera o suficiente sobre espiritismo para saber que isso era bem possível. No entanto, nunca soubera que era médium. Nunca vira nem ouvira nada. Até então...

Seus pensamentos se voltaram para o ex-noivo. Como estaria? Seu espírito continuava vivo em algum lugar. Mas onde? Estaria perdido nas cavernas do astral inferior ou fora logo socorrido e se encontrava em processo de repouso e refazimento?

– Estou aqui, Clarinha – respondeu Adriano, invisível aos olhos da moça –, ao seu lado.

Clarinha pensava nele com insistência. Será que estava mesmo ali?

– Estou, Clarinha, estou aqui. Por que não me ouve? Olhe para mim.

A moça, sem lhe ouvir as palavras, percebia-lhe a presença e intuía tudo o que ele lhe falava. Olhou ao redor, mas não o viu, e Adriano, que já começava a ficar nervoso, chegou-se mais para perto dela e a abraçou. Clarinha sentiu uma forte tontura, o estômago revirou e teve vontade de vomitar. Foi para a cama e sentou-se, pensando em chamar alguém. Quanto mais passava mal, mais Adriano tentava se comunicar com ela, sem sucesso, porém.

O campo vibratório de Adriano causava imenso mal-estar em Clarinha. Ele guardava no coração um ódio cego e profundo, não só pelo irmão, mas, agora também, pelo juiz Otávio. Não conhecia aquele homem e surpreendera-se sobremaneira ao percebê-lo povoando os pensamentos de Clarinha. Quem era ele? Por que sua noiva não parava de pensar nele?

O ódio de Adriano, literalmente, invadia a aura de Clarinha, e ela sentia essa invasão com enjôos e dores estomacais que, aparentemente, não tinham explicação. Não conseguindo assimilar-lhe a presença, não por estar desencarnado, mas por vibrar tanto ódio, passava mal e desmaiava.

Percebendo que ia desmaiar, ainda conseguiu juntar forças e chamou baixinho:

– Mãe...

Tombou o corpo para trás e desabou sobre a cama, inconsciente. Em seu quarto, Elizete lia uma revista de modas, ao lado do marido, que estudava alguns documentos.

– Ouviu alguma coisa? – perguntou ela, erguendo os olhos da revista.

Bernardo, sem desviar a atenção dos papéis que tinha nas mãos, retrucou sem interesse:

- Hum?
- Não ouviu nada?
- Não. Por quê?
- Não sei. Parece-me que ouvi Clarinha chamar.

Ele também ergueu os olhos dos documentos e apurou os ouvidos, tentando ouvir alguma coisa.

- Não ouço nada. Deve ter sido impressão.
- Acho melhor ir ver se está tudo bem.

Elizete se levantou, vestiu o penhoar e se dirigiu ao quarto da filha. Bateu levemente e chamou-a, mas ninguém respondeu. Vagarosamente, abriu a porta e olhou. Clarinha estava estirada sobre a cama, pálida feito um boneco de cera. Elizete correu para ela e pôs-se a gritar:

- Bernardo! Bernardo! Acuda!

Na mesma hora, Bernardo apareceu. Vendo a filha jogada na cama feito morta, assustou-se.

- O que foi que aconteceu?
- Oh! Bernardo, não sei. Cheguei aqui e encontrei Clarinha assim.

Bernardo tomou-lhe o pulso. Parecia um pouco alterado, mais fraco do que o habitual.

- Acho melhor chamarmos um médico.
- Depressa, Bernardo, por Deus!
- Melhor. Vamos levá-la a uma emergência.

Correu ao quarto e se trocou, e Elizete fez o mesmo, apanhando ainda algumas roupas da filha no armário. Em seguida, Bernardo ergueu-a no colo, ainda de camisola, abriu a porta e saiu com ela, seguido pela mulher, que não parava de chorar.

- Minha filha! Minha filhinha!

A seu lado, o espírito de Adriano acompanhava tudo sem entender. Ele amava Clarinha. Pensava que ela o amasse também. Mas devia estar enganado. Se o amasse, não estaria pensando em outro com tanta insistência. Será que fora por isso que passara mal? Já era a segunda vez que aquilo acontecia, e ele não conseguia entender por quê.

Já haviam chegado ao carro, e Adriano, desesperado, falou para Elizete:

- Dona Elizete, desculpe-me. Sou eu, Adriano. Não fiz por mal.

Elizete não ouviu nada, mas sentiu sua aproximação e se arrepiou toda.

- Credo! – exclamou ela assustada.
- O que foi? – indagou Bernardo, que acabara de ajeitar a filha no

banco de trás.

- Sei lá. Senti um arrepio esquisito.
- Deve ser o ar da noite.

Bernardo deu partida no automóvel e saiu em disparada, rumo ao hospital, deixando Adriano sozinho na garagem escura. Quando chegou, a emergência estava praticamente vazia, e Clarinha logo foi atendida. O médico de plantão era outro mas, como seu colega da primeira vez, não conseguiu encontrar nada de errado. Depois de examiná-la detidamente, virou-se para Bernardo e, fixando-lhe bem o rosto, falou:

- Creio que já o conheço.
- É? – tornou Bernardo curioso. – De onde?
- Sua filha não era noiva de Adriano, filho de Flávia e Paulo Lopes

Mandarino?

Bernardo ergueu as sobrancelhas, surpreso, e retrucou:

- Isso mesmo.

– Sou o doutor Feliciano, médico de Flávia. Não se lembra de mim?  
O outro estreitou os olhos, puxando pela memória e, conseguindo finalmente lembrar-se dele, tornou:

– Ah! isso mesmo. Agora me lembro. Como vai?

Apertaram-se as mãos com simpatia, e Feliciano observou:

– Já faz algum tempo desde a última vez que nos vimos.

– É verdade. Mas você esteve presente ao funeral de Adriano, não esteve?

Feliciano balançou a cabeça e observou:

– Estive sim.

– Uma coisa horrível. Perder um filho assim, na flor da idade.

– Deus tem seus mistérios...

Elizete veio se aproximando, e Bernardo logo a introduziu ao médico:

– Elizete, lembra-se do doutor Feliciano, médico de Flávia, mãe de Adriano?

Ela olhou-o espantada e, recordando-se dele, estendeu-lhe a mão, que ele tomou com cortesia, e acrescentou:

– Lembro-me sim. É um prazer revê-lo.

– O prazer é todo meu, senhora.

– Não sabia que trabalhava neste hospital.

– Trabalho aqui há muitos anos, mas só faço plantão duas vezes por semana. Hoje, sou apenas clínico geral e tenho um consultório particular em Copacabana. Já estou ficando velho para levantar no meio da noite para fazer partos.

– Que sorte encontrarmos justo o senhor – felicitou-se Elizete. – Mas diga-me, doutor, o que é que minha filha tem?

– Ela já fez o exame de sangue, e o resultado deve sair por esses dias – acrescentou Bernardo.

– Sei. Bem, doutor Bernardo, não posso dar um diagnóstico sem ver os exames. Sua filha, aparentemente, não tem nada.

– Como, não tem nada? – surpreendeu-se Elizete. – Já é a segunda vez que isso acontece.

– Eu sei, dona Elizete, mas eu a examinei e não constatei nada de errado. Por isso é que precisamos esperar o resultado do exame de sangue. Façamos uma coisa – ele levou a mão ao bolso e tirou um cartãozinho, estendendo-o a Bernardo. – Assim que tiverem o resultado, liguem para o meu consultório e marquem uma consulta. Tratarei dela pessoalmente, se vocês quiserem, é claro.

– É claro que queremos – concordou Elizete. – O senhor é um médico muito conceituado, e ficaremos mais tranquilos sabendo que nossa filha está em boas mãos.

– Ótimo. Então está combinado. Aguardo um chamado de vocês.

Voltaram para perto de Clarinha, que estava acordada, conversando com a enfermeira.

– Sente-se melhor, minha filha? – indagou Elizete.

– Sim, mãe. O que foi que aconteceu?

– Você desmaiou de novo.

Ela olhou para o médico, parado mais atrás, e sorriu para ele.

– Oi, doutor Feliciano, tudo bem? Não esperava vê-lo aqui.

Ele sorriu de volta e contestou:

– Não, minha cara. Eu sou médico, e esse é o meu local de trabalho. Quem não deveria estar aqui é você, uma jovem tão forte e saudável.

Olhando-os com cara de espanto, Bernardo perguntou:

- Você ainda se lembra do doutor Feliciano, minha filha?
- É claro, papai. Já o encontrei algumas vezes no centro espírita que dona Inês freqüenta, não é, doutor Feliciano?

Bernardo e Elizete olharam para ele ao mesmo tempo. Não sabiam que o médico era espírita e, muito menos, que Clarinha ia a um centro. Aquilo deixou-os chocados, e Bernardo foi o primeiro a falar:

- Centro espírita? Mas que bobagem é essa?
- Não é bobagem nenhuma, pai.

Não disse nada. A filha não se sentira muito bem e, em consideração a ela, não diria nada. Por enquanto. Mas, assim que ela se recuperasse, teriam uma conversa séria. E já estava começando a duvidar da capacidade daquele médico. Um homem estudado, culto, inteligente. Como se deixara envolver por aquelas crendices?

Esperou até que Clarinha se trocasse, pegou-a pelo braço, agradeceu ao doutor Feliciano e saiu com ela. Espiritismo... pois sim. Sua filha não se envolveria com aqueles fetiches. Isso é que não! Era uma moça linda, inteligente, bem nascida. Não permitiria que ela se envolvesse mais com aquelas besteiras. Talvez até fosse por isso que estivesse passando mal. Na certa, davam-lhe aquelas infusões feitas com ervas de que já ouvira falar e aquelas comidas esquisitas. Só podia ser isso. Não podia fazer-lhe nenhum bem.

– Não vou permitir um absurdo desses – esbravejava Bernardo. – Minha filha não vai se envolver com fetichismos.

– Mas papai – protestou Clarinha –, não é nada disso. Você nunca foi, não sabe como é. Como pode julgar algo que não conhece?

– Não preciso ir para saber que não serve. Espiritismo é besteira. É macumba, coisa de gente ignorante...

– Não, pai, está enganado. Primeiro, porque não é macumba. Aliás, se quer mesmo saber, macumba é o nome de um instrumento de percussão. O povo é que, por associação, estendeu o nome aos cultos africanos, porque o instrumento também é de origem africana. É até parecido com um reco-reco.

Bernardo olhou-a admirado.

– Como é que sabe disso?

– Andei estudando. De qualquer forma, a *macumba*, como prefere chamar os cultos africanos, não tem nada demais. É uma religião como as outras, só que tem os seus mistérios, seus rituais próprios, suas cantigas peculiares. É muito profunda e bonita.

– Clarinha! Você andou se metendo com essas coisas?

– Deixe de preconceito, papai. Embora não freqüente nenhum centro de umbanda, que é o que vulgarmente se chama de macumba, respeito muito o seu culto e sei que os que lá estão desenvolvem um trabalho honesto e digno, voltado para a caridade e o autoconhecimento. É claro que alguns lugares, infelizmente, não pensam assim, direcionando seus conhecimentos para práticas menos edificantes...

– Clarinha! – gritou o pai. – Você está proibida de se meter com essas coisas! Está proibida, ouviu?

Clarinha fitou o pai com desdém e retrucou calmamente:

– Você não me proíbe de nada.

– Proíbo sim! Você é minha filha e me deve obediência.

– Sou sua filha, mas não sou propriedade sua. Tampouco sou uma criança. Já tenho vinte e cinco anos e sou uma mulher independente.

– Independente... pois sim. Acha que só porque tem um empreguinho pode se sentir dona do seu nariz? Um empreguinho, aliás, que eu arranjei?

Ela sentiu o sangue subir-lhe às faces e retrucou com raiva:

– Que você arranjou, mas que eu soube manter e onde me fazer respeitar.

– Vá atrás! Você só está lá por minha causa. Se eu quiser, faço com que seja despedida hoje mesmo.

– Ah! faz, é? Pois experimente!

Saiu batendo a porta. Estava furiosa. Como o pai podia ser tão preconceituoso? Discriminava tudo: mulheres desquitadas, espiritismo e sabe-se lá o que mais.

Quando chegou ao escritório, o chefe mandou chamá-la. O pai agira rápido, pensou. Na certa, o doutor Aureliano ia despedi-la. Ela bateu na porta e entrou, cabeça erguida, pisando firme.

– Bom dia, doutor Aureliano. Mandou me chamar?

– Bom dia, Clarinha. Mandei sim. Por favor, sente-se.

Ela se sentou defronte a ele e ficou a encará-lo. Se ia ser despedida, sê-lo-ia com dignidade. Não baixaria a cabeça para ninguém.

– Pois não – disse ela com voz firme.

O outro, pouco à vontade, permaneceu alguns instantes estudando-a, até que começou:

– Bem, Clarinha, sabe que estamos muito satisfeitos com o seu trabalho aqui, não sabe? – ela assentiu. – Desde que você chegou, tem progredido muito. É inteligente e aprende rápido. Tem boas idéias e uma visão muito ampla do futuro. No entanto... – parou de falar abruptamente.

– No entanto – completou ela, sentindo a raiva crescer dentro de si –, o meu pai telefonou para o senhor e pediu que me despedisse.

Ele ergueu as sobrancelhas, surpreso, e concordou:

– Isso mesmo. Como sabe?

– Ora, doutor Aureliano, já faz algum tempo que descobri que foi meu pai quem arranjou esse emprego para mim.

– E isso não a incomodou?

– Muito. Pensei até em pedir demissão. No entanto, pensei melhor e resolvi ficar. Gosto daqui e sei que o senhor aprecia o meu trabalho. Tenho consciência de que procuro fazer o melhor e nunca me aproveitei do fato de ser, digamos, *empistolada*. Resolvi ficar porque posso mostrar o meu valor independente de meu pai. Foi fácil para ele arranjar-me o emprego. Contudo, mantê-lo foi outra história. E sei que não o mantive só por causa do nome de meu pai, mas sim pelos meus méritos. Não fosse por isso, tenha certeza, doutor Aureliano, eu já teria pedido demissão.

Aureliano encarou-a admirado. Aquela moça era muito corajosa e cheia de dignidade, e aquilo o agradou muito. Era de gente assim que precisava.

– Pois é, Clarinha, foi o que disse a seu pai. Mas ele insistiu que a despedisse...

– Sinta-se à vontade, doutor Aureliano. Sei como são essas coisas. Se acha que deve me despedir, despeça-me. Mas só o que lhe peço é que reflita no meu trabalho. Não sei o grau de amizade que o senhor tem com meu pai. Contudo, coloque numa balança o meu trabalho e a amizade que sente por ele, e veja para que lado ela pende. Seja para que lado for, saberei respeitar sua decisão e não lhe guardarei mágoa ou rancor.

Cada vez mais impressionado, Aureliano retrucou:

– Clarinha, agora vejo que tomei a decisão certa.  
– Como assim?  
– Quando seu pai me telefonou, pedindo que a despedisse, falei a ele do seu trabalho e do seu valor, e disse-lhe que não pretendia despedi-la.  
– Não?  
– Não. Você é um elemento muito valioso na minha empresa. Tornou-se essencial. Não posso prescindir de seus serviços. Por isso, disse a seu pai que me perdoasse. Aceitara dar-lhe o emprego em consideração a nossa amizade. Mas você se demonstrou muito competente, e não posso abrir mão de tanta competência por causa do capricho de nenhum amigo. Disse a ele que não devíamos misturar as coisas. Amizade é amizade, trabalho é trabalho. Afinal, é muito difícil encontrar bons profissionais, e eu não estou disposto a abrir mão de alguém tão capaz feito você.

– Fala sério?  
– Muito sério. E agora, conversando com você e conhecendo-a melhor, tive certeza de que tomei a decisão certa. Além de inteligente e capaz, você é uma mulher decidida, firme, corajosa e, acima de tudo, sabe expor a sua vontade sem implorar nem mendigar. Sabe pedir sem se humilhar e é capaz de manter a altivez sem cair na arrogância ou na prepotência. Confesso que estou impressionado, e é de pessoas assim que precisamos na nossa empresa.

Clarinha não sabia o que dizer. Não esperava por aquilo. Pensou que ia mesmo ser despedida e ficou surpresa com a reação de seu chefe. Tentando conter as lágrimas, arrematou:

– Doutor Aureliano, nem sei como lhe agradecer... – calou-se, a voz embargada pela emoção.

– Não precisa. Eu é que lhe devo agradecer a dedicação. Tenha certeza de que, se eu a despedisse, você logo, logo arranjaria outro emprego, e eu perderia uma excelente profissional.

– E meu pai, doutor Aureliano? Não ficou zangado com o senhor?

Ele deu de ombros e observou:

– Infelizmente. Contudo, não posso pôr de lado os interesses da minha empresa, e ele sabe disso. Tenho certeza de que mais tarde vai compreender e aceitar.

– Espero. Não gostaria de ser motivo de desavenças.

– E não é. Seu pai zangou-se comigo porque quis. Ninguém é motivo de nada na vida de ninguém. Se ficamos tristes ou felizes com a atitude do outro, é porque essa atitude encontrou eco dentro de nós, foi de encontro aos nossos próprios ressentimentos ou alegrias. O outro nada mais é do que um instrumento para que possamos experienciar os nossos próprios sentimentos.

Dessa vez, foi Clarinha quem ficou admirada. Não esperava que ele falasse daquele jeito e expôs o que pensava:

– Doutor Aureliano, falando assim, o senhor até parece...

– Espírita?

– É.

– Não tenha medo de dizer. Sou um homem aberto a todas as novas idéias. Por isso, quando seu pai me disse o motivo pelo qual queria que a despedisse, não pude concordar.

– O senhor sabe que sou espírita?

– Sei sim. Pelo menos, foi o que seu pai me disse. Que você anda metida na macumba – ele riu gostosamente e continuou: – Mal sabe ele que eu sou um *macumbeiro* de primeira!

– Mentira! O senhor?

– Pois é. Para você ver. As pessoas são muito preconceituosas, Clarinha. Falam mal daquilo que não compreendem.

– É verdade.

– Bem, agora que estamos acertados, pode voltar ao trabalho, sem medo de ser despedida. Você só sai daqui se quiser.

– Obrigada, doutor Aureliano, muito obrigada.

Clarinha saiu da sala de seu chefe sentindo-se uma vitoriosa. Conseguira o que mais queria na vida, que era manter o seu emprego. Agora que tinha sobre ele a saudável sensação de domínio, fruto da conquista, iria dar um rumo na sua vida. Estava decidida. Iria morar sozinha.

## CAPÍTULO 19

Enquanto Fabrício dormia tranqüilamente em sua cama, Adriano, sentado a seu lado, remoía todo o seu ódio. O perispírito do rapaz, flutuando alguns centímetros acima do corpo, ainda não se dera conta da presença do irmão, até que este, com a voz carregada de ódio, chamou-o pelo nome:

– Fabrício! Acorde! Quero falar com você.

Fabrício abriu os olhos em espírito e, vendo o irmão ali a seu lado, desligou-se do corpo e foi juntar-se a ele. Era a primeira vez que o via e alegrou-se com sua presença.

– Adriano! – exclamou. – Há quanto tempo. Por onde tem andado?

– Por onde tenho andado? O que pensa, Fabrício? Que saí de férias?

Eu morri!

– É lógico que não morreu. Seu espírito vive, você sabe. Deveria estar

mais alegre.

– Como posso estar alegre se você tomou o meu lugar?

– Tomei o seu lugar? – tornou o outro confuso. – Mas do que é que está

falando?

– Ah! não sabe não, é?

– Não, não sei.

– Pois vou refrescar sua memória. Eu morri naquele acidente e você continua aí vivo, ocupando o lugar que deveria ser meu.

Fabrício se entristeceu. Não sabia que o irmão estava com tanta raiva. Pensou que ele houvesse sido socorrido, mas agora, reparando melhor, ele parecia uma espécie de demente. Seu corpo tinha a aparência de lesado. Havia sangue em sua testa, e seus olhos tinham um brilho estranho.

– Adriano, meu irmão, não entendo o que quer dizer.

– Não me chame de irmão! Nunca mais me chame de irmão, seu

bastardo!

– Bastardo? Como assim?

– Não sabe mesmo, não é, idiota?

– O quê? Não sei o quê?

– Você é um intruso nesta casa. Devia voltar para o gueto de onde

saiu.

– Gueto? Mas o que é isso? Não estou entendendo nada.

– Você, Fabrício, não é...

– Adriano!

A voz severa de Ismael fê-lo parar. Ele se voltou bruscamente para o avô e, com o ódio a consumir-lhe o coração, disparou:

– Saia daqui, velho! Não chamei você!

– Adriano, venha comigo.

– Ir com você? Há, há, há! Era só o que me faltava.

– Venha comigo, Adriano. Você não tem o direito de importunar

Fabrício.

– Importunar? Não o estou importunando.

– Está tentando algo que sabe ser proibido.

– Proibido por quem? Por você?

– Não. Pela divindade.

– Que divindade, que nada! Deixe de besteiras, velho.

– Adriano, estou lhe dando a chance de abrir os olhos e perceber o seu erro. Se, contudo, não quiser me ouvir, serei obrigado a tomar outra atitude.

– Não tenho medo de você, velho – e, apontando para Fabrício, continuou: – Quero apenas contar-lhe a verdade.

– Mas que verdade? – indagou Fabrício atônito. – Não estou entendendo nada. E você, vovô, o que faz aqui? – completou, dirigindo-se a Ismael.

– Vocês já se conhecem, é? – tornou Adriano.

– É lógico. Conheço Ismael de longa data. De vez em quando, ele e Helga vêm me buscar para conversarmos, não é mesmo, vovô? – ele assentiu. – Por falar nisso, onde está Helga? Ela não veio com você?

– Virá daqui a pouco.

Helga não queria provocar ainda mais a fúria de Adriano. Sabendo que o rapaz se revoltara, preferiu deixar que Ismael cuidasse daquele assunto sozinho. Embora desejasse muito estreitá-lo contra o peito, não achou direito tentar impor a sua presença.

– Suma daqui, velho! – continuou Adriano. – Ninguém precisa de você aqui.

– Engana-se, Adriano. Você precisa, e muito.

– Por que fala assim com nosso avô, Adriano? Deveria respeitá-lo mais. E depois, se está aqui, é porque quer o nosso bem.

– Cale-se, Fabrício! Sua voz de bonzinho me irrita! Vim aqui para lhe contar um segredo e é o que vou fazer, quer esse velho queira, quer não!

– Que segredo?

Adriano olhou para Ismael e abriu a boca para falar. No mesmo instante, porém, sentiu-se amarrado e amordaçado, e logo tombou ao chão. Sem que percebesse, algumas entidades haviam se aproximado e o agarrado, tapando sua boca com uma mordaca.

– Mas o que é isso, vovô? – perguntou Fabrício aterrado. – Por que essa violência toda? E quem são vocês? Soltem meu irmão. Vovô! Faça alguma coisa!

– Deixe, Fabrício. Esses espíritos estão a serviço do bem.

– Como podem estar a serviço do bem usando de toda essa violência?

Adriano tentava, desesperadamente, desvencilhar-se do jugo do que ele chamava de seus algozes, mas era em vão. Os espíritos eram em maior número e força do que ele, e só o que pôde fazer foi assistir impassível a sua derrota.

– Eles não estão sendo violentos – esclareceu Ismael. – Estão sendo enérgicos. Adriano não foi machucado nem ferido, mas não tem o direito de intervir nas questões dos encarnados.

– Que questões? Por favor, vovô, o que está acontecendo? Não estou entendendo nada.

– Ainda não é o momento de você compreender, Fabrício, e foi por isso que tivemos que adotar métodos mais drásticos para conter seu irmão. Ele não está autorizado a lhe contar nada. Dei-lhe a chance de desistir, por si mesmo, de revelar o que não pode. Mas ele se recusou a ceder por bem. Infelizmente, vai ter que obedecer à força.

– Mas vovô, coitado...

– Ele não é coitado. Ninguém é. É um espírito empedernido e rebelde, que se recusa a enxergar a verdade. Está tendo todas as chances de progredir, mas não quer. Prefere continuar na obscuridade e na ignorância, o que é um direito dele. Contudo, esse direito não pode interferir no direito dos encarnados. E o seu direito, nesse momento, é continuar vivendo como está.

– Mas vovô, ele disse que tinha um segredo para me revelar. Que segredo é esse? Se é algo que se refira a mim, tenho o direito de saber.

– Você tem uma série de etapas a vencer em sua vida, mas sua opção foi envolver-se em determinadas situações por outros caminhos. Não através de Adriano. Ao menos, não diretamente. Nenhuma utilidade lhe trará a revelação desse segredo nesse instante e nessas condições. Sim, é claro que você tem o direito de saber. Ainda mais porque você escolheu viver esse segredo. Mas desvendá-lo agora somente iria complicar a sua jornada evolutiva. Você deve acertar-se primeiramente com seu pai. O ódio de Adriano é outra história.

– Está sendo muito severo, vovô. Amanhã, ao acordar, provavelmente já terei esquecido tudo o que aconteceu aqui hoje.

– Ainda assim, Adriano não tem esse direito. Ele precisa aprender a conhecer os seus limites.

Mesmo sem entender, Fabrício não disse nada. Se o avô lhe dizia que não era ainda o momento, ele acreditava e se resignava. Contudo, doía-lhe ver o irmão caído no chão, subjugado como se fosse um criminoso.

Adriano, por sua vez, roía-se por dentro. Fora obrigado a ouvir aquela conversa sem poder dizer nada. Estava com tanto ódio que seria até capaz de matar o irmão. Contudo, as amarras eram poderosas, e ele não via meios de se soltar.

Com um sorriso bondoso, Ismael despediu-se de Fabrício e, a um sinal seu, os espíritos auxiliares ergueram Adriano e o conduziram para fora. Ele foi se debatendo e grunhindo feito um animal, mas teve que ir. Não lhe restava escolha.

Do lado de fora, Ismael deu ordens para que levassem Adriano a uma colônia espiritual muito peculiar. Era uma espécie de prisão. Os quartos eram como celas. Todas as portas eram trancadas. Só que tudo era muito limpo e perfumado, as paredes pintadas de branco, vasos com flores, janelas com cortinas que se abriam para imensos jardins. Pareciam quartos de hospital. A única diferença eram as portas trancadas e as barras nas janelas.

Os auxiliares colocaram Adriano em uma das celas com todo o cuidado e, em seguida, desataram os nós e retiraram-lhe a mordaca, postando-se bem ao lado de Ismael. Logo que se viu solto, Adriano investiu contra o avô, tentando agarrar-lhe o pescoço.

– Cachorro! – gritava ele. – Ordinário! Canalha! Vai me pagar caro por essa humilhação!

No mesmo instante, foi agarrado pelos auxiliares e jogado sobre a cama.

– Adriano – falou Ismael com ternura. – Acalme-se. Estou aqui para ajudá-lo.

– Ajudar-me? Como, se mandou esses brutamontes me agarrarem?

– Eles são apenas espíritos, como você. E estão me prestando um serviço.

– Belo serviço esse... de guarda-costas...

– Não, Adriano, eles apenas cuidam para que você não se prejudique.

– Eu, me prejudicar? Eles estão defendendo é o seu pescoço.

– Ao contrário de você, meu filho, meu espírito já está mais utilizado e, ainda que desejasse, você não conseguiria me ferir. Suas mãos nada podem contra mim e atravessariam a matéria plasmada que você chama de pescoço.

Confuso, Adriano começou a se acalmar e retrucou com voz chorosa:

– Por que me trouxe aqui?

– Foi preciso.

– Estou preso?

– Não.  
– Então solte-me. Deixe-me ir.  
– Ainda não.  
– Que lugar é esse?  
– É apenas uma colônia-retiro, para onde são trazidos espíritos que, como você, pretendem interferir na vida dos encarnados sem a permissão do Alto.  
– Colônia-retiro? Belo nome para uma prisão.  
– Não importa o nome que lhe dê, Adriano. O que importa é o trabalho que desenvolvemos aqui.

Adriano virou o rosto para seus detentores e ponderou:

– Peça a eles que me soltem, Ismael. Não sou nenhum condenado.  
– Promete que não vai tentar nada?  
– Prometo.

Ismael balançou a cabeça, e os espíritos o soltaram. Ele se levantou, aproximou-se da janela e elogiou:

– Bonito lugar. É para que os presos não se sintam na prisão?  
– É para que os espíritos aqui acolhidos se sintam confortados.

Adriano olhou para Ismael. Pela primeira vez, sentiu uma pontada de emoção. Tudo o que ele falava, o avô rebatia com palavras de ternura e compreensão. Aquilo acabou por comovê-lo, e ele, cansado das lutas e da revolta, desabou sobre a cama, afundou o rosto entre as mãos e desatou a chorar. Ismael fez sinal para os auxiliares, que saíram discretamente, fechando a porta sem fazer barulho.

Calmamente, aproximou-se do neto e tomou-lhe a cabeça entre as mãos, beijando-a com carinho. Adriano, emocionado, estendeu os braços e agarrou-se a ele, entregando-se a um pranto convulso e sentido.

– Oh! céus – suplicou. – Por que tive que morrer? Por quê? Eu não queria!

Ismael alisou-lhe os cabelos e ponderou:

– Você não morreu, Adriano. Apenas trocou de dimensão.  
– Dá no mesmo. Não queria essa dimensão. Queria aquela, onde Fabrício hoje vive, ocupando o meu lugar de filho.  
– Não fale assim. Fabrício é seu irmão.  
– Não, não é. É um bastardo, um intruso!  
– Pena que você veja as coisas desse jeito. Quem mais sofre com tudo isso é você.

– Mas Ismael, não é justo...  
– A justiça divina é perfeita, meu filho, porque fica a cargo de uma das perfeições de Deus, que é a nossa própria consciência. Por isso é que Ele não precisa nos castigar nem nos impingir nenhum sofrimento. Deus não quer a dor de suas criaturas. Quer o seu crescimento. Ninguém precisa sofrer para crescer. Sofremos porque ainda não conseguimos entender que a dor só é necessária quando não acreditamos que podemos aprender pela via do amor.

– Tudo isso é muito bonito. Mas eu estou sofrendo. E onde está Deus que não evita o meu sofrimento?

Apontando para o coração de Adriano, Ismael respondeu com doçura:

– Ele está aí dentro, meu filho. Basta que você acredite em si mesmo, e Deus se manifestará em você.

O pranto sacudia o peito de Adriano, que não conseguia mais falar. Sentia-se arrasado, vencido, derrotado. Como fazer para conseguir o seu intento?

Percebendo-lhe a confusão de sentimentos, Ismael continuou:

– Não pense em destruir a vida de seu irmão, porque você não vai conseguir. Ninguém é mais forte do que Deus, e as leis divinas dizem que a você não é dado o direito de intervir.

– Mas por quê? Sei que muitos espíritos conseguem até se vingar.

– Isso depende das necessidades de cada um. Alguns são mais suscetíveis, por diversas razões, aos ataques do invisível, porque ainda estão impregnados de ódio, de culpa, de medo... Os motivos são muitos e os mais variados. Ainda assim, quando a sintonia entre o encarnado e seu agressor invisível acontece, é porque, de alguma forma, será útil para ambos. Seja para que ambos experimentem sensações necessárias à compreensão de seus processos de amadurecimento, seja para que se disponibilizem e contribuam com o esclarecimento um do outro. Não importa. Mas o fato é que nem todos estão acessíveis a esse tipo de interveniência.

– E Fabrício não está.

– Não. Fabrício tem a sua própria vida para viver. Vai passar por momentos difíceis e dolorosos, mas sem o seu concurso direto. Você não tem acesso a ele, Adriano, por mais que queira prejudicá-lo. Por isso, não está autorizado a contar-lhe a verdade sobre sua origem.

– Mas ele tem que saber! Como ele mesmo disse, é um direito seu.

– Não procure ocultar o seu ódio por detrás dos direitos de seu irmão. Você quer lhe contar, não para esclarecê-lo, mas para se vingar. É ou não é?

Adriano abaixou a cabeça e concordou:

– Está certo, admito. Mas droga, também sou humano!

– Ninguém está dizendo o contrário. Só que Fabrício também é. E, quer queira, quer não, ele é exatamente igual a você.

– E por isso, você resolveu me manter prisioneiro aqui?

– Você não é prisioneiro. Vai permanecer apenas o tempo suficiente para se harmonizar. Quando aceitar o fato de que está proibido de contar algo a Fabrício e se dispuser a calar, poderá partir.

– Poderei? E como você vai saber que manterei a minha palavra?

– Saberei.

– Se não mantiver, voltarei para cá?

– Se tentar falar de novo, irei ao seu encontro exatamente como fui hoje. Você será novamente trazido para cá e passará um tempo recluso. Mas isso não acontecerá para sempre. Lamentavelmente, se você insistir nesse caminho, cruzarei os meus braços e o deixarei entregue apenas aos meus auxiliares.

– Como assim?

– Eles são espíritos que habitam os mundos inferiores e que se oferecem para nos auxiliar com os espíritos mais endurecidos, a fim de que possam, trabalhando a favor do bem, ir se libertando de suas culpas.

– Não entendi. Por que não pedem logo para vir para cá ou qualquer outro lugar melhor?

– Porque não têm coragem. Não se julgam dignos. Não sabem que podem. Não acreditam quando lhes dizemos que podem sair das sombras no momento em que assim desejarem. Nós sabemos que todos podem e são dignos da misericórdia divina, mas não podemos impor nada a ninguém. O livre-arbítrio é sempre respeitado, e se um espírito insiste em se punir, embora saibamos que isso seja desnecessário, só o que podemos fazer é respeitá-lo. Respeitando o momento de cada um, damos a chance aos espíritos de se descobrir e se perdoar.

– Sei. Mas o que esses auxiliares poderiam fazer comigo?

– Não se iluda com eles, Adriano. Embora estejam começando a despertar para as verdades do espírito, ainda estão muito arraigados aos valores terrenos. São como soldados que obedecem ao comando de seu superior, mas nada decidem por si sós. Se acham que você está fazendo algo que não deve, tratarão de afastá-lo e seguirão as ordens de quem estiver no comando. Quando a meu serviço, trarão você para cá. Mas, se eu cruzar os braços, se não lhes der mais nenhuma ordem, seguirão aquelas de seus superiores das trevas e o levarão às cidades do mundo inferior. Lá, você será aprisionado ou cairá nas mãos de espíritos poderosos que o escravizarão e o disponibilizarão para o serviço do mal.

– Mas e se eu não quiser?

– Se não quiser mesmo, de verdade, não se afinizará com eles e não os atrairá. Em outras palavras, não pensará em fazer aquilo que sabe que não pode.

Adriano calou-se pensativo. Será que o que o avô dizia era verdade ou ele dizia aquilo só para assustá-lo e afastá-lo de Fabrício? Já ia dizer alguma coisa, mas Ismael se levantou e, fazendo-lhe um afago, foi para a porta.

– Descanse. Mais tarde, Cissa virá visitá-lo e lhe trará algo para comer.

Saiu e trancou a porta, deixando Adriano sozinho para refletir. Era tudo de que precisava naquele momento. Refletir sobre suas necessidades e sobre o que desejava realmente. Só quando despertasse sua consciência é que poderia sair dali.

## CAPÍTULO 20

Enquanto se arrumava para sair, Fabrício ficou pensando no caso de Selena. Estava claro que iriam vencer. Ele oferecera a fita como prova contra Cassiano, que não teria como refutá-la. Por mais que quisesse e que a submetesse a qualquer tipo de perícia, estaria claro que a fita não fora montada e que as vozes ali contidas eram, efetivamente, dele, de Aderbal e de Cassiano. Parecia-lhe perfeito.

Terminou de ajeitar o nó da gravata e olhou-se no espelho, e a mãe entrou no quarto, cuja porta estava entreaberta.

- Olá, meu filho.
- Oi, mãe. Como está?
- Bem...

As reticências que ela deixou no ar fizeram-no pensar que algo de errado estava acontecendo, e ele tratou logo de indagar:

- O que houve, mãe? Tudo bem? Você parece preocupada.

Ela encarou o filho com imenso desgosto. Em seu íntimo, sabia que ele estava prestes a descobrir a verdade e, por mais que desejasse, não poderia evitar. Flávia suspirou profundamente, segurou nos olhos uma pequenina lágrima que teimava em cair e retrucou:

- Não é nada, meu filho. É que ando cansada.
- Não seria melhor consultar um médico? Se quiser, posso ligar para o

doutor Feliciano.

- Não, não precisa. Tenho certeza de que não é nada demais.

Fabrício foi até o armário e retirou sua pasta de trabalho, nela colocando alguns papéis importantes que estudara durante a noite. À medida em que ia ajeitando os documentos, ia comentando:

- Sabe, mãe, ontem sonhei com Adriano.
- Sonhou? Foi um sonho bom ou ruim?
- Não sei ao certo. Mas me pareceu que ele estava muito revoltado.

Flávia fez uma expressão de tristeza e, com os olhos rasos d'água, desabafou:

- Ah! meu filho, como sinto falta de seu irmão!

Fabrício soltou o que estava fazendo e sentou-se junto a ela, abraçando-a com ternura.

- Eu sei, mãe. Todos sentimos.

De repente, ela desatou a chorar convulsivamente. Estava amargurada, com medo do futuro. Perdera um filho e estava prestes a perder o outro. Tinha medo da reação de Fabrício se soubesse a verdade. Embora ele fosse um rapaz muito espiritualizado, temia que se revoltasse com o fato de ela não lhe haver revelado a verdade desde cedo. E depois, talvez ficasse com raiva do pai. A vida inteira, Paulo sempre o discriminara. E agora, mais do que nunca.

– Não chore, mãe – Fabrício interrompeu seus pensamentos, estreitando-a cada vez mais. – Sei que um filho não substitui o outro, mas estou aqui para lhe dar o meu amor.

– Tem razão – sussurrou ela, enxugando os olhos com as costas das mãos. – O seu amor é meu único conforto. Não gostaria de perdê-lo também.

– Mas o que é isso, mãe? Não vai me perder. O que aconteceu a Adriano foi o destino, mas não creio que o meu seja esse. Acho que escolhi viver muitos anos.

Ela sorriu agradecida e abaixou os olhos. Não era a esse tipo de perda que se referia, mas achou melhor calar.

Ouviram batidas na porta e olharam ao mesmo tempo. Era Olívia, que vinha avisar que havia alguém ao telefone, pedindo para falar com Fabrício.

– Disse quem é?

– Não, Fabrício. Só disse que era urgente.

Ele deu um beijo na testa da mãe e se levantou.

– Vou atender na biblioteca.

Entrou e fechou a porta. Levantou o fone do gancho e disse:

– Alô? – não houve resposta. – Alô? Alô? Quem é? Quem fala?

Um clique do outro lado mostrou-lhe que haviam desligado. Quem seria? Embora não tivesse certeza, podia imaginar. Novamente, bateram à porta, e dessa vez foi Flávia quem entrou, trazendo nas mãos um envelope pardo.

– Isso acabou de chegar para você – ele apanhou o envelope e ela continuou: – Quem era ao telefone?

Não querendo preocupá-la, Fabrício respondeu com indiferença:

– Ninguém. Apenas um cliente desmarcando um compromisso.

O envelope continha algo um pouco pesado. Não era uma carta, com certeza, e Fabrício rasgou-o em uma das extremidades, virando-o sobre a mesa para que seu conteúdo pudesse cair. No mesmo instante, Flávia levou a mão à boca, sufocando um grito de pavor.

– Meu Deus! – exclamou ela, após o primeiro susto. – Quem teria feito uma maldade dessas?

Olhando para o ratinho morto à sua frente, asfíxiado com um saquinho plástico de balas, Fabrício respondeu, já compreendendo tudo:

– Não sei, mãe. Deve ser alguma brincadeira de mau gosto.

– Brincadeira? O pobre animalzinho foi torturado! Quem fez isso não tem coração.

Fabrício tinha certeza de que, tanto o telefonema quanto aquele rato tinham vindo da mesma pessoa: Cassiano. Ele o estava ameaçando. Provavelmente, já soubera da juntada da fita aos autos e estava tentando um último e desesperado recurso.

Ele virou o envelope nas mãos e acrescentou:

– Não tem remetente.

– Fabrício, isso não está me parecendo nenhuma brincadeira. Parece mais algum tipo de ameaça. Em que anda se metendo, meu filho?

Ele olhou para a mãe, tentando acalmá-la. Lembrou-se da conversa que tiveram minutos antes e não quis preocupá-la. Se ela soubesse que aquilo, provavelmente, viera da parte de Cassiano, ficaria muito nervosa.

Apanhou o ratinho com um pedaço de papel, colocou-o de volta no envelope e respondeu, tentando aparentar uma calma que, efetivamente, não sentia.

– Não fique preocupada, mãe. Isso não é nada sério. Foi apenas uma brincadeira, tenho certeza.

Beijou-a levemente na face e saiu, levando o envelope com o ratinho. Aquilo era coisa de Cassiano, não tinha dúvidas. Pena que não podia provar. O envelope não continha nenhuma carta nem remetente, nem nada. Qualquer um poderia ter feito aquilo, e o juiz não se convenceria de que fora Cassiano.

Colocou o envelope na lixeira, voltou para buscar sua pasta e foi trabalhar. Já na rua, ia preocupado. Aquele homem era perigoso e bem poderia fazer algo que prejudicasse Selena e as crianças. Não tinha dúvidas de que ele não hesitaria

em fazer-lhes algum mal. Não se importava com ninguém, nem com os filhos, e tudo o que queria era dinheiro.

Chegou ao escritório e não disse nada. Não precisava preocupar Ofélia desnecessariamente. Já bastava a mãe. Atendeu alguns clientes, foi ao fórum e, no final da tarde, apanhou o carro e dirigiu-se para a casa de Inês. No caminho, pareceu-lhe que alguém o seguia. Olhou diversas vezes pelo retrovisor e constatou: um sedan preto seguia-o à distância, fazendo ultrapassagens arriscadas para não o perder de vista.

Mas o antigo sedan do perseguidor não era páreo para o seu moderno Jaguar E-Type importado, e Fabrício, exímio motorista, acelerou o automóvel e passou no sinal amarelo, deixando o sedan preso três carros atrás, parado no sinal vermelho. Mais que depressa, entrou por uma rua lateral e fez o retorno, voltando para o centro da cidade pelas ruas de dentro, enquanto o perseguidor passava direto e o perdia.

Com medo de tomar a direção da casa da avó, fez o percurso de volta e se dirigiu para Copacabana. Fosse quem fosse que o seguia, se descobrisse onde Selena estava escondida, seria muito perigoso. Era preciso, antes de tudo, preservá-la e às crianças. Além disso, sua avó já era uma senhora idosa, e ele temia também pela segurança dela.

Ao chegar à casa, apanhou o telefone e discou o número da casa da avó. Foi ela mesma quem atendeu, e Fabrício contou-lhe o ocorrido. Inês ficou deveras preocupada. Depois que desligou, foi falar com Selena.

Ela estava sentada no sofá, vendo televisão, tendo a filha de um lado, com a cabecinha pousada em seu colo, e Carlinhos do outro, ambos dormindo sossegadamente. Vendo aquela cena, Inês sorriu. Selena era uma mãe carinhosa e meiga, e os filhos a adoravam.

– Dormiram?

– Hum, hum – fez Selena, alisando os cabelos de ambos ao mesmo tempo.

– Vamos levá-los para o quarto?

– Vamos.

Inês se abaixou e tomou Carlinhos no colo, e Selena pegou Selma, que gemeu e se ajeitou em seu ombro. Subiram e os colocaram em suas camas. Selena beijou-os amorosamente, acendeu a luz do abajur e saiu com Inês, deixando a porta aberta, como sempre. De volta à sala, Inês foi logo falando:

– Selena, temos um problema.

– Que problema?

– Sabe a fita que Fabrício gravou? – ela assentiu. – Pois é. Ele acha que Cassiano já sabe sobre ela, porque ele já a juntou aos autos, e recebeu um telefona mudo e um ratinho morto...

– Ratinho morto? Como assim?

– Alguém asfixiou um ratinho com um saco de balas e enviou para ele num envelope.

– Meu Deus! Que horror!

– E hoje, quando vinha para cá, foi seguido por um sedan preto. Por sorte, conseguiu despistá-lo.

– Nossa, dona Inês, será que foi Cassiano?

– Só pode ter sido.

– Mas ele não tem carro.

– Então, foi alguém a mando dele. Quem mais teria interesse em ameaçar Fabrício e em segui-lo? Ele me disse que nenhum de seus casos envolve pessoas desse tipo. Só pode ter sido Cassiano.

– O que vamos fazer?  
– Não sei. Mas ele acha que Cassiano está tentando descobrir onde você está escondida.

– E agora? Será que corremos perigo?  
– Não sabemos. Por isso, Fabrício acha prudente que você e as crianças não saiam sozinhas.

– Mas dona Inês, não posso ficar prisioneira.

– É apenas por uns tempos.

Abraçada a Inês, Selena pôs-se a chorar. Logo agora que tudo parecia estar tomando o rumo desejado, Cassiano resolvia dar uma de louco e apavorá-la. Não temia por ela. Temia pelos filhos. Jamais permitiria que o marido lhes fizesse algum mal. Em silêncio, fechou os olhos e orou a Deus. Só Ele poderia ajudá-los.

Cassiano andava de um lado para outro na sala de seu apartamento, enquanto Aníbal, fumando um cigarro, fazia rodela com a fumaça e as soltava no ar.

– Você é um idiota! – bufava. – Como pôde perdê-lo de vista?

– Não sei, Cassiano. Ele me enganou. Ele passou no sinal amarelo e eu fiquei no vermelho. Não deu tempo.

– Se o estivesse seguindo mais de perto, isso não teria acontecido.

– Fiquei com medo de que percebesse.

– É claro que ele percebeu. Se não, não teria acelerado daquela maneira. E você é um cretino! Devia ter prestado atenção na rua em que ele virou.

– Como eu podia saber que ele ia entrar em outra rua? Não sou adivinho.

– Você não presta para nada mesmo. E agora? Como vou descobrir onde Selena escondeu os meus filhos?

– Ouça aqui, Cassiano! – esbravejou Aníbal, já perdendo a paciência. – Estou nisto porque você é meu irmão e me pediu para ajudá-lo. Mas se quer me ofender, vou me embora. Não conte mais comigo.

– Não! – exclamou o outro. – Não quero ofendê-lo, Aníbal. É que estou nervoso. Pensava que tinha aquela ordinária nas mãos, mas tudo está indo por água abaixo.

– Ninguém mandou você e aquele seu advogado serem tão estúpidos. Onde já se viu falar aquelas coisas no território do inimigo? O que esperava? Que ele lhe desse flores?

– Não podia imaginar que ele estivesse gravando a conversa.

– Você não. Mas seu advogado tinha a obrigação de prever. É pago para quê?

– O doutor Aderbal estava morrendo de medo. Não fosse a grana que lhe prometi, não teria entrado nessa.

– Pois é. Só que agora, deu no que deu.

– O que vamos fazer?

– Não sei. Mas posso tentar segui-lo de novo.

– Isso é que não! Ele já conhece o seu carro e pode muito bem avisar a polícia. A última coisa de que precisamos agora é ser presos.

Aníbal apagou o cigarro no cinzeiro e apanhou a garrafa de cachaça, servindo-se de uma dose e estalando a língua.

– Ah! nada como uma boa *branquinha*!

Sem prestar atenção aos seus comentários, Cassiano mudou de assunto:

– Gostaria de ter visto a cara dele quando viu aquele rato.

– Foi uma idéia brilhante, não foi?  
– Digna de um gênio. De onde foi que a tirou?  
– Não me lembro direito. Li algo parecido num livro. Mas será que essa ameaça vai surtir efeito? Acha que ele vai voltar atrás e desistir de apresentar a fita?

– Pelo que já deu para conhecer desse doutorzinho, acho que ele não é homem de se deixar intimidar por qualquer coisa.

– E se ele apresentar mesmo a fita? Como vai se sair dessa?

– O doutor Aderbal disse que talvez seja melhor tentarmos um acordo de verdade. Disse que o conteúdo da fita é altamente revelador e comprova que eu armei aquele flagrante e que não estou interessado no bem-estar das crianças.

– Que coisa!

– Pois é. Acho que ficamos sem saída. De qualquer sorte, vamos aguardar a audiência. É pouco provável, mas pode ser que o juiz não aceite a fita como prova. Nem todos aceitam.

Cassiano não sabia o quanto estava enganado. Sentado em seu gabinete no fórum, Otávio lia e relia a petição em que Fabrício oferecia a fita como meio de prova. Se fosse mesmo como dizia, era altamente comprometedora e colocava o senhor Cassiano numa situação bastante difícil. Fabrício afirmava que Cassiano, não só preparara aquele flagrante com o irmão, como também pretendia transformar as crianças em fonte de renda, o que era uma indignidade.

Aderbal estava apavorado, com medo de que o juiz fizesse uma representação à Ordem dos Advogados do Brasil e ele fosse punido ou, pior, tivesse cassada sua licença para advogar. Se isso acontecesse, não sabia o que faria da sua vida. Por que se deixara envolver naquela loucura? Podia não ser nenhum advogado brilhante nem muito honesto, mas jamais se metera numa falcatrua tão grande.

Havia marcado com Cassiano em seu escritório às duas horas, e ele acabara de chegar. Como não tinha secretária, foi ele mesmo atender. Fez com que Cassiano entrasse e se sentasse. Era uma sala pequena e suja, num prédio velho da Cinelândia, e nem ante-sala tinha.

Cassiano sentou-se na poltrona rota e encardida e esperou. Meio sem jeito, Aderbal pigarreou e começou a dizer:

– Muito bem, seu Cassiano, em que bela enrascada nos metemos, hein?

Fixando-o com olhar irônico, o outro rebateu:

– Espero que já saiba como nos tirar dela.

– Sinceramente, Cassiano, não sei. A fita é muito comprometedora. Não só para você, como para mim também.

– Você tem que dar um jeito. Não pode me deixar na mão.

– Que jeito quer que dê? O melhor seria tentar o acordo.

– Mas que acordo? Acha que Selena, com um trunfo desses na mão, vai querer entrar em acordo comigo? Só se fosse louca.

Aderbal considerou durante alguns segundos. Ele tinha razão. Selena não tinha mais nenhum motivo para negociar com ele.

– Confesso que estou numa enrascada, seu Cassiano.

– Está? E eu? Estou prestes a perder tudo. E tudo porque você sequer imaginou uma coisa tão simples como uma fita. Eu devia ter adivinhado. Aquele doutorzinho estava mesmo muito calmo. Só podia estar aprontando alguma.

– Pois é. Caímos num truque velho e batido.

– Será que você não tem como contestar aquela fita? Você mesmo disse que nem todo mundo aceita essas gravações.

– Posso tentar, mas acho difícil. Se o juiz a submeter a um exame técnico, o perito logo vai constatar que são as nossas vozes e que não há montagens na fita. Estamos mesmo perdidos.

– Mas nós podemos negar. Ninguém poderá provar que somos nós mesmos.

– Não se iluda, Cassiano. Nossas vozes devem estar claras e bem reconhecíveis.

– Quando é que a ouviremos?

– O juiz marcou nova audiência para semana que vem.

– O que faremos?

– Nada. Acho que o melhor é nem comparecermos.

– Ficou louco? Se eu não for, aí mesmo é que o juiz vai dar ganho de causa a Selena.

– Ele vai dar de qualquer jeito. Perca as esperanças de uma sentença favorável a você, Cassiano. Selena já ganhou essa ação.

Durante alguns segundos, Cassiano ficou remoendo as palavras de Aderbal. Não queria lhe dar razão, mas não conseguia enxergar nenhuma saída. Desesperado, levantou-se da cadeira e, aproximando o rosto do advogado, falou baixinho:

– E se nós *apagássemos* o doutorzinho e aquela vagabunda?

– Ficou louco? – Aderbal estava perplexo. – Faça isso e, além de perder tudo, nunca mais verá a luz do sol. As provas contra você são incriminadoras, e ninguém teria dúvidas de que estaria metido nisso. E depois, o doutor Fabrício é um advogado importante, seu pai é um poderoso e influente empresário. Acha que deixaria barato? Colocaria até a polícia internacional atrás de você.

Desanimado, Cassiano deixou-se cair na poltrona e resmungou:

– Diabos! Tem que haver uma saída.

– Infelizmente, não vejo saída alguma.

– Pensei até em seqüestrar as crianças, mas Aníbal não conseguiu seguir o doutorzinho para descobrir onde Selena as escondeu.

– Não faça isso! As penas para seqüestro são muito severas.

– Mas eu sou o pai!

– Um pai que está prestes a perder a guarda dos filhos.

Cassiano escondeu o rosto entre as mãos e suspirou desalentado. Tinha que haver um meio. Precisava pensar e trataria de agir sozinho. Daria um jeito naquele doutorzinho, ainda que fosse apenas para se vingar.

Parada na porta da varanda, Selena pensava em sua vida. Quando se casara, alimentava a ilusão de que seria um casamento perfeito, apesar da oposição de seus pais. Cassiano não era rico mas, até então, era gentil e carinhoso.

No primeiro ano, tudo correria como num sonho. Ele a surpreendia com flores, bombons, levava-a a lugares maravilhosos, até lhe recitava poesias. Quando Selma nasceu, ele pareceu feliz e enviou diversos convites a seus pais para que fossem visitá-la. Apesar de embevecidos com a neta, seus pais não mudaram de idéia sobre o seu casamento e continuaram a não lhes dar nada. Foi então que ele começou a se modificar. Deu para beber e só voltava para casa altas horas da noite, bêbado e agressivo.

Começou a tratá-la com desrespeito e grosseria. Sempre que chegava, cheirando a álcool, segurava-a à força e a obrigava a deitar-se com ele, possuindo-a com brutalidade e selvageria. Aquilo a desgostou profundamente, e ela passou a rejeitá-lo.

Ele então começou a lhe bater. Sempre que ela se recusava a fazer sexo com ele, lá vinha pancada. Até que ela, com medo de apanhar, tornou-se passiva e deixou-se subjugar à vontade.

Foi nesse clima que Carlinhos nasceu. Quando Selena descobriu que estava grávida pela segunda vez, chegou a pensar em aborto. Mas não teve coragem. Ficou a imaginar o rostinho inocente do bebê e sentiu que o amava. Cassiano podia ser um monstro nojento, mas o filho em sua barriga era também seu, e ela não podia matar um ser cuja vida, naquele momento, dependia apenas dela.

Depois, Cassiano passou a bater nela por qualquer motivo. Mandava e gostava de ser obedecido, e quando ela o contestava, dava-lhe tapas no rosto e nas nádegas. Ela começou então a falar em desquite, mas ele se recusava a aceitar a idéia. Queria o seu dinheiro, fora para isso que se casara.

Fabrcício fora sua salvação. Pensando nele, seu coração bateu mais forte. Sentia que o amava, mas só poderia ser dele no dia em que se desquitasse de Cassiano. Embora todo mundo a discriminasse e a julgasse leviana e ordinária, era uma mulher direita e não aceitaria viver nenhuma relação obscura ou ilícita. Já bastava a besteira que fizera, entregando-se a Abílio.

Os filhos brincavam no jardim. Selma ganhara uma casinha de bonecas, presente de Clarinha, e ajeitava panelinhas, fogãozinho, geladeira. Carlinhos, que já ensaiava algumas palavrinhas, brincava com Inês, batendo palminhas e balbuciando as músicas que ela lhe cantava.

Até que o menino começou a bocejar e a esfregar os olhinhos, choramingando e apontando para a mãe.

– *Mamã, qué mamã...*

Inês ergueu-o em seus braços e levou-o para junto de Selena, que o ajeitou no colo, e ele logo adormeceu.

– Já estava mesmo na hora do soninho da tarde, não é mesmo? – considerou Inês.

– Já sim.

– Quer levá-lo para cima?

– Não, deixe-o aqui. Gosto de senti-lo junto a mim.

Selena estreitou o filho junto ao peito e começou a chorar discretamente, deixando que algumas lágrimas caíssem sobre a sua cabecinha.

– O que é isso, Selena? – falou Inês. – Por que ficou tão triste?

– Desculpe-me, dona Inês – respondeu ela, tentando conter os soluços. – É que estava pensando em minha vida. Casei-me tão cheia de ilusões...

– Não se martirize por isso, minha filha. Você vai conseguir o seu desquite, tem dois filhos maravilhosos, um homem que a ama. Não acha que chegou a hora de enterrar as ilusões do passado e viver as alegrias do presente?

– Não sei, dona Inês. Temo que Cassiano faça alguma coisa contra mim ou contra meus filhos.

– Não tenha medo. Ele nada pode contra você ou as crianças.

– Como pode saber? O que lhe dá essa certeza?

Apontando para o alto, Inês respondeu convicta:

– Fé, Selena, a inabalável fé no Criador.

Como todos os sábados, costumavam receber a visita de Clarinha e de Fabrcício, que chegavam sempre juntos. Naquele dia, porém, Fabrcício veio sozinho. Tocou a buzina e Inês foi abrir o portão. Ele passou vagarosamente com o carro e foi estacioná-lo na garagem.

– Olá, Selena – cumprimentou ele, beijando-a na face. – O que foi que houve? Estava chorando?

Ela tentou disfarçar e fez sinal com o dedo para que ele não falasse alto, a fim de não despertar o filho.

– Espere um instante. Vou colocá-lo na cama.

– Pode deixar que eu o levo – cortou Inês, estendendo o braço para apanhar o menino.

Selena beijou-o levemente e o entregou a Inês, que subiu com ele para o quarto.

– Ainda não respondeu a minha pergunta – tornou ele. – Esteve chorando?

– Não é nada, Fabrício – respondeu ela, fungando de leve. – Já passou.

Percebendo que ela não queria falar, Fabrício não insistiu. Sabia o quanto ela devia estar sofrendo com aquilo tudo e soube respeitar o seu recolhimento.

– Tio Fabrício, tio Fabrício! – Selma veio correndo do jardim, toda chorosa, trazendo numa das mãos uma boneca e, na outra, uma perna solta. – Olhe só. Quebrou...

– Não chore, Selma, tio Fabrício conserta para você.

Enquanto tentava enfiar a perna da boneca de volta, Selena indagou:

– E Clarinha? Por que não veio com você?

– Ela me telefonou de manhã, dizendo que não estava bem.

– O que é que ela tem?

– Não sei. Parece que anda tendo dores de estômago e desmaiando.

– É? Mas ela não falou nada.

– Sabe como é a Clarinha. Quer sempre dar uma de forte.

– Não terá sido por causa da discussão que teve com o pai?

– Não. Parece que já vinha tendo isso há mais tempo.

Inês, que acabara de chegar e ouvira o final da conversa, observou:

– Por falar nisso, antes de ontem, o Feliciano me ligou. Disse que atendeu Clarinha numa emergência.

– É mesmo? E falou o que ela tem?

– Não. Disse que ficou esperando que o pai dela a levasse ao seu consultório, mas ele não apareceu. Contudo, acha que ela não tem nada de físico.

– Ele acha que é espiritual?

– Acha.

– Estranho – observou Selena. – Clarinha vai sempre ao centro conosco, e nunca percebemos nada.

– Para falar a verdade, Selena, Clarinha não tem aparecido por aqui às quartas-feiras.

– É mesmo. Será que tem alguma coisa a ver?

– É bem possível. Muitas vezes, espíritos ignorantes, não querendo perder o contato com os encarnados, incutem-lhes o desânimo e a ausência de vontade de ir. No fundo, têm medo de ser descobertos e obrigados a olhar para si mesmos. Não querem largar suas *vítimas* e fazem com que elas não sintam vontade de procurar ajuda, pois só assim podem fazer o que bem entendem.

– Acha que é isso que está acontecendo com Clarinha, vovó?

– Pelo que Feliciano disse, é bem provável.

– Nossa! E o que faremos para ajudar?

– Precisamos convencê-la a vir. Não sei por quê, mas algo me diz que Adriano é responsável por isso.

– Adriano? Mas como, vovó? Adriano a amava. Por que lhe faria algum mal?

– Porque pode estar se enganando. Talvez nem perceba que a está prejudicando. Por isso, a melhor maneira de ajudarmos os dois é fazendo com que ela vá ao centro. Mais tarde, vou telefonar para ela.

Inês desceu as escadas da varanda, onde Fabrício e Selena estavam sentados, e foi juntar-se a Selma que, feliz com a boneca consertada, brincava de casinha.

## CAPÍTULO 21

Em sua casa, Clarinha, deitada na cama, contorcia-se de dor. Elizete e Bernardo, desesperados, já pensavam em interná-la, e ele corria de um lado para o outro, tentando achar o telefone do médico.

– Mas que droga! – maldizia. – Nunca se acha o telefone quando se quer!

– Ligue para o doutor Feliciano, depressa! – implorou Elizete aflita.

– Aquele curandeiro? Nunca!

– Então, vamos levá-la ao hospital novamente! Por favor, ela está sofrendo!

Enquanto eles discutiam, Clarinha, apertando o ventre com força, gritava e se contorcia cada vez mais.

– Ai, mãe! Como dói! Não sei o que está acontecendo comigo! Dói muito!

– Calma, filhinha. Bernardo, pelo amor de Deus, faça alguma coisa!

– Estou tentando chamar uma ambulância!

– Mãe, não agüento! Está doendo muito! Parece que me reviram as entranhas! Vou vomitar! Ajude-me, vou vomitar!

A mãe, desesperada, segurou o braço da filha, tentando ajudá-la a se levantar. Mas Clarinha não conseguiu e desmaiou, quase derrubando Elizete.

– Bernardo, acuda! Ela desmaiou!

Bernardo correu para o quarto da filha. Vendo-a desmaiada, lívida feito uma cera, apavorou-se. Ergueu-a no colo e, dirigindo-se para a mulher, ordenou:

– Apanhe as chaves do carro! Depressa! Vamos levá-la ao hospital!

Enquanto seguiam em direção ao hospital, Elizete ia em silêncio, intimamente torcendo para que Feliciano estivesse de plantão naquele dia. O exame de sangue da filha não acusara nenhuma anormalidade, e Bernardo levava-a a um especialista em doenças gástricas. Ele passou uma bateria de exames, que ela ia fazendo, e nada. Clarinha não tinha doença alguma. Embora não soubesse explicar, tinha esperanças de que o doutor Feliciano pudesse ajudá-la.

Chegando lá, foram atendidos por uma enfermeira, que deitou Clarinha na cama e saiu para chamar o médico. Pouco depois, o doutor Feliciano apareceu, e Elizete quase pulou em seu pescoço.

– Graças a Deus, doutor! Tive medo de que não estivesse aqui hoje.

Feliciano cumprimentou-os com simpatia, ignorando o ar de desagrado de Bernardo, e foi examinar Clarinha. Como da outra vez, não encontrou nada de errado. Depois que ela voltou a si, receitou-lhe um remédio para enjôos e foi falar com seus pais.

– E então, doutor? – indagou Elizete, logo que ele se aproximou. – O que ela tem?

– Quer mesmo saber? Nada. Sua filha não tem nada.

– Mas isso é impossível – contestou Bernardo. – Tem certeza de que a examinou direito?

– Fiz todos os exames possíveis numa emergência. Contudo, alguns mais específicos e detalhados seriam recomendados.

– Sabemos disso, doutor – adiantou-se Elizete. – Já fizemos todos os exames possíveis. Levamo-la a um especialista, mas ele também não pôde constatar nada.

– Hum... estranho.  
– Pois é. Começo a pensar que... – calou-se temerosa, olhando de soslaio para o marido.

– Pensar o quê, dona Elizete?

Tomando coragem, ela inspirou fundo e disparou:

– Começo a pensar se isso não é obra de algum espírito malvado.

– O quê? – indignou-se Bernardo. – Ficou louca, Elizete? De onde tirou essa idéia?

– Não sei. Mas Clarinha não tem nada de físico. Ninguém descobre nada. Não acha isso esquisito?

– Esquisito, é. O que não significa que ela esteja sendo vítima de assombrações.

Não dando ouvidos ao que o marido dizia, Elizete virou-se para o médico e suplicou:

– Doutor, Clarinha disse que o senhor freqüenta o centro espírita de dona Inês. E que até ela já foi lá. Acha possível que ela esteja sendo perturbada por algum espírito?

– Elizete, pelo amor de Deus! – gritou Bernardo colérico. – Pare já com essa besteira!

Clarinha, que vinha chegando mais disposta, ouvindo aquela discussão, indagou assustada:

– O que é que está acontecendo aqui? Por que estão discutindo?

Bernardo aproximou-se dela, segurou-a pelo braço e saiu puxando-a para fora, enquanto dizia para a mulher:

– Venha, Elizete. Se não, mando interná-la num hospício. Você e sua filha!

Elizete lançou um olhar de profundo desgosto para Feliciano. Gostaria muito de pedir-lhe ajuda, mas Bernardo jamais consentiria. Era um homem rígido e cético, e não acreditava em nada que não fosse obra do homem. Feliciano, porém, discretamente colocou em suas mãos um outro cartão, que ela, mais que depressa, enfiou na bolsa. Sorriu para ele em agradecimento, rodou nos calcanhares e foi seguindo o marido.

Saíram e ajudaram Clarinha a se acomodar no banco traseiro do automóvel. A seu lado, Adriano a olhava sem conseguir compreender. Só o que queria era abraçá-la. Aproximara-se dela e a envolveu num abraço caloroso, carregado de um sentimento que ele chamava de amor. E ela, ao invés de o receber com alegria, começou a se curvar sobre o corpo, urrando e gemendo de dor, como se ele fosse alguma peste. Não conseguia entender, mas já começava a desconfiar de que sua presença talvez tivesse algo a ver com aquilo. Era coincidência demais. Sempre que ele se aproximava, ela passava mal.

Ficou tão impressionado e assustado que, daquela vez, resolveu segui-los ao hospital. Ao ouvir as palavras do doutor Feliciano, sentiu imenso desgosto. Pôde ler-lhe os pensamentos e descobriu que o médico tinha certeza de que Clarinha estava sendo vítima de constante obsessão. No princípio, revoltou-se. Quem é que ousaria obsidiar sua noiva? Quando descobrisse, daria uma lição no atrevido.

Mas agora, sentado a seu lado, começou a refletir melhor. Desde que desencarnara e passara a visitá-la, não vira mais nenhum espírito a seu lado. Apenas ele. Ele... Mas então? Quem seria o obsessor? Ele!? Não, não podia ser. Não era um

obsessor. Era um apaixonado. Não tinha mais um corpo de carne, mas seu coração permanecia o mesmo. Amava Clarinha como sempre amara.

Pensando melhor, talvez fosse possível. Desde que a descobrira a pensar naquele tal de Otávio, seu ódio só fez aumentar. Julgava-se único em seu coração, em sua lembrança, em seus pensamentos. Mas agora percebia que ela já não pensava mais nele como antes e talvez até estivesse começando a esquecê-lo. Só pensava naquele tal de Otávio, que só vira uma vez. Isso o enchera de um ódio tão grande que, se pudesse, mataria o tal juiz.

Como não podia matá-lo, investia furiosamente contra Clarinha. Naquele dia, deixara-se dominar pelo ciúme e o desespero, e a abraçara, numa tentativa desesperada de fazê-la sentir o seu amor. E o que conseguira? Ela começara a passar mal novamente, pior ainda do que das outras vezes. E quem era o responsável? Ele. Só podia ser ele.

Esse pensamento causou-lhe imensa tristeza. Contudo, não havia nada que pudesse fazer. Clarinha era sua, pertencia-lhe para sempre. Não podia prescindir dela. Embora estivessem em planos diferentes, ele podia vê-la, ouvi-la, senti-la. Ficou a imaginá-la nos braços de outro homem e pensou que iria enlouquecer.

O carro continuava rodando, e Adriano deitou a cabeça no colo de Clarinha, que nada percebeu. De onde estava, podia ouvir os pensamentos de Elizete. Ela pensava no doutor Feliciano e em sua avó. Sabia que, de vez em quando, o médico freqüentava o centro de Inês, e alimentava o desejo silencioso de ir até lá.

Mas Clarinha não podia mais ir. Antes, Adriano tirava-lhe a vontade de ir para não se afastar dela. Sabia que Ismael e Cissa eram mentores daquele centro, bem como a tal de Helga, mãe de Fabrício. Como não gostava de se encontrar com eles, incutia em Clarinha o desânimo e a preguiça, e ela se deixava envolver, achando o centro uma chatice.

Agora, porém, não podia ir, com medo de que quisessem afastá-lo dela. Se ele realmente fosse a causa de seu mal-estar, dariam um jeito de afastá-lo. Talvez até chamassem Ismael para levá-lo para aquela prisão, que ele chamava de colônia-retiro. E ele não queria ir. Fora muito bem tratado ali, e Ismael o deixara sair assim que se convencera de que ele não falaria nada a Fabrício. Mas, o que faria se descobrisse que ele estava *obsidiando* Clarinha? Na certa o levaria de volta.

Chegaram à casa, e Adriano seguiu-os acabrunhado, com medo de que Ismael ou Cissa lá estivessem. E se também houvessem escutado os pensamentos de Elizete? E se tivessem atendido o seu apelo? Mas não. Não havia ninguém ali. Elizete não tinha fé. Estava amedrontada, mas não tinha fé. Queria experimentar qualquer coisa. Se a mandassem levar a filha ao Tibet, com certeza, a levaria. Não por fé, mas por desespero. De qualquer sorte, o desespero acaba por levar à fé, e Elizete, aos poucos, acabaria se convencendo e acreditando com o coração. O que faria?

Depois que Clarinha adormeceu, Adriano saiu e ficou perambulando pela rua. Aonde é que iria? O que podia fazer? Estava triste, amargurado. Não queria aquela vida, mas não podia evitar. Suas duas maiores preocupações eram Clarinha e Fabrício. Amava-a aos extremos e odiava o irmão com todas as suas forças.

Pouco depois, chegou a seu apartamento. Já era tarde, e todos estavam dormindo. Foi até seu quarto e espiou. A cama estava arrumada como sempre, e ele se deitou, pondo-se a chorar. Só agora percebia a falta que sentia do lar.

Passados alguns instantes, ouviu o som de uma fechadura se abrindo e foi olhar. Fabrício acabara de chegar. Era quase meia-noite, e ele podia imaginar que o irmão passara a noite em casa da avó, em companhia de Selenia. Na mesma hora,

Adriano colou-se ao pai, que despertou imediatamente. Também ouvira ruídos, só que de passos no corredor, e levantara-se para ver.

Assim que Fabrício pousou a mão na maçaneta da porta de seu quarto, ouviu a voz irritadiça do pai:

– Fabrício! Chegando tarde de novo?

Já cansado daquelas cobranças, o rapaz se virou e falou, tentando controlar a má vontade:

– Boa noite, pai. Perdeu o sono?

– Não. Estava dormindo até que muito bem. Só que ouvi barulho no corredor...

– Sei. Mas agora que já viu que sou eu, pode voltar a dormir sossegado.

Fabrício já ia abrindo a porta quando a voz do pai se fez ouvir novamente:

– Onde é que esteve?

– De novo com isso, pai? Não acha que fica ridículo um homem da minha idade, advogado, ter que dar satisfações de seus passos ao próprio pai?

Paulo teve vontade de gritar: *Não sou seu pai!* Ao invés disso, mordeu os lábios e retrucou:

– Esteve com aquela mulherzinha?

Lá vinha ele de novo. Parecia que Paulo sentia prazer em irritá-lo. Fabrício pensou em dar-lhe uma resposta à altura. Mas estava cansado e achou que era melhor não discutir, arrematando com frieza:

– Boa noite, pai.

Abriu a porta do quarto e entrou rapidamente, deixando o pai parado no corredor, remoendo a sua raiva. Junto a ele, Adriano também se roía. Cada vez que Fabrício chamava Paulo de pai, tinha vontade de esmurrá-lo. Com que direito o chamava de pai? Não era seu filho, não era ninguém.

Paulo voltou para seu quarto e deitou-se na cama. A seu lado, Flávia dormia tranqüilamente. Por sorte, não escutara nada. Olhando para ela, o coração de Adriano se acalmou. Ela realmente o amava. Sentia saudades dele e orava todas as noites por ele. De onde estava, Adriano recebia suas orações. Pena que ainda não lhes desse valor.

No dia seguinte, bem cedo, Olívia foi chamar Fabrício para atender o telefone. Ainda nem eram sete horas, e quase todo mundo ainda dormia.

– Desculpe-me, Fabrício – falou ela. – Falei que você ainda estava dormindo, mas a pessoa ao telefone disse que era urgente.

– Não faz mal, Olívia. Fez bem em me chamar.

Levantou-se da cama, bocejou e vestiu o robe, seguindo para a biblioteca. Ainda sonolento, ergueu o fone do gancho e falou:

– Alô? – silêncio. – Alô?

Ficou escutando a respiração ofegante do outro lado da linha até que, afinal, alguém respondeu:

– Doutor Fabrício, acha que os ratos merecem viver?

Desligaram. Fabrício podia imaginar quem era. Cassiano estava tentando amedrontá-lo. Mas não tinha importância. Ele trataria de resolver aquele assunto na mesma hora. Correu a seu quarto, abriu a pasta e retirou seu caderninho de telefone. Procurou o número de Cassiano e voltou à biblioteca, discando rapidamente. A mesma voz de antes atendeu, e ele falou em tom grave e decidido:

- Acho que os ratos merecem a gaiola.

Desligou rapidamente e começou a rir, imaginando a cara de espanto de Cassiano. Se ele pretendia intimidá-lo, podia ir perdendo as esperanças. Fabrício não se deixaria intimidar com facilidade.

Em casa, parado com o fone na mão, Cassiano espumava. Estava tentando amedrontar Fabrício, mas ele não se deixava intimidar. Além de tudo, era bastante atrevido. Mais até do que ele. Pensou o quanto seria difícil assustá-lo para que não apresentasse aquela fita, mas agora estava certo de que nada conseguiria. Pelo visto, não teria saída. Seria obrigado a desistir de seus planos.

No dia da audiência de prosseguimento, Fabrício chegou cedo com Selena. Aderbal e Cassiano ainda não haviam chegado e, quando o oficial apreendeu os seus nomes, somente os dois entraram na sala. Acomodaram-se em suas cadeiras e aguardaram.

– Boa tarde – cumprimentou o juiz Otávio. – Onde está o senhor Cassiano?

- Não sabemos, excelência – respondeu Fabrício respeitosamente.

– Vamos aguardar apenas cinco minutos. Se não vier, iniciaremos sem ele.

Os cinco minutos se escoaram, e nada de Cassiano aparecer. Vendo que ele não vinha, o juiz tomou novamente a palavra:

– Muito bem. Vejo que não vem mesmo. Nem o seu advogado compareceu ou deu qualquer satisfação, o que considero um descaso com esta Justiça – encarou Fabrício com simpatia. – O senhor diz que possui uma fita incriminadora, e eu gostaria de ouvi-la. Trouxe-a consigo?

– Sim, excelência – Fabrício abriu a pasta e retirou a fita, exibindo-a ao juiz. – Aqui está.

– Trouxe gravador? – ele assentiu e apanhou o aparelho. – Então, vamos ouvi-la.

O oficial ajudou Fabrício a ligar o gravador e colocar a fita. Em breve, as vozes se elevaram nitidamente:

– *Bom dia, doutor Fabrício...* – era a voz de Aderbal, a primeira a se ouvir na gravação.

Durante quase uma hora ouviram a fita. Seu conteúdo, efetivamente, era muito comprometedor. Cassiano pretendia trocar os filhos por dinheiro. Queria que a mulher convencesse os pais a fazer um adiantamento de legítima em troca das crianças. E depois, confessava, literalmente, a armação do adultério e do flagrante. Não restavam dúvidas. Tudo não passara de um embuste.

– Doutor Fabrício – começou o juiz –, já ouvi algumas fitas em minha vida profissional. Em geral, maridos e esposas que gravam conversas ao telefone, declarações de amantes, confissões de amor. Mas nunca ouvi nada semelhante.

Fabrício endireitou-se na cadeira e retrucou:

- Sei disso, excelência. Confesso que também fiquei impressionado.

- Sabe que a autenticidade dessa fita poderia ser contestada, não sabe?

– Sei, sim senhor. Contudo, estou pronto a submeter a fita a qualquer exame técnico que vossa excelência entender necessário. A fita é autêntica, e não tenho medo da perícia.

– Compreendo – ele considerou durante alguns segundos. – Entretanto, doutor Fabrício, seu ex-adverso não compareceu...

– Não, excelência. Talvez porque não tenha o que dizer. Ele também sabe que a fita é verdadeira.

– Hum, hum... Bem, dada a ausência da parte ré, vou considerar autêntica a fita e admiti-la como prova. O senhor agora pode fazer suas últimas alegações.

– Excelência – começou Fabrício –, creio que o conteúdo da fita é altamente revelador e dispensa maiores digressões. Gostaria também de chamar atenção para o fato de que o senhor Cassiano não compareceu, perdendo a oportunidade de impugná-la. Assim sendo, peço que leve isso em conta e aplique a presunção de veracidade dos fatos alegados pela parte autora. Dona Selena, minha cliente, foi vítima de uma trama. Seu marido, homem rude e mal intencionado, casou-se com ela com vistas a sua herança. Em seguida, passou a maltratá-la, espancando-a e aterrorizando os filhos. Percebendo a iminência do desquite, tomou uma medida desesperada. Mancomunado com o irmão, preparou o adultério e o flagrante. Sabendo que a esposa, carente e ferida, encontrava-se sozinha, amedrontada, desiludida, fez com que o senhor Aníbal a seduzisse e a conduzisse para o quarto, onde mantiveram, por uma única vez, relação sexual. Restou claro também que as crianças não estavam em casa e que o berço do bebê encontrava-se vazio. Foi tudo combinado para que o senhor Cassiano entrasse na hora para fotografá-los em pleno ato sexual, garantindo, assim, a prova do adultério. E tudo isso para quê? Para chantagear minha cliente, oferecendo-lhe a guarda dos filhos em troca da parte que lhe cabe em sua herança. Diante dos fatos, excelência, restou provado que o senhor Cassiano concorreu para que dona Selena cometesse o adultério, razão pela qual, não pode esse flagrante ser invocado como fator de culpabilidade da autora. Está ainda amplamente demonstrado que o réu submetia a esposa e os filhos a tortura física e emocional. Assim sendo, espera a autora que seja o réu considerado culpado e que seja decretado o desquite, autorizando-se a separação dos cônjuges e pondo-se fim ao regime matrimonial dos bens.

Dada a palavra ao membro do Ministério Público, este foi totalmente a favor de Selena e repetiu, praticamente, as mesmas palavras de Fabrício. A audiência foi encerrada e marcado o prazo de dez dias para leitura da sentença. Embora Otávio já tivesse formado seu convencimento, queria redigi-la com cuidado e atenção.

Durante os dias que se seguiram, nem Cassiano, nem Aderbal apareceram. Fabrício ficou à espera de um telefonema, ainda que ameaçador, mas nada. O homem parecia haver desaparecido.

A sentença foi clara e precisa. Otávio considerou Cassiano culpado pela separação e decretou o desquite, dando a guarda das crianças à mãe e fixando ainda a quota com que deveria concorrer para a criação e educação dos filhos. Foi uma alegria para Selena, que pôde, finalmente, respirar mais tranqüila. Ela estava tão feliz que nem sabia ao certo o que dizer.

– Fabrício... nem sei como lhe agradecer...

– Você não tem que me agradecer. Fiz apenas o meu trabalho.

– Você foi brilhante! E muito eficiente – calou-se emocionada.

Fabrício tomou a sua mão e levou-a aos lábios, sussurrando com emoção:

– Sabe que não fiz isso apenas por profissionalismo, não sabe? – ela não respondeu. – Eu a amo, Selena. E não há nada agora que impeça o nosso amor.

Selena pôs-se a chorar baixinho. Já havia sofrido tanto! Será que não estaria se iludindo mais uma vez, e o amor de Fabrício não terminaria assim que ele a tivesse em sua cama? Percebendo-lhe a hesitação e o medo, Fabrício passou o braço ao redor de seu ombro e puxou-a para si, beijando-a apaixonada e longamente. Ela correspondeu ao beijo com ardor e logo percebeu o quão sincero ele estava sendo. Aquele gesto era mais do que um simples beijo. Era um ato de amor.

Andando de um lado para outro no escritório de Aderbal, Cassiano esbravejava:

– Aquele cretino! Como isso pôde acontecer?  
– Acalme-se, Cassiano. Não tínhamos saída.  
– Não tínhamos? Eu trabalhei anos para conseguir uma boa situação na vida, e você deixa tudo ir por água abaixo da noite para o dia!  
– Ei! Calma aí! A culpa não foi minha. Ninguém mandou você armar aquele flagrante de adultério.

– E ninguém mandou você ser tão burro!  
– Isso agora não adianta nada.  
– Ah! não adianta, não é? Pois garanto-lhe que isso não vai ficar assim. Perdi Selena e o dinheiro, mas ele também não vai ficar com ela!

– O que pretende fazer?  
– Não é da sua conta. Mas não se preocupe. Saberá pelos jornais.  
– Não conte comigo para mais nada.  
– Não preciso de você. Está despedido.  
– Ah! é? E os meus honorários?

Fitando-o com ar de desdém, Cassiano rebateu com ironia:

– Vá reclamá-los na polícia.  
Saiu batendo a porta e foi para casa. Ligou para o irmão, pedindo que o encontrasse imediatamente. Aníbal chegou cerca de meia hora depois.

– O que foi que houve?  
– Aníbal, quero acabar com aquele doutorzinho.  
– Quer?  
– E você vai me ajudar.  
– Eu?  
– Ele me tomou tudo o que tinha, mas vai ver só uma coisa.  
– O que pretende fazer? Emboscá-lo?  
– Até que não seria uma má idéia. Ele tem dinheiro, não tem?  
– E daí?  
– E daí que desperta a atenção de qualquer ladrão, não é mesmo?  
– Pretende forjar um assalto?  
– Sim. Sei onde ele mora. Basta observá-lo, e logo saberei a que horas costuma chegar. Daí, roubo seu carro e o mato.

– Isso é loucura. Um carro daqueles! Logo seria encontrado!  
– Imbecil! Não vou ficar com ele! Vou dar sumiço no carro assim que fugir.

– Vai? Onde?  
– Ainda não sei. Pensei em levá-lo lá para os lados de Caxias e tocar fogo nele. O que acha?

– Hum... não sei. Pode não dar certo.  
– Você é mesmo um covarde, Aníbal! Está com medo.  
– Não estou com medo. Só não quero ser preso.  
– Não vai ser! Eu lhe garanto.  
– E o doutor Aderbal?  
– Eu o despedi. É um incompetente.

Ao final de alguns minutos, Aníbal acabou por aceder:

– Está bem, Cassiano. O que quer que eu faça?

– Na verdade, quase nada. Você apenas será meu álibi. Aquele doutorzinho de meia-tigela... vai ter o que merece. Eu bem que o avisei para que não se intrometesse comigo. Pensou que eu estava brincando, não é mesmo? Pois vai ver só!

Na noite seguinte, Cassiano deu início ao plano. Postou-se do outro lado da rua e pôs-se a vigiar os passos de Fabrício. Em pouco tempo, já conhecia seus hábitos. A que horas saía e a que horas voltava. Durante a semana, costumava ir trabalhar de carro ou de táxi. Entretanto, todos os fins de semana saía de automóvel e só voltava tarde da noite.

O prédio em que ele morava não tinha vigia noturno. Fabrício tinha que saltar do carro para abrir o portão da garagem, o que seria tempo mais do que suficiente para agir. Cassiano se esconderia nas sombras e, quando ele chegasse, saltaria diante dele, tirá-lo-ia do automóvel e lhe daria três tiros à queima-roupa. Em seguida, entraria no carro e sairia em disparada. Não tinha como errar. Todos pensariam em roubo de carro, e ninguém poderia ligá-lo ao crime. Aníbal estava disposto a jurar que ambos haviam permanecido em casa, bebendo e assistindo TV. Contar-lhe-ia o filme que estivesse passando e ninguém poderia duvidar de sua palavra.

## CAPÍTULO 22

Após o desquite, Fabrício e Selena assumiram publicamente seu romance. iam a bares e cinemas juntos, eram vistos passeando com as crianças nos parques e praças, na praia e no zoológico. Não se largavam. Estavam apaixonados e pretendiam viver juntos.

Era um sábado de sol, e Selena estava na praia em companhia de Fabrício, Clarinha e as crianças. Haviã armadã uma barraca e ajeitaram as crianças na sombra, e elas se entretinham em brincar com baldinhos, pazinhas e forminhas.

– Nossa, Selena – queixou-se Fabrício –, está fazendo um calor! Acho que vou para a água. Alguém quer ir?

– Não, obrigada, meu bem. Iremos depois.

– Está certo, então.

Fabrício se levantou e foi para a água, e Clarinha elogiou:

– É um belo rapaz.

– É sim. Tive sorte em encontrá-lo.

– Tãã diferente de Adriano! Quem nãã os conhecesse, nãã diria que eram irmããos.

– Ainda sente a falta dele?

– Um pouco. Eu o amava, nãã íamos nos casar. Mas nãã há nada que o tempo nãã cure, nãã é mesmo?

– É verdade.

Clarinha inspirou o aroma do mar e mudou de assunto:

– As crianças estãã felizes.

– Estãã sim. Fabrício é muito atencioso com elas. Tãã atencioso, que elas nem sentem a falta do pai.

– Cassiano desapareceu mesmo?

– Acho que sim. Soube que continua morando no mesmo apartamento. Vocẽ sabe, nãã tĩnhãmos nenhum bem juntos, e o apartamento era alugado.

– Ainda bem, nãã é Selena? Se nãã, teria que dividir tudo com aquele cafajeste.

Clarinha parou de falar, boquiaberta. Fabrício vinha voltando da água em companhia de um homem alto, moreno, muito atraente. Chegando perto delas, foi logo apresentando-o:

– Selena, Clarinha, lembrã-se do juiz Otãvio? Foi ele quem presidiu o nosso processo.

– Como nãã? – respondeu Selena, recordando-se muito bem dele. – Como vai, doutor?

– Muito bem, e a senhora?

– Agora estãã tudo bem.

– E a senhorita? – dirigiu-se a Clarinha – Dona Ana Clara, nãã é? Como vai?

Clarinha ficou encantada. Nãã sabia por que obra do destino o juiz Otãvio aparecia assim na sua frente, mas o fato é que aparecera mesmo.

– Vou bem, juiz, e o senhor? – respondeu ela timidamente.

– Por favor, nãã me chamem de juiz ou de doutor. Nãã estamos no fórum aqui. Tratem-me apenas por Otãvio.

Ela enrubesceu, e Fabrício, na mesma hora notou que o juiz olhava para ela de um jeito especial. Atẽ Selena percebeu e cochichou com ele:

– Acho que nosso juiz está interessado em Clarinha.

Fabrizio sorriu e revidou:

– Sabe, doutor Otávio, estávamos pensando em almoçar num restaurante aqui perto, depois da praia. Não gostaria de nos fazer companhia?

– Depende. Só se vocês pararem, de uma vez, de me chamar de doutor.

A simpatia entre eles foi instantânea. Otávio era um homem culto e agradável, e impressionou Clarinha mais do que ela esperava. Fora muita coincidência. Aliás, coincidência nenhuma. Ela já estudara o suficiente da doutrina espírita para saber que não existiam coincidências. Nada acontecia por acaso, e se Otávio cruzara o seu caminho, era porque algum motivo devia haver.

Almoçar com as crianças era uma tarefa difícil. Selma, mais crescidinha, já comia sozinha, mas era preciso alimentar Carlinhos na boca.

Vendo a dedicação com que Selma cuidava dos filhos, Otávio comentou:

– Sabe, Selena, também tenho uma filha.

– Verdade? E onde está?

– Foi à praia com uma amiguinha. Chama-se Ana Lúcia e acabou de fazer oito anos.

– Você é casado? – tornou Clarinha surpresa.

– Sou viúvo.

– Oh! que pena. Sinto muito.

– Não sinta, Clarinha. São as coisas da vida. E depois, Ana Lúcia compensa qualquer sofrimento.

– É verdade, Otávio. – concordou Selena. – Os filhos fazem todo o resto parecer sem importância.

– É mesmo... E o seu ex-marido? Tem tido notícias dele?

– Pois é. Estava agora mesmo dizendo a Clarinha que ele sumiu. Nem se interessa em ver as crianças.

– Antes assim, Selena – interrompeu Fabrizio. – De um homem como aquele, o melhor é ter distância.

A conversa prosseguiu animada. Em seguida, trocaram telefones e, quando já iam se despedir, Otávio indagou:

– Clarinha, tem algum compromisso para hoje à noite?

Ela exultou. Era tudo o que esperava ouvir e respondeu com mal disfarçada ansiedade:

– Bem, Otávio, para falar a verdade, não tenho compromisso nenhum.

– Aceitaria jantar comigo?

– Eu adoraria!

– Excelente. Dê-me seu endereço, e eu passarei pela sua casa, que tal, às oito?

– Ótimo.

Nesse momento, Clarinha levou a mão ao estômago e soltou um uivo de dor, curvando o corpo para a frente e gemendo sem parar.

– Meu Deus, Clarinha! – alarmou-se Selena. – O que foi que houve?

– A dor! De novo a dor! Ai meu Deus, não agüento!

Desmaiou, rosto caído sobre a mesa. Rapidamente, Fabrizio correu para ela e tomou o seu pulso.

– Precisamos levá-la a um hospital!

Chamaram um táxi. Não dava tempo de ir em casa buscar o carro. Como eram muitos, Otávio ficou de encontrá-los no hospital. Apanharia seu automóvel e os traria de volta.

Clarinha, recostada no banco, cabeça pousada sobre o ombro de Selena, parecia morta. As crianças choravam sem parar, e Selena tentava acalmá-las.

– Está tudo bem, crianças. Tia Clarinha vai ficar boa.

No hospital, nada foi constatado. O médico de plantão examinou-a como das outras vezes, mas não pôde diagnosticar nenhuma anormalidade.

– O doutor Feliciano não está? – quis saber Fabrício.

– Não – respondeu o médico. – Hoje não é dia do plantão dele.

Otávio chegou logo em seguida, preocupado com a saúde de Clarinha. Ao voltar a si, ela agradeceu a atenção do médico e das enfermeiras, ajeitou-se da melhor forma possível e saiu em companhia dos demais.

– Isso já está virando rotina – reclamou.

– Como assim? – tornou Otávio. – Não é a primeira vez?

– Não. Até já perdi a conta de quantas vezes passei mal dessa maneira.

Só que ninguém descobre o que é.

– Por falar nisso – interrompeu Fabrício –, o doutor Feliciano telefonou outro dia para minha avó. Ele a atendeu algumas vezes, não foi?

– Foi sim.

– Ele acha que você não tem nada físico.

– Não? – revidou Otávio. – Como assim? Ele acha que é problema espiritual?

Os outros olharam-no atônitos. Ninguém esperava que ele entendesse dessas coisas.

– Acredita em espíritos, Otávio? – perguntou Fabrício.

– Acredito. Não sou espírita, se é o que quer saber. Mas sou um estudioso e já li muitas obras a respeito de espiritismo e fenômenos espíritas.

– Então não se surpreenderá com a nossa conversa.

– É claro que não.

– Pois é – cortou Selena. – Não acha que devia se cuidar, Clarinha?

Você nem tem aparecido mais. Por quê?

Clarinha deu de ombros e respondeu:

– Não sei dizer. Não tenho tido vontade.

– Mas você precisa se esforçar. Se tiver mesmo algum espírito junto de você, ele precisa ser doutrinado.

– Sabe, Selena, não creio mesmo que seja isso. Acho que ando trabalhando demais. E também estou procurando um apartamento para alugar.

– Sério? – retorquiu Otávio. – Uma moça tão jovem, pensando em morar sozinha?

– O que tem demais? Sou jovem, mas tenho a minha profissão e até que ganho bem. Sou uma mulher independente.

– Não se ofenda, Clarinha. Acho muito bacana a sua atitude. Gosto de mulheres corajosas e ousadas.

Clarinha riu e olhou para ele. Gostava daquele juiz. Ele lhe transmitia uma tranqüilidade que há muito não sentia.

A seu lado, Adriano fuzilava. Percebendo as intenções de Otávio, grudara-se a Clarinha, na tentativa de *protegê-la*. Ao invés disso, causara-lhe o costumeiro mal-estar.

– Mas que droga! – falou em voz alta, que ninguém escutou. – Agora não tenho mais dúvidas... Por que a faço sentir-se tão mal, Clarinha? Não vê que a amo e só o que quis foi protegê-la?

Clarinha não escutou. Entrou no carro de Otávio e sentou-se a seu lado, enquanto Selena e Fabrício se acomodavam no banco traseiro com as crianças.

- Para onde vamos?
- Para o lugar em que estávamos, se não se importa – pediu Fabrício.
- Deixe-me levá-los em casa.
- Não, por favor. Leve apenas Clarinha, se não for incômodo. Eu irei buscar o carro em casa e levarei Selena.
- É claro que não é nenhum incômodo. Será um prazer.

Apesar do ocorrido, Clarinha não quis desmarcar o encontro da noite. O que mais desejava, naquele momento, era estar junto de Otávio e não perderia aquela chance por nada.

Assim que entrou em casa, Elizete veio correndo ao seu encontro.

– Graças a Deus, minha filha! Por que demorou tanto? Fiquei preocupada.

Já passava das cinco horas, e Clarinha nunca chegava depois das três. Todavia, não querendo preocupar a mãe, respondeu com displicência:

- Ora, mamãe, fui almoçar e perdi a hora.
- Você não me engana, Clarinha. Eu a conheço. Teve um daqueles ataques de novo, não foi?

Clarinha não estava acostumada a mentir.

– Foi, mãe – respondeu a contragosto. – Fabrício e Selena me levaram ao hospital.

- Selena? Esteve com sua prima?
- E daí, mãe? Ela é minha amiga. Vai continuar implicando com ela?
- Não... não, minha filha, não vou. Estou preocupada é com você.
- Pois não precisa. O médico disse que não tenho nada. E agora, com

licença. Preciso tomar um banho.

Depois que ela saiu, Elizete ficou pensando. Foi até o quarto, apanhou a bolsa e retirou o cartão que o doutor Feliciano lhe entregara. Ligaria para ele. Talvez pudesse ajudá-la.

- Alô? – disse uma voz de homem, do outro lado da linha.
- Boa tarde... – respondeu Elizete, meio sem saber o que dizer. – Por favor, gostaria de falar com o doutor Feliciano. Ele está?
- É ele mesmo quem está falando.
- Doutor, desculpe-me estar ligando. Quem fala aqui é Elizete Moraes, mãe de Clarinha. O senhor se lembra?
- Mas é claro. Como vai, dona Elizete?
- Mais ou menos...
- Algum problema?
- É a Clarinha. Não anda nada bem.

Começou a chorar. Pelo telefone, Feliciano podia sentir a angústia em sua voz. Esperou até que ela se acalmasse e indagou:

- Aconteceu algo de grave?
- Não. Mas é que ela continua tendo aqueles ataques. Oh! doutor, não sei mais o que fazer! Já consultamos vários médicos, mas ninguém descobre nada. E o senhor disse que poderia ajudar...
- Posso tentar. Mas é preciso que Clarinha também queira.
- Como assim?
- Dona Elizete, sua filha está sendo vítima de um espírito obsessor...
- Obsessor? Mas como? O que é isso?

– Seria melhor marcarmos de nos encontrar pessoalmente. Por telefone, fica difícil explicar certas coisas.

– Doutor, meu marido jamais consentirá. Ele não acredita nem em Deus, que dirá em espíritos. Dirá que estou ficando louca.

Ele pensou durante alguns segundos, até que falou:

– Conhece a Flávia, não conhece?

– Sim, claro.

– Tem o seu número?

– Um minuto – ela consultou o caderninho de telefone. – Deixe ver...

Letra *f*... Tenho.

– Pois muito bem. Ligue daqui a uma hora e marque um encontro com ela. Cuidarei de avisá-la e explicar-lhe o que está acontecendo.

Desligou. Esperou o tempo que Feliciano lhe pedira e ligou para Flávia. Foi ela mesma quem atendeu e foi logo falando:

– Como vai, Elizete? Há quanto tempo não nos vemos!

– Desde a última missa de Adriano.

– Pois é. Já faz bastante tempo. Bom, sei o quanto está aflita e, por isso, vou direto ao assunto. Feliciano ligou e me explicou tudo. Clarinha estava indo conosco ao centro de mamãe, lá no Engenho Velho, só que, de repente, sumiu. Não sabemos o que houve, mas ele já havia telefonado para ela e dito que estava desconfiado de que Clarinha estava sendo obsidiada.

– Foi o que ele me disse. Só que não entendi muito bem.

– Será que você não pode vir aqui para conversarmos? Diga ao seu marido que eu a convidei para um chá. Assim, poderei explicar-lhe tudo com calma.

– Está bem.

– Que tal segunda-feira? É dia útil, e talvez seja mais fácil sair.

– Perfeito. A que horas?

– Quatro horas, está bom?

– Estarei aí.

Tornou a desligar e foi até o quarto da filha. Ela havia acabado de tomar banho e estava dormindo. Achou melhor não a despertar e voltou para a sala.

Clarinha dormiu direto até às oito e quinze da noite. Acordou com a mãe ao lado de sua cama e perguntou assustada:

– Mãe? O que foi que houve?

– Não sei, minha filha. Não queria despertá-la, mas está aí um tal de Otávio, pedindo para falar-lhe. Disse que tinha um encontro com você.

Clarinha consultou o relógio e exclamou:

– Meu Deus! Dormi demais!

Levantou-se apressada, lavou o rosto rapidamente e correu para a sala, onde Otávio conversava com o pai.

– Ah! minha filha, venha aqui. Acabo de conhecer o seu amigo.

Clarinha aproximou-se acabrunhada. Não esperava por aquilo. Também, quem mandou pegar no sono e perder a hora? Só esperava que o pai não estivesse colocando Otávio em nenhuma situação constrangedora.

– Otávio – começou logo a dizer. – Perdoe-me. É que dormi e perdi a hora.

– Não faz mal, Clarinha, eu entendo. Você passou mal, e era natural que descansasse. Quer deixar o nosso encontro para outro dia?

– Não. Dê-me meia hora e eu me apronto.

Meia hora depois, Clarinha voltou deslumbrante. Escolhera um vestido branco esvoaçante, penteara-se, maquiara-se. Otávio ficou embevecido e não pôde deixar de elogiar sua beleza.

Depois que ela saiu, Bernardo comentou:

- Esse homem é um excelente partido para nossa filha!
- Um pouco velho demais, talvez.
- Isso não importa. O homem é juiz. Quer melhor do que isso? Se

Clarinha tiver cabeça, não o deixará escapar.

A noite foi maravilhosa. Ele era um homem gentil e divertido, muito diferente da idéia que ela fazia dos juizes. Quando ele segurou sua mão e a beijou, ela sentiu feito um choque percorrendo todo o seu corpo e percebeu que estava apaixonada. Tão apaixonada, que nem a presença de Adriano conseguiu abalá-la. Embora chegasse a enjoar, não desmaiou, e ambos terminaram a noite nos braços um do outro.

Na segunda-feira, Elizete partiu para a casa de Flávia coberta de esperanças. Flávia conversou muito com ela, esclarecendo-a sobre o mundo dos espíritos e os fenômenos mediúnicos. Clarinha, na certa, era médium e estava sendo perturbada por algum espírito menos esclarecido. Embora suspeitasse de Adriano, não disse nada. Adriano era seu filho, e ela não queria que ninguém o chamasse de obsessor.

Flávia convidou-a a acompanhá-la na quarta-feira ao centro de sua mãe, e ela aceitou.

- Seria ótimo se pudesse levar Clarinha.
- Farei o possível.

Mas Clarinha não quis ir. Alegando cansaço, foi recolher-se mais cedo. Elizete disse a Bernardo que havia encontrado Flávia por acaso e que ela a convidara para ir à sua casa naquela noite. Por delicadeza, aceitou.

Apanhou o táxi e dirigiu-se para a casa de Flávia, que já a aguardava. Em companhia de Fabrício, rumaram para a casa de Inês. Quando ela chegou, Selena veio recebê-los.

- Tia Elizete! – exclamou. – Há quanto tempo!

Meio sem graça, Elizete beijou a sobrinha no rosto e retrucou:

- É mesmo, Selena. E você, como vai?
- Graças a Deus, estamos bem. Eu e as crianças.
- Onde estão?
- Dormindo.
- Conhece minha mãe? – retorquiu Flávia.
- É claro. Como vai, dona Inês?
- Vou bem. E Clarinha? Não veio?
- Não quis vir. Fiz de tudo para que me acompanhasse, mas não houve

jeito.

- Não faz mal. Faremos uma mentalização para ela.

No centro, seu Antônio abriu os trabalhos com uma bonita oração, proferiu interessante palestra sobre obsessão e convidou os espíritos necessitados que quisessem se apresentar. Alguns espíritos se manifestaram, mas nenhum que se relacionasse a Clarinha.

A sessão foi encerrada, e Elizete saiu frustrada.

– Não desanime, Elizete – consolou Inês. – No começo é assim mesmo. Nem todos os espíritos querem se dar a conhecer.

- Acha que minha filha está sendo vítima de algum obsessor?

– Apesar de serem assim chamados, não gosto de usar esse termo. Digamos que são espíritos ignorantes que só precisam de um pouco de esclarecimento para seguir o seu caminho. E sim. Clarinha, provavelmente, sofre o assédio de algum irmãozinho menos esclarecido. Mas não se preocupe. Com o tempo ele virá até nós.

– Acha mesmo?

– Trabalharemos por isso. Contudo, seria muito importante que Clarinha nos acompanhasse. Da próxima vez, tente convencê-la.

Elizete estava convencida. Faria o que fosse preciso para libertar sua filha do jugo daquele obsessor, ignorante ou fosse lá como quisessem chamá-lo. Só o que ela não queria era ver Clarinha sofrendo daquele jeito.

## CAPÍTULO 23

Ao entrar em casa naquela noite de sábado, Fabrício teve outra surpresa. O pai estava sentado na sala lendo um jornal e, quando ele passou, disse com azedume:

– Mais uma de suas noitadas?

Ele engoliu em seco e seguiu adiante, rumo ao seu quarto. Não estava com vontade nenhuma de discutir. Fechou a porta com cuidado e foi sentar-se na cama. Estava cansado e precisava dormir. Tirou os sapatos e se deitou, esticando os pés para relaxá-los. De braços cruzados sob a cabeça, fitou o teto e ficou a pensar em Selena. Ela agora estava livre, e ambos podiam assumir a sua relação. Pedi-la-ia em casamento e dariam uma festa íntima, só para marcar a ocasião.

Pouco depois, pegou no sono. Estava semi-adormecido quando escutou um ruído estranho. Abriu os olhos vagarosamente, sonolento ainda, e ouviu nitidamente a voz do pai erguendo-se do lado de fora da porta de seu quarto:

– Isso não vai ficar assim, Flávia! Não está direito!

– Por favor, Paulo, fale baixo. Vai despertá-lo.

– E daí? Que acorde! É bom mesmo que ouça o que tenho a dizer.

– Mas Paulo, ele não fez nada.

– Fez sim. Está me envergonhando. As pessoas já estão comentando.

– Deixe para lá, Paulo. Ninguém tem nada com isso.

– Sou um importante empresário. Como pensa que me senti quando o Epaminondas me ligou falando aquelas coisas?

– Você não devia dar importância ao que os outros falam. As pessoas são muito maldosas.

– Maldosas ou não, o fato é que eles estão sempre sendo visto juntos.

E o Epaminondas me liga a essa hora para me contar a novidade. Grande novidade... meu filho envolvido com uma desquitada, freqüentando hotéis de reputação duvidosa!

– Paulo, por favor...

Ao ouvir as últimas palavras do pai, Fabrício deu um salto da cama e escancarou a porta, encarando-o com rancor.

– Mas o que significa isso? Não se pode mais dormir sossegado nessa casa?

– Onde esteve, Fabrício? – retrucou Paulo, cheio de ódio.

– Não é da sua conta, pai. Já disse que sou crescidinho.

– É da minha conta sim! Você anda se encontrando com aquela vagabunda em casas de tolerância!

– O quê? Quem lhe disse isso?

– O Epaminondas. Viu quando vocês saíam de um hotel à beira da estrada Rio-Petrópolis. Vai negar?

– Quem é esse Epaminondas?

– Não se faça de tolo, Fabrício. Você conhece o Epaminondas tão bem quanto eu.

– Ah! é, tem razão. É aquele que possui uma amante em cada esquina, não é? – Paulo mordeu os lábios, enquanto Fabrício prosseguia: – E o que é que ele estava fazendo lá?

– Isso não é problema meu. O meu problema é você.

– Pois está enganado, pai. Em primeiro lugar, esse Epaminondas devia cuidar mais da sua vida. Aposto que, se me viu, foi porque estava em situação

semelhante, não é? Como pôde me reconhecer à noite, numa estrada com pouca iluminação?

– Ele conhece o seu carro.  
– Ah! o carro...  
– Deixe de sarcasmos comigo, rapaz! Exijo uma explicação!  
– Pois não lhe devo explicação alguma. Contudo, para que você se tranqüilize, não costumo andar com vagabundas...

– Não? E o que pensa que aquela Selena é?  
– Selena é uma moça muito direita, e pretendo casar-me com ela. Por isso, não admito que fale dela assim dessa maneira desrespeitosa.

– Casar-se?! Mas como? Pretende matar o marido dela?  
– Ex-marido. Eles estão desquitados.  
– E daí?  
– Paulo, por favor – interrompeu Flávia. – Pelo bem de todos nós, encerre essa discussão.

– Não, Flávia, não posso. Ele vive sob o meu teto, deve-me respeito. Não posso tolerar que transforme o meu nome, o nosso nome, o nome que lhe dei em motivo de chacota.

– Selena é uma boa moça, Paulo. Eu sei. Conheça-a.  
– Conheça-a, não é mesmo? E pensa que isso a autoriza a atestar a sua idoneidade. Pois não me convence. Ela não presta. Se prestasse, não sairia por aí freqüentando casas de tolerância.

– Pela última vez, pai! Selena não é o que você pensa. E não fomos a nenhuma casa de tolerância...

– Nega que foram a um local de encontros?  
– Onde fomos ou deixamos de ir não é da sua conta. Mas posso lhe assegurar que não fizemos nada de que pudéssemos nos envergonhar. Nós nos amamos, e não há pecado algum no amor.

– Que lindo! Amor... É assim que agora chama a pouca-vergonha?  
Fabrício mordeu os lábios e cerrou os punhos, contando até dez para não perder a cabeça.

– Paulo – intercedeu Flávia, já percebendo a impaciência do rapaz. – Deixe Fabrício em paz. Ele não fez nada de errado.

– Você, sempre o defendendo.  
– Ele é nosso filho, Paulo.  
– E Adriano? Também não era?  
– Eu sabia! – retrucou Fabrício com desprezo. – Ainda me culpa pela morte de Adriano, não é? Preferia que eu tivesse morrido em seu lugar!

Paulo não respondeu, e Flávia se adiantou:  
– Não é nada disso, meu filho. Seu pai está magoado.  
– Magoado? Ele me odeia, mamãe! Não vê isso? E usa Selena como desculpa para poder me agredir e acusar. Por que não gosta de mim? O que foi que lhe fiz, pai? Diga-me!

Encarando-o com raiva, Paulo respondeu entre dentes:  
– Não é justo. Adriano era meu filho!  
– E eu, pai? Também não sou?  
Não conseguindo mais conter a fúria, Paulo esbravejou:  
– Não me chame de pai!  
– Paulo, por Deus! – suplicou Flávia, completamente apavorada. – Pare com isso. Lembre-se da promessa que me fez!

Aturdido, Fabrício indagou:

– Que promessa? Que promessa, mãe?

Fitando Flávia com desgosto, Paulo engoliu a raiva e tornou com secura:

– Nada, Fabrício.

– Paulo me prometeu que não iria mais brigar com você – e, virando-se para o marido, acrescentou: – Não é mesmo, Paulo? Não vão mais brigar, vão? Adriano se foi, mas ainda temos Fabrício. Ele é tão nosso filho quanto Adriano, não é?

Sentindo o desespero na voz da mulher, Paulo retrocedeu.

– É... – respondeu ele, sem muita convicção.

– Então? Parem com isso, por favor. Será que não podemos viver em paz para variar?

– Não sou eu que começo, mãe.

– Sei disso, meu filho. Mas pode muito bem terminar.

Fabrício suspirou e estendeu a mão para Paulo, que abaixou os olhos, tentando ocultar a raiva e o desprezo. Contudo, para agradar a mulher, tomou a mão que o filho lhe estendia e apertou-a com raiva, soltando-a logo em seguida. Depois, virou-lhe as costas e foi para o quarto, batendo a porta com estrondo.

Flávia estava angustiada. Sentia que o pior estava para acontecer e não havia nada que pudesse fazer para impedir. Precisava falar com a mãe. Somente ela seria capaz de ajudá-la.

No dia seguinte, logo pela manhã, Flávia foi procurá-la. Cumprimentou Selena e as crianças e saiu puxando a mãe para o jardim. Sentaram-se em um banco, e Inês começou a dizer:

– O que houve, minha filha? Parece preocupada.

– É o Paulo, mãe – desabafou num soluço. – Sinto que está a um passo de revelar a verdade a Fabrício.

Inês inspirou profundamente, segurou a mão da filha e retrucou:

– Nós sabíamos que isso ia acontecer mais cedo ou mais tarde, não sabíamos?

– Não, mamãe! Isso jamais poderá acontecer!

– Minha filha, não há segredo que se guarde para sempre. Você está tentando controlar o curso do destino, mas o destino quer impor a sua vontade, mesmo à sua revelia.

– Isso não é justo, mãe. Fabrício é meu filho.

– Eu sei. E ele também sabe. Acha que a amará menos se descobrir a verdade?

– Não sei. Tenho medo de perdê-lo também.

– Você subestima seu filho. Ele é um rapaz muito inteligente e sensível. No começo, pode ficar chocado. É natural. Mas depois, sentindo o seu amor, vai compreender.

– Mas e Paulo? Ele não ama Fabrício. Nunca conseguiu amá-lo. Como espera que Fabrício se sinta?

– Vai compreender também. Vai entender a dificuldade de Paulo.

– Mas se sentirá rejeitado.

– Foi ele quem escolheu – Flávia começou a chorar, e Inês ponderou: – Você sabe tão bem quanto eu que ninguém nasce numa família por acaso, assim como o desenrolar da vida não é casual. Por um motivo que ainda desconhecemos, Fabrício escolheu ser filho daquela mulher alemã e ser entregue a você para que o criasse. Não foi por acaso. Não foi o destino, pura e simplesmente, que escolheu você, casualmente,

para que o recebesse e amasse como filho. Tudo aconteceu conforme o esperado. E Fabrício vai entender isso, porque também conhece essas verdades.

– Mas e o sentimento, mãe? Compreender é uma coisa. Aceitar no coração é outra bem diferente.

– Compreender é o primeiro passo para aceitar. Não estou dizendo que vai ser fácil. Fabrício vai ficar triste, talvez até revoltado. Mas o seu raciocínio, a sua inteligência farão com que ele entenda. Entendendo, vai compreender o fato em seu coração, que injetará uma boa dose de amor para que ele possa aceitar. Essa será a compreensão verdadeira. Aquela que brota da inteligência e se abriga no coração.

– Gostaria de acreditar nisso.

– Pois acredite. Fabrício é um rapaz muito sensível e terá que trabalhar os seus sentimentos. E nós estaremos aqui para ajudá-lo com o nosso amor. Principalmente você, que foi quem mais o amou a vida inteira. Confie nisso, Flávia. Confie em você.

Flávia beijou as mãos da mãe e pôs-se a chorar. Estava amargurada, mas a conversa com Inês servira para levar-lhe um pouco de alento. Faria todo o possível para impedir que a verdade viesse à tona. Contudo, se isso acontecesse, envidaria todos os esforços, não apenas para consolar o filho, mas para reconciliá-lo com o pai.

Enquanto isso, sem que Flávia desconfiasse, Cassiano deixava-se invadir cada vez mais pelo ódio que sentia de Fabrício. Em sua casa, Aníbal dava tragadas em seu cigarro, fitando as rodela que fazia no ar e ouvindo o esbravejar do irmão:

– Mas será possível? Não consigo meios de pegar aquele doutorzinho!

– Calma, Cassiano. Você começou a vigiá-lo há pouco tempo. Até que já está bem por dentro dos seus hábitos. Agora é só aguardar o momento oportuno.

– Mal posso esperar...

– Fique tranquilo, meu irmão. Vai dar tudo certo – tirou nova bafurada e mudou de assunto: – E Selena? Tem tido notícias dela?

Ele trincou os dentes e respondeu com raiva:

– Sim. A cadela. Está envolvida com o doutorzinho.

– Isso nós já sabíamos. Quero saber é se você descobriu onde está morando.

– Não. Nem me preocupei mais com isso. Por quê? Tem alguma idéia para ela também?

– Por enquanto, não. Mas depois que o doutorzinho se for...

– O que tem?

– Estive pensando... E se Selena sofrer algum... acidente? Quem sabe os pais dela não entram num acordo com você?

Já entendendo o plano diabólico do irmão, Cassiano começou a rir.

– É, até que não seria má idéia. Posso dar uma de pai arrependido, machucado pela vida, essas coisas.

– Mas temos que ter calma. Isso virá com o tempo. Não podemos nos precipitar, se não a polícia pode desconfiar. Vamos primeiro dar um jeito no doutorzinho. Depois, mas muito depois, é que cuidaremos de Selena.

## CAPÍTULO 24

Em seu escritório, Paulo não parava de pensar. Estranhamente, de uma hora para outra, a lembrança de Adriano não lhe saía do pensamento. Chegava a sentir como se ele estivesse vivo ao seu lado.

– Estou vivo, pai. Tente me enxergar.  
– Como pode estar vivo se sofreu um acidente fatal? – respondia Paulo mentalmente.

– Pai, eu desencarnei. Mas não devia. Fabrício é quem devia estar no meu lugar. Aquele bastardo! Que direito tem de viver?

– Por que será que a vida foi tão cruel comigo? – pensava Paulo. – Perdi meu único filho legítimo. Agora só me sobrou o enjeitado. Um desconhecido, filho de uma judia que morreu na guerra. Por que fui aceitar criá-lo?

– Acabe com essa farsa, pai. Conte logo tudo a Fabrício. Ele precisa saber a verdade, conhecer o seu lugar de intruso.

– Por quanto tempo mais poderei guardar esse segredo? Prometi a Flávia, é verdade. Não quero magoá-la.

– E eu, pai? Quem pensou em mim? Quem pensou no quanto eu poderia estar sendo magoado?

– Ah! se Adriano soubesse a verdade. Se tivesse descoberto tudo antes de morrer...

– Eu descobri, pai. Descobri depois, mas descobri. E foi pior. Fiquei mais indignado.

– Por que Fabrício teve que viver, por quê?

A porta do escritório se abriu e Marcos entrou, sentando-se diante do cunhado.

– Tudo bem? – indagou, preocupado com o ar abatido do outro.

– Tudo... – respondeu Paulo sem muita convicção. – Tudo bem.

– Será que poderíamos discutir essa planilha?

– Planilha? Por quê? O que houve?

– Nada demais. É que tive algumas idéias para redução de custos. Não gostaria de analisá-las comigo?

Paulo assentiu e voltou sua atenção para os negócios. Vendo que não conseguiria mais influenciá-lo, Adriano saiu e foi ao encontro de Clarinha. Já era hora do almoço, e ela se preparava para sair. Apanhou a bolsa e foi até o banheiro. Ajeitou-se, passou batom e sorriu. Estava bonita. Fechou a porta do toalete e falou para a secretária:

– Diga ao doutor Aureliano que fui almoçar.

A secretária sorriu e balançou a cabeça, e Clarinha foi andando pelo corredor. Chamou o elevador e entrou, consultando o relógio. Passavam poucos minutos do meio-dia, e Otávio, na certa, já a aguardava lá embaixo.

Otávio estava parado na portaria do prédio, esperando por ela. Pensou em subir, mas não achou boa idéia. Não queria atrapalhá-la em seu trabalho. Apesar de saber que sua posição de juiz lhe franqueava todas as portas, não gostava de abusar.

Ela apareceu sorridente, aproximou-se dele e beijou-o nos lábios.

– Olá, meu bem – saudou ela com jovialidade. – Demorei muito?

– Nem um minutinho...

Abraçou-a com ternura, e Adriano quase desesperou. Tentou acertar-lhe um soco no queixo, mas Otávio nada sentiu.

- Acho que encontrei um apartamento para você.
- Sério?
- É. Não é muito grande, mas acho que vai servir. Quer ver?
- É claro que quero.
- Então, vamos comer um sanduíche, que é para termos mais tempo.

Isso é, se você não se importar.

- É claro que não me importo.

Comeram e tomaram um táxi, e Adriano os seguiu. Queria ver onde aquela história ia parar.

O apartamento era pequeno, porém, confortável. Claro, arejado, muito bem dividido. Clarinha olhou tudo, tirou medidas, fez planos. Parecia o lugar ideal para ela.

- Então? – perguntou Otávio. – Gostou?
- Adorei. É perfeito para mim.
- Foi o que pensei.
- O aluguel é muito caro?
- Acho que não. Venha, vamos devolver as chaves ao porteiro e pedir

o telefone do proprietário. Se você quiser ficar com ele, é bom ligarmos logo.

Clarinha voltou para o trabalho de posse do telefone do dono do apartamento. Queria, ela mesma, tratar do assunto. O dono do apartamento disse que havia outras pessoas interessadas. Contudo, como ela apresentava um juiz como fiador, dar-lhe-ia preferência. Se a documentação estivesse em ordem, poderiam marcar para logo a assinatura do contrato. Marcaram uma reunião para o dia seguinte. Clarinha e Otávio iriam encontrá-lo em seu escritório, que ficava no centro da cidade, e acertariam tudo.

Ao desligar o telefone, Clarinha sorriu satisfeita. Estava feliz, muito feliz. Conhecera um homem maravilhoso, que a incentivava e a tratava com respeito, e não como uma menina mimada. Otávio sabia entender os seus anseios e não achava que seu trabalho era uma bobagem. E agora, iria conseguir o que mais queria. Alugaria aquele apartamento e sairia da casa dos pais. Eles iriam ver só. Se pensavam que ela era apenas uma criança voluntariosa, estavam muito enganados. Era uma mulher decidida e independente, e não mais uma daquelas dondocas que nasceram talhadas para o casamento.

Resolveu concentrar-se no trabalho, e Adriano sentou-se de frente a ela. Passou o dia a olhá-la, imaginando o que fazer para afastá-la de Otávio.

– Você não pode pretender controlar todo mundo – era a voz de Ismael, que soou nítida atrás dele.

Adriano voltou-se indignado.

- O que faz aqui, velho? Não me lembro de tê-lo chamado.
- Não. Vim apenas ver como você está se portando.
- Vá com calma, velho. Não fiz nada.
- Sei que não. Contudo, não deixa a moça em paz.
- E daí? Ela é minha noiva.
- Não vê que isso é impossível? Você já não tem mais um corpo de

carne.

– Isso não faz a menor diferença. Continuo vivo, e meus sentimentos são os mesmos.

- Mas suas necessidades não são.
- Quem é você para entender de necessidades?
- Não se exalte, Adriano. Raiva não vai levá-lo a nada.

Adriano calou-se assustado. Será que Ismael fora ali para levá-lo de volta para aquela prisão? Lendo-lhe os pensamentos, Ismael sorriu com amargura e retrucou:

- Não se preocupe, meu filho. A colônia-retiro é um lugar de descanso e meditação, não uma câmara de tortura com a qual se ameaçam os espíritos faltosos.
- Não disse isso.
- Mas pensou. Quando o levei para lá, foi porque você queria fazer algo proibido. Não penso em conduzi-lo de volta, a não ser que falte com a sua palavra.
- Não fiz isso, fiz?
- Não.
- Então, vá embora. Clarinha é outro assunto. Nada tem a ver com você.

Ismael suspirou, acercou-se dele e, colocando as mãos sobre seus ombros, aconselhou:

- Saia dessa vida, Adriano. Uma outra, muito mais tranqüila e feliz, espera por você.
- Agora vai me prometer o paraíso, é? Anjinhos cantando e coisas do gênero?

Ismael deu novo suspiro e finalizou:

- Você é quem sabe.

Saiu, e Adriano voltou sua atenção novamente para Clarinha. Ficara ali tão distraído que nem vira a hora passar. O expediente chegara ao fim, e ela já estava se preparando para sair. Arrumou a mesa, apanhou suas coisas, deu um *até amanhã* cordial e se foi, com Adriano em seu encalço.

Novamente na rua, Adriano viu que aquele juiz idiota a estava esperando com o carro.

- De novo? – rugiu furioso.

Aproximou-se bem de Clarinha, ou melhor, colou-se a ela. Não queria que ela fosse ao encontro daquele homem. Investiu contra ela com tanta violência que ela, na mesma hora, começou a sentir-se mal. O estômago revirou, a cabeça parecia que ia explodir. Foi sentindo uma fraqueza, um esmorecimento, até que desmaiou há poucos passos do automóvel.

Otávio saltou do carro apavorado, enquanto algumas pessoas corriam para acudi-la. Ele pediu licença e ergueu-a no colo, seguindo com ela para o carro e deitando-a no banco traseiro. Fechou a porta com rapidez e tomou a direção do hospital.

Ele ia apressado, tentando se desviar dos carros que congestionavam o trânsito do fim da tarde. Parou no sinal vermelho, impaciente, e olhou para trás. Clarinha continuava desacordada, pálida feito cera. Quando tornou a se virar para a frente, viu a mãe de Clarinha, que atravessava a rua apressadamente, carregada de embrulhos. Intuitivamente, buzinou, e ela olhou. Reconhecendo o juiz, aproximou-se do carro.

- Juiz Otávio, como está?

Calou-se alarmada, vendo Clarinha deitada no banco de trás. Percebendo o que havia acontecido, fez sinal para o juiz, que abriu a porta do outro lado, e logo entrou, toda atrapalhada com os pacotes. O sinal ficou verde e ele andou, desabafando em seguida:

- Graças a Deus que a encontro, dona Elizete. Clarinha desmaiou novamente, e eu estou a caminho do hospital.

Elizete olhou para a filha e sentiu um aperto no coração. Lembrou-se da conversa que tivera em casa de Inês na semana passada. Por coincidência, era quarta-feira, dia de sessão, e ela, enchendo-se de coragem, começou a falar:

- Juiz Otávio...
- Por favor, dona Elizete. Trate-me apenas por Otávio.
- Está certo. Otávio, estive pensando. Não sei se seria uma boa idéia levá-la ao hospital.

- Não? – ele estava perplexo. – Como assim?
- Bem, é que tenho uns amigos que... bem... que não acreditam que Clarinha esteja doente...

– Não? Por quê?

– Eles pensam que ela está sendo vítima de alguma... alguma...

Calou-se, sem ter como lhe explicar aquilo, mas Otávio, para surpresa sua, completou a sua frase com naturalidade.

– Obsessão?

– Sim... Como é que sabe?

– Bem, dona Elizete, já conversei com eles. E também penso a mesma coisa.

– Pensa?

– Sim. Não sou propriamente um entendido no assunto, mas já li o suficiente para desconfiar de casos como o de Clarinha.

Não querendo perder tempo, Elizete falou mais que depressa:

– Então, vai concordar comigo que precisamos levá-la a um centro espírita. E o mais rápido possível.

– Centro espírita?! – esbravejou Adriano, do lado do astral. – Isso é que não.

– Acho que seria uma excelente idéia – concordou Otávio. – Só que não conheço nenhum.

– Pois eu conheço. É o centro de dona Inês, avó de Fabrício, você o conhece. E hoje, por coincidência, é dia de sessão. Por que não a levamos lá?

Otávio já ia responder quando escutaram um gemido. Olhando pelo espelho, viu quando Clarinha se levantou, ainda zonza, esfregou os olhos e olhou para os dois.

– Mamãe! O que está fazendo aqui?

– Você desmaiou novamente – respondeu Otávio. – E, por sorte, encontrei a sua mãe.

– Para onde estamos indo?

– À casa de dona Inês.

– É? Para quê?

– Sua mãe falou que ela frequenta um centro, e achamos que você devia ir até lá.

Adriano, confuso e indignado, afastou-se de Clarinha o suficiente para que ela despertasse, mas ficava inspirando-lhe o desânimo e o cansaço.

– Ah! Otávio, não quero ir. Sinto-me mal ainda. O estômago me dói. Acho que é melhor ir para casa descansar.

– Mas Clarinha – protestou a mãe. – Ir ao centro só lhe fará bem. E depois, você sempre gostou. Chegou a brigar com seu pai por causa disso.

– Eu sei, mãe. Só que agora não estou com vontade. Por que não deixamos para outro dia?

Adriano estava desesperado. Tinha medo de que, no centro espírita, descobrissem a sua presença e o afastassem.

– Por que deixar para amanhã o que podemos fazer hoje? – brincou Otávio.

– Porque hoje estou me sentindo mal.

– Por isso mesmo – ponderou a mãe. – Quem sabe não é nenhum problema espiritual?

– Mãe, muito me admira ouvi-la falar desse jeito. Você, que até então, não acreditava em nada. O que deu em você para mudar de idéia?

Elizete virou-se e fitou-a com os olhos cheios d'água, respondendo com profundo sentimento:

– O amor de mãe, minha filha. Vê-la sofrer é, para mim, o maior sofrimento.

Clarinha calou-se. Diante das palavras da mãe, não tinha argumentos. Vendo-se sem saída, Adriano decidiu que não podia ir. Não estava disposto a acompanhá-la àquele lugar novamente. Sabia que eles tentariam doutriná-lo e não estava disposto a ceder.

Ao chegarem à casa de Inês, a alegria foi geral. Selena ficou tão feliz que abraçou e beijou a prima diversas vezes. Elizete telefonou para o marido, dizendo que encontrara Clarinha, e ambas haviam resolvido jantar fora, só para variar. Apesar dele não aprovar, não disse nada. Por volta das sete e meia, Fabrício chegou e, na hora marcada, foram todos ao centro espírita.

Até então, Adriano estava com eles. Mas, vendo a porta do centro se aproximar, foi diminuindo o passo, diminuindo, até que ficou para trás. Parou numa esquina e ficou olhando o grupo se afastar. Em breve, alcançaram o centro e entraram, e ele, virando as costas, tomou outra direção. Não entraria ali. De jeito nenhum.

Seu Antônio abriu a sessão. Proferiu a prece, fez a palestra e convidou os espíritos presentes que quisessem se manifestar. Nesse momento, Inês fixou o pensamento em Clarinha, mentalmente implorando ao espírito que a acompanhava que se fizesse presente. Mas nada. Ninguém conhecido se manifestou o que, de certa forma, foi frustrante, principalmente para Elizete. Ela esperava que o obsessivo se apresentasse e fosse logo afastado, mas não fora isso o que acontecera.

Depois que a sessão terminou, Inês explicou-lhe que, na maioria das vezes, os espíritos ignorantes não compareciam ao centro espírita, com medo de serem esclarecidos e afastados de suas *vítimas*. Fora isso, provavelmente, o que acontecera com Clarinha. Contudo, era preciso não perder a fé e continuar assistindo às sessões. Com o tempo, os mentores encarregados de auxiliar nos trabalhos da casa conseguiriam levá-lo até lá, e então, ambos seriam ajudados. Quanto mais o tempo passava, mais Inês tinha certeza de que era o neto quem estava lhe causando todo aquele mal-estar.

## CAPÍTULO 25

No sábado, às sete horas em ponto, Fabrício chegou à casa de Inês, que ficou deveras surpresa com a sua visita.

– O que está fazendo aqui tão cedo? – indagou ela, beijando-lhe as faces.

– Ah! vó – retrucou ele, retribuindo-lhe o beijo –, vim ficar com Selena e as crianças.

– Até parece que preciso de babá – brincou Selena.

– Fez bem, Fabrício – aquiesceu Inês. – Não é bom para Selena ficar sozinha com as crianças. Nunca se sabe o que pode acontecer.

– Ora, dona Inês – protestou Selena. – O que poderia acontecer?

– Por acaso está me dispensando, é? – tornou Fabrício de bom humor.

– Não é nada disso. É que não quero lhe dar mais trabalho. Já chega o que teve com o processo.

– Cuidar de você e das crianças, Selena, não é trabalho nenhum. É o que me dá mais prazer.

Selena sorriu timidamente e apertou a sua mão, puxando-o para a mesa do café. Naquele fim de semana, Inês resolvera fazer uma pequena excursão a Friburgo. Ia com algumas pessoas do centro, que combinaram levar agasalhos para as crianças de um orfanato naquela cidade.

Sentado à mesa do café, Fabrício sentou Carlinhos nos joelhos e pôs-se a brincar de cavalinho. O menino ria feliz, e Fabrício terminou estreitando-o de encontro ao peito e beijando-o carinhosamente.

– Agora sou eu – queixou-se Selma, com sua vozinha miúda.

Selena apanhou Carlinhos do colo de Fabrício e sentou-o na cadeirinha, enquanto o rapaz erguia Selma e a ajeitava em suas pernas, brincando de cavalinho com ela também.

– Muito bem, já chega – disse Selena, sorrindo e tirando a filha do colo de Fabrício.

– Ah! mamãe, *tava* tão bom!

– Você precisa se alimentar – aconselhou Fabrício. – Ou será que não quer ficar forte feito o Popeye?

Selma sentou-se em seu lugar e apanhou o copo de leite, sorvendo-o com prazer. Vendo o carinho com que Fabrício tratava seus filhos, Selena se emocionou e disse com doçura:

– Você é muito bom para meus filhos.

– Amo seus filhos como se fossem meus, Selena. E não digo isso só para agradá-la.

– Meu neto é um rapaz de ouro! – exclamou Inês, batendo-lhe de leve na mão. – Bem, agora preciso ir. Já são quase sete e meia, e o ônibus sai daqui a uns dez minutos. Cuide bem de Selena e das crianças por mim, sim? Volto domingo à tardinha.

– Não quer que a acompanhe até a porta do centro, vovó?

– Não precisa. Bibiana vai me ajudar. Bibiana! Ô Bibiana, venha logo! Já está na hora!

– Já vou, já vou!

A criada veio lá de dentro apressada, enxugando as mãos no avental, que retirou e colocou no espaldar da cadeira. Inês despediu-se de todos e saiu, carregando uma pequena valise e uma bolsa com alguns mantimentos.

– Tem certeza de que não quer que eu ajude? – tornou Fabrício, tentando segurar a alça da sacola.

– Não precisa não, Fabrício – contestou Bibiana. – Não está pesada.

Vendo que não adiantava nada insistir com duas senhoras teimosas, Fabrício deixou-as ir. Logo que elas saíram, esperou até que as crianças terminassem o café e sugeriu:

– Que tal irmos à Paquetá?

– Oba! – fez Selma, sem nem saber onde ou o quê era Paquetá, mas feliz porque ia passear.

– Quer ir, Selena?

– Quero sim.

– Então, vão aprontar-se. Também vou me vestir.

Passaram o dia em Paquetá. Foram à praia, passearam, andaram de bicicleta, tomaram sorvete. Passaram um dia agradável, e ninguém se lembrou da hora nem a viu passar.

Fabrício havia saído de manhã bem cedo e não falara nada com ninguém. Como a mãe ainda dormia, não quis despertá-la e nem se lembrou de deixar-lhe um bilhete. Pensou em telefonar-lhe mais tarde, mas acabou se envolvendo com Selena e se esqueceu.

A princípio, Flávia não se preocupou. O filho não gostava de dar satisfações, e ela até que imaginou que ele estivesse em companhia de Selena. Sabia que a mãe havia ido viajar e ficou pensando se ele não se oferecera para ficar na casa dela, fazendo companhia à Selena e às crianças. Sim, pensou, só podia ser isso.

Por volta das cinco horas, tiveram uma surpresa. Flávia e Paulo estavam na sala, jogando cartas, quando Olívia entrou, trazendo nas mãos um envelope pardo. Ao ver aquele envelope, o coração de Flávia imediatamente se sobressaltou. Era igualzinho ao outro, que chegara contendo o ratinho morto.

Sem dizer nada, esperou que Paulo o apanhasse.

– Para quem é? – perguntou a Olívia, após constatar que não estava endereçado a ninguém em particular.

– Não sei, doutor Paulo. Chegou há pouco pelo correio da tarde, mas quem mandou deve ter se esquecido de colocar o nome do destinatário.

– Ora essa. O pessoal do correio devia ser mais criterioso.

– Abra, Paulo – sugeriu Flávia.

– É melhor mesmo. Se não está endereçado a ninguém...

Depois que Olívia saiu, ele abriu o envelope e dele retirou um frasquinho contendo um líquido vermelho. No rótulo, uma caveira e as letras *F.L.M.* Ao ver o frasco, Flávia quase desmaiou, e Paulo perguntou indignado:

– Mas o que é isso? – vendo o ar aterrado da esposa, repetiu: – O que é isso? Você sabe, Flávia?

Olhando do frasco para o marido, Flávia balançou a cabeça e balbuciou:

– Não... não estou... não estou bem certa...

– Por quê? O que poderia ser? *F.L.M.* Serão as suas iniciais? Ou as de Fabrício? Responda, Flávia! Você sabe! Pela sua cara, sei que sabe de algo! Essas iniciais são as suas?

– Não... – balbuciou ela confusa. – São as de Fabrício. Oh! Paulo, ele deve estar correndo perigo!

– Perigo? Por quê? O que ele fez?  
– Ele não fez nada!  
– Então, por que acha que ele pode estar correndo perigo? Por causa desse frasco?

Exibiu o frasco para Flávia, que recuou assustada.

– Oh! céus! Alguém quer prejudicar o meu filho. Sinto isso!  
– Deixe de bobagens, Flávia. Quem iria querer fazer algum mal a Fabrício?

– Não sei. O mundo está cheio de maldades. E depois, se não quisessem fazer-lhe mal, por que nos enviariam esse frasco? E o que tem dentro? Será veneno?

Paulo abriu o frasco e cheirou o conteúdo. Avaliou-o bem e respondeu hesitante:

– Não sei ao certo. Pelo cheiro, parece sangue.  
– Sangue? Oh! meu Deus! Será que é de Fabrício? Mataram meu filho! Meu Deus, mataram meu filho!

Começou a chorar descontrolada, e Paulo teve que sacudi-la para chamá-la de volta à razão.

– Minha nossa senhora, Flávia! O que deu em você? Está ficando louca?

– Mas Paulo, não percebe? Esse sangue deve ser de Fabrício. Alguém o matou e colocou o sangue dele aí dentro e enviou para nós, para que soubéssemos.

– Não é nada disso, Flávia. Deve ser apenas uma brincadeira de muito mau gosto. Nem sabemos se isso é mesmo sangue.

– Mas você disse...  
– Disse que parece sangue. Mas pode não ser. Ou pode ser sangue de algum bicho. Pare de pensar bobagens e acalme-se.

– Mas então, por que Fabrício não telefona? Por que não dá notícias?  
– Você sabe tão bem quanto eu que Fabrício não gosta de dar satisfações de sua vida. Na certa, está por aí com aquela... com Selena e nem se lembrou de telefonar. Você não disse que sua mãe ia viajar? Pois então? Ele deve estar lá com ela.

Na mesma hora, Flávia correu para o telefone e discou o número da casa da mãe. Deixou que tocasse, mas ninguém atendia. Fabrício e Selena estavam na ilha de Paquetá, e Bibiana fora ao mercado comprar batatas. Desesperada, Flávia apertou o gancho e tentou novamente. Nada. Ninguém respondia.

Pousou o fone no gancho, esperou cinco minutos e tentou novamente. Tocou, tocou, e nada. Até que Bibiana, que vinha chegando da rua, correu para o telefone, mas não conseguiu chegar a tempo. Flávia já havia desligado.

– Por que não atendem? – indagou, já em lágrimas.  
– Não certa, não estão em casa.  
– Ninguém? E Bibiana? Mamãe disse que ela só ia embora à noite. Por que não atende?

– Não sei, Flávia. Ela deve ter saído. Quem sabe, ido ao açougue ou à padaria?

– Não! Vou até lá, Paulo! Quero ver se estão bem!  
Vendo o descontrole da mulher, Paulo achou melhor não a contrariar.

– Está certo, querida. Fique calma. Vamos até lá.  
Enquanto tiravam o carro da garagem, Bibiana, em casa de Inês, terminava de dar os últimos retoques no jantar. Deixara uma carne assada prontinha no

forno. Era só esquentar. A casa já estava toda arrumada, inclusive o quarto em que Fabrício iria dormir. Colocara lençóis limpos na cama e trocara as flores dos jarros.

Tudo terminado, tomou um banho rápido, vestiu-se e saiu, levando a chave reserva que costumava ficar com ela. Os *meninos*, como os chamava, já deveriam estar chegando, e não havia necessidade de deixar nenhuma luz acesa. Trancou a porta da frente e o portão e se foi.

Assim que dobrou a esquina, rumo ao ponto de ônibus, o carro de Paulo surgiu pelo outro lado. Estacionou em frente ao casarão, e Flávia saltou apressada. Tocou a campainha diversas vezes, mas ninguém atendeu. Tentou espiar pelas barras de ferro do portão, mas não viu nada. O Jaguar de Fabrício, estacionado na garagem atrás da casa, ficava fora das vistas de quem estivesse na frente. O que teria acontecido?

– Oh! Paulo! – choramingava Flávia. – Alguma coisa aconteceu. Por que não respondem? Onde estão todos?

Embora a contragosto, Paulo resolveu ir à polícia, mas o delegado disse que não poderia fazer nada. Não havia nenhum indício de que algum crime houvesse sido cometido, e o frasco contendo o líquido vermelho não era suficiente para comprovar nada. Além disso, não podia invadir a casa de ninguém sem uma ordem judicial. E tampouco havia motivos que justificassem um mandado.

Voltaram para casa frustrados. Na volta, ainda passaram de novo pela casa de Inês, mas estava tudo escuro. Não havia ninguém. Em casa, Flávia tentou ligar novamente, mas ninguém atendia.

Por volta das oito da noite, Fabrício chegou com Selena. As crianças dormiam no colo de ambos, acomodados no banco traseiro do táxi que os levara da Praça XV até em casa. Fora um dia exaustivo, embora divertido.

– Acho que Bibiana já foi – comentou Selena.

– Também, pela hora! – acrescentou Fabrício.

– Espero que não tenha ficado preocupada. Nós demoramos muito.

– Acho que não. Ela sabe que Paquetá é longe e que a barca leva uma hora para cruzar a baía.

Desajeitadamente, com Selma adormecida em seu colo, Fabrício abriu o portão e a porta da frente, e eles passaram. Selena foi direto para o quarto. As crianças estavam sujas, mas ela não tinha coragem de despertá-las para que tomassem banho. Ela e Fabrício, após se banharem, esquentaram a carne assada que Bibiana deixou preparada e, mortos de cansaço, foram dormir.

Em sua casa, Flávia não tinha sossego. A cada instante, ia para a janela para ver se Fabrício aparecia. Não entendia por que o delegado não acreditara nela. Para ela, o frasco era prova mais do que suficiente de que algo havia acontecido. Mas ela não tinha como comprovar quem havia mandado o envelope, e o delegado não estava disposto a molestar cidadãos inocentes apenas por uma suspeita infundada.

Telefonou novamente. Dessa vez, porém, Fabrício e Selena, dormindo profundamente, sequer escutaram o telefone tocar. Ambos estavam com as portas fechadas e haviam ferrado no sono, e nem uma bomba seria capaz de despertá-los.

Flávia estava tão agoniada que não conseguia dormir. Ficava andando de um lado para o outro, chorando e apertando as mãos nervosamente, até que Paulo, não suportando mais tanta angústia, buscou um calmante no armário do banheiro e fez com que ela o tomasse. Ela ainda relutou, mas Paulo acabou convencendo-a. De qualquer sorte, teriam que esperar até o dia seguinte para fazer alguma coisa.

Quando o dia amanheceu, Fabrício acordou e foi bater na porta do quarto de Selena.

– Bom dia – cumprimentou ele, assim que entrou.

– Bom dia – responderam todos ao mesmo tempo.

As crianças haviam pulado para a cama de Selena e estavam abraçadas a ela, ainda sonolentas, porém, já de olhos bem abertos.

– O que é que a gente vai fazer hoje? – quis saber Selma, toda animada.

– Hoje? Hum... deixe ver... Que tal irmos à praia?

– Oba! Oba! – exclamou Carlinhos.

Desceram, tomaram café e Fabrício foi tirar o carro, para irem à praia. Estava tão entretido com Selena e as crianças que sequer se deu conta de que se esquecera de avisar à mãe que passaria o fim de semana fora. Sua felicidade era tanta que nem nada, nem ninguém seria capaz de interrompê-la.

O efeito do calmante fez com que Flávia dormisse até tarde na manhã seguinte. Ao acordar, a primeira coisa que perguntou foi se Fabrício já havia chegado. Informada de que não, correu novamente para o telefone e tornou a ligar para a casa da mãe. Mas Fabrício há muito já não estava, e o telefone, mais uma vez, ficou ressoando pela casa vazia.

Vendo as crianças brincarem na areia, Fabrício segurou gentilmente a mão de Selena e levou-a aos lábios. Ela sorriu com meiguice e acariciou-o de leve no rosto, beijando-o delicadamente nos lábios.

– Sabe que a amo, não é Selena? – perguntou Fabrício, a voz embargada pela emoção.

– Sei sim. E eu também o amo muito. Você é um homem maravilhoso.

– Estive pensando...

– O quê?

– Gostaria de se casar comigo?

Ela o encarou assustada e abaixou os olhos, respondendo timidamente:

– Não posso mais me casar. Nem na igreja. Sabe que a religião não aceita o desquite.

– Eu sei. Mas podemos viver juntos, mesmo assim.

– Você não se importa? Quero dizer, de ir morar com uma mulher desquitada, com dois filhos? Sabe que não deixo meus filhos, não sabe?

– E nem quero isso. Também já lhe disse que gosto deles como se fossem meus. E depois, ficaria muito decepcionado se você os trocasse por mim.

– Ficaria?

– É claro. O que poderia esperar da futura mãe de meus filhos se ela não ligasse para os que já tem?

Selena sorriu e beijou-o novamente, e ele prosseguiu:

– Então? Ainda não me deu a sua resposta. Aceita ou não ir morar comigo? Podemos oferecer um jantar para as pessoas mais íntimas, só para oficializar o nosso *casamento*.

– Não sei, Fabrício. Pensei que agora talvez pudesse arranjar um emprego.

– Um emprego não é empecilho para o nosso casamento.

– Você não se importa que eu trabalhe fora?

– É claro que não. Você pode fazer o que quiser. Trabalhar, estudar, ficar em casa... Você é quem sabe. O que você quiser fazer, esteja certa de que apoiarei.

Depois de alguns minutos de suspense, ela apertou as suas mãos e respondeu com emoção:

– Está certo, Fabrício. Aceito. É o que mais quero. Depois verei o que fazer da minha vida.

Beijaram-se com paixão. Amavam-se sinceramente e tudo o que mais desejavam era constituir uma família juntos. Deram a notícia às crianças que, apesar de não entenderem muito bem, ficaram felizes em saber que tio Fabrício iria morar com eles.

Quando Inês chegou, no final da tarde de domingo, eles ainda não haviam voltado da praia, e ela, ouvindo o telefone tocar, abriu a porta depressa e correu para atender.

– Alô?

Tarde demais. A pessoa que ligara havia desligado segundos antes de ela atender e não chegara a ouvi-la. Inês pensou que a pessoa ligaria de novo, mas Flávia, do outro lado da linha, já havia ligado três vezes seguidas. Colocou o fone de volta no gancho, desanimada, e voltou a chorar.

– Flávia, pelo amor de Deus, acalme-se.

– Como posso ficar calma, Paulo? E você? Não se preocupa?

Paulo não acreditava que alguma coisa tivesse acontecido. Na certa, Fabrício estava por aí com aquela ordinária e nem se lembrava de que tinha mãe. Se alguma coisa houvesse acontecido, eles já teriam ficado sabendo. Ainda mais porque a polícia já fora alertada.

– Não é que não me preocupe. Mas é que acho que não aconteceu nada. As más notícias voam.

– Será?

– Tenho certeza. Fabrício deve ter caído na farra e nem se lembrou de você. Você é que é uma tola, perdendo o sono e a tranquilidade por causa daquele ingrato.

– Não fale assim, Paulo.

– É isso mesmo, Flávia. Duvido que algo tenha acontecido. Você vai ver que, logo, logo ele vai entrar por aquela porta... Agora, largue esse telefone e venha cá. Vamos fazer um lanche.

– Não estou com fome.

– Deixe de bobagens, Flávia. Você está parecendo uma neurótica.

Flávia soltou o telefone e foi para junto dele. Não se sentia com ânimo para brigar.

Quando Fabrício e Selena chegaram da praia, por volta das cinco e meia, estavam todos mortos de cansaço. As crianças foram tomar banho e depois desceram para jantar. Enquanto elas comiam, Fabrício se despediu, deixando para Selena o encargo de participar a avó da decisão que tomaram de irem morar juntos. No dia seguinte, teria uma audiência importante e ainda queria se preparar. Depois, voltaria e então poderiam comemorar.

Assim que abriu a porta de casa, foi surpreendido pelos gritos furiosos do pai:

– Muito bem, doutor Fabrício! Isso se faz?

– Oh! graças a Deus! – completou a mãe, correndo para ele em lágrimas.

Fabrício olhou o pai, atônito, e tentou contestar:

– Pai, pare com isso. Não estou a fim de discutir com você.

– Ah! não está a fim, é? E de que é que está a fim? De matar sua mãe do coração?

Fabrcio ergueu o queixo da mae, que se agarrara a ele, e encarou-a com ar interrogativo.

- O que foi que houve?
- No sabe? Sua mae quase morreu de preocupacao por sua causa!
- Mas por que? O que foi que eu fiz?

Paulo dirigiu-se para a escrivaninha e apanhou um envelope, estendendo-o para ele.

- Isso chegou ontem de tarde.

Era um pequeno frasco, contendo um liquido vermelho, que parecia sangue.

- Quem enviou?
- No sei. Diga voce.
- Ah! meu filho – interrompeu Flavia. – Fiquei tao assustada. Tive medo de que algo lhe houvesse acontecido.

Desatou a chorar, abraçando-se a Fabrcio, que retrucou:

- Isso deve ser alguma brincadeira...
- Foi o que disse a ela – cortou o pai abruptamente. – Mas ela no quis me ouvir. Cismou que voce estava em perigo.

- Mae, eu estou bem. No aconteceu nada.
- Onde e que esteve metido durante todo o fim de semana, Fabrcio? –

inquiriu o pai com raiva.

- Isso no importa, pai.
- Sim, no importa – repetiu Flavia. – O que importa e que ele esta aqui conosco, so e salvo.

– Esteve com aquela vagabunda? – Paulo, estimulado pelo odio de Adriano, continuava a provocá-lo.

- Pai, ja lhe disse mil vezes para no a chamar assim.
- Ah! no? E como devo chamá-la? Sua donzela virginal?

Tentando controlar a raiva, Fabrcio desvencilhou-se delicadamente da mae, aproximou-se de Paulo e declarou com voz firme:

- Pois fique sabendo que no resolvemos nos casar.
- Casar? Mas como! Mulher desquitada no se casa, se acasala...

Fabrcio no viu mais nada. Cego pela revolta, desferiu violento soco no queixo do pai, que rodou sobre si mesmo e desabou no chao, batendo a cabeça contra o sofa.

– Miseravel! – esbravejou, levando a mao ao pescoço e esfregando a nuca. – Podia ter-me matado!

Flavia, apavorada, correu para o marido, tentando levantá-lo.

– Meu Deus, Paulo! Voce esta bem? – e, virando-se para Fabrcio, censurou com veemencia: – No devia ter feito isso, meu filho. Ele e seu pai!

So entao se dando conta do que havia feito, Fabrcio correu para Paulo e estendeu-lhe a mao, falando com angustia:

- Papai, perdoe-me! Perdi a cabeça, perdoe-me!
- Afaste-se de mim, seu cretino! – gritou Paulo entre dentes. – No se aproxime mais de mim!

Amargurado, Fabrcio ergueu as mao para o ceu e implorou:

- Por favor, pai, no queria fazer isso. Foi um desatino. Perdoe-me.
- No! Mil vezes no, seu animal!

– Paulo, por Deus! – objetou Flávia. – Fabrício agiu mal, mas está arrependido. Perdeu a cabeça, você o provocou. Por favor, abrace-o e vamos acabar com essa briga.

– É, pai – concordou Fabrício, completamente transtornado e com os olhos rasos d'água. – Isso não vai mais acontecer. Eu juro.

– Saia de perto de mim! – gritava. – Não quero mais vê-lo!

– Ora vamos, pai, por favor – implorava, sentindo o remorso roê-lo por dentro. – Sei que o que fiz foi grave e não merece perdão. Mas estou lhe pedindo, sinceramente, que me perdoe. Será que é assim tão duro que não pode perdoar seu próprio filho?

Paulo encarou-o com desgosto e, fuzilando de ódio, rugiu:

– Você não é meu filho!

– Pai, por favor, perdoe-me. Não faça isso comigo. Sei que não gosta muito de mim, mas sou seu filho...

– Você não é meu filho, já disse! É apenas um bastardo imundo, abandonado pela mãe no meio da guerra!

Fabrício recuou aterrado, enquanto Flávia, chorando, implorava ao marido que se calasse.

– O que foi que disse? – perguntou Fabrício atônito.

– Paulo, pelo amor de Deus, não diga mais nada! – suplicava Flávia.

Mas Paulo não ouvia mais a voz da razão. Dominado pelo ódio, despejou sobre o filho toda a ira e a frustração acumuladas durante todos aqueles anos.

– Disse que você não é meu filho! Nunca foi! É um enjeitado que Flávia, por piedade, resolveu acolher. Não tem o meu sangue! Não tem! Não é um verdadeiro Lopes Mandarino!

Adriano exultava. Conseguira o que queria. Fabrício não sabia o que dizer ou pensar. Recebera um duro golpe, mas não sabia se acreditava. Ainda tentou protestar:

– Pai, por favor, sei que está com raiva, mas não precisa me agredir assim desse jeito.

– Você é um enjeitado! Um bastardo! Eu o odeio, Fabrício! Odeio-o porque tomou o coração de Flávia, porque tomou o lugar de meu filho. Meu filho! – bateu no peito diversas vezes. – Meu único filho, Adriano, que morreu para que você pudesse viver. Que direito tem de estar vivo no lugar dele, Fabrício? Você não é nada, não é ninguém. Nem sabemos quem foi sua mãe nem se teve um pai de verdade! Você é apenas um bastardo! Um bastardo!

Flávia chorava descontrolada e correu para o filho, segurando-o pelos braços e balbuciando:

– Fabrício... meu filho... por Deus...

– Filho?! – interveio Paulo com sarcasmo. – Ele não é seu filho, Flávia. Não é filho de ninguém!

Fabrício retirou as mãos da mãe de seus braços e, ainda segurando-as, falou com profundo desgosto:

– Isso é verdade, mãe?

– Oh! Fabrício...

– É verdade ou não?

– É claro que é verdade! – respondeu Paulo.

Sem prestar atenção ao que o pai dizia, Fabrício fixou os olhos da mãe e tornou a perguntar:

– Quero saber de você, mãe. Isso é verdade ou não é?

– Fabrício, eu...  
– Responda-me, mãe. Eu preciso saber. É verdade o que meu pai diz?  
Completamente arrasada, Flávia deixou cair os braços ao longo do corpo e sussurrou vencida:

– Sim...  
Aturdido, Fabrício afastou-se dela e, após o impacto dos primeiros minutos, retrucou com desgosto:

– Por que não me contou, mãe? Por quê?  
– Meu filho... eu o amo... não tive coragem...  
– Você é um intruso, Fabrício – continuava Paulo a agredi-lo. – Não tem o direito de estar aqui.

– Não! – gritou Flávia. – Fabrício é meu filho. Tanto quanto Adriano o foi...

– Por favor, mãe – cortou Fabrício. – Não diga mais nada. Não quero saber de mais nada. Deixe-me.

Foi andando para trás, até que alcançou a porta. Colocou a mão na maçaneta, ainda encarando a mãe, abriu a porta e, rodando nos calcanhares, disparou pelo corredor. Flávia foi atrás dele, gritando da porta:

– Fabrício! Fabrício, meu filho, volte! Pelo amor de Deus, volte! Deixe-me explicar!

Alguns vizinhos, ouvindo aquela gritaria, entreabriram suas portas para ver o que estava acontecendo, e Flávia voltou para dentro, envergonhada. Fabrício nem esperara o elevador. Descera correndo pelas escadas. Não queria ter que falar com a mãe. Naquele momento, não queria falar com ninguém.

Quando ela entrou em casa, Paulo estava sentado no sofá, ainda esfregando a nuca.

– Por que fez isso, Paulo, por quê? Você me prometeu...  
– Ele me agrediu, Flávia, você mesma viu.  
– Mas você o provocou.  
– Não interessa. Ele é meu filho. E os filhos não podem bater em seus pais. É a maior falta de respeito!

– Agora ele é seu filho, não é? Só na hora de lhe exigir respeito é que você se lembra de que ele é seu filho. Mas na hora de desrespeitá-lo, de humilhá-lo, de maltratá-lo, você se esquece de que é seu pai. Você não tinha o direito de fazer isso, Paulo. E agora? O que será dele? O que será de mim?

– Não se preocupe, Flávia – respondeu ele sem muita convicção. – Depois que a raiva passar, ele volta. Afinal, onde encontrará o conforto que tem aqui?

– Você me enoja, Paulo. Pensei que fosse um homem digno, mas agora vejo que me enganei. Como pude deixar-me enganar durante todos esses anos?

– Não diga isso, Flávia, eu a amo. Você sabe disso. A minha vida inteira, fiz tudo por você. Dediquei-me a você com paixão e afeto. Você pode duvidar de tudo, menos de meu amor por você.

– Isso não é amor, Paulo. É posse, orgulho, apego... tudo menos amor. Se você me amasse de verdade, saberia me entender e respeitar os meus sentimentos para com Fabrício. Sabe o quanto o amo.

Sentindo uma pontada de arrependimento, não por Fabrício, mas pela mulher, Paulo se aproximou e, cabeça baixa, desabafou:

– Não acha que está sendo muito dura comigo? Não percebe o quanto me esforcei para aceitá-lo? Mas não pude, não consegui. Falhei, é verdade. Mas não

foi porque quis. Foi porque não consegui sentir o amor que você desejava. Não tenho culpa se não consegui, como pai, corresponder a suas expectativas de mãe.

Flávia abaixou os olhos e começou a chorar. Em seguida, foi para o quarto e, sem dizer nada, tirou a mala do armário e começou a colocar algumas roupas dentro dela.

- O que está fazendo? – indagou Paulo atônito.
- Vou embora. Volto para a casa de mamãe.
- Você não pode fazer isso. É minha esposa!
- Devia ter pensado nisso antes de destruir o meu filho.
- Não pode estar falando sério, Flávia. Não pode amá-lo mais do que a

mim!

– Pois eu amo. Ele é meu filho. E não há no mundo sentimento maior do que o amor materno.

- Mas você nem é mãe dele!

Sem nem pensar, Flávia desferiu-lhe um tapa no rosto e revidou entre dentes:

- Nunca mais diga isso! Nunca mais!

Apanhou a mala e, sem dizer mais nada, saiu. Na rua, chamou um táxi e deu o endereço da casa de Inês. Pela hora, ela já deveria ter voltado de Friburgo. Se não, esperaria até que ela voltasse. Precisava desesperadamente de sua mãe. Só ela saberia como ajudá-la. E depois, quem sabe Fabrício também não estivesse lá?

Fabrício havia saído desatinado pela rua. Entrou em seu carro, deu partida no motor e saiu em disparada. O trânsito estava desafogado, e ele pôde acelerar mais do que o habitual. Ia desorientado, sem saber que rumo tomar. Viu à sua frente um clarão e olhou para o céu. Um raio acabara de cair à distância, e o ruído forte do trovão se fez ouvir logo em seguida. Mais alguns minutos, e uma chuvinha fina começou a cair. Pouco depois, desabou o temporal, e grossos pingos escorriam pelo pára-brisa, obrigando Fabrício a ligar o limpador.

Sem sentir, começou a subir a avenida Niemeyer, e o carro, em disparada, foi serpenteando pela estrada sinuosa. A cada curva, Fabrício podia ver o mar se agigantando lá embaixo, e foram muitas as vezes em que a traseira do automóvel derrapara e chegara a roçar a mureta do outro lado da pista. Quase batera em um carro que vinha na direção contrária, mas segurou o volante e trouxe o carro de volta à pista. O motorista do outro automóvel buzinou, e Fabrício ainda ouviu um grito, que lhe pareceu um palavrão.

Nada disso lhe importava. Estava cego pela revolta e pela indignação. Como a mãe pudera fazer aquilo com ele? Como pudera enganá-lo durante todos aqueles anos? Com esse pensamento, foi acometido de uma sensação de invalidação, como se tudo o que possuísse não lhe pertencesse, inclusive aquele carro. Perdeu o sentimento de domínio que tinha sobre todas as suas coisas, como se estivesse usufruindo de algo que não merecia ser seu.

E o amor? Não conseguia nem valorizar aquele sentimento. Que amor? A mãe o adotara movida por um impulso de piedade, e o pai sequer conseguira aceitá-lo. Também, como aceitar um estranho, cuja presença tolerara só para satisfazer o altruísmo da esposa? Agora compreendia tudo. Entendia por que era tão diferente, não só do irmão, como do resto da família. Compreendia por que o pai não gostava dele e por que a mãe o protegia. Paulo não conseguia vê-lo como filho e julgava-o um usurpador; usurpara o lugar que pertencia a Adriano por direito e por nascença.

Flávia, por sua vez, sentia pena dele. Por isso o protegia. Porque o julgava a parte mais fraca. Não tinha coragem de contar-lhe a verdade porque tinha

medo de que ele não suportasse e se revoltasse. Mas por quê? Por piedade. Porque sentia pena dele. Pena de sua condição de enjeitado, de renegado pela mãe. Paulo lhe dissera que nem conheceram sua mãe e que ela o abandonara na guerra. Por quê? Por que precisava fugir e se esconder, e um filho pequeno seria um estorvo? Por que então não o deixara lá para morrer? E ela? Teria morrido também? E quem teria sido seu pai verdadeiro?

Quanto mais pensava nessas coisas, mais se indignava e mais acelerava o automóvel. De repente, pensou em Adriano. O irmão morreria sem de nada saber. Mas será que não sabia mesmo? Na certa, ao desencarnar, ficara conhecendo toda a verdade. E como é que teria reagido?

Sentado a seu lado, braços cruzados, Adriano lia os seus pensamentos.

– Como acha que me senti, sabendo que você tomou o meu lugar? – revidou ele, coberto de ódio.

Mentalmente, Fabrício ia respondendo:

– Mas eu não tive culpa. Não sabia de nada. Fui tão inocente como Adriano.

– Inocente? Desde quando usurpadores são inocentes? Você tomou o que é meu!

– Não tomei nada de ninguém. Se soubesse disso há mais tempo, teria dado outro rumo à minha vida.

– Que rumo? Teria voltado para a Alemanha?

Fabrício não respondeu. Sentiu a raiva crescer dentro do peito e começou a chorar. O carro, como que desgovernado, descia a estrada à toda velocidade, derrapando na pista molhada. Raios e trovões caíam à sua frente, e o mar, a todo instante, aparecia revoltado ao seu lado, chocando-se violentamente contra as rochas lá embaixo.

– Foi numa noite assim que Adriano morreu – pensou em voz alta.

– Sim, idiota – respondeu Adriano entre dentes. – E, pelo visto, você vai ao meu encontro da mesma forma.

– Não vai, não – uma voz de mulher fez-se ouvir no banco traseiro, e Adriano virou-se espantado.

Sentados no banco de trás, Helga e Ismael o olhavam penalizados.

– O que fazem aqui? – esbravejou Adriano. – Mas será possível que, aonde vou, sou obrigado a dar de cara com vocês? Por que não desaparecem?

– O que está pretendendo, Adriano? – tornou Ismael. – Levar seu irmão ao suicídio?

– Eu não!

– Mas, desse jeito, ele vai acabar se matando.

– E daí? Não tenho nada com isso. Ele dirige feito um louco porque quer.

– Com certeza. Mas, não fosse a sua influência, ele não captaria a vibração do seu acidente e não a atrairia para ele.

– Ah! quer dizer agora que, se ele morrer, a culpa será minha?

– Não. Ele está em sintonia com você porque nutre os mesmos sentimentos que você, naquele dia. Está revoltado, com raiva, com ciúmes de você.

– Ciúmes de mim? Ora, essa é boa.

– Sim, ciúmes. Você era o filho legítimo. Você conquistou o amor do pai.

– E ele tem o amor de minha mãe.

– Assim como você. Sua mãe ama a ambos com igualdade. Mas seu pai, durante todos esses anos, só conseguiu amar você.

Adriano calou-se por uns instantes, até que retrucou:

– Olhe, velho, não tenho nada com o que Fabrício faz.

– Então, por que o está acompanhando?

– Por quê? Ora, porque gostaria de ver onde é que isso vai parar.

– Vai parar no fundo do abismo – respondeu Helga de repente –, se nós não fizermos nada para impedir.

Colocou as mãos na testa de Fabrício e começou a vibrar o sentimento de amor pela vida. Por que não prestava atenção ao que estava fazendo? Por que dirigia feito um louco por uma estrada perigosa e escorregadia, encharcada pela chuva? Será que não conseguia ver a similitude entre aquela situação e aquela que causou a morte de Adriano? Não conseguia perceber que estava repetindo os passos do irmão? Será que queria desencarnar feito ele?

– Você não precisa passar por isso, Fabrício – sussurrou Helga ao seu ouvido. – Adriano escolheu. Você não. Não sintonize com o ódio e a revolta dele. Seja forte e enfrente a vida. Mas antes, escolha viver.

Subitamente, Fabrício tirou o pé do acelerador e começou a frear. Mas o carro, embalado na descida, não obedecia ao seu comando. Os freios, molhados pela chuva, não funcionavam direito, e o automóvel continuava serpenteando estrada abaixo. Fabrício começou a ficar nervoso. Só então se dera conta do que estava se passando. Saíra feito um louco, dirigindo de forma imprudente por aquela avenida perigosa. Mas não queria morrer. Adriano perdera a vida num dia como aquele. Mas ele não. Precisava parar aquele carro, que ia ganhando velocidade à medida em que a descida se acentuava.

Com esforço e destreza, Fabrício ia controlando o volante, mas não conseguia evitar que o automóvel derrapasse e saísse de lado. Em pânico, via as rochas à sua direita e o mar à sua esquerda, imaginando o que o destino lhe havia reservado. Chocar-se contra a montanha de pedra ou despedaçar-se no mar lá embaixo.

Mas o destino conspirava a seu favor, porque Fabrício o traçara na direção da vida. Conseguiu conduzir o carro até o fim da estrada e afundou o pé no freio, virando o volante para a direita. O automóvel obedeceu, fazendo a curva à toda velocidade, com os pneus já travados. O carro rodopiou uma, duas, três vezes e saiu andando de ré, subiu a calçada até que parou, centímetros antes de colidir contra a parede de um imenso hotel.

Quando o carro parou, Fabrício pousou o rosto no volante e, com lágrimas nos olhos, balbuciou aturdido:

– Meu Deus... obrigado...

No mesmo instante, pessoas apareceram. Viram quando o carro fizera a curva e rodara, e haviam corrido para ver se havia alguém ferido. Fabrício levantou-se e saiu ileso e sem nenhum arranhão. Apenas o susto. O susto e a certeza de que fora a interferência do alto que o salvara, evitando-o de ter a mesma sorte do irmão.

Fabrício agradeceu a ajuda que lhe ofereciam e pediu para usar um telefone. Foi levado até a recepção do hotel, ainda trêmulo, e discou o número do auto-socorro. Ao subir o meio-fio, àquela velocidade, algo no carro se soltara, e o motor não pegava mais. O homem do outro lado da linha mandou que aguardasse, pois estava providenciando um reboque para buscar o automóvel.

Fabrício desligou e agradeceu novamente, mas foi então interpelado:

– Tem certeza de que está bem? – indagou o gerente.

– Estou ótimo – respondeu Fabrício.

– Acho melhor ele descansar... – sugeriu uma hóspede.  
– Obrigado. Mas estou bem, já disse.  
– Mas o que foi que houve, rapaz? – indagou um senhor. – Por que corria tanto? Não está alcoolizado, está?

Fabrcio sorriu com benevolência e retrucou:

– Não, senhor. Não ingeri uma gota sequer de álcool. O que aconteceu foi que perdi o freio bem na descida. O carro ganhou velocidade e, com a chuva, não consegui parar.

– Mas que coisa! – tornou a mulher.

– Essa estrada é um perigo. Ainda mais com um tempo desses.

– Pois é. Mas agora, graças a Deus, está tudo bem.

Fabrcio despediu-se e foi postar-se ao lado do carro, a fim de esperar o reboque, que chegou cerca de uma hora depois. Com o carro na oficina, Fabrcio não sabia para onde ir. Para a casa da avó, seria impossível. Na certa, seria o primeiro lugar em que Flávia o procuraria. E não queria falar com ela. Ao menos por enquanto.

Chamou um táxi e pediu que o levasse para um hotel. Passaria a noite e depois pensaria no que fazer. Se é que haveria o que fazer.

## CAPÍTULO 26

Ao chegar à casa de Inês, Flávia estava desesperada. Pensou que Fabrício tivesse ido se refugiar nos braços de Selena ou da avó, mas isso não acontecera. Ninguém sabia de nada, e ambas ficaram deveras surpresas ao ver Flávia ali, de mala na mão, pedindo para ficar.

– Mas o que foi que houve, minha filha? – indagou Inês alarmada, tomando-lhe a mala da mão e fazendo-a sentar-se. – Você e Paulo brigaram?

– Sim...

– Mas por quê?

Era a primeira vez que isso acontecia. Desde que se casaram, fazia mais de trinta anos, Paulo e Flávia nunca haviam tido um desentendimento sério. Brigavam como todo casal, mas nada que os afastasse ou que levasse um deles a sair de casa.

Percebendo o constrangimento de Flávia, Selena pediu licença para se retirar e foi para o quarto dormir. Depois que ela saiu, encarando a mãe com os olhos banhados em lágrimas, Flávia desabafou:

– Oh! mãe! Aconteceu! Ele descobriu. Fabrício descobriu tudo.

Aturdida, Inês pensou que não havia compreendido direito.

– Descobriu o quê, Flávia? Que não é seu filho? – vendo que a filha assentia, ela levou a mão à boca e deixou escapar num sussurro: – Eu sabia. Mais cedo ou mais tarde, sabia que isso iria acontecer.

– E agora, mamãe? O que vou fazer?

– Onde ele está?

– Não sei. Saiu de casa feito um louco. Pensei que tivesse vindo para cá.

– Aqui, ele não apareceu. Aonde terá ido?

– Ah! meu Deus! Só espero que esteja bem.

– Vamos fazer uma oração por ele.

Oraram com fervor, e Ismael e Helga acorreram no mesmo instante. Foi quando, atendendo ao seu apelo, *apareceram* no carro de Fabrício para ajudá-lo.

Terminada a oração, Flávia começou a chorar descontrolada.

– Tudo por culpa de Paulo, mamãe. Foi ele quem contou. Aquele desgraçado! Nunca mais quero vê-lo enquanto viver!

– Acalme-se, minha filha, e conte-me como aconteceu.

Tentando controlar a emoção, Flávia enxugou as lágrimas e começou a contar tudo à mãe, desde quando ele saíra de manhã, até o momento em que voltara. Contou-lhe do frasco com o líquido vermelho e da caveira com suas iniciais. Do quanto ficara nervosa e telefonara insistentemente, mas ninguém atendera.

– Selena me disse que passaram o sábado em Paquetá e hoje foram à praia.

– Mas eu não sabia. Liguei diversas vezes, vim até aqui com Paulo, até fomos à polícia.

– Polícia?

– É. Fiquei preocupada com aquele frasco. Para mim, era outra ameaça. Só que o delegado disse que não podia fazer nada... Ah! mãe, fiquei tão desesperada! Só o que podia era pensar que havia perdido meu outro filho. Não poderia suportar perder dois filhos, mamãe!

– Chi! Acalme-se, meu bem. Já passou.

– Passou? Não, não passou. Onde está Fabrício? Por que não aparece?

– Ele vai aparecer. Não se preocupe. Na certa, precisa apenas de um tempo para pensar.

– Acha mesmo?

– Tenho certeza. Fabrício é um rapaz inteligente e sensato. Não vai se deixar levar pelo ódio e esquecer o quanto você o ama e ele a ama. Vai aparecer, você vai ver.

Ainda soluçando, Flávia trincou os dentes e revidou com raiva:

– Tudo por causa de Paulo! Por que o odeia tanto?

– Não acuse seu marido, minha filha, ele não tem culpa.

– Não tem culpa? Como pode dizer uma coisa dessas? Pois se foi ele quem contou! Quebrou a promessa que me fez e contou. Chamou-o de bastardo!

– Paulo jamais conseguiu aceitar Fabrício.

– E isso não é horrível? Não conseguir amar o próprio filho?

– Flávia, o amor não se impõe, conquista-se, constrói-se.

– Mas por que ele também não pôde construir o amor por Fabrício, assim como fez com Adriano? Só porque Fabrício não tinha o seu sangue...

– Não é por causa disso, e você sabe muito bem. Quantas pessoas há por aí que adotam crianças, inclusive de outras raças, e as amam como verdadeiras filhas? Há casais de brancos adotando negros, asiáticos, mulatos. Há negros que adotam brancos e índios. E todos se amam. Constroem o amor ou mantêm o que já existia.

– Eu sei, mãe...

– E não há laços de sangue entre eles. O que há são os laços do espírito. O amor prescinde do sangue, minha filha. A verdadeira família não é a consanguínea, mas a das pessoas que se amam. Você e Fabrício não possuem o mesmo sangue, mas se amam muito mais do que outras, que são pais e filhos, irmãos e irmãs.

– Mas Paulo não pensa assim...

– Porque Paulo ainda está preso a alguma dificuldade do passado que nós desconhecemos.

– E que culpa tem Fabrício pelas suas frustrações?

– Lembre-se de que ninguém passa por aquilo que não precisa passar, e se Fabrício escolheu nascer nessa situação, foi porque achou que seria útil ao seu crescimento. E eles se amam. Podem ainda não conseguir enxergar isso, mas se amam.

– Amam? Estranha maneira de amar.

– O que me parece é que, por algum motivo, Paulo se ressentiu de algo que Fabrício lhe fez. Algo que emperra o sentimento, que o represa, que o distorce para que ele seja liberado em forma de ódio.

– Não entendo, mãe. Paulo odeia Fabrício, isso é muito claro. Não existe amor algum em seu coração.

– Aí é que você se engana. Para mim, Fabrício deve tê-lo frustrado de alguma forma. Deve ter feito algo que frustrou o seu afeto e, por não conseguir perdô-lo, Paulo reage de maneira agressiva, exatamente porque ama e foi ferido nesse amor.

– Mas o quê, mãe? O que, de tão grave, Fabrício poderia ter feito a Paulo?

– Não sei. Mas que ambos possuem uma forte ligação do passado, isso possuem. E Paulo só não consegue amar Fabrício porque escondeu a sua mágoa, a sua frustração, por detrás de um aparente ódio. A atitude de Fabrício, no passado, deve ter, não provocado, mas propiciado essa reação.

– Mas o que pode ter sido? Não me lembro de nada nesse sentido.  
– Nessa vida não. Mas em outra, algo deve ter acontecido entre eles que plantou essa mágoa no coração de Paulo, e ele não conseguiu esquecer. Mas, no momento em que perdoar e se perdoar, vai compreender e aceitar. Em uma palavra: vai amar.

Flávia pensou por alguns minutos, até que considerou:

– Não sei, mãe. Ainda que essa mágoa exista, o sentimento paterno deveria ser mais forte do que tudo. Mas Paulo jamais conseguiu se ver como pai de Fabrício, assim como foi pai de Adriano a vida inteira.

– E pensa que ele não sofreu com isso?

– Bem, ele disse que se esforçou. Mas não sei se acredito nisso.

– Pois deveria. Eu acredito que Paulo tenha se esforçado para amar Fabrício da forma como você esperava. E deu o máximo que podia. E o máximo dele era muito inferior ao seu mínimo. Por isso entraram em choque.

– Isso não é desculpa, mãe.

– Não é desculpa mesmo. É a realidade. Deixe um pouco de lado o seu sentimento e pense em seu marido. Acha que deve ter sido fácil para ele, conviver com uma pessoa a quem sabia que deveria amar e não conseguia? Pensa que ele devia ficar feliz reconhecendo a distinção que fazia entre Fabrício e Adriano? Não acha que ele gostaria de também poder aceitar Fabrício em seu coração?

Flávia titubeou:

– Não sei, mãe. Nunca pensei nas coisas dessa forma.

– Pois pense. Não veja apenas o seu lado. O lado da mãe que sofre porque ama demais. Pense no lado do pai que também sofre, só que porque não consegue amar. Deve ser tão difícil para ele quanto é para você. Com uma única diferença: ele deve se roer pela culpa. Você, não – Flávia começou a chorar. – Não seja tão severa com Paulo. Dê-lhe a chance de sentir e de falhar. Ninguém pode pretender alcançar a perfeição sem experimentar o fracasso. É natural, é a vida. Entenda que seu marido fez o melhor que pôde, e não é culpa dele se não conseguiu corresponder às suas expectativas. A expectativa foi sua, não dele.

– Do jeito como fala, mãe, até parece que Paulo está certo em rejeitar Fabrício.

– Não está certo nem errado. É o melhor que ele consegue fazer no momento. É o ideal? Talvez não. Mas é o seu melhor. Cada um dá o que tem, minha filha, e ninguém pode dar ouro quando só o que tem são algumas moedas de cobre. Mas pode dar as de cobre e se esforçar para, um dia, conseguir conquistar o ouro também. E quando conquistá-lo, pode distribuí-lo na exata medida daquilo que julgar necessário para prover ao outro sem deixar de prover-se a si mesmo.

– Oh! mamãe!

– Chore, minha filha. Deixe que as lágrimas lavem sua alma e seu coração. Você precisa.

Agarrada a Inês, Flávia deu livre curso às lágrimas. Naquele momento, foi acometida por uma sensação de esperança e sentiu que nem tudo estava perdido. Fabrício aceitaria e entenderia que, de qualquer forma, era filho de seu coração.

Fabrício queria desaparecer. Contudo, tinha responsabilidades com seus clientes e não podia permitir que os seus problemas pessoais prejudicassem pessoas a quem ele se dispusera a ajudar e que confiavam nele.

No dia seguinte, acordou bem cedo e foi fazer compras. A audiência começaria às onze horas, e ele ainda teria tempo de comprar um terno, camisas e um

sapato novo. Escolheu tudo rapidamente, comprou alguns objetos de uso pessoal e voltou para o quarto do hotel. Ficaria morando ali até que resolvesse o que fazer.

Depois que se aprontou, foi direto para o fórum. Na pressa de sair de casa, nem se lembrara de apanhar sua pasta. Contudo, não podia falhar. Não tivera tempo de se preparar adequadamente, mas faria o melhor que pudesse.

A audiência transcorreu normalmente. Embora o caso fosse complicado, Fabrício conseguiu desembaraçar-se bem. Quando terminou, deu algumas orientações ao cliente e foi para o escritório. Ao abrir a porta, Ofélia foi logo falando:

– Doutor Fabrício, que bom que chegou. Sua mãe já ligou diversas vezes...

O telefone tocou novamente e ela atendeu.

– Ah! sim, um momento – e, tapando o bocal, acrescentou para Fabrício: – Sua mãe novamente.

Ele pensou alguns segundos e respondeu:

– Diga que não estou.

Ofélia não entendeu nada e pensou em protestar, mas ele entrou correndo em seu gabinete e fechou a porta.

– Sinto muito, dona Flávia – desculpou-se ela –, ele não está. Eu me enganei... Pensei que tivesse chegado... Sei... Pode deixar, darei o seu recado.

Desligou e foi bater na porta do gabinete.

– Entre – ordenou Fabrício.

– Doutor Fabrício – disse ela, sentando-se diante dele –, sabe que não gosto de me intrometer em sua vida, mas sua mãe estava realmente aflita. Não sei o que foi que lhe aconteceu, mas acha justo deixá-la nesse estado?

Fabrício encarou-a com hostilidade e retrucou de má vontade:

– Não quero falar com ela. Não quero falar com ninguém. Passe-me apenas as ligações profissionais. Qualquer ligação pessoal, diga que não estou.

Ofélia não contestou. Estava claro que ele não queria se abrir nem ceder, e ela não tinha o direito de importuná-lo. Contudo, se Flávia ligasse novamente, diria que ele estava ocupado. Ao menos assim, ela se tranqüilizaria. Ela também era mãe e sabia o quanto sofria com os problemas de seus filhos.

Flávia também desligou o telefone e fitou a mãe.

– Ele não quer falar comigo. Sei que estava lá, mas não quis atender.

– Deixe, Flávia. Dê-lhe tempo. Isso vai passar.

Ouviram barulho na escada e viram Selena descendo em companhia das crianças. Já era hora do almoço, e elas estavam limpas e penteadas. Selena percebia que algo de errado havia acontecido, mas não queria parecer intrometida. Pensou em oferecer ajuda, mas teve medo de que Flávia se zangasse.

O almoço transcorreu em silêncio, e era visível a tristeza e a angústia de Flávia. De repente, o telefone tocou, e Bibiana foi atender. Em meio ao sobressalto, ela voltou e disse para Flávia:

– É para a senhora, dona Flávia. É seu marido.

Flávia olhou para a mãe, que balançou a cabeça, e foi atender.

– Alô? – disse com amargura.

– Alô? Flávia? É você? Graças a Deus que está bem.

– É lógico que estou bem, Paulo. O que esperava? Que eu tivesse me matado?

– Por favor, Flávia, não seja sarcástica. Precisamos conversar.

– Não temos nada para conversar.

– Temos sim. Ainda sou seu marido.

– Devia era lembrar-se de que também é pai.  
– Por favor, Flávia, deixe-me explicar.  
– Explicar o quê? O que já sei? Que não ama Fabrício?  
– Não é tão simples assim.  
– Não, não é. Ao contrário, é bem complicado. Não são todos os pais que rejeitam os filhos com tanta facilidade.

– Flávia, por Deus, não faça isso comigo! Não posso viver sem você. Durante todos esses anos, foi a primeira vez que dormi sozinho...

– E, se depender de mim, não será a última.  
– Não pode estar falando sério. Não pode pensar em me deixar.  
– Já o deixei.  
– Por favor, Flávia, isso não é assunto para discutirmos por telefone.

Deixe-me ir até aí...

– Não! Não quero. Enquanto meu filho não aparecer, não quero vê-lo também.

– Fabrício sumiu?  
– Você sabe que sim.  
– Onde ele está?  
– Como é que eu vou saber?

O silêncio fê-la perceber que ele estava chorando.

– Por favor, Flávia, perdoe-me...  
– Não é a mim que deve pedir perdão. É a seu filho.  
– Farei isso se você quiser. Mas por favor, não me abandone.  
– Não, Paulo, não quero. O que queria mesmo é que você quisesse.  
– Flávia...  
– Adeus.

Desligou. Atrás dela, a mãe a olhava penalizada.

– O que ele queria?  
– Conversar comigo.  
– E você?  
– Recusei.  
– Mas por quê?  
– Não tenho nada para falar com ele.  
– Flávia, será que o que conversamos ontem não serviu para nada?  
– Não é isso, mãe. É que não vou conseguir ficar diante dele.  
– Mas por quê? Dê-lhe a chance de se desculpar.  
– Ele deve desculpas é a Fabrício.  
– Por que não deixa que Fabrício resolva isso?  
– Como? Se ao menos soubesse onde ele está...  
– Você sabe. Sabe que ele foi ao escritório.  
– Mas não sei onde passou a noite.  
– Isso não importa. Ao menos sabemos que ele está bem.

Flávia não respondeu. Abaixou a cabeça, rodou nos calcanhares e saiu para o jardim. Nem terminara de almoçar. Se já não tinha muita fome, agora perdera-a completamente.

Com a mão ainda sobre o telefone, Paulo chorava de mansinho. Por que fizera aquilo? Por quê? Por que não conseguia amar Fabrício? Em seu íntimo, sabia que o fato dele ser adotado não era desculpa suficiente. Não era essa a questão. Se fosse seu filho legítimo, não o amaria do mesmo jeito e ainda se sentiria mais culpado do que agora.

Levantou-se desanimado, apanhou o paletó e saiu.

– Vai almoçar? – perguntou o cunhado, vendo-o à espera do elevador.

– Vou – respondeu ele com profundo desgosto. – Por favor, Marcos, cuide de tudo para mim, sim? Não me sinto bem e não volto mais hoje.

– Posso ajudar?

– Não. Ninguém pode.

O elevador chegou, e Paulo entrou. Alcançou a rua e começou a caminhar desorientado. Sentia-se muito mal com o que fizera, mas não sabia como voltar atrás. Concordara em pedir desculpas a Fabrício só para ter Flávia de volta. Mas não estava sendo sincero. Depois da morte de Adriano, ela passara a ser a única coisa importante em sua vida. Tinha que encontrar um jeito de lhe pedir perdão.

## CAPÍTULO 27

Vendo Clarinha se aprontar para sair, Adriano se revoltou. Conseguira acabar com a felicidade do irmão. Agora precisava dar um jeito naquele juiz intrometido. Ouviu quando a campainha da frente soou e adivinhou quem era. O juiz agora se tornara íntimo e ocupava o seu lugar. Por que será que todo mundo queria o seu lugar? Era o lugar de filho e agora o de noivo. Por isso é que tinha que acabar também com a alegria daquele juiz.

– Você não vai sair, Clarinha – disse ele ao seu ouvido. – Não vou deixar.

Pela primeira vez, desejou que ela passasse mal. Das outras vezes, o mal-estar vinha com o contato de sua vibração de ódio. Mas essa vibração era agora intencional, e Adriano deu-lhe um forte abraço e colocou a mão na sua nuca, sugando-lhe um pouco das energias. Na mesma hora, Clarinha sentiu o estômago revirar e uma forte tonteira, e desmaiou no exato instante em que a mãe abria a porta do quarto.

– Clarinha! – exclamou Elizete, correndo para ela. – Bernardo! Bernardo! Venha depressa!

Bernardo apareceu alarmado.

– De novo?

Ajudou a mulher a colocá-la na cama.

– Acho melhor levá-la ao hospital – sugeriu Bernardo preocupado.

– Não! Chame o doutor Feliciano.

– O quê? Lá vem você de novo. Ainda não desistiu desse médico maluco?

– Ele não é maluco. Por favor, Bernardo, pense em sua filha. O que lhe custa? Você pode não concordar com suas crenças, mas sabe que ele é um bom médico.

Bernardo considerou. Ela tinha razão. O médico podia ter lá as suas idéias esquisitas, mas era muito conceituado em seu meio.

– Está bem – concordou vencido. – Só que não tenho mais o seu telefone. Joguei fora o cartão que ele me deu.

– Mas eu tenho. Está na bolsa preta, em cima da poltrona do quarto. Por favor, Bernardo, depressa!

Até então, Bernardo não sabia que Elizete havia ido ao centro de Inês. Com medo de sua reação, ela preferiu não dizer nada. Mesmo curioso para saber quando a mulher apanhou outro cartão com o doutor, Bernardo não disse nada e foi buscá-lo. Voltou para a sala, tirou o fone do gancho e discou o número da casa dele.

– Algum problema? – quis saber Otávio, que fora acomodado numa poltrona da sala.

Bernardo fez-lhe sinal que sim, mas não teve tempo de responder. Uma voz atendeu do outro lado da linha, e ele falou:

– Ah... boa noite. Por favor, o doutor Feliciano está?

– É ele mesmo. Quem está falando?

– Desculpe-me incomodá-lo, doutor. Aqui quem fala é Bernardo Moraes, pai de Clarinha...

– Ah! sim. Como vai, doutor Bernardo?

– Nada bem. A Clarinha... – não concluiu a frase, envergonhado ante aquela situação.

– Ela desmaiou de novo?

- Sim... – hesitou. – E minha mulher insiste em chamá-lo.
- Quer que eu vá até aí?
- Se for possível...
- Um momento – fez-se um breve silêncio do outro lado, até que

Feliciano voltou. – Muito bem, doutor Bernardo, pode me dar o endereço.

Feliciano anotou direitinho e desligou. Bernardo, por sua vez, explicou a Otávio o que havia acontecido, e ambos ficaram esperando o médico chegar.

Clarinha continuava desmaiada, com Adriano colado a ela. Não estava mesmo disposto a soltá-la. Ela só despertaria depois que o juiz fosse embora.

Quando Feliciano chegou, foi apresentado a Otávio e logo introduzido no quarto de Clarinha. Assim que a viu, não teve dúvidas: um espírito estava a seu lado, minando-lhe as forças. Ele se aproximou da cama e tocou-lhe a testa. Estava fria; ela toda estava gelada. Tomou-lhe o pulso e sentiu que os batimentos haviam diminuído. O espírito sugava-lhe as energias com vontade.

A presença de Feliciano intimidou Adriano. Embora o conhecesse, não ficou nada satisfeito com a sua ida até ali. Afinal, não tinha nada com isso. E havia algo nele que o amedrontava.

Sem dizer nada, Feliciano estendeu as mãos sobre o corpo de Clarinha e elevou uma oração aos céus. Em seguida, começou a deslizar as mãos por sobre todo o seu corpo, e de seus dedos ia saindo uma coloração arroxeadada, que se espalhava por todo o quarto, fazendo a limpeza do ambiente. Em seguida, suas mãos passaram a vibrar uma tonalidade mais puxada para o vermelho, que elevou a sua pressão sangüínea e acelerou sua respiração, até então bastante enfraquecida. Em poucos instantes, o cansaço, o abatimento e o desânimo foram sendo substituídos por uma onda de vitalidade que dominou todo o corpo de Clarinha.

Ela abriu os olhos e piscou lentamente, tentando entender o que estava se passando. Vendo o doutor ao lado dela, e a mãe, o pai e Otávio mais atrás, compreendeu tudo. Só não entendia como Feliciano fora parar ali.

Em seguida, o médico convidou a todos para, juntos, fazerem uma oração. Bernardo, completamente abismado, não entendia o que havia acontecido. A filha, há poucos minutos, estava feita morta. Como podia aquele homem, com a só imposição das mãos, trazer a cor de volta a suas faces?

Sem dizer nada, Bernardo se aproximou e sentou-se junto aos demais, em volta da cama de Clarinha. Feliciano fez a prece, convidando o espírito ali presente a acompanhar os mentores que circundavam o ambiente e agradecendo as bênçãos recebidas.

Adriano olhou ao redor. Lá estava Ismael, parado a observá-lo.

- De novo, velho? Será que você não desiste nunca?

Ismael estendeu a mão para ele e tornou com doçura:

- Venha comigo, Adriano. Não tem mais o que fazer aqui.
- Aí é que você se engana...
- Você perdeu, meu filho. O poder da oração e da fé foi mais forte do

que você.

- Por enquanto. Mas o doutor Feliciano não vai ficar aqui para sempre.
- O que pretende, Adriano? Já não se vingou de seu irmão? Não está feliz com o que lhe aconteceu? Por que quer também prejudicar Clarinha?

– Não quero prejudicá-la. Quero protegê-la.

– A única proteção de que ela necessita é de você.

Adriano deu um salto, indignado.

- O quê? Como se atreve a me dizer uma coisa dessas?

Partiu para cima de Ismael, que continuou parado no mesmo lugar.

– Vai me agredir? – indagou com serenidade.

Adriano não lhe deu ouvidos e tentou dar-lhe um tapa, mas a sua mão atravessou o rosto do outro, e ele indagou perplexo:

– Como pode? Você é um espírito tanto quanto eu.

– Sim, meu filho. Mas, como lhe disse, minha matéria é muito mais sutil do que a sua. A sua, por ser mais densa, atravessa a minha, assim como a dos encarnados passa através da sua.

Aturdido, Adriano acercou-se dele e ponderou:

– Ouça, velho, desculpe-me. Não pretendia atingi-lo. Foi uma estupidez de momento.

Ismael sorriu para ele e, parando na frente do espelho da cômoda, convidou-o a se olhar.

– Venha, Adriano. Veja em que se transformou.

Sem entender, Adriano postou-se diante do espelho e levou um susto. Nem parecia o seu rosto, o seu corpo. Ele, que fora um rapaz bonito, via-se agora diante de um espectro, todo sujo e arranhado, os olhos fundos, cercados de olheiras, a pele baça, sem vida, os cabelos desgrenhados.

– Mas o que é isso? – perguntou assustado.

– É você, Adriano. Tal qual no dia em que sofreu o acidente.

– Mas como? Isso foi há tanto tempo!

– É o resultado da sua rebeldia. Recusando a nossa ajuda, não permitiu que terminássemos de reequilibrar o seu perispírito, e no dia em que você, em sua casa, se recordou da tragédia, plasmou as lesões em seu corpo espiritual e foi se degenerando, como se carne ainda possuísse.

– Não entendo... – balbuciava ele aturdido. – Como pode ser isso? Sou um espírito... não devia guardar seqüelas do acidente.

– Você precisa se harmonizar com suas próprias energias. Venha comigo, Adriano, quero tratar de você.

Adriano olhou para Clarinha, que conversava animadamente com Otávio, e sentiu o ódio voltar a crescer dentro dele.

– Não posso deixá-la, velho. Não com esse aí.

– Acha que ela ainda vai querer você? O que pensa que ela sentiria se o visse assim nesse estado?

Ele titubeou novamente. Sabia que ela ficaria apavorada.

– Não pretendo me mostrar...

– E acha que ela não o sente? Acha que ela não capta o seu desequilíbrio, a sua dor?

– Não faço por mal.

– Não fazia. Até hoje. Mas agora há pouco, quando a abraçou, desejou ferozmente que ela se sentisse mal e desmaiasse. Considera isso um ato de amor? Ou de puro egoísmo?

– Pare com isso, velho. Você não sabe de nada.

– Não, Adriano. Quem não entende nada é você. Pensa que Clarinha lhe pertence. Mas ela não lhe pertence. Nem a você, nem a ninguém. Clarinha pertence ao mundo, à vida...

– Chega, velho, chega! – gritou Adriano, tapando os ouvidos. – Não diga mais nada!

– Desista desse propósito, Adriano. Não vê que, com isso, só o que consegue é se tornar cada vez mais infeliz?

– Não, não... – choramingava ele. – Eu era feliz. Tinha uma vida. Tinha pais que me amavam, tinha uma profissão de futuro, uma noiva que me adorava. Mas agora... tiraram-me tudo.

– Quem tirou?

– Não sei. Fabrício...

– Acredita mesmo nisso?

– Foi por causa dele que sofri aquele acidente.

– Será? Pense bem e responda sinceramente. Será que Fabrício foi o responsável pelo seu desencarne? Ou foi a sua imprudência que o levou até aquele precipício?

– Não sei... não sei, velho, não sei!

Adriano agora chorava descontrolado, e Ismael aproximou-se dele. Alisou seus cabelos, duros de sangue ressecado, e apoiou a sua cabeça no seu peito. O rapaz, por uns instantes tocado por aquela onda de amor e ternura, deixou-se ficar e agarrou-se à sua cintura, chorando cada vez mais.

– Venha comigo, Adriano. Só o que quero é que você seja feliz.

Adriano ergueu o corpo e abraçou-o com força, deixando em seus ombros todo o peso de sua dor. Seu corpo, sacudido pelos soluços, era amparado por Ismael, que o acariciava com sublime amorosidade. De olhos cerrados, Adriano continuava a chorar.

De repente, decidiu-se. Iria partir com ele. Já estava cheio de tudo aquilo. Abriu os olhos e, com a visão ainda turvada pelas lágrimas, viu, por sobre o ombro de Ismael, Clarinha e Otávio se beijando apaixonadamente, a mão do juiz levemente pousada sobre o seu seio. Imediatamente, toda aquela fragilidade esmoreceu. Adriano empertigou-se e partiu para cima dos dois, mas foi impedido de atingi-los pela vibração tranquilizadora de Ismael.

– Não vou, velho, não adianta! – esbravejou ele. – Quase me convenceu! Para quê? Para deixar esse juiz dos infernos livre para profanar o corpo de minha Clarinha? Jamais!

Deu as costas a Ismael e sumiu pela parede. Era só o que podia fazer naquele momento. Mais tarde, quando toda aquela energia de amor se esvanecesse do ambiente, voltaria. E não haveria ninguém que então conseguisse tirá-lo dali.

Sem ter para onde ir, Adriano voltou para sua casa. Ao entrar, sentiu uma aura de tristeza no ar e foi procurar o pai. Ele estava deitado na cama, com uma garrafa de uísque ao lado, bastante embriagado àquela altura. Adriano sentou-se junto a ele e auscultou seus pensamentos.

– Por que fui fazer uma coisa dessas, por quê? Onde é que estava com a cabeça?

– Não se atormente, pai – respondeu Adriano do astral. – Fez o que era certo.

Julgando que fosse a sua própria consciência, tentando amenizar a sua culpa, Paulo ia se acusando e se justificando ao mesmo tempo:

– Mas eu não devia... prometi a Flávia. E depois, Fabrício não tem culpa...

– Como não tem culpa? Pois se tomou o meu lugar! O lugar de seu filho legítimo.

– Está certo que ele não é meu filho. Mas que culpa tem? Era ainda um bebê quando foi adotado. Não sabia de nada.

– Isso não justifica o fato de que ele é um usurpador...

– Como pode ter usurpado algo que sempre julgou que fosse seu?  
– E as outras vidas, pai? Agora sei que existem. Fabrício deve ter me roubado numa vida passada... – calou-se espantado, só agora começando a compreender. – Ou será que fui eu que lhe roubei alguma coisa?

Paulo não lhe captou os últimos pensamentos. Como relutava em aceitar a idéia da reencarnação e da espiritualidade, não conseguiu perceber a dúvida do filho. Enquanto isso, Adriano ia refletindo:

– Essa tal de lei de causa e efeito, de que minha avó tanto fala... será isso? Será que o que estou passando hoje é resultado do meu comportamento de ontem?

A esse pensamento, Adriano estremeceu. Parecia-lhe que agora começava a vislumbrar a realidade de sua situação.

– Mas então – prosseguiu –, estou sendo punido. Seja o que for que tenha feito, o castigo foi muito maior. Ninguém merece passar pelo que eu passei. Como Deus é injusto! Por que me castigou dessa forma? Por que colocou nas mãos de Fabrício as armas para se vingar de mim?

Adriano deixou-se dominar pela autopiedade e começou a sentir-se vítima da situação. Abaixou a cabeça e saiu acabrunhado, deixando o pai adormecido, ressonando sobre os travesseiros.

O que é que faria agora? Foi andando pela rua, sem saber aonde ir. Ao passar pelas esquinas, via grupos de desencarnados fumando e bebendo, e alguns o convidavam para juntar-se a eles. Mas Adriano não queria. Não estava interessado em ficar vagando feito uma assombração. O que fazia tinha um propósito. Mas que propósito? Vingar-se de Fabrício. Nesse caso, vingar-se de quê? Da usurpação de seu lugar de filho. Mas como, se fora ele quem roubara o lugar de Fabrício, e Fabrício é que se vingara dele? E de que é que se vingaria amanhã? E quando isso terminaria?

Torturado, levou novamente a mão aos ouvidos, como se, impedindo-os de escutar, não pudesse ouvir os seus próprios pensamentos. Foi caminhando com dificuldade, até que passou diante da vitrine de uma loja de molduras. Havia vários espelhos emoldurados, e ele olhou para a frente. Viu seu rosto deformado e sujo refletido em vários tamanhos e começou a gritar. Saiu correndo e atravessou a rua, passando pelo meio dos carros, que não o atingiam.

Ao chegar do outro lado da calçada, estacou exausto e desatou a chorar. Sacudido pelos soluços, ajoelhou-se no chão e, ainda com as mãos sobre os ouvidos, exclamou com fervor:

– Deus! Ajude-me! Por favor, ajude-me!

Viu que à sua frente uma luzinha formava uma espécie de trilha e, levantando os olhos, deparou com uma igreja toda iluminada. Na porta, um padre sorria para ele. Levantou-se envergonhado, tentou ajeitar-se da melhor forma possível, alisando os cabelos sujos e duros. Aproximou-se do padre e, com ar maravilhado, indagou:

– Que lugar é esse? Onde é que estou?

O padre, sorrindo bondosamente, respondeu:

– Esta é uma igreja, e você está exatamente onde parou. Numa rua de sua cidade.

– Rua de encarnados ou desencarnados?

– Esta não é uma cidade espiritual, se quer saber. É o Rio de Janeiro mesmo.

Adriano voltou-se para a igreja, que luzia de encontro à noite, e continuou:

– Será que posso entrar?

– Venha – disse o padre, chegando para o lado e deixando-o passar.

Adriano entrou meio sem jeito. Não era religioso e, tirando os casamentos, não freqüentava a igreja desde a primeira comunhão.

– Não é preciso ser católico para entrar aqui – falou o padre com ternura. – Esta é a casa de Deus, assim como os templos budistas, as sinagogas, os centros espíritas e quaisquer outros que se destinem a levar ao mundo palavras de sabedoria e amor.

Com os olhos rasos d'água, Adriano apanhou a mão do padre e a beijou. O padre acariciou os seus cabelos, sem se importar com a crosta de sangue que os endurecia, e foi com ele até o altar.

– Por que não experimenta rezar? – perguntou gentilmente.

– Não sei rezar.

– Sabe sim. Não rezou há pouco?

– Eu? Não.

– Não pediu ajuda a Deus?

– Ah! aquilo? Não foi reza, não. Foi desespero.

– Um desespero muito sentido e carregado de esperança e fé no Criador. Não é preciso mais do que isso.

Sentindo a bondade na aura daquele homem, Adriano experimentou ajoelhar-se no genuflexório e fitou o altar. Era simples: ao centro, a imagem de Jesus crucificado. À direita, Maria, sua mãe e, à esquerda, São José. Contudo, havia tanta luz emanando daquele altar que Adriano se sentiu envolvido por ela, e uma paz reconfortante foi tomando conta de todo o seu corpo. Ele chorava sentido, só que agora, suas lágrimas tinham um gosto de alívio e esperança.

O padre começou a se afastar, mas Adriano o deteve.

– Você não é encarnado, é?

– Não, como pode perceber.

– Mas então, o que faz aqui? Que eu saiba, a Igreja não cultua os mortos.

– Não estou morto, assim como você. E depois, todo templo dedicado a Deus, desde que sincero em seus propósitos, tem a proteção do Alto. Por isso estou aqui. Fui padre em vida e pedi para continuar a sê-lo após o meu desenlace. Quando encarnado, gostava de auxiliar pessoas a se reencontrarem consigo mesmas. Agora, dedico-me a auxiliar pessoas a se reconciliarem consigo e com Deus.

– Obrigado, padre – disse Adriano emocionado. – Jamais esquecerei o que fez por mim.

O padre sorriu e deu um tapinha no ombro de Adriano, caminhando para o fim da igreja, onde um desencarnado o aguardava, sentado no último banco.

– Salve, meu irmão – falou o padre com simpatia.

– Olá, padre. É um prazer estar em sua igreja.

– Veio por causa do rapaz? – Ismael assentiu. – É seu neto?

– É sim. Andou um pouco perdido, mas creio que está começando a despertar.

O padre assentiu e retrucou:

– É um bom rapaz. Só que não sabe disso. Pensa que deve se vingar.

– Leu em sua aura?

– Sim. Seus pensamentos estão impregnados do desejo de vingança. Agora, aliados a um profundo arrependimento. Está confuso.

– Mas vai se encontrar. E sua ajuda, padre, foi muito importante para ele.

– Eu apenas atendi ao seu chamado. Ele caiu em frente a minha igreja, e eu escutei a sua prece. Por isso, vim atender.

– Muito obrigado, padre.

– Não precisa me agradecer. Minha maior recompensa é ver o despertar dos espíritos ainda cegos pela dor – Ismael sorriu, e o padre retrucou com bondade: – Por que não vai falar com ele?

Ismael olhou para Adriano, ajoelhado de costas, cabeça baixa, em profunda oração, e respondeu com uma certa tristeza:

– Ainda não. Ele não me quer por perto. No momento, limito-me a agradecer o fato de ter pedido e aceitado a sua ajuda. Já é um início bastante significativo.

– Entendo.

– Contudo, não pude deixar de vir. De onde estava, também senti a sua angústia e ouvi o seu apelo. Por isso, tomei a liberdade de vir até sua igreja apenas para vê-lo.

– Venha quando quiser. Essa igreja sempre estará aberta para qualquer um que dela necessitar.

– Obrigado – respondeu Ismael, levantando-se para ir embora. – Até breve, padre. E novamente, muito obrigado por tudo.

Ismael saiu da igreja feliz. Adriano dera um importante passo em sua nova vida. Estava começando a questionar suas atitudes, e isso era muito bom. Apesar de fazer uma idéia errônea sobre encarnação e lei de causa e efeito, não fazia mal. Ao menos por enquanto. O que importava era que ele estava começando a despertar para as verdades da alma. Mais tarde, trataria de esclarecê-lo.

## CAPÍTULO 28

Era quarta-feira, e Fabrício, até então, não havia aparecido nem dado nenhum sinal. Não atendia ao telefone, e ninguém sabia onde estava morando. Apenas Ofélia dava notícias, informando que estava bem, mas também não sabia onde ele vivia. Imaginava que em algum hotel, mas não sabia dizer qual.

Quando ele não apareceu à noite, na hora da reunião, Selena não agüentou mais. Nem com ela ele queria falar, e ela já não suportava mais ver todo mundo triste sem saber o que estava acontecendo. Inês dissera-lhe que houvera uma briga séria com Paulo, e que, por isso, Fabrício saíra de casa. Mas, fosse qual fosse o motivo da desavença, não via razão para afastar-se dela também. Afinal, não tinha nada com isso.

Vendo a sua angústia, Inês e Flávia acharam que já era hora de contar-lhe a verdade. Afinal, se ela ia se casar com Fabrício, era justo que conhecesse toda a sua história.

– Quando voltarmos do centro hoje – anunciou Inês –, nós lhe contaremos tudo.

– Mas só depois do centro? – protestou Selena.

– Agora não dá mais tempo. A história é longa e não pode ser contada assim, às pressas.

Já estavam fechando o portão quando ouviram a buzina de um automóvel. Voltaram-se ao mesmo tempo e tiveram uma imensa surpresa. Elizete chegava em companhia de Clarinha e de Bernardo, no carro do doutor Feliciano.

Depois que eles saltaram, Inês abraçou o amigo e exclamou com sincera alegria:

– Feliciano! Que surpresa! Há quanto tempo não aparece.

– Pois é, Inês. Falta de tempo.

Cumprimentaram-se todos, e Selena observou:

– Tio Bernardo, é uma surpresa muito grande vê-lo aqui também.

Bernardo enrubescou e abaixou os olhos, acrescentando com voz sumida:

– Vim conhecer esse centro espírita de que Elizete tanto fala.

– Diga a verdade, Bernardo – cortou Elizete. – Você só aceitou vir porque o doutor Feliciano aqui praticamente curou a nossa Clarinha com a só imposição de suas mãos. É ou não é?

Desconcertado, Bernardo reconheceu:

– É verdade... Confesso que ainda é difícil para mim acreditar nessas coisas de espírito. Mas não posso negar que o doutor Feliciano conseguiu, em apenas dez minutos, o que nenhum médico pôde fazer em meses.

Clarinha não dizia nada. Estava melhor, sentindo menos enjôos e não desmaiava desde o dia em que Feliciano fora a sua casa. Mas sentia-se deprimida, angustiada, sempre com vontade de chorar. A seu lado, Adriano acompanhava tudo com desgosto. Estranhamente, não estava mais interessado em prejudicar Fabrício nem em possuir Clarinha. No momento, isso seria mesmo impossível, e de que adiantaria ficar tentando alcançar o inatingível?

Pouco depois, um outro carro chegou. Era Otávio, que marcara de encontrá-los ali. Ele estacionou na rua, atrás do carro de Feliciano, saltou e foi ao encontro de Clarinha, que sentiu uma pontada no estômago. Apesar de tudo, Adriano ainda não gostava daquele juiz, e vê-lo ao lado de Clarinha causava-lhe imenso desgosto.

– E Fabrício? Não vem?

Inês e Flávia trocaram um olhar rápido, e esta explicou:

– Fabrício não pôde vir hoje. Compromissos de trabalho, vocês entendem.

Apenas Adriano soltou um riso sarcástico. Compromissos de trabalho... pois sim! Ele estava era enfurnado naquele quarto de hotel, com vergonha até de botar a cara para fora. Só ia trabalhar porque precisava. Pensar naquilo causou-lhe estranho desgosto. Achou que ficaria feliz com a derrota do irmão, mas sentiu que não havia mais um sarcasmo verdadeiro naquelas palavras. Apenas um esforço para reafirmar uma raiva que já não sentia, mas que achava que devia sentir.

O grupo seguiu para o centro espírita, e Adriano passou pelo portão da casa da avó e foi sentar-se no alpendre. Ainda não gostava do centro espírita e não estava com vontade de ouvir os sermões de Ismael.

Esticou as costas no chão e ficou olhando as estrelas, sentindo a brisa suave da noite batendo em seu rosto. Embalado por aquela sensação de paz, acabou por adormecer. Cerca de quinze minutos depois, ouviu uma voz ao seu lado e abriu os olhos, fitando o interlocutor com ar de espanto.

– Cissa! – exclamou, reconhecendo ali o espírito amigo. – O que faz aqui?

– Eu? Nada de especial. Vim apenas conversar com você.

– Você anda sumida.

– Ora, Adriano, quem sumiu foi você. Você que nos abandonou, lembra-se?

– É uma surpresa para mim vê-la aqui.

– Por quê?

– Esperava outra pessoa.

– Quem? Ismael?

– É. Ele não me deixa em paz. Ele e aquela tal de Helga, que às vezes aparece também.

– Só querem ajudá-lo. Ismael gosta muito de você, sabia?

– Por quê? Eu nem o conheci.

– Ele é seu avô. E depois, não precisamos realmente conhecer alguém para amá-lo.

– Você é engraçada, Cissa. Como é que se pode amar um desconhecido?

– Amor universal, meu caro. Nem todo mundo sente.

– Bobagem. A gente só ama quem conhece...

– Será? E o padre que o atendeu naquele dia? Não o terá amado também?

– O padre? – Adriano considerou. – Não. Ele foi bonzinho.

– Por quê, Adriano? Por que acha que foi bonzinho?

– Sei lá. Porque é o ofício dele.

– Ninguém possui bondade por dever. A bondade faz parte da evolução das criaturas.

– Até parece.

– Não acha que está sendo injusto, Adriano?

– Olhe, Cissa, reconheço o que ele fez por mim e jamais seria ingrato a ponto de dizer que ele não me ajudou. Ser-lhe-ei eternamente grato. Mas isso de ajudar é coisa de padre mesmo. Faz parte da função. São todos bonzinhos.

– Acredita mesmo nisso? Acredita que a bondade decorre do ofício, da profissão?

– Acha que não? Decorre de quê? Do amor? Qual... Isso é fantasia. O padre nem me conhecia...

– Ao atendê-lo, Adriano, o padre foi movido por um sentimento de amor pela humanidade...

– Está bem Cissa, que seja. E daí? O que isso tudo tem a ver comigo?

– Estou esclarecendo-o acerca do amor. Lembra-se? Falávamos de Ismael...

– O chato.

– Não diga isso. Aposto como sente a falta dele.

– Eu? – indignou-se. – Era só o que me faltava...

– Não fosse por ele, sabe-se lá o que já não teria acontecido a você!

– Como assim?

– Ora, Adriano, então não sabe? Ismael reza muito por você.

– Ele pode ser bonzinho também, mas continua sendo chato. Sempre aparece para me perturbar.

– Será? Pense bem e responda-me com sinceridade. Será que Ismael não aparece nos momentos em que você se encontra em maiores dificuldades?

Adriano pensou durante alguns minutos. Realmente, Ismael aparecia quando ele estava mais angustiado ou desesperado, com aquela fixação em Fabrício e em Clarinha. Será que, quando ia ao seu encontro, ia para demovê-lo de seus intentos, pura e simplesmente?

Lendo-lhe os pensamentos, Cissa mesma respondeu:

– É claro que não, Adriano. Ismael tenta impedi-lo de prejudicar seu irmão e sua ex-noiva para que você não se prejudique a si mesmo. Não percebe que o maior atingido é você?

– Eu?! Fui atingido pela fatalidade naquele acidente. Agora, acho que tenho o direito de dar o troco.

– Você não acredita mais nisso, Adriano. Fala porque é orgulhoso. Mas, no fundo, não pensa mais assim. Está sofrendo. Olhe para si mesmo. Nem um homem parece mais.

Adriano olhou para seu corpo magro e começou a chorar. Ela tinha razão. Não era nem sombra do homem bonito e elegante que fora outrora. Agora, mais parecia um farrapo, um molambo.

– Cissa, não sei mais o que sou...

– Você é um ser humano, Adriano. Desencarnado, mas humano. E, o tempo todo, Ismael tentou mostrar-lhe isso.

– Ele foi duro comigo. Colocou-me diante daquele espelho.

– Para que você pudesse ver com seus próprios olhos todo o mal que vem infligindo a si mesmo. O que pensa? Que Ismael tem prazer em torturá-lo? Ismael o ama, Adriano.

Adriano chorava sem parar, mas continuava a teimar. Nem sabia por que teimava.

– Teima por orgulho, Adriano. Porque não sabe reconhecer que errou, que perdeu.

– Não, Cissa, não é nada disso. Não é que não goste de Ismael. Você tem razão. Ele nunca me fez nada. Mas é que, sempre que eu estava prestes a fazer alguma coisa, lá vinha ele com seus sermões enjoados.

– Ele só queria impedir que você piorasse a sua situação. E ela poderia ter sido bem pior. Não fosse por Ismael, talvez você nem estivesse aqui.

– Não? Como assim?

– Caso não saiba, Adriano, há muitas falanges de espíritos das sombras interessados em capturar espíritos descuidados feito você, que não aceitam ajuda para não terem que abandonar seus projetos de vingança e ódio.

– Capturar-me? Para quê?

– Para o utilizarem em seus próprios projetos de vingança contra os encarnados. Alguns espíritos, com o coração cheio de ódio, inveja, desejos de vingança, acabam por sintonizar com as falanges das trevas e são logo capturados. Passam então a trabalhar para os mais poderosos e são ameaçados, espancados, torturados.

– Cissa, que horror!

– É um horror mesmo. E você gostaria de ir parar num lugar desses?

– Não... claro que não.

– Pois é. Foi Ismael, com suas incansáveis orações, quem conseguiu mantê-lo longe dessas falanges. Você acha que sofre, não é mesmo? Pois não sabe o que é o sofrimento no astral inferior.

Adriano, envergonhado, afundou a cabeça entre as mãos e desabafou:

– Ah! meu Deus, Cissa! O que fui fazer? O que fiz com a minha vida?

– Ainda há tempo de você consertar tudo.

– Como?

– Venha comigo ao centro espírita. Lá receberá tratamento e será encaminhado de volta à colônia.

– Terei que abandonar Clarinha?

– Desapegue-se dela, Adriano. Apego não faz bem a ninguém. Veja o que fez a você. Aprisionou-o, tornou-o escravo de seus próprios temores. Você vive grudado a Clarinha, fazendo-a sentir-se mal, com medo de que ela o esqueça e arrume outro. E para quê? O que você vai ganhar com isso? Nada. Não poderá tê-la de qualquer jeito.

– Mas eu a amo.

– Isso não é amor. O amor liberta, jamais aprisiona. Se você tenta aprisionar o ser amado, na verdade, enclausura-se a si mesmo. Prende-se ao medo de perder, à insegurança, ao desespero. Isso é bom? Não é melhor ser livre? Livre para amar, inclusive. Se você conseguir se libertar do apego, verá que o seu sentimento não lhe trará mais dor.

– Tem razão, Cissa. É dor mesmo o que sinto.

– É lógico! Quem pode ser feliz vivendo em constante sobressalto?

Com medo de perder, de ser abandonado... O amor, Adriano, não é motivo de dor. Ele liberta da dor e do sofrimento. Por isso, se ama mesmo Clarinha, deixe-a em paz.

– Eu a amo...

– Então, liberte-a. Estará libertando-se a si mesmo. Ou será que não se ama também?

– A mim? Nunca havia pensado nisso.

– Pois pense agora. Aprenda a se amar e depois ame mais alguém.

Ele enxugou os olhos, olhou para o céu e se emocionou. O mundo era bonito, o universo era belo. Por que é que ele não podia usufruir de toda aquela beleza? Por que tinha que ficar amarrado à podridão do ódio?

– Venha comigo, Adriano. Estou lhe pedindo.

Ele voltou para ela os olhos úmidos e respondeu hesitante:

– Não sei, Cissa. Não sei se posso. Não sei se mereço.

– É claro que merece. Todos merecemos.

Ele estava louco para aceitar, mas não sabia se devia. Julgava-se um réprobo e tinha medo de ser recriminado. Não. No fundo, no fundo, ainda não conseguira dar um salto sobre seu orgulho e admitir que estava errado, que sofrera porque fora teimoso e arrogante.

Ele apanhou a mão de Cissa e levou-a aos lábios, molhando-a com suas lágrimas sentidas. Em seguida, acariciou-lhe o rosto e sussurrou:

– Vou pensar.

O trabalho de Cissa ali havia terminado. Fizera o que fora possível e já era hora de voltar. Quando chegou ao centro, a palestra havia terminado naquele exato instante, e seu Antônio preparava-se para dar início aos trabalhos de desobsessão. Vendo-a entrar sozinha, Ismael endereçou-lhe uma indagação com o olhar.

– Conversei muito com ele – respondeu ela. – Acho que consegui atingir seu coração.

– Por que ele não veio?

– Está confuso, com medo, vergonha, tudo junto. Mas tem uma grande chance de aparecer.

Enquanto Antônio doutrinava um espírito que se apresentara, Ismael e Cissa davam passes nos presentes, orientando os recém-chegados que queriam ser atendidos. No total, três espíritos haviam se manifestado, e o dirigente já ia encerrar a sessão quando Adriano entrou. Veio tímido, olhou ao redor, balançou a cabeça para Cissa e Ismael e ficou parado na porta, olhando.

Imediatamente, o mentor de Antônio, em telepatia com Ismael, conduziu as suas palavras e fê-lo dizer:

– Meus amigos, acaba de chegar um irmãozinho que precisa muito de nosso auxílio. Por isso, peço-lhes paciência e concentração, e convoco esse nosso irmão a se apresentar – percebendo que o mentor falava com ele, Adriano ficou sem saber o que fazer. – Venha, meu filho. Não tenha medo. Estamos aqui para ajudá-lo no que for preciso.

Cissa aproximou-se de Adriano, estendeu-lhe a mão e falou com doçura:

– Venha, Adriano, não tenha medo. Ficarei ao seu lado, se quiser.

Ele sorriu em agradecimento e, de mãos dadas com ela, aproximou-se da mesa. Sua avó chorava de mansinho, já percebendo a sua presença. De onde estava, podia ver a mãe e Clarinha, com a cabeça recostada no ombro do juiz. Seu coração começou a disparar, mas sentiu que uma estranha paz o dominava e percebeu que Cissa o tocava bem na altura do cardíaco.

Ajudado pelo espírito, Adriano incorporou numa médium. Assustou-se ao sentir um corpo de carne e experimentou falar. Abriu a boca, e a médium abriu a sua também. Aquilo era inusitado. E assustador também. Mas Cissa estava ao seu lado, e ele se sentiu seguro, mais confiante. Abriu a boca novamente e falou:

– Mãe... perdoe-me...

Desatou a chorar. Junto com ele, Flávia e Inês também choravam. Até Clarinha que, de repente, tivera uma melhora súbita, chorou junto com elas, sem nem saber direito por quê. Em poucas palavras, Adriano conseguira abrir o seu coração e atingir o daqueles a quem amava. Estava tudo bem agora. Consequira se libertar.

## CAPÍTULO 29

Deitado só em seu quarto de hotel, Fabrício pensava em sua vida. Mas que vida? A vida nem era sua. Vivera a vida de outro. Consultou o relógio da mesinha: sete e meia. Hora de se levantar.

Tomou um banho, fez a barba, vestiu-se e saiu. No caminho, passou na oficina para ver como estava indo o conserto do carro e foi avisado de que poderia ir buscá-lo no fim da tarde.

Fez sinal para um táxi e entrou. Nunca se sentira tão só em toda a sua vida. Sentia saudades da mãe, da avó, de Selena e das crianças. Selena... o que estaria pensando de tudo aquilo? Na certa, deveria estar zangada com ele. E não era para menos. Ele sumira, desaparecera sem dar nenhum sinal. Ele amava Selena. Não queria perdê-la. Contudo, não se sentia com ânimo de encará-la. Ela lhe faria perguntas para as quais ele não conhecia as respostas.

O táxi parou na porta do edifício onde ele tinha escritório, e ele saltou. Tomou o elevador e foi andando, pensativo, pelo corredor. Chegou à porta de seu escritório e rodou a maçaneta. Ao abrir a porta, levou um susto. Sentada numa poltrona da sala de espera, sua avó mantinha animada conversa com Ofélia.

Ao vê-lo, ela sorriu e foi ao seu encontro. Constrangido, recebeu o abraço e o beijo que ela lhe deu e indagou surpreso:

- Vó... o que faz aqui?
- Surpreso em me ver, Fabrício?
- Não... quero dizer, sim... Não a esperava aqui.
- Pois é. Você sumiu de minha casa. Então, resolvi vir visitá-lo.

Ele assentiu vagarosamente e, virando-se para a secretária, indagou:

- Algum compromisso para a manhã, dona Ofélia?
- Não, doutor Fabrício. O senhor tem uma reunião marcada para as

quatro e meia. Com o advogado de dona Helena, lembra-se?

Ele assentiu. Tinha uma proposta de acordo para a partilha de bens num desquite amigável. O acordo já estava pronto, e ele tinha tempo para conversar com Inês. Havia chegado o momento de tirar tudo a limpo.

- Muito bem, dona Ofélia. Venha, vovó. Vamos para o meu escritório.

Inês seguiu-o até sua sala, e ele fechou a porta, indicando-lhe um confortável sofá perto da janela. Ela se sentou, e ele sentou-se ao lado dela.

- Gostaria de alguma coisa? Um café, um chá?
- Não se preocupe, meu filho, não quero nada.

Ele pousou as mãos sobre os joelhos, encarou-a e indagou com voz polida:

- Muito bem. O que a traz aqui?
- Deixe dessas formalidades comigo, Fabrício. Sou sua avó.

Ele engoliu em seco e, ainda encarando-a, indagou com olhos úmidos:

- Será?
- Você duvida? Não acredita?
- Não é isso... é que depois de tudo o que houve...
- E o que foi que houve? Você descobriu a verdade sobre o seu

nascimento. Só isso.

- Só isso? Acha pouco saber que fui adotado?
- Diga-me, Fabrício, o que mudou em sua vida?
- Tudo. Sinto-me um intruso em minha família.

– Não ama mais sua mãe? Nem o seu pai? Nem a mim? E quanto a Selena? O que ela tem a ver com tudo isso?

– Devagar, vovó, por favor. Continuo amando minha mãe como sempre amei, embora não entenda por que ela mentiu para mim. Quanto a meu pai, foi ele quem nunca conseguiu me amar. E Selena, como você mesma disse, não tem nada a ver com essa história.

– Entretanto, nem a ela você procurou.

– Porque não sabia o que lhe dizer.

– Por que não a verdade? Acha que Selena se importa? Acha que ela deixaria de amá-lo também?

– Não sei, vovó.

– Ora, mas que amor é esse que sente por ela? Então não confia no amor de Selena?

– Confio...

– Pois não parece. Ela ficou muito magoada com você. Mas porque você não confiou nela e desapareceu, deixando-a aflita, sem saber de nada.

– Ela já sabe a verdade?

– Já. Sua mãe e eu tivemos que lhe contar.

– E?

– E nada. Gostaria de estar junto de você nessa hora. Ficou sentida porque você não confiou nela.

Ele suspirou com tristeza e retrucou:

– Por favor, vó, ajude-me. Não sei o que pensar.

– Meu filho – tornou ela com mais doçura –, entendo como deve estar se sentindo. Mas pense em sua mãe. Pense no quanto ela sofreu e ainda sofre com tudo isso. Ela o ama verdadeiramente como filho. Não pode duvidar disso.

– Não duvido.

– Então, por que desapareceu? Por que a deixou angustiada? Sabe que ela está morando em minha casa? – ante o seu olhar de espanto, ela esclareceu: – Pois é. Sua mãe ficou muito magoada com seu pai e o deixou.

– Não a culpo...

– E nem deve. Mas também não deve culpar seu pai.

– Como não, vovó? Por acaso tem idéia do que ele me disse?

– Sei de tudo o que aconteceu. Mas não posso culpá-lo de nada.

– Por quê? Será que pensa como ele?

– Fabrício, você sabe o quanto é importante para mim. Responda-me com sinceridade. Acha mesmo que penso como seu pai?

– Não, vovó, desculpe-me. É que estou confuso.

– É natural. Mas você tem que tentar se reequilibrar para enfrentar essa situação com coragem e confiança.

– Não sei, vó. Tudo isso é muito estranho. Eu tinha uma vida, mas agora percebo que vivi uma mentira durante quase trinta anos. Como quer que me sinta?

– Você não viveu uma mentira. Viveu cercado de amor e compreensão. Como pode ser tão ingrato?

Ele abaixou os olhos, envergonhado, e retrucou:

– Não me refiro a isso.

– Refere-se a quê? Para mim, o amor deve superar todas as barreiras.

– Mas meu pai...

– Não use seu pai como desculpa. Ele fez a parte dele, contou-lhe a verdade da forma como podia. Mas você pode aceitar isso ou não, independente da atitude de seu pai.

– É difícil...

– O amor torna fáceis todos os problemas. Você é um rapaz inteligente. Não é possível que não perceba a dimensão de tudo o que viveu.

– Não é isso...

– O que é então?

– Não sei dizer ao certo, vovó. Mas é como se, de repente, nada do que fui me pertencesse. Meu nome, minha profissão, meus bens, minha vida. Sinto-me como se tivesse tomado o lugar de outra pessoa e furtado tudo o que era seu.

– Pois não devia pensar assim. Tanto você quanto Adriano ocupavam o lugar que lhes cabia. Só que ele, por opção própria, desencarnou antes de você. E você, por um motivo que desconhecemos, escolheu ser adotado nas circunstâncias em que foi.

– Mas que circunstâncias? Não sei de nada. Meu pai... isto é, Paulo, disse que minha mãe me abandonou na guerra. Por quê? Onde fui encontrado?

Inês balançou a cabeça e objetou:

– Você não foi encontrado. Foi dado a sua mãe num momento de desespero. E foi o maior presente que ela poderia ter recebido.

– Como assim, dado? Por quê?

– Quer mesmo saber?

– É claro que quero. Penso nisso todos os dias e acho que tenho esse direito.

– Tem, com certeza. É um direito seu, mais do que de qualquer outro, conhecer a verdade sobre sua origem. No entanto, não sou eu quem lhe irá contar.

– Não? Por quê, vovó?

– Porque quem não tem esse direito sou eu. Essa é uma conversa que você terá que ter com sua mãe.

– Minha mãe? Não sei se terei coragem de encará-la.

– E por que não? Por acaso está com raiva dela?

– Não, em absoluto.

– Pois então? Vá até minha casa e ela lhe contará tudo.

– Tem certeza?

– Tenho.

– Está certo – afirmou ele, após alguns minutos de reflexão. – Hoje mesmo irei até lá.

– Ótimo. Estaremos esperando-o.

Inês se despediu do neto com o coração mais leve. Ficara satisfeita com o resultado daquele encontro e estava certa de que Flávia conseguiria alcançar o seu coração.

Fabrizio foi buscar o carro na oficina e, às oito em ponto, entrou na casa da avó. A mãe e Selena estavam sentadas na sala quando ele chegou. Olhou para elas envergonhado e cumprimentou:

– Boa noite.

– Olá, meu filho – respondeu Flávia, lutando desesperadamente para conter a emoção.

Selena se levantou do sofá, acercou-se dele e estendeu-lhe a mão, que ele tomou e apertou. Sentindo o amor da moça, puxou-a para si e beijou-a suavemente, estreitando-a de encontro ao peito.

- Oh! Selena, que falta senti de você! Perdoe-me!
- Chi! Está tudo bem, meu querido.

Depois de alguns minutos de pura emoção, Fabrício desvencilhou-se do abraço de Selena e foi ajoelhar-se aos pés da mãe, pousando a cabeça em seu colo. Ela acariciou seus cabelos com ternura, molhando-os com suas lágrimas, até que ele falou:

- Perdoe-me também, mãe. Fiquei baratinado. Não sabia o que fazer.
- Não, meu filho, sou eu que devo lhe pedir perdão. Por mim e por seu

pai.

- Agora compreendo por que meu pai nunca me amou. Ele jamais pôde aceitar o fato de que eu não sou seu filho, não é mesmo?

- Infelizmente, meu filho, é isso mesmo. Seu pai lutou, mas não conseguiu vencer as suas próprias dificuldades.

- Mas mãe, por quê? Por que fui adotado? Papai me disse que fui abandonado na guerra. Vovó falou que me deram a você. Quem? Minha verdadeira mãe?

- Sente-se aqui ao meu lado e lhe contarei tudo. Chegou a hora de você conhecer toda a verdade.

Fabrício sentou-se ao lado da mãe, e Inês acomodou-se numa poltrona do outro lado. Selena, por sua vez, levantou-se para sair. O momento era de extrema intimidade, e ela não queria parecer uma intrusa.

- Não, Selena – protestou Fabrício. – Se vai se casar comigo, quero que conheça tudo a meu respeito.

Ela sorriu emocionada e foi sentar-se ao lado dele no sofá. Depois que todos se acomodaram, Flávia respirou fundo e, rememorando os acontecimentos daquele dia, quase trinta anos atrás, começou a falar:

- Tudo começou quando eu perdi o filho que estava esperando...

Contou tudo. Da gravidez e do aborto espontâneo já no terceiro mês de gestação. Do medo de contar à família e decepcionar a todos. Da viagem à Europa que Paulo sugeriu como forma de diminuir a sua dor. Disse-lhe que não tivera coragem de escrever, contando aos sogros do aborto. Após seis meses de viagem, estavam na Alemanha exatamente quando as tropas de Hitler invadiram a Polônia. Por coincidência, se não tivesse abortado, seu filho estaria para nascer por aqueles dias. E foi então que tudo aconteceu.

- Nós estávamos na estação, esperando o trem, quando ouvimos o soar de um apito. Ao olharmos na direção daquele som, vimos uma mulher correndo e, mais atrás, alguns policiais, que gritavam algo que não entendíamos, embora pudéssemos supor do que se tratava. A mulher era judia e estava sendo perseguida pelos soldados da SS nazista. Vendo-nos, ela correu em nossa direção e estendeu-me o que parecia ser uma trouxinha. Fiquei assustada. Ela falava em alemão, e eu não entendia nada do que dizia. Mas ela me estendia a trouxinha com insistência, gritando e chorando em desespero, falando palavras que eu não compreendia. Ouvi um barulho que parecia ser um choro. Afastei os panos e vi você. Era um bebê lindo. Gorducho e rosado, olhinhos azuis expressivos e cabelinho louro. Parecia um anjinho. Fiquei emocionada. Eu havia perdido o meu filho amado, e aquela mulher me oferecia outro. Apesar dos protestos de seu pai, apanhei você do colo dela e o estreitei o mais que pude, tentando escondê-lo. A pobre mulher, com lágrimas que eu reconheci como de agradecimento, saiu correndo pela estação para, logo em seguida, ser alcançada pelos guardas. Eles a seguraram com brutalidade e saíram arrastando-a. Ao passar por nós, ela sequer nos olhou. Tinha medo de que o vissem e o levassem para a morte. Contudo, pude sentir o seu alívio.

Ela caminhava para a morte, mas algo diminuía a sua dor: a certeza de que você estava vivo e que teria uma chance de continuar a viver.

Flávia não conseguiu prosseguir. Lágrimas de emoção deslizavam de seus olhos, e Fabrício, mais emocionado ainda, agarrou-se a ela e liberou o pranto. Depois de se recuperar, Flávia continuou contando a história. Falou da forma como conseguiram tirá-lo da Alemanha, sem documentos, e de como o trouxeram de volta ao Brasil, após registrá-lo na embaixada brasileira, na Suíça.

– Chegando aqui, seu pai procurou um advogado e regularizou tudo, e você conseguiu a nacionalidade brasileira sem levantar suspeitas.

– É verdade. Lembro-me de que tive que ratificá-la aos vinte e um anos. Mas nem desconfiei. Para mim, havia nascido no estrangeiro porque vocês estavam em viagem de férias.

Após breves instantes de emoção, Flávia segurou o queixo de Fabrício e continuou:

– Sua mãe deve tê-lo amado muito para fazer o que fez. Sabia que ia morrer, mas tentou de tudo para salvá-lo. Abriu mão de você por amor. Você não foi abandonado, Fabrício. Foi amado desde o seu nascimento. E continuou a sê-lo depois. Só o amor materno para permitir fazer o que ela fez. Entregá-lo nas mãos de estranhos, cujos princípios nem conhecia, na tentativa desesperada de salvá-lo. E ela partiu daquela estação sem nem olhar para trás, embora nós pudéssemos sentir o quanto estava triste por ter que se separar de você.

Fabrício chorava emocionado, apertando a mão de Selena.

– Quem era ela, mãe? Como se chamava?

– Isso, nós nunca saberemos. Não entendíamos nada de alemão e nunca antes a havíamos visto.

– Mas não tentaram encontrá-la depois da guerra?

– Não. Confesso que até tive medo de que ela aparecesse para reclamá-lo. Mas tampouco ela nos conhecia e não sabia para onde íamos. Depois, sabendo das atrocidades que cometeram com os judeus, deduzimos que ela deveria estar morta.

Fabrício abaixou o rosto, entristecido, e tornou desalentado:

– É pena. Gostaria de tê-la conhecido.

Flávia olhou discretamente para a mãe, que fez um gesto de assentimento, e prosseguiu:

– No entanto, meu filho, ao tirar a sua roupinha, notei que havia algo em seu pescoço...

– Em meu pescoço? O que era?

Ela se levantou, abriu uma gaveta da arca e retirou uma caixinha de papelão, já bastante amarelada pelo tempo.

– Isto – respondeu, exibindo-lhe a caixa.

Fabrício tomou-a de suas mãos, sofregamente, e abriu-a com pressa. Dentro, um cordãozinho de ouro com uma medalha, dessas que se abrem para se pôr fotografias. Mais que depressa, Fabrício acionou o fecho e a medalha se abriu, exibindo duas fotografias antigas. De um lado, uma mulher loura, olhos claros, cabelos ondulados, no rigor da moda da época. Do outro, um homem ainda jovem, de bigode e olhar austero.

– Esta é sua mãe – esclareceu Flávia. – Foi ela quem entregou você em minhas mãos. O outro... não sabemos. Creio que deva ter sido seu pai.

– Mas mãe! – tornou ele atônito. – Esta é a mesma mulher que eu vi num ônibus, anos atrás, quando era garoto. Lembra-se? Ela até falou comigo!

– Tem certeza? – falou Inês, ao mesmo tempo em que olhava significativamente para Flávia.

– Absoluta.

– Nós bem desconfiamos – confessou Flávia. – Desde aquele dia, sua avó e eu tínhamos quase certeza de que era ela.

– E nunca me disseram nada...

– O que poderíamos dizer? – tornou Inês. – Que aquela mulher era sua mãe verdadeira? Pense bem, Fabrício.

– Tem razão, vó. Compreendo que não podiam me contar. E depois disso, de vez em quando a sentia ao meu lado, principalmente quando ia ao centro. Para mim, era meu guia espiritual.

– E deve ser mesmo, Fabrício – concordou Inês. – Sua mãe deve ter padecido em algum campo de concentração e deve ter voltado para protegê-lo.

– Sim – concordou Selena, ainda atônita ante aquelas revelações. – Sua mãe natural deve ser um espírito altamente iluminado. Por isso, ficou a seu lado esse tempo todo.

– E sem prejudicá-lo um instante sequer – impressionou-se Inês. – Podia tê-lo atormentado, ter tentado influenciar sua vida ou, ao menos, tê-lo deixado angustiado com a sua presença. Mas não. Ela nunca lhe fez qualquer mal, fez?

– De jeito nenhum. Sua presença sempre foi agradável e me transmitiu muita paz e alegria.

– Ela deve ser mesmo muito iluminada – concordou Flávia, que nem de longe se lembrava do sonho que tivera com ela anos antes, quando soube que ela aparecera para Fabrício. – Que mulher fantástica!

A seu lado, Helga ouvia a tudo emocionada. Sabia que aquele seria o dia da grande revelação e aproximou-se, a fim de partilhar com o filho daqueles momentos tocantes. Junto a ela, Ismael e Adriano. O rapaz, ouvindo as palavras da mãe, emocionou-se de tal maneira que todo ódio, toda mágoa, todo ressentimento que pudesse ter nutrido por Fabrício desapareceram.

Vendo a sua emoção, Ismael abraçou-o com ternura e indagou:

– E então, Adriano? Como se sente?

– Bem – respondeu ele, com os olhos marejados. – Aliviado... feliz...

– Que bom, Adriano – falou Helga, com seu inseparável sotaque alemão.

– Helga... perdoe-me. Jamais quis ofendê-la ou agredi-la. Eu era ignorante. Não sabia o que fazia...

– Não se culpe, meu menino. Tudo foi importante para você.

– E agora? O que irá acontecer?

– Vamos voltar – disse Ismael. – Você deve se preparar.

– Para quê?

– Você vai ver.

De mãos dadas, os três partiram, deixando a casa de Inês envolta em benéfica vibração de amor e harmonia.

## CAPÍTULO 30

– Não estou entendendo nada! – indignava-se Cassiano. – Faz quase uma semana que o doutorzinho não aparece.

– Acha que se mudou? – perguntou Aníbal.

– Não sei. Tudo é possível.

– Para onde será que foi?

– E eu é que vou saber?

– Será que se assustou com aquele vidrinho com sangue de pombo que lhe enviamos e resolveu fugir? – Aníbal soltou um risinho debochado.

– Não creio. Aquilo foi só uma brincadeirinha, e o doutorzinho não iria se impressionar com tão pouco.

– Mas que deve ter causado um rebuliço naquela casa, isso deve. Primeiro o ratinho, depois o frasco de sangue. Queria ser uma mosquinha só para ver a cara dele.

Cassiano fez uma careta de contrariedade e conjecturou:

– Talvez tenha viajado...

– Hum... Não acredito. Ele é muito certinho, não ia largar os clientes – fez uma pausa, tentando pensar, e tornou: – E Selena?

– Não sei dela também.

– Você pode usar Selena como desculpa para abordá-lo. O doutorzinho e ela devem estar se encontrando em algum lugar. Você tem o direito de saber. Afinal, tem filhos, e o doutor Aderbal disse que o juiz fixou os dias de visita. Podia alegar isso. Que quer visitá-los.

– Você se esquece de que ele fixou também a pensão alimentícia. Se eu for procurá-la, Selena, na certa, vai exigir a pensão. E de mim, aquela mulher não vai ter um tostão. Ela é quem devia me pagar. É rica...

Aníbal fez uma careta e retrucou com raiva:

– E ele é bem capaz de mandar prendê-lo. Não dizem que não pagar pensão dá cadeia?

– Por que acha que sumi? Não pago nada a ela e não quero ser preso. Ela que vá procurar outro otário para sustentá-la. Aquele doutorzinho mesmo. Também é cheio da grana.

– Foi muito azar, não é mesmo? E logo agora, que já estávamos nos inteirando de seus hábitos.

– Para você ver. Passei dias plantado na frente daquele prédio, estudando os seus passos, anotando tudo o que ele fazia, até conseguir estabelecer a sua rotina. E ele some. Dá para acreditar?

– Pois é, meu irmão... E agora? O que faremos?

– Vou esperar mais um pouco. Vigiarei seu prédio por mais uma semana. Se ele não aparecer, tentarei o escritório...

Riram e beberam muito. Mal podiam esperar até que Fabrício estivesse fora de seu caminho. Cassiano culpava-o por tudo de ruim que lhe acontecia, pela sua derrota, pelo seu fracasso.

No dia seguinte, lá estava Cassiano de novo em frente ao prédio de Fabrício, mas nada de ele aparecer. Podia ter viajado no fim de semana. Esperou até a segunda-feira seguinte, na esperança de que o visse saindo para o trabalho. Mas nada. Fabrício parecia ter-se evaporado.

Esperou mais dois dias. Como ele não aparecia, pensou em ir vigiar seu escritório. Mas o centro da cidade era um lugar movimentado, e vigiá-lo durante o dia poderia chamar a atenção. Não. Tinha que esperar que ele aparecesse à noite. Somente as sombras poderiam facilitar-lhe a ação. A luz do sol poria tudo a perder.

Enquanto isso, Paulo remoía sua dor. Estava cada vez mais angustiado, Flávia ainda se recusava a falar com ele. Ia trabalhar porque era seu dever e porque não gostaria que ninguém desconfiasse do que estava acontecendo. Apenas o cunhado percebera que algo havia acontecido, mas não perguntou nada além do *está tudo bem?* Paulo abaixava a cabeça e respondia que sim.

Sempre que chegava à casa, perguntava a Olívia se Flávia havia ligado, e ela dizia que não. Embora não soubesse o que havia acontecido, tinha certeza de que fora algo muito grave. Por que outro motivo dona Flávia e Fabrício teriam ido embora?

Cotovelos apoiados na janela, Paulo olhava o mar. As ondas, subindo e descendo na cadência da maré, causavam-lhe uma paz reconfortante. Vagando os olhos pela praia, perdeu-se em pensamentos de saudade e foi acompanhando o movimento da rua. Pessoas que iam e vinham, carros que passavam apressados. O sol começou a se pôr no horizonte, e a praia, já não tão cheia àquela época do ano, foi sendo deixada pelos banhistas de última hora.

A noite chegou, e Paulo continuava à janela. Fazia quase duas horas que estava ali. De repente, ouviu a voz de Olívia atrás de si:

– Posso mandar tirar a janta, doutor Paulo?

Ele inspirou profundamente e respondeu, sem se voltar:

– Agora não, Olívia. Dê mais meia hora e só então mande servir.

Olívia obedeceu. Aguardou a meia hora e deu ordens à cozinheira para que tirasse o jantar.

– Já está na mesa, doutor Paulo.

Com um suspiro, Paulo deu uma última olhada na rua e já ia se voltar para dentro quando algo lhe chamou a atenção. Seu apartamento ficava no segundo andar, e ele pôde ver com nitidez um homem parado em frente ao edifício, parcialmente oculto pela árvore que beirava o meio-fio. Aquilo não seria nada demais, não fosse a atitude suspeita do rapaz. Ele tentava parecer natural, segurando um jornal e fingindo ler, o que lhe pareceu estranho, já que a pouca luz lhe dificultaria a leitura. De vez em quando, levantava os olhos do periódico e olhava para seu prédio, parecendo-lhe mesmo que visava a sua janela.

Assustado, estacou e prestou atenção. Na semi-escuridão da noite, podia distinguir perfeitamente o seu porte. Era alto, musculoso, robusto. Não lhe via o rosto com distinção, mas sabia que já conhecia aqueles traços. De onde? De onde é que conhecia aquele sujeito?

– O senhor não vem? – repetiu Olívia. – Está esfriando.

– Já vou.

Paulo deixou a janela e foi sentar-se à mesa. Não podia, porém, esquecer-se da figura daquele homem. Já o havia visto em algum lugar. Mas onde? Terminou de jantar rapidamente e desceu. Às dez horas em ponto, o porteiro trancava a portaria, e só se entrava com a chave.

Paulo acercou-se do porteiro e indagou:

– Boa noite, Severino.

– Boa noite, doutor.

– Por acaso você já reparou naquele homem ali, na beira da calçada?

– Que homem?

– Aquele – respondeu Paulo, chegando para perto da porta de vidro. – Venha ver.

O porteiro se levantou e foi olhar. Um pouco mais à direita, fora do ângulo de visão de quem estava sentado à pequena mesa da portaria, havia um homem parado perto do meio-feio. Severino estudou-o atentamente e respondeu:

– Não, doutor Paulo, nunca o vi. Por quê? Ele fez alguma coisa?

Paulo fez um muxoxo e retrucou com hesitação:

– Não... não fez nada. É que o achei estranho.

– Quer que vá falar com ele?

– Não, não precisa. Ele não está fazendo nada demais, não é mesmo?

Cassiano nem se deu conta de que já havia sido descoberto. Só que Paulo, por mais que tentasse, não conseguia se lembrar de onde é que o conhecia. Sabia que o conhecia, embora não se lembrasse de onde.

No dia seguinte, ao voltar do trabalho, Paulo foi espiar da janela. Ainda não eram nem sete horas, e o homem não estava lá.

– Devo estar imaginando coisas – pensou em voz alta. – Fazendo mau juízo dos outros...

Subitamente, parou espantado. Pelo lado da praia, vinha chegando o mesmo homem. Parou em frente ao seu prédio, olhou para sua janela e disfarçou. Na certa, vira-o ali e não queria dar na vista. Virou as costas para ele e fingiu que olhava o mar. Passados alguns minutos, recomeçou a caminhada e foi sentar-se em um banco na calçada, virado de frente para a praia.

Paulo estava assustado. Aquele homem, na certa, o estava vigiando. Mas por quê? Quem seria? E de onde é que o conhecia? Por mais que se esforçasse, não conseguia se lembrar. Tinha certeza de que já havia visto aquele rosto antes. Mas onde? Onde?

Olívia apareceu novamente, chamando-o para o jantar. Ele saiu da janela e foi sentar-se à mesa. Queria dar tempo ao homem para que se posicionasse como na véspera. Se ele fosse se esconder atrás daquela árvore, não teria dúvida. Estaria mesmo vigiando a sua casa. Mas por quê? Com que intenção? O que estaria visando?

De repente, uma idéia passou pela sua cabeça. Será que Fabrício mandara alguém tomar conta de seu apartamento? Ou teria sido Flávia? Será que aquele homem era algum detetive, que a mulher ou o filho haviam contratado para vigiá-lo? Mas por quê? O que estariam pretendendo? Na certa, queriam saber aonde ele ia.

Aquilo não fazia nenhum sentido. Apesar disso, era o único sentido que podia atribuir àquela inusitada situação. Que o homem vigiava seu prédio, não tinha a menor dúvida. Só o que não sabia era por quê. Perguntar-lhe, de nada adiantaria. O homem se faria de desentendido e não diria nada. Chamar a polícia estava fora de cogitação. O que diria ao delegado? Que um desconhecido resolvera ler jornal diante de sua porta? Isso não era crime algum.

Terminou o jantar e foi para o seu quarto. De luzes apagadas, aproximou-se da janela e, afastando as palhetas da persiana, espiou para fora. Lá estava ele de novo, parado atrás da mesma árvore com o jornal na mão. Olhava, não para sua janela, mas para a portaria. Quem estaria esperando? Ou será que se enganara? Meu Deus, era isso. Enganara-se, só podia ser. O homem estava ali, não para vigiá-lo, mas a outra pessoa. Alguém no prédio devia tê-lo contratado. Quem sabe, um marido desconfiado da esposa? Sim, era isso. Como fora tolo, pensou. Julgara que o homem estivesse ali por sua causa, mas não era nada disso. Riu de sua tolice e soltou a

persiana. Acendeu a luz e abriu a porta do armário. Precisava de um bom banho para se refazer daquele susto e daquela tolice.

Embaixo, na rua, Cassiano estava preocupado. Vira quando Paulo aparecera na janela e olhara para ele. Quem seria aquele? Será que desconfiara de algo? Só podia ser o pai do doutorzinho. Precisava tomar cuidado. Se ele percebesse alguma coisa, poderia até chamar a polícia. Pensando bem, e daí? Não devia nada a ninguém e não estava fazendo nada de errado. Bem, devia a Selena, mas ela não estava ali para reclamar.

Tomaria cuidado, mas não desistiria de seu intento. Além do mais, a semana já estava chegando ao fim e, se Fabrício não aparecesse, teria que colocar em prática a outra parte de seu plano.

## CAPÍTULO 31

Adriano, já mais refeito, agora limpo e medicado, caminhava pela colônia Lar da Luz Divina em companhia de Cissa.

– Como se sente? – perguntou a moça, interessada.  
– Melhor. Meus sentimentos, embora confusos, já não destilam mais ódio ou revolta.

– Ficou feliz em ouvir isso. Será que se sente em condições de passar por uma sessão de terapia?

– Que terapia?

– Terapia de vidas passadas. Já ouviu falar?

– Não.

– Na Terra, ainda não é comum. Raríssimas pessoas praticam esse processo. Mas aqui, é bem corriqueiro.

– Em que consiste?

– É simples. Em rememorar o passado.

– Mas que passado? Lembro-me de tudo perfeitamente.

– Não me refiro a esse passado.

– Não? Fala de outras vidas, outras encarnações?

– Hum, hum. Ismael acha que chegou o momento de você ter contato com algumas verdades – ele fez uma cara de surpresa, e ela continuou: – Então? O que me diz? Gostaria de rever sua vida passada?

– Não sei, Cissa. Tenho medo. E se descobrir algo que não queira ver?

– Você é quem sabe. Não queremos forçá-lo a nada. Se não se sente apto, não insistiremos e aguardaremos até que você ache que está pronto. Quem decide isso é você. Trata-se da sua vida.

Adriano ficou pensando no que ela lhe dissera. Se, por um lado, tinha medo de descobrir o que seu coração tentava a todo instante lhe contar, por outro lado, sentia que se libertaria daquele sofrimento que tanto o atormentava.

– Está certo, Cissa. Convenceu-me. Quero experimentar essa tal terapia.

Ela sorriu e o abraçou, acrescentando com bom humor:

– Muito bem. Vamos lá então?

Partiram juntos e foram procurar Ismael, que já os aguardava. Sabia que Adriano acabaria por concordar. Quando eles chegaram, Ismael conduziu-os até uma sala ampla, iluminada por uma luz azul reconfortante. Parecia uma sala de cinema, com uma tela imensa ao fundo e algumas poltronas.

Adriano acomodou-se onde quis, e Ismael e Cissa sentaram-se na fileira logo atrás. Em seguida, seu avô começou a falar:

– Muito bem, Adriano. Sinta-se totalmente relaxado e deixe fluir o que lhe vier à mente. Gosta de cinema?

– Gosto.

No mesmo instante, uma luz se acendeu na tela, e Adriano olhou admirado. Viu-se ainda criança, sentado entre o pai e o irmão, a mãe ao lado de Fabrício, assistindo *O Mágico de Oz* no cinema.

– Lembra-se do prazer que lhe causou essa fita?

– Sim. Gostamos tanto, Fabrício e eu, que papai e mamãe foram obrigados a assistir duas sessões seguidas.

– Você e seu irmão não eram assim tão diferentes, eram? Houve um tempo em que foram felizes.

Adriano mordeu os lábios e respondeu hesitante:

– Sim... Nós éramos crianças... não sabíamos nada do mundo. Creio que nossos sentimentos deviam ser mais genuínos, porque ainda não estavam limitados e distorcidos pelas armadilhas da vida.

– Mas a vida não nos cria armadilhas, Adriano. Nós é que tentamos enredá-la. Só que não conseguimos.

– Não sei. Se você diz...

– Por isso, quero que você agora pense em sua vida. Na sua, de Fabrício e de seus pais. Pense nos momentos felizes que passaram juntos e deixe sua mente voar até eles.

Instantaneamente, Adriano se lembrou de seu décimo aniversário, quando ganhara um auto-rama imenso. Lembrou-se da alegria que partilhara com o irmão e os pais, apostando corrida com um carrinho vermelho e outro azul. A cena apareceu na tela, e Adriano sorriu.

– De quem é o carrinho azul? – indagou Ismael.

– É meu.

– Pois então, quero que se concentre nele. Concentre-se nesse azul e na alegria que sentiu nesse momento. Sinta os seus batimentos cardíacos impulsionando a felicidade por todo o seu corpo. Pode sentir isso?

– Sim...

– Ótimo. Agora, quero que imagine apenas o carrinho azul. Somente ele está correndo na pista do auto-rama.

Na tela, o carro vermelho sumiu, e apenas o azul corria de um lado para outro, fazendo as curvas, subindo e descendo as pequenas elevações que havia na pista.

– Muito bem, Adriano. Agora imagine que esse carrinho azul já não é mais um carrinho, mas um avião. Pode fazer isso?

– Posso.

O carrinho azul imediatamente se transformou num avião também azul, que se ergueu da pista do auto-rama e alçou vôo pelo céu.

– Excelente, Adriano. Está indo muito bem. Você está dentro desse avião. Pode se ver dentro dele?

– Sim.

– O que vê da janela do avião, Adriano?

– Vejo o céu azul.

– Concentre-se nesse céu azul. Não há nuvens, apenas o azul. Percebe o azul ao seu redor?

– Percebo.

– O avião agora se desmanchou, confundindo-se com o céu, e você está em contato direto com o azul desse céu. Sinta-se flutuando nele, envolvido por ele, bebendo-o. Sinta-o atingindo sua mente e libertando-a, envolvendo-a com suavidade. Você agora não percebe mais o avião. É parte da sutileza do astral. Pode sentir isso?

– Posso.

Adriano estava em transe. Sentia uma indefinível sensação de prazer e bem-estar, e era como se a sua mente, tomada por aquela luminosidade azul, recebesse cargas de emoção, e a razão aos poucos foi diminuindo e se desarmando, dando lugar a um sentimento mais verdadeiro.

– Muito bem, Adriano. Você agora se encontra despido de qualquer sombra de razão. Seu ser vibra apenas as emoções, e o vazio, a escuridão de seu

passado vão ganhar colorido e vida, e você será capaz de reviver todas as experiências necessárias ao seu crescimento nesse momento. Está pronto?

– Estou.

No mesmo instante, Adriano começou a projetar na tela imagens até então desconhecidas – ou esquecidas. De olhos semi-cerrados, via e ouvia tudo o que se passava.

De onde estava, o menino podia ouvir as patas dos cavalos estalando no chão de cascalho. Levantou os olhos assustado e viu os homens se aproximando. Tentou fugir, mas os homens foram mais rápidos e o alcançaram em poucos instantes.

– Venha cá, seu pestinha! – gritou um dos homens, erguendo-o pela cinta.

– Solte-me! Largue-me!

– Você vai voltar para casa agora mesmo. Onde já se viu fugir assim? Sua mãe já está quase louca.

O menino era pequeno, não devia ter mais do que sete ou oito anos, e foi facilmente dominado. O homem acomodou-o em seu colo e, enlaçando-lhe a cintura, partiu com ele para casa.

– Não sei por que o patrão gosta tanto de você. É apenas o filho de uma criada...

O menino ficou calado. Desde que soubera que a mãe havia engravidado, pensara em fugir. Por mais que ela lhe explicasse que teria um irmãozinho ou uma irmãzinha para brincar, não conseguia aceitar a idéia. Ele era o queridinho da casa, e até os patrões gostavam dele.

Quando os soldados chegaram com Luigi, a mãe se jogou ao chão, agradecendo a Deus por haver atendido a suas preces. Apanhou-o no colo, apertou-o e beijou suas bochechas.

– Seu danadinho travesso – desabafou. – Nunca mais faça isso comigo.

Estava ainda com o menino no colo quando a senhora entrou. A criada colocou-o no chão gentilmente, fez uma mesura e falou de olhos baixos:

– Senhora...

– Levante-se, Antônia, quero falar com você.

Antônia se levantou e fez sinal para outra criada, que levou Luigi para dentro.

– Luigi está bem? Não se machucou?

– Não, senhora. Ele está bem.

– E como vai o bebê? – indagou ela, alisando o ventre de Antônia.

A criada fez um imperceptível ar de desagrado, mas respondeu humilde:

– Bem, senhora.

– Ótimo. É sobre isso que gostaria de falar-lhe. Venha comigo.

Antônia foi seguindo-a pelo corredor, até que alcançaram um aposento mais afastado da mansão e entraram. Lá dentro, sentado a uma escrivaninha sóbria e austera, seu senhor as aguardava.

– Meu senhor – fez ela com ar servil.

– Sente-se, Antônia – ordenou o homem. – Vamos conversar.

Desajeitadamente, Antônia sentou-se diante dele. Sua senhora se acomodou ao lado do marido, que lhe sorriu e continuou:

– Como sabe, Antônia, Isabela perdeu o bebê há pouco mais de um mês...

– Sei, senhor, e lamento.

– Sabe também que a criança que carrega no ventre é filha de meu irmão Bruno.

Ela ergueu o rosto, espantada. Como é que ele descobrira isso?

– Senhor, eu... está enganado...

– Não, Antônia, não estou. Ele me contou antes de morrer.

– Luigi também é filho dele? – interrompeu Isabela.

– Não, senhora.

– Tem certeza?

– Tenho. Quando cheguei aqui, já estava grávida de Luigi e só conheci o senhor Bruno depois.

– Muito bem – prosseguiu o homem. – O que tenho a lhe dizer é o seguinte: quero que me entregue a criança ao nascer. Em troca, dar-lhe-emos uma boa soma em dinheiro, para que possa recomeçar a sua vida com Luigi, em qualquer outro lugar.

– Estamos dispostos a criar Luigi também, se você permitir. Dar-lhe-íamos o mesmo tratamento dispensado ao filho de meu cunhado. – acrescentou Isabela. – Mas ele não é nosso sobrinho e não temos direito sobre ele.

Antônia começou a chorar. Não queria separar-se dos filhos, mas tinha medo do que aquela gente rica e poderosa poderia fazer.

– Senhor – protestou humildemente –, não posso separar-me de meus filhos. De nenhum dos dois.

– Pense bem, Antônia. Estará lhes roubando a chance de um futuro brilhante. O que você tem a lhes oferecer?

– Amor.

– Amor não enche barriga de ninguém – cortou ele rispidamente. – Só das mulheres tolas.

– Por favor, Raffaele – ponderou Isabela –, tenha calma.

– Senhora – acrescentou Antônia. – Sei que deve estar sofrendo a perda de seu bebê. Mas Deus é bom e justo, e tenho certeza de que lhe mandará outros filhos.

– Deus me castigou, Antônia. Jamais poderei ter outros filhos.

De olhos baixos, sem ousar encará-los, Antônia voltou a chorar, e Raffaele, impaciente, continuou:

– Escute, Antônia, não seja tola. Irei tomar-lhe a criança de qualquer jeito. Se é minha sobrinha, tenho meus direitos. Você não terá direito nenhum.

– Por favor, senhor, não faça isso. Não me tire meu filho.

– Antônia, ouça – tentou Isabela em tom mais conciliador. – Se não quer separar-se dos dois, entendemos. Sugerimos criar Luigi também porque gostamos dele. Nós o vimos nascer e nos acostumamos a suas travessuras. Mas, se vai ser muito doloroso para você, não faremos questão de ficar com ele. Afinal, não tem o nosso sangue. Mas com esse aí que carrega no ventre, nós ficaremos. Não tenha dúvida.

Antônia chorava descontrolada.

– Não pode me obrigar, senhora. Sei que sou pobre e ignorante. Mas o filho é meu, e ninguém pode tirá-lo de mim. A lei há de estar do meu lado.

– Insolente! – esbravejou Raffaele. – Quem pensa que é para nos afrontar assim dessa maneira?

– Não sou ninguém, senhor, e desculpe-me o atrevimento. Sou apenas mãe e não posso admitir que me tirem os meus filhos. E agora, se me dão licença, vou aprontar as minhas coisas e as de Luigi. Partiremos daqui agora mesmo.

Mais que depressa, Antônia tomou o caminho de volta. Foi ao alojamento dos criados, onde vivia com o filho, estendeu um lençol sobre a cama e nele

colocou as poucas roupas que ela e o filho possuíam. Apanhou tudo, despediu-se do resto da criadagem e foi buscar Luigi, que se divertia atirando pedrinhas no lago atrás da casa.

- Venha, Luigi – chamou ela, puxando-o pela mão.
- Para onde vamos?
- Embora.
- Por quê? Gosto daqui, mamãe. Não quero partir.
- Venha, Luigi, não faça perguntas.

Saiu arrastando o menino. Os criados, sem entender, ficaram vendo-a se afastar, imaginando que ela deveria ter feito algo muito grave para sair assim, quase fugida.

Isabela e Raffaele, por sua vez, estavam estarelecidos. Jamais poderiam esperar uma reação daquelas.

– Precisamos impedi-la, Raffaele! – esbravejou Isabela, vertendo lágrimas de ódio.

- O que posso fazer?
- Não sei. Mas descubra um jeito de trazer a criança de volta. Antônia não pode sumir assim com o nosso sobrinho. Ele tem o seu sangue.
- Mas como vamos provar?
- Não precisamos provar nada, Raffaele. Você é rico e poderoso. Não lhe será difícil conseguir alguém que faça o serviço para nós.
- Mas Isabela, é perigoso. E se alguém descobrir?
- Se você comprar as pessoas certas, ninguém jamais ficará sabendo.

No dia seguinte, Raffaele saiu em busca de um homem de quem ouvira falar. Era um malfeitor, mas serviria bem aos seus propósitos.

– O que quer, cavalheiro? – perguntou o homem, olhando-o desconfiado.

- Um serviço. Disseram-me que é muito bom no que faz.
- Modéstia à parte, sou mesmo. E então? Do que se trata?
- De uma criança. Quero que a roube para mim.
- Uma criança? Entendo. Onde ela está?
- Não sei. Trata-se do filho de meu irmão com uma criada, que ainda não nasceu. Ela fugiu de minha casa, com medo de que lhe tomássemos a criança.
- Entendo. E o senhor quer que primeiro eu descubra o paradeiro da mulher?

- Sim.
- Vai custar caro.
- Estou disposto a pagar.
- Quer que dê cabo da vida dela?
- Não! Basta que lhe roube a criança, sem que ela o veja. Mas cuidado, não vá machucar o outro menino.

– Pode deixar senhor. Farei tudo direitinho.

De volta à sua casa, Raffaele foi interpelado pela esposa, que o aguardava ansiosamente:

- E então? Como foi?
- Deu tudo certo. O homem cobrou uma fortuna, mas vai valer a pena.
- E Antônia? O que fará a ela?
- Nada. Mandeí-o apenas apanhar a criança.

Máximo, o malfeitor, logo descobriu o paradeiro de Antônia. Ela estava vivendo em uma cidade vizinha, fazendo pequenas costuras para sobreviver, enquanto

Luigi a auxiliava com alguns trocados que conseguia carregando embrulhos pesados para as madames.

Em casa, o menino não se conformava. Dia após dia, só pensava em fugir. Mas era pequeno e não sabia que direção tomar. Com o passar do tempo, foi assistindo o ventre da mãe se avolumar cada vez mais, até que ela não pôde mais trabalhar.

Seu irmão nasceu em meio à dura pobreza. Antônia foi auxiliada no parto pelas mulheres da vizinhança, sempre solidárias e dispostas a ajudar. Máximo, que vivia a vigiar a casa de Antônia, deduziu, pelo rebuliço, que a criança havia nascido. Ao ver Luigi passar correndo e chorando por ele, segurou-o pelo braço e indagou:

- O que foi que houve, menino?
- Nada não. Foi minha mãe que deu à luz.

Soltou-o e sorriu satisfeito. Resolveu esperar alguns dias. Ao final de uma semana, achou que já era hora de agir. Durante a noite, invadiu a casa em que Antônia vivia com os filhos. Ela dormia tranqüilamente, com Luigi a seu lado e o bebê num bercinho velho, perto da porta.

Ao colocar a mão no bebê, ele soltou um gemido bem baixinho, que Antônia não escutou. Mas Luigi, sim. O menino abriu os olhos e ergueu o corpo, assustando-se com Máximo ao lado do berço. Pensou em gritar, mas algo o paralisou. Reconheceu o homem que o havia interpelado na rua e ficou olhando. Máximo fez-lhe sinal para que ficasse quieto e retirou o pequenino do berço. Apesar de assustado, Luigi guardou silêncio. Deitou-se na cama novamente, virou-se para o lado e tornou a dormir.

No dia seguinte, foi despertado por um grito lancinante. A mãe, dando pelo sumiço do filho, berrava feito louca:

- Meu filho! Meu filho! Oh! meu Deus, roubaram meu filho!

Foi um alvoroço. A rua inteira acorreu. Chamaram o inspetor da guarda, que tomou notas e prometeu investigar. Antônia contou-lhe sobre seus antigos patrões, que moravam numa cidade vizinha, e os guardas foram até lá investigar.

Raffaele recebeu-os com fria tolerância. Negou qualquer participação no fato. Se quisessem, podiam até revistar a casa, mas não encontrariam nada. Antônia fora uma tola. Recusara sua ajuda e agora via-se naquela situação. Era uma relaxada, descuidada, irresponsável. Na certa, algum bêbado lhe roubara o filho.

A criança fora cuidadosamente escondida em sua casa de campo e permanecia sob os cuidados de uma criada de confiança.

Antônia não se conformou. As buscas, em breve cessaram, e o inspetor encerrou o caso sem solução. Ela desesperou. Tinha certeza de que alguém roubara seu filho a mando dos antigos patrões.

Certa manhã, passou a mão em Luigi e partiu com ele para a casa de Raffaele e Isabela. Bateu à porta com estrondo, mas o mordomo, alertado pelo patrão, não lhe permitiu a entrada. Antônia, completamente fora de si, começou a esmurrar a porta, gritando feito louca:

- Seus vermes! Malditos! Devolvam-me meu filho! Quero meu filho de volta! Ladrões! Bandidos! Devolvam-me meu filho!

Raffaele deu ordens para que os criados expulsassem aquela louca dali. Mas Luigi, vendo-se na casa dos patrões a quem tanto admirava, não quis partir. Para surpresa de Antônia, ficou parado ao lado do portão, assistindo passivamente os homens de Raffaele colocarem-na para fora.

Jogaram-na no meio da rua e trancaram o portão. Caída na calçada, Antônia fitou Luigi com profundo desgosto e gritou:

- Esperem! Luigi! Venha, Luigi! Venha com sua mãe!

Mas Luigi não respondia. Olhou para a mãe e para a mansão, e percebeu Isabela oculta atrás da cortina. Depois de alguns instantes de dúvida, virou as costas para a mãe e correu em direção à casa, gritando para Isabela:

– Senhora Isabela! Senhora Isabela! Por favor, deixe-me ficar!

A porta se abriu e Luigi entrou, para desespero de Antônia. Do lado de fora, só o que ela conseguia era chorar.

– Não! Não! – gemia ela. – Meus filhos não! Por que me roubam meus filhos? Luigi! Por que abandonou sua mãe, meu filho? Por quê? Oh! meu Deus, ajude-me! Perdi os meus filhos!

Pouco depois, a guarda chegou e enxotou-a dali. Vencida e humilhada, Antônia voltou para casa. Sabia que a luta era desigual, mas não podia se conformar. Tinha que haver um jeito de reaver os seus filhos.

Antônia não sabia o quanto estava enganada. Isabela, temendo a reação da criada, foi sozinha procurar Máximo. Levou-lhe muito dinheiro e incumbiu-o de uma missão especial.

– Quer que acabe com ela? – indagou ele.

– Sim. O mais rápido possível.

– Mas seu marido não queria.

– Meu marido não pode saber. Isso é por minha conta e ficará somente entre nós.

– Está certo, dona. A senhora é quem sabe.

Máximo apanhou o dinheiro, e Isabela foi embora, recomendando-lhe que jamais dissesse que a conhecia.

No dia seguinte, ao cair da madrugada, começou a agir. Quando todos dormiam, ateou fogo na casa de Antônia. As labaredas logo consumiram as paredes de madeira, mas Antônia ainda conseguiu ser tirada com vida das chamas. No entanto, a enorme quantidade de fumaça que respirara invadiu os seus pulmões, e ela morreu asfixiada, antes mesmo de chegar ao hospital.

A notícia logo chegou à mansão de Isabela. Embora desconfiado, Raffaele não disse nada. Tinha medo até de perguntar. Um mês depois, quando tudo havia se acalmado, mandou buscar a criança em sua casa de campo e disse a todos que havia descoberto o paradeiro do filho de Antônia e que pretendia criá-lo. A ele e a Luigi. Era o mínimo que podia fazer, depois de todo o sofrimento da moça. Deram-lhe o nome de Giovanni e o registraram como filho, e Gianni, como desde então passou a ser chamado, tornou-se o novo e legítimo herdeiro de Raffaele.

## CAPÍTULO 32

O tempo foi passando, e os dois meninos foram criados juntos, sem que houvesse qualquer distinção entre eles. Estudaram nas melhores escolas, ganhavam os brinquedos mais caros, as roupas mais bonitas. Isabela e Raffaele se esmeravam em fazer-lhes todas as vontades. Cobriam-nos de atenção e carinho, como se realmente fossem seus filhos.

Quando Luigi alcançou a idade de quatorze anos, sentiu que seu mundo ia desabar. Apesar de usar o nome de seus pais, Michaeli, descobriu que não havia sido registrado como seu filho. Vira, por acaso, seu registro de nascimento dentro da gaveta de seu pai. Na verdade, em sua certidão constava ainda o nome de sua mãe, e somente o dela. Nem sabia quem havia sido seu verdadeiro pai. Decepcionado, foi procurar Raffaele, pedindo-lhe explicações.

– Papai – começou ele a dizer –, pensei que me considerasse como filho.

Raffaele encarou-o, tentando entender o que dizia, e retrucou:

– É claro que o considero, Luigi. Por quê?

– Porque descobri que não sou registrado como seu filho e de Isabela...

Desconcertado, Raffaele deu um salto da cadeira em que se encontrava sentado. Apesar de gostar muito do menino, ele não era seu sangue, e não seria justo com Gianni partilhar seu nome e sua fortuna com o meio-irmão.

– Meu filho – começou ele a dizer. – Não se preocupe com isso. Sua mãe e eu o amamos tanto quanto a Gianni. No entanto, ele é meu sobrinho...

– Já entendi – cortou Luigi rispidamente. – Ele é seu sobrinho e eu não sou nada, não é? Sou apenas um enjeitado, que o senhor e sua esposa acolheram por piedade.

– Não se trata disso, meu filho. Trata-se dos laços de sangue.

– Por que ainda me chama de filho? Bem se vê que não me considera assim.

– Não é isso, Luigi, já lhe disse. Considerá-lo como filho, eu o considero. Mas você não é meu parente de verdade.

– E Gianni é.

– Sim, é. Mas isso não faz a menor diferença.

– Só que eu não terei direito algum sobre sua herança.

– É isso o que o preocupa?

– Também... – hesitou ele.

– Pois não precisa. Não vou deixá-lo desamparado. Ao contrário, deixar-lhe-ei bens e uma boa renda que o sustente pelo resto de sua vida.

– E o nome?

– Infelizmente, meu filho, não poderei dar-lhe meu nome. Meus pais também jamais concordariam. Afinal, você não é um verdadeiro Michaeli. Não tem o nosso sangue.

Luigi jamais poderia descrever a raiva e a frustração que sentira naquele momento. Fora enganado pelas únicas pessoas a quem considerava em sua vida. E tudo isso por quê? Porque seu irmão tivera a sorte de ter um Michaeli como pai. Porque sua mãe escolhera se deitar com um Michaeli para concebê-lo, ao passo que ele havia sido gerado por um desconhecido ignorado.

Desde esse dia, Luigi nunca mais tocou no assunto. Mas não se esquecia. Jamais poderia se esquecer de que Gianni representava um entrave à sua sorte. Não fosse por ele, talvez Raffaele o adotasse de verdade.

Entretanto, por mais que se revoltasse, preferiu calar o seu ódio. Se dissesse algo, bem poderia ser mandado embora. Mas ele não queria partir. Silenciara quando o irmão fora roubado na esperança de que ele também fosse acolhido naquela casa. Abandonara a mãe para poder viver naquela casa. E agora engoliria tudo para continuar a viver naquela casa. Engoliria, mas não se conformaria.

Quando Isabela morreu, vítima da febre amarela, Raffaele não se conformou. Estava acostumado aos cuidados de uma mulher e logo pensou em arranjar uma nova esposa. Os rapazes já estavam adultos e não precisavam mais de mãe. Mas ele precisava de uma mulher.

Foi nessa época que Gianni conheceu uma jovem de nome Paola e se interessou por ela. Vira-a apenas uma vez, em uma festa, mas não pôde se aproximar, porque o pai, um comerciante de peles muito rígido e severo, não permitia que ninguém se aproximasse da filha. Guardava-a para o marido que ele considerasse ideal.

Gianni buscava um jeito de se aproximar. Via em seus olhos que ela o correspondia. Mas o pai não a deixava sozinha um minuto sequer, e Gianni não tinha oportunidade de falar com ela. Pensou em escrever-lhe uma carta, mas como faria para que chegasse às suas mãos?

– Não sei mais o que fazer – queixou-se ele a Luigi, certo dia. – Gostaria de me aproximar de Paola, conhecê-la melhor.

– Sabe que o pai dela não permitirá.

– E se papai falar com ele?

– É sério assim?

– Estou muito apaixonado.

– E ela?

– Não sei. Mas acho que também está.

– Como é que sabe?

– Pelo jeito como me olha. Toda vez que a vejo na janela, nossos olhares se cruzam, e eu sei que eles falam de amor.

Luigi sentiu uma pontada de ódio no peito. Como é que o irmão podia pensar em ser feliz?

– Espere mais um pouco – disse ele, por fim, tentando não deixar transparecer a raiva que sentia. – Não vá falar com papai ainda.

– Por que não?

– Não se precipite. Não vai querer comprometê-lo à toa, vai?

Gianni pensou melhor. Embora estivesse certo de seus sentimentos, não queria tomar nenhuma atitude impensada. Era preciso primeiro ter certeza de que ela o amava também. Se o amasse, poderia pedir a ajuda do pai sem medo de estar dando um passo em falso.

Luigi precisava agir rápido. Um dia, Raffaele estava sentado na varanda quando ele se aproximou.

– Em que está pensando, pai? – perguntou ele com fingido interesse.

– Você sabe, meu filho. Busco uma nova esposa. Mas ainda não me decidi.

– Tem alguém em vista?

– Sim. A senhora Manoela de Alencar. Conhece-a? É uma espanhola viúva e muito rica.

– Conheço-a, papai. Mas não acha que já é um pouco velha?

– O que queria, meu filho? Na minha idade, é difícil arranjar mocinhas. E depois, ela não é tão velha assim. Deve ter lá os seus quarenta e cinco anos.

– Quase a sua idade. Mas o senhor ainda é um homem jovem. Devia procurar uma moça mais nova.

– Você acha?

– Acho sim.

– Mas não há ninguém em vista, meu filho. Todas as jovens casadouras da cidade já devem estar comprometidas. E depois, que pai irá querer casar sua filha com um homem maduro?

– Maduro e muito rico. Aposto que qualquer um o aceitaria como genro.

– Será?

– Tenho certeza.

– Hum... não sei não. Não tenho mais tempo nem idade para me aventurar nessas conquistas.

– Por que não deixa que eu cuide disso para o senhor?

– Você?

– Sim, eu.

– Por acaso conhece alguém disponível?

– Ora, papai, conheço muitas moças disponíveis. Mas há uma, em especial, que é perfeita para o senhor.

– É mesmo? Quem?

– Conhece o senhor Vitório Montoro?

– O comerciante de peles?

– Ele mesmo. Ouvi dizer que está à procura de um noivo para sua filha.

– E o que o faz pensar que ele me escolheria?

– O senhor é um homem muito rico e atraente. E o senhor Montoro é um homem extremamente ambicioso.

– Acha que a moça me aceitaria? Como se chama?

– Paola. O nome dela é Paola.

– É bonita?

– Muito bonita.

– Acha que me aceitaria?

– Talvez... Dizem que ela faz tudo o que o pai manda.

Raffaele se decidiu. No dia seguinte, vestiu-se com esmero, mandou encilhar seu cavalo e saiu. Já estava na porta quando encontrou Gianni, que vinha procurá-lo a fim de pedir sua intervenção junto ao pai de Paola.

– Agora não, meu filho. Estou com pressa.

– Aonde vai, papai?

– Depois, depois...

O pai saiu sem nem lhe dar atenção, e Luigi, que vinha chegando, respondeu por ele:

– Acho que papai encontrou uma nova esposa.

Gianni olhou-o admirado.

– Esposa? Quem é?

– Não sei.

– Mas ele não disse nada!

– Vamos esperar.

O senhor Vitório Montoro ficou remoendo a proposta que Raffaele lhe fizera. Ele era membro de uma das famílias mais ilustres e tradicionais de toda região, e não havia uma só moça que não sonhasse em se casar com um herdeiro Michaeli. Ainda mais com um homem rico feito Raffaele. Após alguns instantes, Vitório coçou o queixo, encarou-o com ar de cobiça e respondeu com ar solene:

– Muito bem, senhor Michaeli. O senhor me convenceu. Sua proposta é irrecusável, e estou certo de que minha filha se sentirá muito honrada com o seu pedido.

– Quando é que posso vê-la?

– Amanhã. O senhor poderá vir jantar em minha casa amanhã, e eu tratarei de apresentá-lo a Paola.

Ao voltar para casa, Raffaele fez suspense sobre seu novo romance. Não disse nada nem a Luigi, nem a Gianni. Queria dar-lhes a notícia quando tudo estivesse decidido. Tinha certeza de que ambos ficariam muito felizes.

No dia seguinte, Raffaele conheceu Paola e imediatamente se interessou por ela. Paola era realmente muito bonita, e seria difícil não a desejar. Embora contrariada, a moça não disse nada. Quando o pai lhe falara que o senhor Michaeli a pedira em casamento, ficara toda feliz, achando que o pedido partira do filho, Gianni. Mas agora, vendo o pai ali na sua frente, chegou à conclusão de que se enganara com o rapaz. Pensara ter lido em seus olhos um brilho de amor, mas fora ilusão. Gianni não estava interessado nela.

Decepcionada, resolveu aceitar. E depois, de que adiantaria recusar? O pai, na certa, a obrigaria, e ela acabaria se casando de qualquer jeito. Teria que conviver em sua casa, junto com ele, o que poderia ser extremamente difícil e desagradável. Entretanto, o fato de saber que Gianni não a amava dar-lhe-ia forças para superar aquele amor, que não passara de uma tola paixão juvenil.

Na outra noite, marcou um jantar em sua casa, onde Vitório iria com a filha, a fim de que conhecesse seus filhos. Luigi não cabia em si de contentamento, e Gianni estava curioso para saber quem seria a nova esposa do pai.

– Sabe quem é ela? – indagou a Luigi.

– Não faço a menor idéia.

– Quem será?

Quando Paola adentrou o salão de sua casa pelo braço do pai, Gianni pensou que iria desmaiar. Fitou-a com profundo desgosto, mas não disse nada. O que poderia dizer? Paola, por sua vez, nem ousava levantar os olhos. De que adiantaria encarar o homem que a rejeitara tão friamente?

Casaram-se um mês depois, e Gianni jurou a si mesmo que jamais lhe falaria sobre seu amor. No princípio do casamento, tudo transcorreu normalmente. Paola não era propriamente infeliz, mas o convívio com Gianni só fez aumentar o seu amor por ele, e o rapaz também não conseguia evitar de amá-la cada vez mais.

Ao final do primeiro ano, tudo parecia bem. Embora Raffaele não a amasse, tratava-a com respeito e consideração. Gostava dela. Paola era bonita, obediente e cortês, e isso era tanto quanto lhe bastava. Sabia que ela também não o amava, mas isso não o incomodava. Não precisava de amor para viver.

Apesar do sentimento que os unia, nem Gianni, nem Paola ousavam tocar naquele assunto. Tinham medo até de se olhar. Ao contrário do esperado, a presença de Gianni a desconcertava sobremaneira, e Gianni também se sentia pouco à vontade quando em sua companhia.

Por isso, evitavam ficar sozinhos juntos. Sentiam que o amor ia aumentando a cada dia, e o medo também. Tinham medo de se olhar, de pensar, de

sentir. Desejavam-se em silêncio, e Gianni chegava a tirar sangue dos lábios ao imaginá-la nos braços do pai.

Luigi era o único que percebia o que estava acontecendo e se felicitava pelo trunfo que tinha nas mãos. Pouco depois, conheceu uma moça, de nome Nicole, e ambos se apaixonaram. Luigi já contava trinta e quatro anos e já estava passando da hora de se casar. Casou-se com Nicole, mas a moça, embora não fosse pobre, não era herdeira de nenhum título ou fortuna. Era apenas filha de um médio funcionário público.

Casou-se, mas exigiu que fossem morar em casa de seus pais. Raffaele não se opôs. Gostava de Luigi e ficou feliz em tê-lo por perto.

– Não se preocupe, meu filho – disse Raffaele, logo após a noite de núpcias. – Você e Nicole não ficarão desamparados.

Gianni não se casara. Não conseguia se apaixonar por ninguém. Formara-se em medicina e ocupava seu tempo atendendo às crianças enfermas do hospital local. Luigi, embora fosse formado em direito, preferia ficar em casa sem fazer nada, apenas usufruindo do dinheiro que seu pai ganhava com as terras que possuía no interior.

Nicole e Paola logo se tornaram amigas. Tinham quase a mesma idade, e a afinidade entre ambas surgiu espontânea e natural. Passavam as tardes juntas, lendo, passeando, fazendo compras. Tornaram-se amigas e confidentes.

Um dia, surgiu a ocasião que Luigi tanto esperava. O pai estava tendo problemas em uma de suas fazendas. Uma pequena rebelião dos colonos, irritados com o preço que Raffaele lhes cobrava pelo uso da terra.

– Fique tranqüila – disse a Paola. – Em duas semanas, no máximo, estarei de volta.

– Quer que o acompanhe, pai? – indagou Gianni.

– Seria bom...

– Não, papai – cortou Luigi. – Deixe que eu vá. Gosto desses assuntos. Afinal, sou advogado, lembra-se?

Raffaele sorriu complacente e permitiu que ele o acompanhasse, recomendando a Gianni que tomasse conta de tudo.

– Não se preocupe, pai. E você também, Luigi. Tomarei conta das moças.

Depois que eles se foram, Gianni procurou ainda mais evitar a companhia de Paola. Só ficava junto dela às refeições e quando Nicole estava presente. Mas Nicole, orientada pelo marido, tratou de ajudá-lo. Gostava muito de Paola, mas sabia de que dependia o seu futuro financeiro: da traição de Paola e Gianni.

Foi ao quarto de Paola à noite, quando ela se preparava para dormir.

– Já vai se deitar? – perguntou ela de forma dissimulada.

– Já – respondeu Paola, sem de nada desconfiar. – Estou com muito sono.

– Por que não aproveita que nossos maridos saíram...

– Como assim? – cortou Paola ríspidamente. – O que está insinuando, Nicole?

– Eu? Nada. Mas penso como deve ser horrível não poder se entregar ao homem que se ama.

Paola começou a chorar. Realmente, não suportava mais.

– Não chore, querida. Posso ajudá-la.

– Ajudar-me? Como?

– Não gostaria de ter Gianni ao menos por uma noite?

Paola considerou. Era o que mais queria. Mas era uma mulher honesta e não estava acostumada a mentir.

- E Raffaele? – tornou insegura.
- Ele não precisa saber.
- Mas Nicole, não seria direito.
- E o que é direito? Ficar casada com um homem a quem não ama? –

Paola não respondeu. – Seu marido a enganou. Luigi me disse que pediu a ele que falasse com seu pai.

- O quê? Como... como assim?
- Não sabe? – a outra meneou a cabeça. – Pois Gianni comentou com

Luigi que estava pensando em pedir ao senhor Raffaele que fosse falar com seu pai, para lhe pedir permissão para cortejá-la. Como Luigi é muito amigo do irmão, adiantou-se e foi falar com o pai. Queria fazer-lhe uma surpresa. Só que o senhor Raffaele teve outra idéia. Resolveu pedi-la para si próprio. Não foi uma traição?

Paola fitou-a indignada.

- Gianni nunca me contou...
- Ele não sabe disso. Luigi também nunca lhe disse. Tem medo de que ele fique contra o pai, o que não seria direito. Mas Gianni não consegue mais conter seus sentimentos. Ele a ama imensamente e está prestes a ir embora.
- Ir embora? Como assim?
- Ele disse a Luigi que pensa deixar esta casa. Já não suporta mais.

Arde de desejo por você.

- Oh! Nicole...
- Pois é. Gianni confidenciou a Luigi que sonha, um dia, poder tê-la em seus braços...

Paola derramava um pranto sentido, quase angustiado.

- Oh! Nicole, ajude-me! Não deixe que ele parta. Eu não suportaria.
- Não posso impedi-lo. Só você pode.
- Eu? Mas como?
- Você sabe. Vá procurá-lo. Entregue-se a ele.
- Mas isso não seria direito! Sou uma mulher casada.
- E o que é direito, Paola? Seu marido enganá-la e ao filho, só para

poder se casar com você? Se alguém aqui enganou alguém, não foram vocês. Foi o senhor Raffaele – Paola começou a ficar em dúvida, e Nicole continuou a incentivá-la. – Pense bem, Paola. Gianni a ama e está esperando por você.

- Está?
- Sim. Todas as noites ele fica deitado em sua cama, só esperando que você apareça. Como você nunca aparece, ele resolveu ir embora. Só vai esperar que o pai volte de viagem para partir.

- Não, Nicole. Não vou permitir!
- Pois então, faça algo. Depressa!
- E se Raffaele descobrir?
- Como vai descobrir? Você pretende contar?
- É claro que não.

– Pois eu também não. E Gianni, muito menos. Vamos, Paola, o que está esperando?

- Não sei...
- Deixe de ser boba. O que tem a perder? Ninguém nunca vai ficar sabendo. E depois, vai ser uma noite só. Quando o senhor Raffaele voltar, vocês não

terão mais chance de se ver. Quer perder a oportunidade de, ao menos uma vez em sua vida, estar nos braços do homem que ama?

Paola tomou sua decisão. O que Raffaele fizera ao filho fora uma indignidade. Roubara-lhe a amada e a chance de ser feliz. E depois, quem iria saber? Nicole não contaria nada a ninguém. O que tinha a perder?

Em silêncio, saiu pelo corredor às escuras, até que chegou à porta do quarto de Gianni. Abriu-a sem bater e aproximou-se da cama. Gianni dormia tranquilamente, e ela, tirando a camisola, deitou-se a seu lado e colou seu corpo ao dele. Assustado, ele abriu os olhos e murmurou:

– Hein? O que...

Não teve tempo de terminar. Coberta de desejo, Paola tocou seus lábios nos dele, calando sua boca com um beijo longo e apaixonado. Gianni, a princípio, pensou em a repelir. Mas a paixão falou mais alto, e ele se deixou envolver cada vez mais pelo seu corpo quente, pela sua tez macia, pelo ardor de suas carícias. Entregaram-se a um amor turbulento e apaixonado, liberando o desejo há tanto reprimido.

A partir desse dia, não puderam mais parar. Mesmo depois que Raffaele voltou, não conseguiram mais se conter. Quase todas as noites, depois que ele dormia, Paola se levantava e ia ao quarto de Gianni.

Certa noite, Luigi resolveu agir. Esperou até que Paola se levantasse e foi ao quarto do pai. Raffaele abriu os olhos, ainda sonolento, e indagou preocupado:

– Luigi? Aconteceu alguma coisa?

– Não sei, pai. Passei pelo quarto de Gianni e ouvi gemidos. Acho que ele não deve estar se sentindo bem.

Foi só quando levantou que notou que Paola não estava deitada ao seu lado. Raffaele olhou para o filho com imenso desgosto, só então percebendo tudo, e disparou pelo corredor, rumo ao quarto de Gianni. Atrás dele, Luigi dizia com fingida preocupação:

– Tenha calma, papai...

Não adiantou. Raffaele escancarou a porta do quarto e flagrou a mulher e o filho, nus nos braços um do outro, entre carícias e gemidos.

– Desgraçados! – esbravejou, correndo porta à fora e voltando segundos depois, trazendo uma pistola nas mãos.

– Papai, não! – gritou Luigi, dissimulando o nervosismo.

Raffaele deixou cair a arma no chão e olhou para o filho e a mulher, envoltos nos lençóis, sem nem ousar se mexer.

– Saiam daqui! – vociferou. – Saiam da minha casa agora, ou não responderei por mim!

Mais que depressa, Gianni levantou-se da cama e puxou Paola, vestindo-se apressadamente e saindo com ela o mais rápido que pôde.

O escândalo logo se espalhou. O pai de Paola quis matá-la. Xingou-a, humilhou-a, renegou-a. Não tinha mais filha. Como pudera desperdiçar assim a chance de aumentar sua fortuna, e ainda atirando seu nome na lama? Enchera-se de ódio da filha e de Gianni e quis matá-los. Só não conseguiu o seu intento porque Gianni e Paola se mudaram para outra cidade, bem distante dali.

Raffaele, por sua vez, renegou e deserdou Gianni, adotando Luigi e passando toda a sua fortuna para ele. Desde aquele dia, tomou-se de ódio pelo rapaz. Mesmo após desencarnar, não pôde perdoá-lo nem a Paola. Podia não a amar. Mas ela era sua esposa e lhe devia fidelidade.

Nicole e Luigi também não terminaram juntos. Com a morte de Raffaele, Luigi passou a beber e a desperdiçar toda a fortuna que o pai lhe deixara, e Nicole, arrependida, acabou por conhecer um pastor presbiteriano inglês, abandonando o marido para segui-lo. Luigi quase explodiu de tanto ódio e jurou vingança.

Quando Nicole abandonou sua casa, foi com o pastor para uma estalagem, de onde, no dia seguinte, partiriam para a Inglaterra. Ao cair da madrugada, Luigi se aproximou da carruagem do pastor e desparafusou-lhe as rodas.

Ao nascer do dia, Nicole e o pastor iniciaram viagem. Seguiam por uma estrada íngreme e sinuosa e, na descida, uma das rodas se soltou e a carruagem se desgovernou. O cocheiro ainda conseguiu pular antes que a carruagem caísse por um despenhadeiro, assim com Nicole, empurrada para fora pelas mãos do pastor. Mas este não teve tempo. Ao se preparar para saltar, a carruagem despencou penhasco abaixo, carregando consigo o pastor e se despedaçando contra as rochas. Sua morte foi instantânea.

A tela escureceu, e Adriano abriu os olhos, chorando baixinho. Fitou Ismael e Cissa, que chorava emocionada, enxugou os olhos e indagou:

– Por quê, Ismael? Por que teve que ser assim?

Ismael fitou-o penalizado e respondeu bondoso:

– São os nossos processos de amadurecimento, Adriano. São os caminhos que escolhemos para aprender a crescer.

– Mas é tudo tão doloroso...

– Infelizmente, ainda não conseguimos compreender que o caminho do amor é bem mais curto do que o da dor.

– É justo... Estou pagando pelos meus erros, não é mesmo?

– Não, Adriano, está crescendo. Ninguém paga nada no mundo, porque não devemos nada a ninguém. Devemos a nós mesmos. É a nós que devemos conta de nossos atos.

– Você diz que não estou pagando. No entanto, passei exatamente por aquilo que fiz outros passarem.

– Porque essa foi a maneira que você escolheu de aprender. Ninguém lhe disse que devia passar por isso nem que seria bom. Mas você achou necessário. Você optou porque acreditou que essa seria a única forma de entender. Poderia ter escolhido outros caminhos? Poderia. Desde que já tivesse consciência de que tudo poderia ter sido resolvido e transformado com amor. Como não consegui compreender pelo amor, optou pela via da dor. Foi o seu livre-arbítrio, Adriano, a sua concepção de justiça que atraiu para você os acontecimentos de que foi alvo.

– Eu sei... Agora compreendo. Eu... Luigi... fui mau, invejoso, ambicioso, egoísta, assassino...

– Foi humano, meu filho. Nem melhor, nem pior do que nenhum de nós aqui. Foi apenas humano e agiu de acordo com o que já estava preparado para entender e fazer. Não se culpe. Não culpe ninguém. Entenda tudo isso como parte da vida.

– Ismael... o que posso fazer para me modificar?

– Ajudar.

– A quem?

– Em primeiro lugar, a si mesmo. E é o que já está fazendo, desde que aceitou vir para cá e olhar para dentro de si mesmo.

– E depois?

– Depois, a seus semelhantes.

– Como poderei fazer isso?

– Quer começar pelo seu pai?

– Meu pai? Por quê?

– Ele vai passar por duras provas em breve. Não gostaria de estar a seu lado? Não para instigar-lhe o ódio, como vinha fazendo, mas para recebê-lo com amor.

Adriano fitou-o emocionado.

– Gostaria... Meu pai foi Raffaele, não foi?

– Sim, e sua mãe foi Antônia, que foi sua verdadeira mãe e de Fabrício.

Não disse que vocês já tinham sido irmãos de sangue?

– E Isabela?

– Isabela, sua mãe adotiva naquela vida, voltou como Helga – percebendo-lhe o ar de espanto, continuou: – Não se inquiete. A própria Helga virá conversar com você depois.

– Helga foi minha mãe adotiva? Aquela por quem destruí meu irmão?

Mas por que ela não me disse antes?

– Ela tentou. Você é que não quis ouvir, e ela soube respeitá-lo, ficando à espera de que você se lembrasse de tudo e a entendesse. Helga o ama muito, mas jamais tentou se impor a você.

Era verdade. Lembrou-se da primeira vez que a vira. Helga chamou-o para partir com ela, disse-lhe que lhe contaria tudo. Mas ele não quis. Estava com tanta raiva que só o que pôde foi sentir ainda mais raiva dela.

– E os outros? – indagou Adriano.

– Bem, Selena foi Paola, que sempre amou seu irmão, e Cassiano foi Vitório, seu ambicioso pai.

– E Clarinha foi Nicole, não foi?

– Hum, hum.

– E aquele pastor... era o juiz. Que Clarinha amava e eu matei!

– Lembre-se de que ninguém atrai para si aquilo que não merece.

– E você, Ismael? E vovó Inês? Onde entram nisso tudo?

– Sua avó não estava encarnada nessa época. Reencarnou depois, como filha de Paola e Gianni, ou Selena e Fabrício.

– Sério? E você?

– Eu? Não imagina?

– Não. Nem desconfio.

– Eu fui o verdadeiro pai de Gianni, Bruno, que morreu antes mesmo dele nascer.

– Meu Deus! É verdade! Mas essa história de reencarnação é mesmo o máximo...

– Por falar em Máximo, não se lembra dele?

– O malfeitor? Que seqüestrou Gianni e matou Antônia?

– Sim. Você não o conheceu nessa vida, mas ele foi o verdadeiro pai de Fabrício, que morreu na guerra, minutos antes de Helga.

– Não diga! E onde ele está?

– Gostaria de conhecê-lo?

– É claro que sim.

– Pois marcarei um encontro entre vocês.

– Helga estará presente?

– É claro. Ela o ama muito, embora você nunca soubesse disso.

No dia seguinte, Ismael foi buscar Adriano para uma entrevista com aquela que, um dia, também fora sua mãe. Ao se ver diante dela, foi como se todo

aquele drama lhe aflorasse, e Adriano via e revia a cena do dia em que Máximo tirara Gianni do berço ao lado da mãe.

Mal contendo a emoção, Adriano ajoelhou-se no chão diante de Helga e, segurando-lhe as mãos, implorava aos prantos:

– Oh! perdoe-me, perdoe-me! Eu não sabia quem era você.

Helga, com profundo carinho, alisou os seus cabelos e começou a falar, ainda com sotaque alemão:

– Não se torture, meu menino. Fui eu quem mais errou. Fui eu que insisti para que roubássemos Gianni e fui em quem pagou Máximo para matar sua mãe. Sou eu, Adriano, quem mais tem que pedir perdão.

– Minha mãe... Pobre Flávia. Como deve ter me odiado. Fui egoísta. Eu vi quando Máximo tirou Gianni do berço. Sabia que ele o estava roubando. E não disse nada. Fui conivente, não por medo, mas porque pensei que estaria me livrando de meu maior inimigo. Uma criança, um bebê! Como pude pensar que era meu inimigo?

– Mas era. Por isso nasceram irmãos.

– Éramos?

– Nada acontece ao acaso, Adriano. Você e Fabrício renascem juntos há muitas vidas, sempre na esperança de se amarem.

– Oh! e eu desperdicei tudo...

– Nada no mundo é desperdiçado. Assim como a carne morta volta para o seio da terra, também as nossas ações impensadas são reaproveitadas por nós mesmos, em forma de experiência. Nada no mundo acontece em vão.

Enquanto sentia as mãos de Helga sobre sua cabeça, Adriano foi se acalmando. Em dado momento, ouviu a voz de um homem, também com forte sotaque alemão, e só então se deu conta de que havia mais alguém com eles.

– Você é Máximo? – indagou Adriano.

– Sim. Nessa vida, fui Werther, marido de Helga e pai de Fabrício. Não sabe o quanto me arrependi depois pelo que fiz.

– O quanto nos arrependemos – completou Helga. – Por não podermos suportar a nossa culpa, foi que escolhemos nascer juntos, como marido e mulher, para termos Fabrício e o entregarmos a Flávia. Foi a maneira que encontramos de nos perdoarmos.

– O que, realmente, houve com vocês?

Helga inspirou profundamente e, tomando a palavra, começou a contar:

– Nós éramos judeus, e você pode imaginar o que significava para um judeu viver na Alemanha daqueles dias. Com a ascensão do Partido Nazista, muitos judeus foram presos e encaminhados aos campos de concentração. Naquele dia, Werther e eu estávamos fugindo... os soldados da SS estavam atrás de nós... – ela deixou escapar algumas lágrimas, tomou fôlego e prosseguiu: – Ouvimos falar que Hitler havia invadido a Polônia e decidimos tentar atravessar a fronteira. Queríamos fugir para a Suíça. Na estação, fomos detidos. Quando nos pararam, vimos que não teríamos saída. A um olhar de Werther, eu saí correndo, em disparada. Ele se colocou diante dos soldados para nos proteger, a mim e a Fabrício, quando levou um tiro, caindo fulminado, morto na mesma hora. Eu sabia que ele havia morrido e que eu seria a próxima. Mas precisava salvar o meu bebê. Corri o mais que pude, tentando me ocultar entre a multidão que aguardava na gare. Foi quando vi seus pais. Eles estavam um pouco mais afastados, e eu corri para eles. Implorei-lhes que salvassem a vida de meu filho. Após alguma hesitação, sua mãe tomou-o de meus braços. Apesar de triste por me separar dele, fiquei feliz porque ele teria uma chance de sobreviver. Eu não sabia quem eram seus pais nem para onde iriam, mas sabia que meu filho estaria a salvo com

eles. Minutos depois, os soldados me agarraram. Fui detida e levada a um campo de concentração. Dias depois, morria asfixiada na câmara de gás... – ela levou a mão à garganta. – Desculpe-me se não entro nesses detalhes. Ainda me é muito dolorosa essa lembrança.

Helga e Werther choravam e, com eles, Adriano também.

– Que coisa triste... – lamentou Adriano. – Nunca pude pensar no seu sofrimento.

– Nem nós – concordou Werther. – Antes de passarmos por isso, não tínhamos noção da dimensão do mal que havíamos feito a Fabrício e, principalmente, a Flávia.

– Mas por que tiveram que ser exterminados?

– Assim como você – respondeu Helga –, nós também ainda não estávamos prontos para aprender, senão pelo árduo e espinhoso caminho do sofrimento.

– Nós escolhemos passar por isso para compreendermos, de uma vez por todas, que a ninguém é dado tirar a vida de seu semelhante, seja por que motivo for. E só assim pudemos entender todo o sofrimento que causamos a Flávia.

– Sim... – acrescentou Adriano. – Sei bem do que estão falando.

– Mas não tem que ser assim. Nós podemos mudar isso. Podemos até mudar as nossas escolhas. Basta que acreditemos em nós mesmos, em nossa capacidade de conduzir e modificar o nosso destino.

– Mas nós ainda não alcançamos essa compreensão, não é mesmo?

– Não. A maioria de nós ainda acredita que é só através do sofrimento que iremos crescer. Não estou invalidando o sofrimento, porque ele nos ensina mesmo. Mas nós precisamos acreditar que podemos aprender de outras formas. O sofrimento não é essencial ao crescimento humano. Pode até ser útil e, às vezes, necessário, porque serve aos nossos propósitos. Mas é dispensável.

Com o coração tocado pelas palavras de Helga, Adriano se deixou ficar ao lado dela, chorando a dor do arrependimento. Por mais que lhe dissessem, sentia-se culpado por tudo. Precisava mudar, precisava transformar a sua culpa em algo mais produtivo.

Foi quando se lembrou do pai e do que Ismael lhe dissera. Que o pai precisaria dele. Ismael, captando-lhe os pensamentos, disse com ternura:

– Venha comigo. Precisamos nos preparar.

### **CAPÍTULO 33**

Embora não quisesse admitir, Bernardo tinha que reconhecer que sua filha fora curada no centro espírita. Ainda não entendera bem o que havia se passado, mas desde que aquele espírito se manifestou, dizendo ser Adriano, tudo começara a melhorar. Clarinha já não tinha mais aqueles enjôos nem desmaiava. Readquirira a cor saudável de outrora e retomara o gosto pela vida.

Não tinha como duvidar. Não pretendia freqüentar o lugar com regularidade, mas iria vez por outra. Em agradecimento, fizera generosa doação para as obras de caridade do centro. Seu Antônio aceitou de bom grado, afirmando-lhe que o dinheiro seria bem empregado em roupas e mantimentos, que doavam a famílias carentes.

Além disso, mandara rezar uma missa pela alma de Adriano. Seu Antônio também dissera que qualquer oração, seja de que religião for, ou mesmo de religião alguma, desde que sincera, é sempre muito útil. E ele estava sendo muito sincero ao demonstrar o seu agradecimento. Era sua forma de gratidão. O bem-estar de sua filha não tinha preço, e ele considerava até muito pouco tudo o que fizera em retribuição.

Conversaram até tarde naquela noite. Bernardo convidou Feliciano para jantar e nem viram a hora passar.

– Acho que lhe devo um pedido de desculpas, Feliciano.

– Ora, o que é isso, doutor Bernardo? Não foi nada. Sei o quanto é difícil para certas pessoas acreditar no mundo dos espíritos.

– Por favor, não me chame mais de doutor. Somos amigos.

– Fico muito feliz que me considere seu amigo.

Bernardo ficou durante alguns minutos refletindo, até que continuou:

– Tive muita pena de Adriano. Se soubesse que era possível para a alma sobreviver ao corpo, teria tentado algo antes para ajudá-lo.

– Tudo tem sua hora, meu caro. Adriano recebeu ajuda no momento em que precisou.

– E libertou nossa Clarinha – acrescentou Elizete.

– Não fale assim, mãe – repreendeu a moça. – Adriano não sabia o que fazia.

– Clarinha tem razão – concordou Feliciano. – Adriano agia mais por ignorância do que por vingança.

– Espero que agora esteja bem – disse Clarinha com sinceridade.

– Deve estar. No momento em que se manifestou no centro espírita, era porque já estava disposto a mudar. Ninguém gosta de sofrer.

– É verdade...

Conversaram até altas horas, e Feliciano esclareceu-os sobre muitas coisas relativas ao espiritismo, conquistando o respeito e a admiração de Bernardo e Elizete. Foi uma noite agradável, como há muito não tinham, e Bernardo se sentiu reconfortado e confiante. Sua filha era parte de um mundo que sempre lhe parecera cruel, mas estava aprendendo a reconhecer a beleza da divindade nas pequenas coisas da vida.

Quando Clarinha despertou no dia seguinte e olhou pela janela, o sol já ia alto, e ela se levantou indignada. Olhou o relógio na mesinha: dez para as dez. Dormira demais. Levantou-se apressada e correu para o banheiro. Escovou os dentes e tomou

um banho rápido, vestindo-se às pressas. Não teria tempo nem de se maquiar direito. Passou apenas um batom nos lábios, apanhou a bolsa e saiu correndo.

– Por que a pressa? – perguntou Elizete, vendo-a passar feito um furacão.

– Depois, mãe. Estou atrasada.

– Se vai trabalhar, pode esquecer. Hoje não tem expediente.

– Não? Como assim?

– Ligaram e avisaram que estão dedetizando a empresa.

– Hoje? Mas não me avisaram nada.

– Por isso é que ligaram. O serviço estava marcado para amanhã, mas teve que ser antecipado para hoje.

Clarinha voltou para a sala e desabou na poltrona.

– Puxa vida! Corri tanto à toa.

– Quem manda ser apressada?

– Não faz mal. Vou aproveitar o dia e fazer umas compras.

– Posso ir com você?

Clarinha fitou-a em dúvida. Ainda não havia contado à mãe que alugara o apartamento, que já o estava mobiliando e que agora pretendia sair para comprar alguns utensílios domésticos. Mas era chegada a hora. Ela e o pai tinham que saber.

– Mãe – começou ela cautelosamente –, há algo que gostaria de lhe contar.

– O que é?

– Bem, mãe, sabe que estou firme no meu emprego, não sabe?

– Sim... – respondeu ela hesitante.

– Não pense que vou acusá-la, a você e ao papai, de alguma coisa, porque não vou. O emprego é meu e eu o mantenho por minha capacidade.

– Sei disso, minha filha. E seu pai também.

– Fico feliz que agora pensem assim. Mas não é só isso.

– Não?

– Não. Sabe que gosto de ser independente.

– Você é uma moça muito independente, Clarinha.

– Por isso é que tomei uma decisão...

– Vai se casar com Otávio?

– Não. Aluguei um apartamento para mim. Vou morar sozinha.

– Como assim, morar sozinha? Pensei que você e Otávio estivessem namorando firme.

– E estamos. Só que não quero me casar agora. Quero primeiro experimentar a vida, ser dona do meu nariz. Se me casar, sairei da dependência de meu pai para a dependência de meu marido. E não é isso o que quero.

– Mas por quê? Toda mulher precisa se casar. E depois, você tem o seu emprego. Não precisa largá-lo.

– E não vou mesmo. Ainda que me casasse, não deixaria o emprego.

– Otávio sabe disso?

– Sabe e aprova.

– Se sabe e aprova, então não vejo por que não podem se casar.

– Porque eu não quero, mãe. Não agora.

Elizete considerou durante alguns minutos e retrucou contrariada:

– Não estou gostando nada dessa história, Clarinha. Trabalhar fora, tudo bem. Mas morar sozinha... Sabe-se lá o que pode acontecer.

– O que está querendo dizer, mãe?

– Quero dizer que você vai acabar se perdendo.  
Clarinha soltou uma gargalhada e retrucou bem humorada:  
– Mas que coisa mais cafona, mãe. Perder-me...  
– É sim, Clarinha. Por mais direita que seja, a ocasião acaba propiciando. Você sozinha num apartamento, em companhia de Otávio... não sei não.  
– Pare com isso, mãe, deixe de besteiras.  
– Vai acabar se entregando.  
– E daí, mãe? O que tem demais? Você sabe o quanto sou liberal.  
Elizete olhou-a desconfiada:  
– Você já... quero dizer... vocês já... você sabe.  
– Para falar a verdade, mãe, isso não é da sua conta. Mas, se quer mesmo saber, já sim. Otávio e eu nos amamos, e não vejo por que não possamos concretizar esse amor.  
– Clarinha! – tornou Elizete escandalizada. – O que seu pai vai dizer?  
– Por que tem que contar a ele?  
– Mas minha filha, isso não é direito.  
– Ouça, mamãe, não foi minha intenção chocá-la, mas foi você quem perguntou. Pare de me ver como uma menininha.  
– Sei que você não é mais nenhuma garotinha. Pensando bem, até já passou da idade de se casar.  
– Está vendo, mãe? Não é o que quero para mim. Casamento é consequência natural da vida, não projeto de vida.

Elizete fitou-a espantada. No fundo, admirava-a imensamente. A filha era uma mulher corajosa e decidida, e jamais deixaria que alguém lhe dissesse o que deveria fazer. De repente, sentiu imenso orgulho dela. Por que é que não deveria apoiá-la? Não estava feliz? Não se livrara daquele *obsessor* que a atormentava e que a deixava doente? Por que ela não tinha o direito de buscar a felicidade à sua maneira? Ela apanhou a mão da filha e, com um sorriso nos lábios, arrematou:

– Muito bem. Você pode ser uma moça experiente, mas não entende nada de casa. Deixe-me ajudá-la a escolher pratos, talheres, cortinas...

Clarinha respirou aliviada e sentiu uma enorme felicidade. Precisava do apoio de seus pais, principalmente, de sua mãe. Precisava saber que não tinha que abrir mão do amor de seus pais para viver a sua vida. Agora sabia. A mãe a amava de qualquer jeito, e isso era o mais importante. Era assim que tinha que ser.

Depois da conversa que tivera com a mãe, Fabrício sentira-se mais aliviado. Desabafar fizera-lhe muito bem. Agora sentia-se mais seguro, mais confiante, certo de que não fora um estorvo na vida de ninguém. Se o pai escolhera rejeitá-lo, só tinha a lamentar. Não fosse a sua dificuldade, poderiam ter sido felizes juntos, e ele talvez tivesse conseguido amenizar um pouco a falta de Adriano em sua vida.

Mudara-se do hotel em que estava morando para a casa da avó. Não fazia sentido ficar escondido se já não havia mais de quem se esconder. Selena e ele, em breve, estariam morando juntos. Embora ela fosse desquitada, queria sacramentar a sua união de alguma maneira, e Inês conseguira que seu Antônio viesse do centro para lhes dar uma bênção. Seria uma cerimônia bastante rápida. Antônio diria algumas palavras bonitas e inspiradas, e todos os presentes derramariam sobre os *noivos* seus votos sinceros de harmonia e felicidade. Pronto. Não precisavam de mais nada. Só das vibrações de amor e alegria.

Selena ajudava Fabrício a arrumar suas roupas no armário quando Inês entrou no quarto.

– Preciso passar em casa para buscar as minhas roupas – falou Fabrício.

– Tudo o que tenho foi o que comprei quando saí. Não trouxe nada de casa.

– Ora, ora – brincou Selena. – Já viu isso, dona Inês? Ele está chateado porque o armário está repleto de roupas novas.

Inês sorriu e disse, ao mesmo tempo em que dobrava uma camisa recém-passada.

– Clarinha está aí embaixo.

– É mesmo? – alegrou-se Selena. – Por que não a mandou subir?

– Está com Otávio. Ele ficou sem jeito.

Selena terminou de pendurar o último terno e acrescentou:

– Muito bem. Então vamos descer.

De mãos dadas com Fabrício, desceu as escadas. Clarinha estava na sala em animada conversa com Selma e Carlinhos, que lhes mostravam alguns brinquedos novos que haviam ganhado de Fabrício.

– Olá, Clarinha – cumprimentou Selena, beijando-a no rosto.

– Olá. Como vai, Fabrício?

– Bem.

Ela ainda não sabia. Ninguém sabia. A verdade sobre o nascimento de Fabrício permanecia em segredo.

– Viemos convidá-los para irem conhecer a casa nova de Clarinha – anunciou Otávio.

– O quê? – impressionou-se Flávia. – Você vai se mudar, Clarinha? Não se casar?

– Não, dona Flávia. Vou me mudar sozinha. Otávio tem a casa dele.

– Que maravilha! – exclamou Selena. – Era o que você sempre queria, não é mesmo?

– É sim. E hoje, graças a Deus, consegui.

– E seus pais, Clarinha? – indagou Inês. – Concordaram?

– Que jeito? Mamãe foi mais flexível. Papai relutou um pouco. Mas depois que fui *curada* no centro espírita, ele passou a aceitar praticamente qualquer coisa.

– Mamãe, posso ir? – interrompeu Selma. – Quero conhecer a casa nova de tia Clarinha.

– É claro que pode, meu bem – respondeu Clarinha animada, dando-lhe um beijo na bochecha. – E você também, Carlinhos. Não precisa fazer essa carinha de choro.

O menino, todo feliz, foi grudar-se à perna de Clarinha, que o ergueu no colo e o beijou.

– Nossa! Como está ficando pesado!

Selena sorriu e estendeu os braços para o filho, que passou ao colo da mãe.

– Vamos, então? – tornou Otávio.

– Só um instante, que eu vou me trocar – respondeu Selena.

– Sua filha não quis vir? – indagou Inês a Otávio. – Soube que tem uma menina.

– Aninha foi a uma excursão com o colégio.

– Ela é uma criança maravilhosa – completou Clarinha. – Conheci-a outro dia, e nós nos demos muito bem.

– É verdade. Aninha gostou muito de Clarinha. Perdeu a mãe muito cedo. Sente falta dos carinhos maternos.

– Espero ser uma boa mãe para ela.

Pouco depois, Selena reapareceu, e o grupo saiu animado. Todos queriam ver a casa nova de Clarinha, o que era um acontecimento naqueles dias. Uma mulher solteira morando sozinha, efetivamente, era algo digno de nota.

## EPÍLOGO

Inês estava sentada à mesa da cozinha, ajudando Bibiana a escolher o feijão para o jantar, quando Flávia se aproximou. Apesar de tudo esclarecido e de ter o filho de volta, sentia-se infeliz, amargurada.

Notando-lhe o abatimento, Inês terminou de escolher o feijão, entregou a tigela a Bibiana e saiu com a filha para o quintal. Conduziu-a até seu banco preferido, debaixo de umas roseiras, e sentou-se com ela.

– Então, minha filha – começou ela a dizer –, o que é que a atormenta tanto?

– Ah! mamãe! – desatou a chorar, abraçada à Inês.

– É Paulo, não é? Não consegue esquecê-lo.

– Apesar de tudo, mãe, ele é meu marido, e eu o amo.

– Nada mais natural. Por que não o procura?

– Não posso.

– Podia ao menos atender aos seus telefonemas. Ele liga todos os dias.

– Não posso, mãe. Ainda não.

– Por quê, Flávia? Se o ama como diz, por que não pode perdoá-lo? Já não conversamos sobre isso?

– Não sei se consigo perdoá-lo.

– Ora, vamos, Flávia, por que ficar sofrendo se o seu coração pede que se reconcilie com ele? Está apenas sendo teimosa.

– Acha mesmo isso?

– Acho sim.

– Não sei, mamãe. Não sei se é o momento mais adequado.

– Por que não pensa no assunto? Converse com Fabrício.

– Com Fabrício?

– Ele também é interessado. Afinal, Paulo é o pai dele...

Flávia calou-se pensativa. A mãe tinha razão. Por mais que não quisesse, reconhecia que estar separada de Paulo lhe doía muito. Afinal, ele agira conforme o seu melhor. Seria justo cobrar-lhe algo além daquilo que podia dar? E o seu sofrimento? Não deveria levar em conta também o que ele estava sentindo?

Quando Fabrício chegou, Flávia foi ter com ele. Precisava partilhar suas dúvidas e anseios.

– Mamãe, entendo o quanto deve estar sofrendo. E entendo o sofrimento de papai também.

– Entende?

– Sim. Conversei com vovó e ela me fez ver que não amar não é tão simples assim. Talvez ele esteja sofrendo mais do que nós.

– Ah! Fabrício, o que podemos fazer para remediar tudo isso?

– Remediar, não sei. Mas podemos ao menos tentar nos entender.

– Acha que seria possível?

– Você mesma disse que papai liga todos os dias. Se é assim, é porque deve estar sentindo a sua falta.

– Nós nunca nos separamos uma só vez em mais de trinta anos de casados.

– Pois então? Papai deve estar muito triste.

– Mas e você? Não sei o que ele pensa de tudo isso. Será que está arrependido do que fez?

– Não sei, mãe. Teremos que perguntar a ele.  
– Tenho medo de que ele o destrata novamente. Talvez o esteja acusando pelo fato de eu o ter abandonado.  
– Não vamos nos precipitar, mãe. Não é direito querermos imaginar o que ele deve estar pensando ou sentindo. Podemos estar fazendo um julgamento errado.  
– Tem razão, meu filho. Mas é que essa situação me angustia. Por outro lado, não quero expor você a mais nenhum tipo de constrangimento.  
– Deixe isso por minha conta. Sou adulto e sei cuidar de mim. E depois, não há mais nada que papai possa fazer para me magoar – calou-se uns instantes e acrescentou: – Façamos o seguinte: sexta-feira à noite iremos até em casa. Nós dois.  
– Vai voltar para casa?  
– Não, mãe. Você vai.  
– Eu?  
– Não é isso o que quer? – ela hesitou. – Não precisa ter medo de me magoar, mãe. Sei discernir as coisas. O fato de você amar papai não exclui o amor que sente por mim. Então? Quer ou não quer voltar para ele?

Flávia, olhos baixos, apertando a bainha da blusa, deixou desabafar num suspiro:

– Quero...  
– Pois então? Vamos até lá. Conversaremos com ele. Eu exporei meus sentimentos, você exporá os seus, e ele, os dele. Quem sabe assim não nos entendemos?

Ficou combinado que iriam na sexta-feira à noite, quando Fabrício voltasse do trabalho.

No dia marcado, partiram, Fabrício e Flávia, rumo à sua casa, para terem uma conversa definitiva com Paulo. Conheceriam os seus reais sentimentos, saberiam como estava se sentindo, não apenas com relação a Flávia mas, principalmente, a Fabrício.

Por volta das oito e meia, o carro de Fabrício apontou na garagem do prédio onde moravam, e o porteiro foi abrir. Ele desceu com o automóvel, estacionou em sua vaga e saltou com a mãe, tomando o elevador de serviço.

Do lado de fora, alguém os espreitava. Cassiano, vendo o carro se aproximar, escondera-se atrás da árvore e ficara olhando. Viu quando Fabrício passou com uma mulher ao lado, mas percebeu que não se tratava de Selena.

– Mais essa agora! – pensou em voz alta. – Só falta essa dona atrapalhar tudo.

O elevador parou no segundo andar, e eles desceram. Flávia ainda conservava as suas chaves. Ao sair de casa, apanhara mecanicamente o chaveiro e o pusera na bolsa. Colocou a chave na fechadura e rodou-a, e Paulo, do lado de dentro, teve um sobressalto. Estava na sala, fitando o vazio, quando ouviu o barulho da chave. Seu coração disparou. Seria Flávia? Só podia ser ela.

Quando a porta se abriu, esforçou-se ao máximo para se controlar e não a tomar nos braços. Apesar de abatida, ela estava mais linda do que nunca. A saudade só fizera aumentar a admiração que sentia por ela, e Paulo, controlando ao máximo a emoção, aproximou-se dela e falou sentido:

– Flávia... até que enfim...

Ela passou para o lado de dentro, e Fabrício veio logo atrás. Ao vê-lo, Paulo sentiu um estremeamento. Não o queria ali. Estava arrependido do que fizera, mas não se sentia com forças para enfrentá-lo.

– O que veio fazer aqui? – indagou com visível má vontade.

– Se meu filho não pode ficar – respondeu Flávia com rispidez –, então também irei embora.

Ouvindo as palavras da mulher, Paulo recuou. Não estava disposto a fazer nada que pudesse contrariá-la. Saiu do caminho e deu passagem ao filho. Fabrício entrou, encarou o pai com profunda emoção e anunciou:

– Vim apenas apanhar as minhas roupas.

Foi para o quarto, dando tempo à mãe para que introduzisse o assunto. Ela se sentou no sofá e ficou imaginando o que dizer, mas Paulo se adiantou:

– Veio para ficar, Flávia?

Flávia o encarou com ar enigmático, ergueu as mãos e respondeu:

– Não sei. Ainda não me decidi.

– Não? E por que veio?

– Vim acompanhar meu filho.

Paulo engoliu em seco e sentou-se a seu lado. De onde estava, ela podia sentir a emoção que o dominava, mas não disse nada.

– O que falta para você se decidir? – tornou ele, confuso.

– Não sei. Vai depender de você.

– De mim?

– De seu comportamento com Fabrício.

Ele engoliu em seco novamente e voltou os olhos para o corredor, mas Fabrício ainda estava no quarto. Tornou a olhar para a mulher e prosseguiu:

– Flávia, estou sentindo muito a sua falta. Por favor, volte para casa.

– Não sei, Paulo. Não sei se é isso o que quero.

– Mas por quê? Nós nos amamos...

– Será mesmo? Será que você me ama?

– É claro que sim. Como pode duvidar disso?

– Se me amasse mesmo, não teria feito o que fez.

Ele abaixou os olhos, envergonhado, e balbuciou:

– Flávia... perdoe-me... eu... não queria...

– Não queria o quê? Contar a verdade a Fabrício?

– Não queria magoá-la.

– Mas magoou. Você me fez uma promessa, Paulo, e não pôde cumpri-la. Como espera que me sinta? Feliz?

– Não... Gostaria apenas que entendesse.

– Entendesse o quê? Que você não ama seu filho?

– Eu tentei, Flávia, juro que tentei. Mas não consegui. Não consegui amar Fabrício. Deus sabe o quanto tentei, mas não pude! Não pude! E será que agora terei que pagar por um sentimento que o meu coração não conseguiu reconhecer como amor? Amor não se impõe, Flávia. Você sabe disso.

– Todo pai ama seu filho.

– Fabrício não é meu filho!

Ao levantar os olhos úmidos para ela, Paulo viu, por detrás do sofá, a figura esguia de Fabrício, que os olhava emocionado, tentando conter o pranto. Ele apertou os lábios e desabafou sentido:

– Durante a minha vida inteira, perguntei-me o que havia lhe feito para que não me amasse. Hoje entendo que a única coisa que fiz foi entrar em sua vida sem ser convidado.

– Fabrício! – cortou Flávia, indignada. – Não diga isso.

– Não se importe, mãe. Digo isso, não com mágoa, mas para tentar entender – e, virando-se para o pai: – Por quê, Paulo, por que não pôde me amar?

Ao ouvir o filho chamá-lo pela primeira vez de *Paulo*, ao invés de *pai*, Paulo sentiu um estranho mal-estar. Aquilo o incomodara. Mas por que o incomodara? Se não o aceitava mesmo como filho, não devia se importar se o rapaz não o chamava de pai. Devia até gostar. No entanto, não gostara. Sentira-se estranho, como se lhe faltasse alguma coisa.

A seu lado, Adriano, Helga e Ismael acompanhavam tudo do invisível.

– Por que ele se sente assim? – quis saber Adriano.

– Porque sua alma está buscando lá dentro o amor que um dia ele sentiu por Fabrício e que sufocou, ao sentir-se traído por ele – esclareceu Ismael.

– Fabrício... – Paulo nem sabia mesmo o que dizer – ... as coisas não são bem assim.

– Não? E como é que são? Você nunca me amou, Paulo, e agora está tendo a chance de assumir isso.

Novamente aquele *Paulo*, que tanto o incomodou, e ele se remexeu inquieto.

– Por que me chama pelo nome?

– Não é isso o que você sempre foi para mim? O Paulo? Você nunca quis ser meu pai. Sempre quis ser apenas Paulo. Frio e impessoal.

A dureza de Fabrício mexia com ele, doía dentro dele. Mas não era uma dor de agressão ou de violência. Era a dor de sentir-se descoberto. De ouvir algo que não queria ouvir, de ter que aceitar os seus próprios sentimentos e ressentimentos. Era a dor do remorso.

– Você está sendo muito duro – queixou-se Paulo.

– E você? O que foi comigo quando me contou que não sou seu filho legítimo?

– Pensei que gostasse de conhecer a verdade.

– Conhecer a verdade é uma coisa. Ser espancado por ela é outra bem diferente.

– Fabrício, não foi minha intenção magoá-lo...

– Ah! não? E qual foi sua intenção? Esclarecer-me? Muita generosidade de sua parte. Podia ter me acertado com um bastão. Teria doído menos.

– Não... não quis magoá-lo. Quis apenas desabafar...

– Você não desabafou, *Paulo*. Despejou em cima de mim a sua frustração, a sua raiva, o seu ciúme.

Flávia ouvia tudo sem dizer nada. Encolheu-se no sofá e, sem encarar o marido ou o filho, deixou apenas que as lágrimas escorressem de seu rosto, intimamente pedindo a Deus que aliviasse e abrisse o coração dos dois.

Com os olhos pregados no chão, Paulo chorava baixinho.

– Você me odeia, não é mesmo? – indagou ele, evitando que seus olhares se cruzassem.

– Odiá-lo? Não, não o odeio. Quem me odeia é você.

– Eu não o odeio...

– Mas se foi você mesmo quem disse! Por que agora mudou de idéia? Só para impressionar mamãe?

Não podendo mais se conter, Paulo ergueu-se na frente do filho e, olhos em fogo, foi colocando para fora toda a sua dor:

– Está bem, Fabrício. É isso o que quer? Pois então lhe direi. Quer saber se o odeio? Sim, odeio-o. Por quê...? Nem eu mesmo saberia lhe dizer por quê. Só o que sei é que não consegui acolhê-lo em meu coração como fora obrigado a acolhê-lo em minha vida. Não pude amá-lo... – disse aos prantos. – Parecia-me que

você estava me roubando o amor de Flávia. Sentia-o como um traidor. Tinha a sensação de que você iria me trair a qualquer momento.

– Como pôde pensar uma coisa dessas? – interrompeu Flávia. – Como é que uma criança recém-nascida poderia traí-lo de alguma forma?

– Não sei, não sei. Mas era o que sentia. E, quanto mais sentia, mais o desprezava. Quando Adriano nasceu, senti-me traído pela vida. Eu achava que não poderia ser pai, mas Flávia estava grávida de um filho meu. Só que tinha você. Você, que havia chegado antes para roubar a afeição de minha Flávia.

– Isso não é verdade, Paulo! – indignou-se Flávia. – Amo Fabrício como qualquer mãe ama seu filho, assim como amava Adriano também. E amo você como meu marido, meu companheiro, meu amigo. Por que não pôde sentir o mesmo?

– O coração escolhe caminhos que não podemos controlar, Flávia. Pensa que não fiz o possível e o impossível para amar Fabrício como meu filho? Fiz. Quantas vezes não disse a mim mesmo que essa coisa de sangue é besteira? Eu mesmo tenho amigos que têm filhos adotados. E fui o primeiro a incentivá-los a adotar. Mas comigo, não sei... a coisa funcionou de outro jeito.

– Talvez seja porque o amor não está ligado aos laços de sangue nem de família – acrescentou Fabrício. – Está ligado aos laços do coração. Não sei o que fiz a você, *Paulo*, mas tenho certeza de que, nessa vida, não cometi nada que pudesse desgostá-lo...

Apesar do desconforto que sentia toda vez que Fabrício proferia aquele *Paulo*, ele continuou a desabafar:

– Não. Na verdade, Fabrício, você não fez nada. Apenas existiu. Não pude amá-lo, não o queria, mas tinha que aceitá-lo, conviver com você. Foi muito difícil... Quantas vezes não me culpei? Quantas vezes não chorei em silêncio a minha frustração? Ninguém nunca soube e, até agora, ainda não tive coragem de contar nada a ninguém. Nem a meus pais, nem aos meus amigos... a ninguém. Fico repetindo para mim mesmo que você não tem culpa. Era apenas um bebê. Que culpa teria? Que culpa tinha de ter nascido no meio daquela guerra idiota, de ser filho de judeus...?

– Nenhuma – respondeu Fabrício. – Não tive culpa nenhuma. Assim como você também não é culpado de não me amar. Nós apenas cumprimos os nossos destinos. O destino que escolhemos para nós mesmos.

– Por que diz isso? – retrucou Paulo surpreso.

Seria impossível descrever a angústia que assolava o coração de Fabrício naquele momento. Uma infinidade de sentimentos se misturava dentro dele: raiva, medo, frustração, não merecimento, tristeza... Contudo, de uma coisa estava certo: ele e o pai estavam apenas seguindo o rumo que haviam traçado para si mesmos. Não sabia dizer ou definir o que seria. Mas sua alma tinha a certeza de que aqueles sentimentos haviam nascido, não naquela vida, mas em outra, mais remota, da qual não tinha conhecimento ou lembrança.

Ele suspirou com desgosto e retrucou, tentando conter o turbilhão de emoções que o sacudia:

– Porque temos muitas vidas e, como disse, nesta não fiz nada que pudesse provocar tanto ódio. Contudo, Paulo, se em alguma vida passada eu lhe causei algum mal, peço-lhe que me perdoe. Do fundo do meu coração, só o que queria era que você pudesse esquecer e me perdoar, porque eu já o perdoei...

Calou-se emocionado. Nem mesmo ele sabia por que dissera aquilo. Mas o fato era que sua alma, inconscientemente conhecendo todos os meandros de seu drama, arrependia-se sinceramente da traição que cometera, e Fabrício, movido por pura emoção, deixara escapar aquele desabafo.

Flávia chorava de mansinho, e Paulo olhou para ela, como que buscando uma explicação. Não conhecia nada do mundo espiritual e não entendia bem o que estava se passando. Mas sua alma, assim como a de Fabrício, imediatamente reconheceu o sentimento do filho, porque nele encontrou eco, e sua primeira reação, a mais genuína, foi estreitar Fabrício em seus braços e pedir-lhe para chamá-lo de pai novamente. Subitamente, sentiu que não o odiava como pensava. Estava apenas ferido, magoado, sentido. Com o quê? Não sabia. Mas aquelas palavras, ditas de forma tão sincera e amorosa, haviam-no tocado bem no fundo, e toda aquela indefinível sensação de medo e traição, subitamente, desaparecera.

Aquela revelação deixou-o desconcertado. Tocado pelas vibrações de amor e perdão que emanavam de Fabrício, além daquelas que os espíritos amigos trataram de espalhar pelo ambiente, Paulo quase o abraçou. Chegou a dar dois passos em sua direção, estendendo-lhe a mão, que susteve no ar e fechou, deixando o braço cair ao longo do corpo.

– Não posso... – gemeu derrotado.

Com uma tristeza indescritível, Fabrício apanhou a mala que havia deixado no chão e foi caminhando para a porta. Lentamente, rodou a maçaneta, abriu a porta e saiu, sem olhar para trás.

– Fabrício, volte! – gritou Flávia. – Não vá assim!

Fabrício não lhe deu ouvidos. A passos vagarosos, foi andando pelo corredor e chamou o elevador. Entrou e apertou o botão da garagem. Sabia que a mãe iria atrás dele, mas não estava disposto a esperá-la. Falhara em sua missão. Não conseguira conquistar o amor do pai.

Depois que a porta do elevador se fechou, Flávia voltou para dentro. Paulo, parado na janela, olhar perdido, olhava para a espuma branca que rolava pela escuridão do mar.

– Como pôde fazer isso? – perguntou Flávia, mal contendo a raiva. – Como pôde deixar seu filho partir pela segunda vez?

Angustiado, Paulo passou a mão pela testa e começou a se virar para ela, parando a meio e olhando para a rua. O homem, como sempre, lá estava, parado perto da costureira árvore. Ele andava de um lado para o outro e, ao levantar o rosto, a luz do poste o atingiu por uns momentos, e, numa fração de segundos, Paulo, finalmente, o reconheceu. Era o marido daquela Selena... como se chamava mesmo? Não se lembrava, mas isso não tinha a menor importância. Vira-o apenas uma vez, naquele dia, no fórum. Como pudera esquecer-se de seu rosto? Mas agora tinha certeza. Era ele mesmo. O que estaria fazendo ali?

Subitamente, compreendeu tudo. O homem fora considerado culpado pela separação e devia saber do envolvimento de Fabrício com sua ex-esposa. Estava ali para vigiá-lo. Para quê? Será que estava pensando em fazer algum mal ao filho?

O filho... foi só então que se deu conta de que não podia permitir que o destino lhe roubasse o único filho que ainda lhe restava. Por mais que o houvesse rejeitado, Fabrício era seu filho. Fora registrado com o seu nome, herdaria os seus bens. Para todos os efeitos, era seu filho, e o instinto de proteção, por mais estranho que pudesse lhe parecer, falou mais alto dentro dele e, sem dar atenção aos protestos da esposa, saiu correndo porta à fora.

Passavam quinze minutos das dez quando ele alcançou a portaria, no mesmo instante em que o carro de Fabrício passava pelo portão da garagem. Fabrício passou, freou o automóvel e abriu a porta. Àquela hora, não havia mais porteiro, e ele precisava fechar o portão. No mesmo instante, Paulo percebeu que o homem se

aproximava e viu quando ele levou a mão à cintura, apalpando o que deveria ser uma arma.

Desesperado, Paulo começou a correr. Alcançou o filho no momento em que Cassiano se acercava dele, sacando a pistola da cintura e fazendo pontaria. Foi tudo muito rápido. Paulo só teve tempo de gritar:

– Fabrício!

Sem pensar duas vezes, Paulo introduziu o corpo entre Fabrício e Cassiano no exato instante em que a arma disparava, atingindo-o pelas costas, bem na altura do coração. A bala perfurou seu pulmão e se alojou no peito, perto do coração, e Fabrício, apavorado, segurou o corpo do pai, que foi tombando, tombando, até cair no chão, envolto em uma poça de sangue.

Vendo que acertara o homem errado, Cassiano guardou a arma, deu meia-volta e saiu correndo, deixando os dois homens abraçados no meio da rua. Alguns transeuntes que por ali passavam, assustados, se aproximaram e quedaram estarecidos. Pai e filho, abraçados, trocavam suas últimas palavras.

– Paulo... – balbuciou Fabrício. – Pai...

– Fabrício... – tornou Paulo emocionado – ... meu filho...

Cerrou os olhos, e sua cabeça tombou. Revoltado e coberto de angústia, Fabrício pousou a cabeça de Paulo no chão e correu atrás de Cassiano, que já havia ganhado uma certa distância dele.

– Pare! – gritava Fabrício. – Segurem esse homem!

Cassiano corria o mais que podia. A rua, àquela hora, já estava meio vazia, mas um carro da polícia vinha fazendo a ronda noturna. Ao ver Fabrício correndo atrás de Cassiano, os policiais desconfiaram de que alguma coisa havia acontecido. Cercaram-no com a viatura, e ele foi obrigado a parar, para não ser atropelado. Fabrício chegou pouco depois, dizendo ofegante:

– Esse homem... arf, arf, arf... matou... arf, arf... matou o meu pai...

Imediatamente, os policiais seguraram Cassiano e o colocaram dentro do carro, ao lado de um dos guardas. Fabrício entrou na frente e deu-lhes a direção. Pouco depois, a patrulha chegou à porta do prédio em que Paulo vivia. Na calçada, estirado junto ao Jaguar vermelho, o corpo de Paulo jazia, o sangue se espalhando ao redor, tendo ao lado a mulher que, corpo dobrado sobre si mesma, chorava em silêncio.

Ao despertar na espiritualidade, Paulo não sabia bem o que havia acontecido. Estava ainda confuso, sentindo uma forte dor no peito. Contudo, não foi difícil convencê-lo de que havia morrido. Ao desencarnar, ainda guardava na memória a cena do filho saltando do carro e daquele malfeitor indo ao seu encontro. Lembrava-se do estampido seco, da dor aguda no peito, do corpo que sentiu desfalecer e cair no chão. A todo instante, ouvia suas últimas palavras, que foram endereçadas a Fabrício:

– *Fabrício... meu filho...*

Depois disso, sentiu que perdia a consciência e, quando acordou, já estava no quarto do hospital da colônia, entregue nas mãos dos médicos do espaço. Embora achasse tudo aquilo muito estranho, pois passara a vida acreditando que a morte era o fim, logo se acostumou. Não foi resistente. Ao contrário, aceitou ajuda e pediu para ser esclarecido.

Ao ver Adriano entrar em seu quarto, trazido pelas mãos do sogro, que nem chegara a conhecer, Paulo não conseguiu conter o pranto. O filho aproximou-se dele e o estreitou em seus braços, dizendo com ternura:

– Papai... seja bem vindo. Não fique triste. A morte não é o fim.

Paulo olhou-o com profunda emoção e acrescentou:

– Não. E nem é o começo. É a continuidade da vida. Hoje percebo o quanto fui injusto, o quanto errei...

– Não se culpe, Paulo – objetou Ismael. – A culpa só servirá para mantê-lo preso aos erros do passado. Aceite as coisas como são.

– Mas... meu filho... como pude fazer o que fiz ao meu próprio filho?

– Se está se referindo a Fabrício, quero que se lembre de que salvou a sua vida.

Um sorriso iluminou o rosto de Paulo, que acrescentou:

– Sim. Ao menos isso. Meu filho vive...

– Graças ao seu amor – esclareceu Ismael. – Só quem ama é capaz de se sacrificar do jeito como você fez. Não por heroísmo, nem por culpa, nem por dever. Mas por amor. Pura e simplesmente, por amor.

– Amor...? Será?

– Diga-me, Paulo – prosseguiu Ismael. – Como se sente ao saber que deu sua vida em troca da de Fabrício? Aliviado? Leve? Satisfeito?

– Feliz...

– Isso é amor. Só a verdadeira renúncia, aquela que é feita em nome do amor, traz o sentimento da felicidade. Quem se sacrifica por medo ou culpa, por exemplo, pode sentir alívio e satisfação do dever cumprido. Mas quando se segue o impulso do coração, apenas por acreditar que o que está fazendo é o certo, sem pesos, sem culpas, sem medos, sem obrigações, está-se agindo em nome do amor genuíno. O sacrifício não é nenhum fardo pesado para se carregar. Ao contrário, torna-se leve e livre de justificativas ou explicações. Você se sacrificou apenas porque, para você, era o mais certo a fazer naquele momento. Isso é muito importante, Paulo. Quando fazemos um sacrifício por alguém, precisamos fazer porque é naquilo que acreditamos. Não porque o outro ficará bem ou contente. Mas porque nós é que nos sentiremos gratificados e felizes com a nossa atitude. Aí então, saberemos que fizemos por nós mesmos e que o bem-estar do próximo foi mera consequência.

Paulo chorava de mansinho. Agarrado a Adriano, desabafou:

– Ah! meu Deus! Como fui tolo! Por que joguei fora a chance de ser feliz ao lado de meu filho? Do único filho que me restou?

– Não tem agora seu outro filho de volta?

Paulo olhou-o confuso e balbuciou:

– Sim... mas é diferente... Adriano está bem, não precisa de mim... Mas Fabrício... Fabrício foi rejeitado.

– Pois saiba que Adriano precisa muito mais de você do que Fabrício.

Ante o olhar atônito de Paulo, Adriano aquiesceu:

– É verdade, pai. Fabrício compreende muito mais as coisas do que eu. Pode-se dizer que somente agora estou começando a entender e aceitar. Eu estou engatinhando, pai. Ele já caminha com suas próprias pernas.

Durante muito tempo, Paulo permaneceu na colônia, estudando, orando, perdido em palestras elucidativas e edificantes. Rememorou o passado, entristeceu-se com ele, mas acabou aceitando e entendendo o que acontecera. Encontrou Helga e Werther, e foi só então que ficou conhecendo toda a história de Fabrício, dessa vida e de outra.

– Mas por que Fabrício teve que ser adotado? – perguntou ele a Ismael. – O que foi que ele fez para sofrer a dor da rejeição? Que eu saiba, ele nunca rejeitou ninguém.

– Apesar de amar Selena, Fabrício não conseguiu vencer a culpa por havê-lo traído. Para ele, rejeitou o amor daquele que o acolhera como filho, o que vivia

a atormentá-lo. Mesmo após deixar a sua casa, naquela vida, não conseguiu se perdoar e jamais pôde ser feliz com Selena, ou Paola, porque achava que a havia tomado de você. Em seu coração, sentia-se ingrato e pérfido, acreditando não ter valorizado o amor e a oportunidade que você lhe havia dado, salvando-o da orfandade e da miséria.

Aos poucos, Paulo foi compreendendo tudo. De tempos em tempos, pedia notícias a Ismael. Foi assim que ficou sabendo que Cassiano fora preso em flagrante e aguardava julgamento na cadeia. Seu irmão, Abílio, embora não pudesse ser acusado de nenhum crime, com medo de ser perseguido e preso, fugiu para o norte e nunca mais deu notícias.

Clarinha vivia sozinha em seu apartamento e se dava muito bem com o juiz do processo de Selena, Otávio, homem culto, inteligente e bastante avançado para seu tempo.

Flávia, por sua vez, alugara seu apartamento em Copacabana e se mudara para a casa da mãe. Não queria mais viver no lugar em que fora feliz durante quase toda sua vida e que, ao mesmo tempo, fora palco de tão tristes acontecimentos. A morte do filho e do marido, a tristeza de Fabrício. Voltaria a viver com a mãe, na casa que representara toda a sua alegria de infância. Ela e Inês se davam muito bem e estavam felizes com a companhia uma da outra.

– E Fabrício? – perguntou certa vez.

– Não quer descobrir pessoalmente?

Embora indeciso, Paulo acabou concordando. No dia seguinte, em companhia de Ismael e Adriano, foi visitar Fabrício em sua nova casa.

Logo que chegaram, sentiram um agradável aroma de flores invadindo toda a casa, e uma melodia suave, como de uma caixinha de música, partia de um quarto no fim do corredor.

Em silêncio, os três se encaminharam para lá. Entraram vagarosamente. Sentada numa cadeira de balanço, Selena embalava uma criança pequenina, e Fabrício, a seu lado, estendia sobre o berço uma roupinha branca, toda bordada.

– É essa? – indagou baixinho, para não acordar o bebê.

Selena aquiesceu sorrindo e voltou a atenção para a criança, que dormia placidamente em seu colo.

– Mamãe – disse Selma, já com seus sete ou oito anos. – Vovó Inês telefonou dizendo para você não se esquecer de levar a manta branca que ela tricou. Disse que está fazendo muito frio.

Ela aquiesceu novamente, e Selma saiu correndo com uma boneca na mão. Em silêncio, Flávia se levantou e, cuidadosamente, pôs-se a vestir a criança. De onde estava, Paulo acompanhava tudo. Viu quando ela trocou suas fraldas e notou que era um menino.

– É meu neto? – indagou a Ismael.

– É sim.

Ele voltou a atenção para o neto. Selena acabou de trocá-lo, vestiu-o com a roupinha branca, apanhou a manta na gaveta e o enrolou nela.

– Tudo pronto? – perguntou Fabrício.

– Tudo.

– Então vamos.

Ele saiu na frente e foi chamar as crianças. Selma apareceu novamente, e Fabrício, com um sorriso amoroso, afagou sua cabecinha e elogiou:

– Você está muito linda! Parece uma princesa.

– Obrigada, papai – respondeu ela, puxando-o para baixo e beijando-o no rosto.

Paulo voltou os olhos para Ismael e Adriano, indignado com o que ouvia, e um grito chamou sua atenção:

– Papai, papai! – era Carlinhos que vinha correndo, trazendo nas mãos um carrinho sem rodas. – Quebrou...

– Não faz mal – consolou Fabrício. – Quando voltarmos, papai conserta. Agora vamos.

Gentilmente, retirou o carrinho das mãos do menino e o colocou sobre o móvel da sala. Abriu a porta da rua, dando passagem a Selena e às crianças, e foram apanhar o carro. Fabrício e Selena moravam numa bonita casa, com quintal, jardim e até um pequeno pomar. Queriam que seus filhos crescessem em liberdade, e um apartamento seria muito pequeno para comportar três crianças alegres e saudáveis.

Enquanto eles entravam no carro, Paulo questionou:

– Fabrício adotou os filhos de Selena?

– Sim. Cassiano renunciou ao pátrio-poder, para que Fabrício pudesse adotá-los.

– Por quê? Por que alguém faria uma coisa dessas?

– Para fugir a suas responsabilidades de pai. Sorte a de Fabrício. Ele ama os filhos de Cassiano como se fossem seus. E o são. Em seu coração, são mesmo seus filhos, assim como o foram em outra vida, juntamente com Inês.

– Não diga! – fez Paulo abismado. – Por isso é que se afinizam tanto!

– Para você ver como nada acontece ao acaso.

Emocionado, Paulo tentava conter as lágrimas e desabafou:

– Foi muito bonita essa atitude de Fabrício.

– Sim. É a beleza do amor. Fabrício ama os três igualmente, embora os dois primeiros não sejam seus filhos de verdade.

Paulo abaixou a cabeça envergonhado e murmurou:

– Exatamente o que eu não soube fazer.

– Não se culpe, Paulo. Sinta-se feliz em ver que a sua experiência serviu para que seu filho não a repetisse.

– É verdade, pai – acrescentou Adriano. – E pode estar certo de que aqueles três se amarão como verdadeiros irmãos, assim como Fabrício e eu deveríamos ter nos amado.

Chegaram à igreja. A família toda lá estava reunida. Seus pais, sua irmã e o marido, Flávia e a mãe, Feliciano e tantos outros. Clarinha e Otávio, parados no altar, esperavam que Selena lhes entregasse a criança. Seriam os padrinhos.

– Meus pais já sabem? – perguntou Paulo, de repente.

– Que Fabrício não é seu neto de verdade? – ele assentiu. – Sabem.

– E...?

– E nada. Ficaram surpresos e confusos, mas aceitaram com naturalidade. Amam Fabrício como seu neto e nada irá mudar isso.

Paulo novamente calou-se emocionado. Somente ele e Adriano não conseguiram entender.

– Nós conseguimos entender – respondeu Adriano, lendo-lhe os pensamentos. – Só que custamos um pouco mais. Cada um tem o seu tempo.

Flávia estava sentada logo na primeira fila, e Paulo aproximou-se. Durante alguns minutos, ficou estudando seu rosto. Era o semblante de uma mulher madura e sofrida, porém, havia nele uma luminosidade diferente, fruto da serenidade que encontrara. Ele seguiu a direção do seu olhar e viu que pousava sobre o neto. Flávia estava radiante com a criança.

Não conseguindo conter a emoção, Paulo beijou-a suavemente na face, e Flávia levou a mão ao rosto, como se tivesse sentido a doçura daquele beijo. Sorriu para si mesma e pensou no marido e em Adriano, e sentiu imensa saudade de ambos. Como gostaria que estivessem ali, participando daquele momento de alegria!

Ele a beijou novamente e sussurrou em seu ouvido:

– Eu a amo, Flávia. E a Fabrício também...

A voz do padre se fez ouvir, e todos voltaram sua atenção para ele.

– Meus filhos, estamos hoje aqui reunidos para celebrar a cerimônia de batismo desse filho... – e, no ouvido de Clarinha: – qual o nome da criança?

Clarinha olhou para o menino e sorriu. Em seguida, ergueu os olhos para o altar, onde a imagem de Jesus os fitava com amor, e respondeu emocionada:

– Paulo... Paulo Adriano.

Paulo olhou para Adriano com espanto e percebeu, pelo brilho do seu olhar, que ele já sabia de tudo. Ele estendeu a mão para o pai e, com voz que a emoção embargava, convidou:

– Venha, pai. Venha ver de perto o seu neto. Meu sobrinho...

De mãos dadas, caminharam até o altar, onde Paulo Adriano esperneava, cabecinha erguida sobre a pia batismal. Viram quando o menino abriu os olhos, assustado com a friagem da água que lhe batia em cheio na testa e, diante daqueles cristalinos olhos azuis, ouviram emocionados as palavras do padre:

– Eu te batizo, Paulo Adriano...

Mãos estendidas sobre o pequeno, elevaram seus pensamentos a Deus, derramando sobre ele todo o amor que, agora sabiam, nunca deixara de existir.

**... FIM...**